



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA

Departamento de Letras e Artes
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LITERATURA E DIVERSIDADE CULTURAL



LITERATURA E CULTURA EM FEIRA DE SANTANA
PRÁTICAS, USOS E TENDÊNCIAS EM IMPRESSOS DA *FOLHA DO NORTE*
(1951-1969)

Grazyelle Reis dos Santos

Feira de Santana
2008



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA

Departamento de Letras e Artes
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LITERATURA E DIVERSIDADE CULTURAL



LITERATURA E CULTURA EM FEIRA DE SANTANA
PRÁTICAS, USOS E TENDÊNCIAS EM IMPRESSOS DA *FOLHA DO NORTE*
(1951-1969)

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Literatura e Diversidade Cultural da UEFS, tendo como Orientador o Professor Doutor Rubens Edson Alves Pereira, como requisito parcial para obtenção do grau de mestre em Literatura.

Grazyelle Reis dos Santos

Feira de Santana, 28 de agosto de 2008



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA

Departamento de Letras e Artes
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LITERATURA E DIVERSIDADE CULTURAL



LITERATURA E CULTURA EM FEIRA DE SANTANA
PRÁTICAS, USOS E TENDÊNCIAS EM IMPRESSOS DA *FOLHA DO NORTE*
(1951-1969)

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação de Literatura e Diversidade Cultural,
avaliada e aprovada por

Prof. Doutor Rubens Edson Alves Pereira (Orientador)

Profª. Doutora Ana Maria Carvalho dos Santos Oliveira (Membro)

Prof. Doutor Aleilton Santana da Fonseca (Membro)

Feira de Santana, 28 de agosto de 2008

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a Deus, autor da vida e exemplo maior de sabedoria;

Minha querida avó Beatriz, o amor em pessoa;

Meus pais queridos: João (*in memoriam*), dono de espírito aventureiro e inconfundível alegria; e Rita, mãe carinhosa e amável, sempre me oferecendo palavras de fé;

Meu tio Sales, pessoa inspiradora, sábia, amiga e leal;

Às grandes e inseparáveis amigas, de hoje e sempre: Bárbara, Jacque, Laís e Michele, que fisicamente próximas ou distantes, em diferentes ocasiões, compartilharam comigo alegrias e aflições e marcaram minha vida de um modo todo especial;

Aos professores e colegas do Programa de Pós-Graduação em Literatura e Diversidade Cultural, com quem pude conviver, trocar idéias e obter riquíssimas lições sobre literatura;

Adriana, sempre me oferecendo a sua franca amizade. Dividimos nossas incertezas e conquistas, juntas lutamos lapidando descobertas e debatendo os caminhos de uma relação controversa: da história com a literatura;

Eronize, amiga de várias viagens para Congressos e Encontros, de Jequié a Porto Alegre, pesquisadora de mão cheia, com quem pude trocar dados e percepções relevantes sobre a história da cidade de Feira de Santana;

Solange, pela sua presença marcante e alegria manifesta durante as aulas do mestrado, além da sua amizade;

Professor André Mattedi, por todo apoio, interesse e atenção dedicados a mim nessa fase da minha vida profissional;

Zé Carlos, que inicialmente leu e acreditou no meu projeto, tendo me apoiado de todas as formas, me escutando e me indicado rumos;

Valter Soares, grande incentivador do meu trabalho, que sempre soube ser este o início de uma pesquisa que tem muito que avançar;

Clóvis Ramaiana Oliveira, feirense como eu e grande estudioso da história de nossa terra, por ter sido mais um leitor dos meus textos, pelas sugestões importantíssimas e pelas conversas em que pude aprender mais sobre Feira de Santana;

Professor Rubens Pereira, orientador deste estudo, sempre diligente e zeloso, tratando com o merecido cuidado os resultados que surgiram durante a realização desta pesquisa;

Gislene, Lindinalva e Lúcia, funcionárias do PpgLDC, pela simpatia e atenção sempre cuidadosa;

Funcionários do Museu Casa do Sertão/Centro de Estudos Feirenses, da UEFS, principalmente a Ana Martha e Carlinhos, pela presteza e solicitude no atendimento; A Dálvaro, Fernanda, Gilberto, Dr. Hugo Navarro Silva e toda a equipe que faz o jornal *Folha do Norte*, quase centenário, circular ainda hoje nas bancas da cidade de Feira de Santana, agradeço de coração por ter me acolhido para a coleta de dados no arquivo do jornal. Agradeço especialmente a Carlos Melo, também estudioso da história da cidade e de uma de suas personagens mais notáveis, Georgina de Mello Lima Erisman, por todo auxílio com o manuseio dos jornais, por me indicar documentos de suma importância que eu sequer sabia da existência, por me apresentar aquele espaço saturado de memórias, habitado por máquinas antigas, que sugeriram na minha imaginação os ruídos e a movimentação de outrora na tipografia da *Folha do Norte*;

E ao apoio essencial da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia/FAPESB, junto à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior/CAPES, que financiou a realização desse trabalho, tornando possível os resultados aqui apresentados.

RESUMO

Neste trabalho, estudo as práticas, usos e tendências da literatura – crônicas, cartas, contos e poemas – produzida por escritores de Feira de Santana que publicaram no semanário local *Folha do Norte*, entre os anos de 1951 e 1969, período marcado por um rápido processo de mudanças na paisagem urbana e no âmbito sócio-cultural desta cidade. Foram investigados os meios de articulação desses escritores, suas formas de associação e projetos de criação cultural, a partir de informações encontradas na *Folha do Norte*. Outras informações possibilitaram um estudo da dinâmica das atividades culturais no campo das letras e das artes, no período em destaque, como lançamento de livros ou promoção de eventos voltados para esse interesse. Do conjunto de produções localizadas no jornal, 1298 ao todo, estudou-se particularmente as composições literárias que tiveram por tema a cidade de Feira de Santana. Verificou-se que a representação de “cidade próspera” foi a tônica de muitos discursos, literários ou não, como que reivindicando, simbolicamente, uma supremacia sócio-cultural em relação às demais cidades do interior baiano. Considera-se, no contexto das representações, a perspectiva político-ideológica adotada pela *Folha do Norte*, principal jornal local de circulação em Feira de Santana. Metodologicamente, esta pesquisa é resultado de uma análise qualitativa da literatura produzida por escritores feirenses e de dados identificados sobre o assunto no jornal *Folha do Norte*. O conceito de “representação” (Chartier, 1992) é de fundamental importância para esse estudo, sobretudo para análise dos interesses e disputas envolvidos nos processos discursivos de elaboração e difusão de idéias. Seguindo a linha teórica da “Nova História Cultural” e dos “Estudos Culturais” e fazendo dialogar a História com a Literatura, o resultado dessa pesquisa é uma história social da literatura e da cultura em Feira de Santana nas décadas de 1950 e 1960. Esta pesquisa teve o fomento da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia, junto à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – FAPESB/CAPES.

Palavras-chave: História e Literatura; Jornal *Folha do Norte*; Feira de Santana.

ABSTRACT

In this work, a study is made on the practices, uses and tendencies of literature – chronicles, letters, story and poems – produced by writers from Feira de Santana that published on the local weekly magazine *Folha do Norte*, from 1951 until 1969, a period remarkable for its rapid changes on the urban environment and the socio-cultural view of this city. Investigation were done on the means these writers articulated themselves, their means of association and projects for cultural creation, taken from information found in *Folha do Norte*. Other information allowed a study on the dynamic of the cultural activities in the field of languages and arts, in the same period, such as book releases and events with such purpose. From the collection of 1298 productions contained in the newsletter in 20 years, a particular emphasis was made on the literary works themed after the city, Feira de Santana. It was observed and worth noting that the representation of a “prosperous town” was the tone of many speeches, literary or not, as if stating, symbolically, a social and cultural supremacy in comparison to other cities from the countryside of Bahia. It is pondered, on this context of representations, the political-ideological perspective adopted by the *Folha do Norte*, main journal on circulation within Feira de Santana. Methodologically, this research is the result of qualitative analysis on the literature produced by the city’s writers and from data identified on the issues treated by the newspaper. The concept of “representação” (Chartier, 1992) is fundamentally important for this study, even more for analyses of the disputes and interests involved in the discursive process of the elaboration and diffusion of ideas. Following the theoretic line of the “New Cultural History” and “Cultural Studies” and mixing History with Literature, resulting in the social history of literature and culture on Feira de Santana in the 1950’s and the 1960’s. This research had the backing of the Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia, together Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – FAPESB/CAPES.

Keywords: History and Literature; Jornal *Folha do Norte*; Feira de Santana.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	09
1 ROTEIROS DE IDENTIDADE PARA FEIRA DE SANTANA.....	15
1.1 LITERATURA, HISTÓRIA, CIDADE.....	16
1.2 FEIRA DE SANTANA EM MEADOS DO SÉCULO XX.....	22
1.3 TOPOGRAFIA DE UM OBJETO: O JORNAL <i>FOLHA DO NORTE</i>	35
2 LITERATURA E CULTURA: CÓDIGOS EM TRÂNSITO.....	48
2.1 ESCRITORES FEIRENSES: ENTRE O PARTICULAR E O UNIVERSAL.....	49
2.2 INSTITUIÇÕES DE INCENTIVO ÀS LETRAS.....	68
2.3 PRÁTICAS DE CRIAÇÃO CULTURAL.....	85
3 FEIRA DE SANTANA NA LITERATURA: CRÔNICAS, POEMAS E CARTAS.....	100
3.1 CRÔNICAS DA VIDA URBANA.....	103
3.2 MEMÓRIA EM RUÍNAS: AS <i>CARTAS DA SERRA</i> DE EURICO ALVES	121
3.3 POEMAS SOBRE A CIDADE.....	140
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	150
REFERÊNCIAS.....	154
ANEXO A: POEMAS.....	164
ANEXO B: CARTAS.....	204
ANEXO C: CONTOS.....	208
ANEXO D: CRÔNICAS.....	213
ANEXO E: NOMES NÃO IDENTIFICADOS.....	244

INTRODUÇÃO

A história da literatura em Feira de Santana tradicionalmente pôs em evidência uns poucos escritores consagrados como expressão deste chão natal, renomados mesmo em outros locais da Bahia e do Brasil, caso de Godofredo Filho e Eurico Alves, modernistas que participaram do grupo formado em torno da revista *Arco & Flexa*, em fins da década de 1920. Porém, houve na cidade de Feira de Santana muitos escritores que ficaram pouco conhecidos do grande público. Eles chegaram a publicar algumas de suas criações em jornais feirenses e normalmente foram reconhecidos no âmbito desta atividade apenas na sociedade local.

No semanário feirense *Folha do Norte*¹, criado em 1909, há um volume expressivo de publicações literárias de escritores da cidade. Desde o ano em que o jornal surgiu, seções literárias apareceram em quase todas as suas edições, onde foram publicadas tanto criações de escritores locais, como de nacionais e, às vezes, de estrangeiros. Em geral, o jornal *Folha do Norte* se tornou para muitos escritores feirenses um lugar de participação e de reconhecimento social deles na vida cultural de Feira de Santana. Além disso, freqüentemente foi o único meio mediante o qual estes escritores puderam constituir suas redes de interlocução com os leitores. O acervo contido na *Folha do Norte* foi ainda pouco estudado², provavelmente pela razão de que muitos escritores que têm aí o registro de suas criações fossem diletantes ou bissextos no ofício literário, não possuindo a mesma qualidade e o mesmo volume de produção que tiveram Godofredo Filho e Eurico Alves.

Os Estudos Culturais e literários contemporâneos (CEVASCO, 2003; ESCOSTEGUY, 2000) têm enfatizado a importância de se proceder à investigação de criações literárias que permanecem socialmente ignoradas ou que se tornaram conhecidas apenas em universos restritos, não alcançando públicos vastos. Dentre as quais, podem-se mencionar as que se encontra em arquivos pessoais, as mal reputadas pela crítica, ou mesmo as que tiveram dificuldades de inserção no mercado editorial ou circularam, sobretudo, por meio da imprensa periódica. Também no campo da História Cultural (BURKE, 1992; HUNT, 1992; KRAMER, 1992), o estudo da literatura e principalmente de uma literatura suboficial tem sido relevante, já que é também uma preocupação desse campo estudar formas de criação cultural e literária

¹ Sobre aspectos gráficos, ideológicos e históricos deste jornal, ver Capítulo I, tópico 1.3.

² Foi encontrado apenas um estudo sobre a literatura publicada na *Folha do Norte*, que foi o realizado por Ana Angélica Vergne de Moraes. In: MORAIS, Ana Angélica Vergne de. *Sant'Anna dos Olhos d'Água: resgate da memória cultural e literária de Feira de Santana (1890-1930)*. Dissertação de mestrado. Salvador: UFBA, 1998.

muitas vezes ainda inexploradas ou escamoteadas, e as condições sociais de produção, circulação e assimilação desses objetos.

A realização dessa pesquisa adotou esses enfoques sugeridos pelos Estudos Culturais e pela História Cultural, considerando-se que é hoje lugar-comum a compreensão do caráter plural e dialético da cultura, enquanto manifestação inscrita em todos os níveis de abrangência da realidade.

Para o estudo que aqui se apresenta foi feita uma catalogação de parcela do acervo literário inscrito no jornal *Folha do Norte*, entre os anos de 1951 e 1969, que evidenciam aspectos do funcionamento das atividades literárias em Feira de Santana no que diz respeito, por exemplo, à caracterização formal das produções, à sua recepção e à possibilidade de trazer para a cena principal nomes e biografias geralmente olvidados ou até desprestigiados no âmbito desta atividade. São amplas as possibilidades de explorar esse acervo, tanto para uma pesquisa que pretenda estudar a história da literatura em Feira de Santana por meio de jornais, de um modo geral, como para uma pesquisa que se volte para análise das produções específicas de certos escritores da cidade editadas no jornal. No caso aqui apresentado, foi realizada uma história social e cultural da literatura em Feira de Santana.

Segundo Antonio Candido (2000), toda manifestação literária ganha formas concretas na sociedade e não pode ser estudada satisfatoriamente fora do seu contexto social. As letras e as artes estão fundamentalmente ligadas à sociedade, mesmo porque buscam transmitir mensagens aos indivíduos que nela vivem. Ao estudar um grupo de artistas é capital buscar conhecer atitudes e sentimentos de homens e mulheres concretos, entender os diversos fatores internos e externos que estão em jogo na construção da sua arte e explicitar as relações sociais na construção/elaboração da realidade, em que se inserem. Na pesquisa que realizei, busquei estudar não só os objetos literários de escritores feirenses encontrados na *Folha do Norte*, mas ainda a sua relação com a história e com o cotidiano da cidade de Feira de Santana, e, em particular, a relação da literatura com o jornal e suas definições político-ideológicas.

Para empreender esse estudo, a escolha do recorte temporal que vai de 1951 até 1969 se deu principalmente porque esse é um período ainda bem pouco estudado sobre a história social e cultural da cidade de Feira de Santana. No que diz respeito à história da literatura na cidade, não foi encontrada nenhuma produção ou registro que tenha retratado o assunto, nessa época. Aliás, essa história ainda está por ser feita e meu estudo é indicativo dessa necessidade, na medida em que elenca um grande número de nomes e produções literárias que, mesmo olvidados ou desprestigiados no âmbito desse ofício, fizeram parte dessa história. Isso mostra ao leitor do meu trabalho possibilidades de execução de novas pesquisas, que podem abranger

ainda outros períodos da história de Feira de Santana. As décadas de 1950 e 1960 marcaram um processo de urbanização mais célere da cidade, comparado às décadas anteriores. Nesse tempo, a população sofre um crescimento extraordinário (no fim da década de 1960 é quase quatro vezes maior do que era no início da década de 1950) e a paisagem da cidade vai sendo redesenhada com novas ruas, prédios, praças, instituições (de ensino, de saúde, bancárias, etc.). Aparecem na *Folha do Norte* discursos, inclusive literários, que dizem ser Feira de Santana uma cidade “progressista”, nessa época, buscando realçar as novidades do ambiente urbano. Busquei perceber, de modo amplo, a relação entre as práticas literárias de escritores feirenses, os fundamentos de suas produções, e a realidade social em que se inseriam, tendo em vista que essa realidade teve como marca principal, no período em destaque, processos de renovações na sua paisagem urbana, humana e cultural.

Vale ressaltar que entendo que a opção por estabelecer uma delimitação temporal para a realização da pesquisa não encerra terminantemente o entendimento sobre os modos de expressão cultural e literária estudados, e mantém afinidades com períodos anteriores e posteriores aos anos fixados para a sua elaboração. O recorte temporal visou facilitar a execução do trabalho, diante do amplo acervo que possui o jornal *Folha do Norte*, que é hoje quase centenário.

O objetivo central dessa dissertação foi estudar a história da literatura em Feira de Santana a partir do acervo literário contido no jornal *Folha do Norte*, entre os anos de 1951 e 1969. Para tanto foram pesquisadas 912 edições do jornal e catalogadas as produções literárias (crônicas, cartas, poemas e contos) localizadas em cada edição. Isso foi feito para se ter um panorama geral da literatura publicada aí, a freqüência das publicações, o tipo de publicações, os temas mais recorrentes, seus aspectos formais e os nomes dos escritores. Na medida do possível se tentou identificar esses escritores e suas atividades, mormente a partir de pistas que foram dadas pelo jornal. O estudo da *Folha do Norte* revelou mais do que a princípio era esperado e para esta pesquisa foram arroladas não só as produções literárias, mas também notícias sobre atividades culturais no campo das artes e das letras, em Feira de Santana. Solenidades de lançamentos de livros, concursos literários e a inauguração de agremiações culturais e literárias em Feira de Santana, foram notícias que forneceram indícios acerca de sociabilidades entre os escritores feirenses e possibilidades de participação social deles em outros âmbitos, para além do jornal. De um modo abrangente, notícias sobre a cidade, nas décadas de 1950 e 1960, permitiram construir uma identificação desse ambiente social, em que viviam os escritores.

Metodologicamente, esta pesquisa é resultado de um levantamento meticuloso e sistemático de dados e de uma análise qualitativa da literatura produzida por escritores feirenses, bem como das informações identificadas sobre a literatura e a cultura da cidade no jornal *Folha do Norte*. Teoricamente é um trabalho interdisciplinar, em que foram aplicadas contribuições e noções comuns tanto à área de História como à de Literatura. Para proceder a análise proposta, foram tomadas como referências para a compreensão das práticas literárias em Feira de Santana, no período em destaque, os conceitos de “literatura” (COMPAGNON, 2003; EAGLETON, 2006), de “cultura” (BOSI, 1987; CERTEAU, 1995; CANCLINI, 2000) e de “representação” (CHARTIER, 1992).

Esta dissertação está dividida em três capítulos. No primeiro, *Roteiros de identidade para Feira de Santana*, inicialmente, foram estabelecidos os percursos teóricos e os principais conceitos que orientam todo o trabalho. Este capítulo teve por objetivo apresentar a cidade, lugar de fala dos escritores, e o jornal *Folha do Norte*, principal meio de publicação de suas produções literárias. Essas caracterizações iniciais são precípuas ao entendimento da literatura em estudo. No que diz respeito à cidade de Feira de Santana, foi feita uma explanação de seus percursos históricos, com ênfase no processo de urbanização que vivencia entre os anos de 1951 a 1969. Em relação ao jornal, foi apresentado seu histórico, suas características técnicas, e feita uma discussão a respeito das repercussões sociais que teve na sociedade feirense, particularmente no que se refere à circulação de produtos literários, para o que foi o melhor meio ou o mais viável. O primeiro capítulo teve por objetivo caracterizar o ambiente cultural e literário que se formou em Feira de Santana no período em estudo, verificando tanto a sua importância para o jornal, como a sua importância social.

Em *Literatura e cultura: códigos em trânsito*, segundo capítulo, foi feita uma caracterização da literatura presente no jornal, em que se destacou a organização das publicações literárias, as preferências formais, os nomes que apareciam, a sua articulação com modelos importados e a importância social disso, naquele momento. Foi trabalhado, em seguida, um conjunto de discursos e notícias publicados na *Folha do Norte* sobre a inauguração de instituições de fomento às artes e às letras na cidade. Buscou-se analisar as atividades e os vínculos criados entre os homens de letras de Feira de Santana, seus meios de se fazerem reconhecidos socialmente, já que a maioria deles atuava em outras profissões. Verificou-se os anseios e desejos demonstrados em torno da expectativa de mobilização que eles promoveram ou que intentaram promover no ambiente cultural da cidade. Neste capítulo, foram estudados também a idealização de eventos artísticos que pretendiam tornar Feira de Santana atualizada e entrosada com a cultura brasileira, de um modo geral. Estes foram

eventos que almejaram estabelecer gostos e valores artísticos para a sociedade local, para o que o jornal também foi uma fonte de propagação. Ainda há na *Folha do Norte* notícias de publicações de livros de escritores da cidade e de fora e colunas que informam sobre as publicações mais recentes no Brasil. Os conteúdos dessas colunas sugerem leituras, comentando resumidamente alguns livros. Esse material foi estudado, buscando mostrar as estratégias criadas pelo jornal para formar um público leitor na cidade, incentivando essa prática, mesmo tendo em vista a alta taxa de analfabetismo. A tentativa de criação desse público foi feita a partir da divulgação de certos gostos, de escolhas de leitura que indicam modelos de inteligibilidade socialmente difundidos, buscando homogeneizá-lo quanto às preferências de leitura. Ou seja, nesse segundo capítulo foram trabalhados textos que mostram as estratégias e formas de articulação dos escritores da cidade, bem como certas práticas que buscaram fomentar na cidade o gosto pelas letras e artes, a partir de certas tendências.

No último capítulo, *Feira de Santana na literatura: crônicas, poemas e cartas* buscou-se investigar nesse *corpus* as estratégias discursivas, temas ou elementos da realidade histórica de que os escritores se valem para focalizar imagens urbanas, observando como eles tecem a relação entre passado, presente e futuro na construção de ideais de cidade. Aqui, a relação entre literatura e história foi trabalhada de forma mais específica. Buscou-se perceber tanto as idéias predominantes como as estratégias discursivas dos escritores ao abordar a cidade como tema de suas criações. Por outro lado, tem-se em vista também que esses textos estão vinculados à linha de pensamento do jornal. Foram selecionados documentos significativos para tratar das idéias de cidade, dentro do universo de textos arrolados na pesquisa que tiveram por tema Feira de Santana.

Este estudo fornece apenas um reconhecimento parcial e particular sobre aspectos da história da literatura e da cultura em Feira de Santana, tratando-se de uma abordagem mais geral sobre as produções averiguadas, os padrões de escrita de intelectuais e escritores feirenses, a mobilização cultural na cidade e, em especial, a construção de olhares específicos sobre o seu território urbano. É certo que para a escrita de uma história da literatura em Feira de Santana, novos métodos e fontes devem ser adotados, como a realização de entrevistas, a análise de um *corpus* documental diversificado e a consulta a diferentes arquivos, particulares e públicos. A catalogação e análise de parte do acervo do jornal *Folha do Norte*, foi, porém, suficiente para a elaboração do estudo que aqui se apresenta, tendo em vista o prazo estabelecido para a sua realização. A riqueza de dados e a profusão de material literário averiguado no jornal exigiram um trabalho minucioso de análise do panorama social, cultural e literário das décadas de 1950 e 1960 em Feira de Santana. Essa pesquisa traz resultados

iniciais, abrindo caminhos e possibilidades para futuras pesquisas, em que se possam explorar outros meios de publicação literária na cidade ou considerar outras épocas, por exemplo, visando aprofundar as primeiras constatações aqui estabelecidas.

É preciso remexer arquivos e encontrar novos caminhos de investigação que permitam o estudo de aspectos do passado que tiveram significados sociais importantes para a sociedade feirense, em determinado momento. É capital entender que a história que se tem estabelecida, figurada pelos romances e criações poéticas mais conhecidos, pelos escritores que tiveram seus nomes perpetuados na memória local, é apenas fragmento de uma história marcada por uma diversidade de práticas e usos da palavra escrita, que se está se descobrindo ou que ainda virão a ser descobertas, trazendo à luz acervos literários que não fizeram parte de um quadro hegemônico da literatura, mas que tiveram um valor social fundamental. “É preciso deixar os caminhos conhecidos, olhar para aquilo que não se pretendia ver *a priori*” (ROUSSO, 1996, p. 2).

1 ROTEIROS DE IDENTIDADE PARA FEIRA DE SANTANA

[...] logo admirei a cidade que se movimentava, dinamizando-se no sentido do progresso, que ora se acentua a olhos vistos. E não é outra a sua destinação — progredir muito, progredir sempre. (GOÉS, Jorge de Faria. Minha despedida. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLVIII, nº. 2551, p. 1, 31 mai. 1958)

1.1 LITERATURA, HISTÓRIA, CIDADE

A cidade não se dá a conhecer em sua exterioridade, tampouco possui uma realidade unívoca e conciliada. Seu aspecto visível e suas expressões culturais estão sujeitos a um sem número de interpretações. Mas certas imagens tornam-se mais fortes e duradouras, sobretudo porque são sucessivamente reiteradas em discursos e falas oficiais e difundidas por diferentes meios de comunicação social. A criação diária e sempre provisória da cidade resulta das maneiras como individual ou coletivamente os habitantes participam de seus espaços, hierarquicamente dispostos, inclusive impregnando-os de sentidos. Com efeito, nesse ato de criação, a cidade mostra-se multifacetada, paradoxal, fragmentária, antinômica e sobremodo polissêmica. Reúne, portanto, uma multiplicidade de códigos através dos quais é dada a ler como um texto, e é dentro dessa multiplicidade que trabalha o escritor, poeta ou cronista, chamando a atenção para aspectos que normalmente passam despercebidos por muitos leitores comuns do espaço urbano, ou estabelecendo comentários sobre assuntos mais freqüentes na sociedade. De acordo com Renato Cordeiro Gomes (1994, p. 53), “a cidade é território textual por excelência da transmissão e da estocagem, da multiplicidade potencial, um universo jamais saturado de imagens”.

O discurso da literatura oferece um modo especial de compreensão e representação da cidade. Segundo Sandra Jatahy Pesavento (2002, p. 10), o escritor está aí como “espectador privilegiado do social, exerce a sua sensibilidade para criar uma cidade do pensamento, traduzida em palavras e figurações mentais imagéticas do espaço urbano e seus atores”. Produto artístico, a literatura preocupa-se com o que poderia ter sido a ordem das coisas e assinala a possibilidade de um vir a ser. Porém, se por um lado é a arte da linguagem, por outro, fixa uma abordagem histórica e pode ser estudada como documento. Nicolau Sevcenko (1999, p. 29) afirma que “todo escritor possui uma espécie de liberdade condicional de criação, uma vez que seus temas, motivos, valores, normas ou revoltas são fornecidos ou sugeridos pela sua sociedade e seu tempo”. Por outro lado, Antonio Cândido (1987) chama a atenção para o risco de se considerar a história fator determinante para a criação literária, que também possui sua carga de independência, relacionada à atitude pessoal e criativa do escritor:

Traçar um paralelo puro e simples entre o desenvolvimento da literatura brasileira e a história social do Brasil seria não apenas enfadonho, mas perigoso, porque poderia parecer um convite

para olhar a realidade de maneira meio mecânica, como se os fatos históricos fossem determinantes dos fatos literários, ou como se o significado e a razão-de-ser da literatura fossem devidos à sua correspondência aos fatos históricos (p. 163).

É importante compreender que é a literatura fato estético e histórico ao mesmo tempo. Porém, no que diz respeito à sua relação com a história, Antonio Cândido considera que esta relação pode ser apreendida de forma viva ao tentarmos “descobrir como as sugestões e as influências do meio se incorporam à estrutura da obra — de modo tão visceral que deixam de ser propriamente sociais, para se tornarem a substância do ato criador” (1987, p. 164).

Nesta pesquisa, que consiste no estudo do acervo literário contido no jornal local *Folha do Norte*, notadamente das produções de escritores da cidade de Feira de Santana, que tiveram nesse jornal o principal espaço de divulgação de sua literatura para o público feirense, busca-se compreender, por um lado, as vinculações desses artífices da palavra com o momento histórico e cultural das décadas de 1950 e 1960, momento selecionado para a realização desse estudo; e, por outro lado, nos escritos que têm por tema a cidade, as representações que estabelecem sobre a sua vida urbana e sua trajetória histórica. Em Feira de Santana, as diferentes formas como os escritores vivenciaram sua própria historicidade e cultura por meio de cenas e representações de cidade, acabaram interferindo na forma como recriaram a cidade sensivelmente em seus textos. Ao lado de discursos de diferentes naturezas (políticos, históricos, jornalísticos, etc.), esses escritos literários foram também porta-vozes de imagens e idéias que estabeleceram formas de identificação para Feira de Santana, conquanto a subjetividade e as idiossincrasias dos escritores sejam ingredientes que evidenciam outros tipos de vínculos, relacionados às opções pessoais e estéticas que emolduram a matéria da criação.

A literatura publicada na *Folha do Norte* mantém uma relação estreita com a história ao abordar como assunto a cidade de Feira de Santana. Por outro lado, o momento histórico que assinala as produções literárias também oferece subsídios para o entendimento de escolhas formais e temáticas dos escritores. Nicolau Sevcenko (op. cit.) diz que os textos literários podem ser considerados termômetros das mudanças que se insinuam na sociedade, sendo a opção pela linguagem literária também uma opção histórica, já que a liberdade e a possibilidade de criação no texto permitem que os escritores exerçam seus talentos criativos para criticar ou agradar, delatar ou entreter o leitor. Mas, a literatura não reflete a realidade. Sevcenko reforça que há entre a história e a literatura “uma relação tensa de intercâmbio, mas também de confrontação” (Ibid., p. 246). Por isso, é fundamental abranger as especificidades dessa relação, entendendo que a linguagem literária é mais um ato de criação e se nesse ato

envolve episódios da realidade histórica é como representação dessa realidade que se estabelece.

O historiador Roger Chartier (1992) afirma que os indivíduos vivenciam o mundo social em dois níveis indissociáveis: o da prática e o das representações. Isto é, eles vivenciam a realidade em sua dimensão material, gestualmente, performaticamente, conforme seus hábitos e modos de atuação social, e segundo determinadas maneiras de senti-la e dizê-la, mediante as quais exprimem suas próprias existências e, de um modo mais amplo, o ambiente cultural em que vivem. Por sua vez, a realidade também se constrói no interior da linguagem e das táticas discursivas, podendo ser apreendida a partir de diferentes formas de representação. Assim, as representações funcionam como matrizes de dizeres e práticas diferenciados, sendo que, por outro lado, as práticas dão a entender determinadas formas de significar a realidade. Os discursos não são neutros e estão sempre colocados num campo de competições, cujos desafios se anunciam em termos de poder e de dominação. Funcionam como representações que produzem “estratégias e práticas [...] que tendem a impor uma autoridade à custa dos outros, por elas menosprezados, a legitimar um projeto reformador ou a justificar, para os próprios indivíduos, as suas escolhas e condutas” (Ibid., p. 17). Ou seja, nas relações sociais diárias se esbarram diversos campos de força com seus corpos discursivos, os quais buscam dar autenticidades reais a determinados padrões de cultura, que têm ali suas existências primeiras.

Entender o discurso literário como representação do real é entender que esse discurso também constrói o real, lhe atribui sentidos, tanto quanto o discurso histórico. O antagonismo entre história e literatura durante muito tempo esteve pautado em noções que ordinariamente associavam estes campos à verdade pautada em provas documentais e à inverdade fundada na imaginação, respectivamente. Porém, a historiografia é resultado de um esforço para construir explicações sobre o real, que são sempre subjetivas, seletivas, parciais, já que se trata de um empreendimento direcionado pelos objetivos, escolhas e interesses de um historiador. Além disso, na descrição dos acontecimentos este profissional utiliza mecanismos da linguagem para dar sentido à sua expressão, o que faz criativamente, ainda que procure se aproximar ao máximo da verdade dos fatos. Conforme Hayden White (apud KRAMER, 1992), a história adquire sentido da mesma forma que o poeta ou o romancista tenta lhe conferir sentido, atribuindo à sua aparência problemática e misteriosa, o aspecto de uma forma reconhecível. O escritor, por seu turno, também busca no real subsídios para empreender a sua criação, assuntos e problemas que na linguagem literária são desordenados e reordenados imaginativamente, onde substitui o mundo real pelo virtual numa operação dos sentidos, onde

também prevalece, por isso, o princípio da verossimilhança. Segundo Judite Grossmann (1982, p. 73),

Se, do ponto de vista da representação, predomina a descontinuidade entre a literatura e a realidade, do ponto de vista da experiência predomina a continuidade, uma vez que a literatura é a expressão do experimentado (agora reexperimentado), a metamorfose da experiência, o seu pequeno grão agora desencantado em linguagem.

Tanto a história tem componentes próprios da criação literária, como a literatura tem componentes da realidade histórica, não só quando faz referência a essa realidade em sua escrita, mas porque está inscrita num tempo, tem registro de nascimento e representa ou funda linhas de pensamento específicas. A definição de literatura também acompanha as vicissitudes da história porque se inscreve em tempos e lugares determinados, ou seja, como a história, a literatura não incorpora um estado fixo, suas acepções são também historicamente fundadas. Hoje, não mais compreendido como objeto essencialista e atemporal, o literário pode ser “tanto uma questão daquilo que as pessoas fazem com a escrita como daquilo que a escrita faz com as pessoas” (EAGLETON, 2006, p. 10), ou ainda, depende “da maneira pela qual alguém resolve ler, e não da natureza do que é lido” (Ibid., p. 12). Em vista disso, Terry Eagleton (Ibid., p. 19) ressalta que

Todas as obras literárias, em outras palavras, são ‘reescritas’, mesmo que inconscientemente, pelas sociedades que as lêem; na verdade, não há releitura de uma obra que não seja também uma ‘reescritura’. Nenhuma obra, e nenhuma avaliação atual dela, pode ser simplesmente estendida a novos grupos de pessoas sem que, nesse processo, sofra modificações, talvez quase imperceptíveis. E essa é uma das razões pelas quais o ato de classificar algo como literatura é extremamente instável.

Ao mapear as trajetórias da relação entre história e literatura, linha mestra desta análise, considerando-se suas especificidades epistemológicas, verifica-se que nem sempre esta relação se estabeleceu sem pelejas. História e literatura sofreram os reveses de definições que ora caminhavam para uma aproximação destes campos, ora para um isolamento. Lado a lado, percorreram uma órbita controversa e mesmo hoje esta correspondência não se sustenta pacificamente. Contudo, tem-se averiguado uma recente aproximação e o estabelecimento de um diálogo salutar entre as disciplinas, em consenso com as abordagens mais atuais de cada uma, com a permeabilização de tradicionais fronteiras que impediam o intercâmbio de procedimentos e de idéias.

No campo da história, após o advento da “nova história cultural” na década de 1970, certas aberturas decorreram sobremaneira instigadas pela preocupação com os diversos níveis

de experiências e relações humanas e a propósito das invenções e usos sociais cotidianos de utensílios culturais (materiais e mentais), que entraram na ordem do dia do labor historiográfico, sendo a antropologia e a teoria literária as disciplinas mais influentes nesse âmbito (cf. BURKE, 2005; CHARTIER, 1990; FALCON, 2002; HUNT, 1992; VAINFAS, 1997). Noções como a de “representação” e a de “símbolo” tornaram-se as pedras de toque dos especialistas, que, dessa forma, esquadriharam com mais agudeza a existência de códigos não visíveis, mas em todo caso constitutivos da realidade social, porque experimentados sensivelmente, possíveis de se materializar unicamente por intermédio da linguagem. Tendo como pano de fundo os estudos da cultura é que as afinidades entre história e literatura se aprofundaram mais proficuamente, posto que sejam também elas entendidas como fatos culturais.

As fronteiras entre estas áreas começaram a se dissolver, sem pressa, nas últimas décadas do século XX, e não somente pelo fato de a literatura servir de fonte para a história à maneira de uma estatística, de um depoimento oral ou de um processo crime, e não sem polêmicas. Hayden White e Dominick LaCapra (apud KRAMER, 1992), por exemplo, afirmam que a história é também um fato estético, que sua narrativa é como outra qualquer, inclusive como a literária, no que diz respeito ao papel ativo da linguagem, um sistema intrincado de significados sobre o passado, que articula as intenções de seus autores. E até que a literatura é instituidora da realidade tanto quanto a história, sendo baldada a interposição de empecilhos entre estes campos. Mais e mais a perplexidade de tais juízos instiga uma crise contemporânea da consciência histórica (ZAIDAN, 1989) que tende a se alargar com o interesse progressivo dos historiadores por abordagens inéditas, tomadas de empréstimo de outros ramos, com as quais ainda estão aprendendo a lidar, sendo, por isso, imprescindível nos tempos atuais a ênfase na interdisciplinaridade (BRAUDEL, 1990; REVEL, 1989).

Esses atrelamentos se tornaram mais estreitos também com o “novo historicismo” surgido na década de 1980, que propõe a problematização da história pela literatura, sendo a linguagem o denominador comum desse empreendimento. Salienta-se que um e outro domínio oferecem coordenadas de explicação por meio das quais são produzidos sentidos sobre o passado. Contudo, esta teoria literária contesta as convenções da historiografia e da forma do romance, atentando para os mecanismos de entrelaçamento de significados nestes tipos de escrita, por meio dos quais tornam o real inteligível. A história deixa de ser percebida somente como resultado inequívoco de pesquisas documentais, e o novo olhar que se coloca, e que já se tornou lugar comum entre historiadores, é o de que o passado existe mediante a significação que lhe é estabelecida no presente. Linda Hutcheon (1991) prefere a expressão

“metaficação historiográfica” para assinalar que tanto a história como a ficção são discursos, construtos humanos, sistemas de significação. Assim, contesta o poder que a história possa ter de abolir o formalismo, bem como a capacidade de ser a sua redação discurso fidedigno, autêntico.

Historicizar os artefatos literários inserindo-os no dinamismo da sociedade, na urdidura de relações humanas, e apreender as maneiras por meio das quais engendram vínculos com o real, embora se trate de um discurso não-pragmático, é mais uma opção de se partilhar as idoneidades destes campos. Tendo em vista essas articulações é que essa pesquisa foi pensada. Busca-se na esfera da interdisciplinaridade aproximar a literatura da história, tendo em vista o escopo principal, que é estudar a história da cultura e da literatura da cidade de Feira de Santana a partir dos documentos literários arrolados na *Folha do Norte* entre 1951 e 1969. Todos esses documentos compõem o cenário de que trata essa dissertação, que traz à baila personagens que deixaram registros de seus trabalhos criativos e contribuíram para a construção dessa história, embora maioria deles não tenha tido reconhecimento social no âmbito deste ofício.

Na *Folha do Norte*, é copiosa a quantidade de produções literárias (entre poemas, crônicas, contos e cartas) publicadas ao longo dos anos de 1951 a 1969. Certas produções elegeram como tema aspectos ou momentos da realidade histórica local, mantendo vínculos estreitos com sua atualidade e (re)elaboração diária, no âmbito material e cultural. Lançou-lhes um olhar, uma ponderação, um juízo que fez notar, de modo singular, aspectos da história da cidade. Todavia, se a lógica social de muitas composições foi a de evidenciar as novidades e tipicidades do lugar, alinhavaram-se aí certos interesses de ordem política e ideológica, que serviram, sobretudo, para reforçar a compreensão de que a cidade de Feira de Santana crescia apressadamente nesse período, como veremos no último capítulo desta dissertação.

De modo geral, as produções literárias inscritas na *Folha do Norte* fornecem dados e indícios para o entendimento de como se desempenhavam as atividades literárias em Feira de Santana no período em destaque, tanto no que se refere aos seus aspectos formais, como para a escrita de uma história da literatura local. Para a escrita dessa história em Feira de Santana busca-se evidenciar os aspectos peculiares da constituição da literatura ligados ao contexto social e cultural local, em que as práticas literárias se manifestam de forma diferenciada, em relação ao contexto nacional, mostrando reapropriações e funcionamentos que dizem respeito ao valor social e aos padrões de inteligibilidade predominantes na sociedade feirense. Mas para a construção de uma história da literatura, Robert Darnton (1987, p. 168) faz um alerta:

A história da literatura tende, inevitavelmente, ao anacronismo. Cada época reconstrói a experiência literária em seus próprios termos. Cada historiador reordena o catálogo dos clássicos. A literatura, enquanto isso, rejeita as tentativas de immobilizá-la no interior de esquemas interpretativos. Tal como a biblioteca de Walter Benjamin, prefere ser um estado de espírito, sempre passível a rearranjos e reorganizações.

Seguindo o alerta de Darnton, constatou-se a dialética da história no estudo do material literário impresso na *Folha do Norte* entre os anos de 1951 e 1969, pois, como veremos no segundo capítulo, grande parte dessa literatura expressava modelos que estiveram em voga no Brasil em fins do século XIX e no início do século XX e que, tomando-se como parâmetro os padrões mais influentes de produção de literatura brasileira nas décadas de 1950 e 1960, já haviam sido ultrapassados. Na cidade de Feira de Santana, esses antigos padrões continuavam vivos na escrita dos escritores, onde tinham um valor e uma funcionalidade, já que representavam formas de pensamento e visões de mundo deste grupo social.

Antes de entrar nessa senda, serão apresentados nos dois próximos tópicos deste capítulo a cidade de Feira de Santana e o jornal *Folha do Norte*. A apresentação da cidade cumpre o objetivo de assinalar o lugar social de fala dos escritores feirenses. Para tanto, será feita uma breve caracterização da sua trajetória histórica, com ênfase nas décadas de 1950 e 1960.

1.2 FEIRA DE SANTANA EM MEADOS DO SÉCULO XX

Localizado na Bahia, numa zona de planície entre o recôncavo e os tabuleiros semi-áridos do norte do Estado, o município de Feira de Santana³ abrange um dos maiores entroncamentos rodoviários do Brasil, totalmente concluído na década de 1950. É cortado por três rodovias federais: a BR 116⁴, que rasga o município no sentido norte-sudoeste, a BR

³ Feira de Santana atualmente se limita a oeste com os municípios de Anguera, Antônio Cardoso, Ipecaetá e Serra Preta; a leste com Conceição do Jacuípe, Coração de Maria, Santanópolis e Santo Amaro; ao norte com Candeal, Santa Bárbara e Tanquinho; e ao sul com São Gonçalo dos Campos. Entretanto, no período em estudo a definição territorial do município sofreu algumas alterações. Foi na década de 1950, por exemplo, que o território de Tanquinho se desmembrou de Feira de Santana e recebeu o *status* de município. Já em 1960 o território de Jaíba foi anexado ao de Feira de Santana como seu mais novo distrito. Feira de Santana está situada no “polígono das secas”, exceto o distrito de Humildes, possuindo uma latitude sul de 12°15'24, uma longitude oeste de 38°57'53 e uma altitude de 234 m. Seu clima é tropical semi-árido. Não possui rios perenes, sendo os principais rios que passam pelo município Calandro, Jacuípe, Pojuca, e Salgado, todos afluentes da bacia do Paraguaçu. Há ainda o rio Subaé cuja nascente está em Feira de Santana. In: ANUÁRIO ESTATÍSTICO DE FEIRA DE SANTANA. Feira de Santana: CDL – Câmara de Dirigentes Lojistas, 1998.

⁴ Também conhecida como Rio-Bahia.

324⁵, que o liga a Salvador, capital baiana, num percurso de 107 km, e a BR 101, na direção sudeste; e por quatro rodovias estaduais: BA 052⁶, BA 502, BA 503 e BA 504.

Antonio Guerreiro de Freitas (2000) afirma que a construção de rodovias a partir da segunda década do século XX alterou “todo o cenário regional, até então visualizado para a Bahia” (p. 24), “constituindo não mais um espaço articulado, pensado e desenvolvido em torno da sua capital — Salvador — mas um conjunto formado de verdadeiros pedaços” (loc. cit.), que passaram a compor uma nova regionalidade. Feira de Santana, em especial, se tornou um dos principais pólos econômicos do Estado, o que foi possibilitado também porque o seu cruzamento rodoviário a integrou às micro regiões baianas, ao Nordeste e ao Centro-Sul brasileiro, favorecendo o fluxo de mercadorias, pessoas e capital que tributaram seu crescimento econômico e urbano. Nesta cidade, a interseção de caminhos, cujos primeiros desenhos foram se formando nas trilhas abertas pelas boiadas, lhe consagrou a função de “pouso obrigatório” para os viajantes que transpunham suas fronteiras e ativavam seu comércio, especialmente desde que se constituiu como povoado de importância proeminente (OLIVEIRA, C., 2000).

Seu nascimento associa-se à gênese de uma feira semanal de gado que se estabeleceu no primeiro quartel do século XVIII, no entorno do pequeno povoado de Sant’Ana dos Olhos d’Água (SILVA, A., 2000), reunindo criadores que intermediavam o comércio de gado entre o recôncavo e o sertão da Bahia. Um fator crucial para a ampliação da feira, em volume e importância, foi justamente a facilidade de acesso a estas terras, a meio caminho da capital e do sertão e ocupadas principalmente por fazendas pecuaristas, por onde cruzavam vaqueiros vindos de outros currais da Bahia, Piauí, Minhas Gerias e Goiás principalmente, transportando e negociando rebanhos pela antiga estrada real de Capoeiruçu e geralmente destinando-se ao porto de Nossa Senhora do Rosário de Cachoeira, de onde partiam para Salvador. A um só tempo, se estabeleceu aí uma feira-livre semanal que reunia mercadores, atravessadores, tropeiros, viajantes e freqüentadores de várias localidades, em busca de matérias-primas, víveres, artigos artesanais e manufaturas importadas de outras partes da

⁵ A inauguração solene desta rodovia, projetada pelo engenheiro Vasco Filho, ocorreu em 1951. Em 03 de fevereiro deste ano, a *Folha do Norte* publicou a notícia “Honra a engenharia nacional a nova rodovia Bahia-Feira”, que diz: “a nova rodovia, que recebeu o nome de Via Garcia D’Ávila em homenagem ao intrépido entradista e desbravador dos sertões bahianos, será, assim que concluída, uma das mais belas estradas do Brasil, à altura de honrar e elevar sobremodo a engenharia nacional”. Entretanto, ao longo da década de 1950 algumas notícias publicadas no mesmo jornal denunciavam o abandono e o descaso com tal projeto. A rodovia foi finalmente concluída somente no ano de 1960, conforme anuncia a *Folha do Norte*, em 12 de fevereiro deste ano, quando publica a notícia “Inauguração da rodovia Salvador -Feira”.

⁶ Também conhecida como Estrada do Feijão.

Província. Boa parte destes produtos era escoada para Salvador, ou mesmo vinda de lá se destinando a abastecer os demais municípios baianos.

Esta feira perdurou durante décadas ocupando as ruas centrais da cidade⁷. De acordo com a descrição do repórter pernambucano Rogaciano Leite (AS TRÊS..., 1962 apud FOLHA DO NORTE, 1962, p. 1), do *Jornal do Commercio*,

A feira estende-se a quase um quilômetro de distância, ao longo da Avenida Getúlio Vargas, e tem os mais diversos produtos que se possa imaginar, desde artefatos regionais a pelas de cobra e de ema, desde o homem do macaco ao camelô bossa-nova, vendendo livros sobre reforma agrária.

Já no início da década de 1950, a feira de gado abastecia, “para corte, os Estados de Pernambuco, Alagoas, Sergipe e litoral da Bahia” (FEIRA..., 1952, p. 1). A movimentação de Feira de Santana às segundas-feiras, dia de feira na cidade, também chamou a atenção do repórter Rogaciano Leite (op. cit.):

Mais de duas mil cabeças bovinas comparecem semanalmente à sua tradicional “feira de animais” e cerca de mil veículos transitam diariamente pelas suas ruas com destino ao sul do país e vice-versa. A cidade possui 1500 veículos e consome mais gasolina que o Estado de Sergipe.

O crescimento do arraial de Santana da Feira, como inicialmente foi conhecido o local, deveu-se ao êxito das atividades comerciais e possibilitou a criação do município de Feira de Santana, cujo território foi desmembrado do município de Cachoeira, pelo decreto imperial de 13 de novembro de 1832. Por outro lado, a famigerada imagem de “empório líder do sertão baiano” (POPPINO, p. 20) tornou-se motivo de atração de uma população flutuante, que vinha em busca de melhores condições de vida, favorecendo a expansão urbana do município com fundação de novos espaços de convivência. Durval Vieira de Aguiar deixou registrada sua impressão particular sobre Feira de Santana em *Província da Bahia* (1979), quando esteve de passagem na cidade, em 1866. Chamaram-lhe a atenção a fisionomia da cidade e o comércio feirense:

Hoje a Feira é uma cidade adiantada, limpa, de ruas espaçosas, excelentes edifícios, grande casa da Câmara, bonitinho e asseado quartel-cadeia; está embelezada com bonitas, modernas e perfeitamente sortidas casas comerciais, açougue higienicamente preparados em tudo superiores aos da nossa capital, decentes repartições públicas, dois hotéis, teatro, etc. (Ibid., p. 110-111).

⁷ Em meados da década de 1970, a feira livre foi transferida para o Centro de Abastecimento.

A descrição de Aguiar enfatiza aspectos da aparência urbana feirense que indicam o quanto a cidade estava desenvolvida naquele momento, dando a entender que não se tratava de uma cidade comum entre as outras cidades baianas. Com efeito, em 1873, dada a notável ampliação de suas atividades econômicas, tem modificada a sua denominação de “Feira de Santana” para “Cidade Comercial de Feira de Sant’Ana”, consolidando sua popularidade de principal mercado a céu aberto do interior da Bahia. Aliás, esta designação também se tornou uma forma de propaganda da atividade base de sua economia e estímulo ao seu crescimento. E pode ser ainda avaliada como signo de identidade, recurso que qualifica e busca dar sentido unívoco e conciliado à compreensão do lugar.

Além disso, cada vez mais a população local se diversificava e se avolumava com a constante vinda de migrantes para a cidade. De acordo com Aldo Silva (2000, p. 23),

Em última instância, uma identidade comercial é a do feirense historicamente habituado e receptivo ao forasteiro e às mudanças que este traz. Não lhe surpreendem nem causam estranhamento, portanto, os novos rostos e sotaques, pois eles já compõem há muito o seu cotidiano.

A designação da cidade voltou a sofrer alteração em 1931, quando passou a ser chamada simplesmente de “Feira”. Em 30 de novembro de 1938 volta a ser designada “Feira de Santana”, dessa vez definitivamente, a partir da vigência do decreto estadual nº. 11089.

Eurico Alves Boaventura (1909-1974)⁸, ao caracterizar a paisagem da cidade de Feira de Santana nas primeiras décadas do século XX, a chamou de “cidade do silêncio e da melancolia”. Nesse tempo, segundo o poeta, a civilização do pastoreio ainda marcava sua paisagem social. em nova referência, desta vez à década de 1920, diz Eurico (2007, p.102) que “a Feira de Santana não passava de agradável alegoria de util poema de Francis Jammes. Só o ABC amplo e comprido [...] entupido de chácaras e mais chácaras, valia como um descanso para os olhos”. Anos à frente, gradualmente a cidade passou a vivenciar mudanças significativas em seu espaço urbano e foi principalmente na década de 1950 que essas mudanças tornaram-se mais céleres.

Eurico Alves elegeu como tema de muitos de seus versos e crônicas a Feira de Santana, sua terra natal, observando as mudanças que iam descaracterizando o aspecto físico e cultural das origens da cidade, trazendo ares da civilização urbana onde antes imperava a

⁸ Poeta e magistrado feirense, autor de diversos poemas que tiveram por tema Feira de Santana, os quais foram reunidos no livro “Poesia” (1990); e do ensaio sociográfico “Fidalgos e vaqueiros” (1989). Ambos os trabalhos só foram publicados em livros anos depois da morte do escritor. Sobre Eurico Alves Boaventura há informações mais detalhadas no terceiro capítulo dessa dissertação, no segundo tópico.

civilização pastoril. Ele a cantou como cidade *amanhecente* e *adolescente* em 1937 (apud OLIVIERI-GODET, 1999, p. 154-156), vendo-a inserida num paulatino processo de remodelamento urbano, que pouco e pouco foi lhe dando novo aspecto, feição “moderna”.

Na década de 1950, ora as novas estradas que atravessavam Feira de Santana, ora as novas arquiteturas que realçavam sua paisagem, ou ainda o movimento mais apressado, os hábitos mais ousados, o centro nervoso da vida urbana e o fervilhar de suas atividades econômicas, políticas e culturais, aspectos que confirmavam ser este um tempo inusitado, marcado pelo nascimento de um novo *ethos* social, logo se tornaram assuntos corriqueiros em notícias e crônicas da *Folha do Norte*, que buscavam registrar a sintonia fina de uma época. A nova plasticidade que a cidade vai adquirindo mexe com a percepção de seus observadores diários, que geralmente classificam essa como uma época moderna para o lugar. Na *Encyclopédia dos municípios brasileiros*, publicada em 1957, Feira de Santana é assinalada como uma cidade que reúne condições favoráveis para a ampliação da sua área urbana:

A cidade de Feira de Santana está assentada sobre grande planície, que lhe facilita a expansão dos logradouros; possui invejável posição geográfica que a faz ponto de ligação entre as zonas da mata, do sertão e do litoral; apresenta beleza panorâmica, com largas e extensas ruas e avenidas, dotadas de modernas construções residenciais. Tem aspecto de cidade moderna, em franco desenvolvimento, sendo cognominada “Princesa do Sertão”⁹. Está com crescimento demográfico e predial em marcha acelerada para isso contribuindo, também, a atração dos pecuaristas da zona que a elegeram sede de suas residências (Ibid., p. 230).

Na década de 1950, alguns edifícios já se destacavam na paisagem feirense, como os prédios da Euterpe, o da Prefeitura Municipal, o da Mesa de Rendas do Município, o do Feira Tênis Clube, o do Banco do Brasil e o da Escola Normal. No transcurso das décadas de 1950 e 1960, período de tempo enfatizado nessa pesquisa, o seu processo de urbanização se acelera e seu cenário arquitetônico adquire cada vez mais novos traços: há a criação de novos prédios públicos, a exemplo do Estádio Municipal (1953) do Ginásio Estadual Noturno (1957), da Escola de Menores (1957), do Hospital D. Pedro de Alcântara (1957), da Biblioteca Municipal (1962), do Matadouro Frigorífico e dos Currais Modelo (1962), do Museu Regional (1967), do Parque de Exposições João Martins da Silva (1967), do Fórum Filinto Bastos (1967) e da Estação Rodoviária (1967). Outras instalações que surgem são a do Seminário dos Capuchinhos (1956), a do Cine Santanópolis (1958), o do Lions Clube (1958),

⁹ Feira de Santana foi apelidada de “Princesa do Sertão” em 1919, por Ruy Barbosa (cf. PERFIL..., 1998, p.21), quando de sua passagem pela cidade proferiu um discurso em que ressaltou características da cidade. Esse apelido, entretanto, vigorou de tal forma que décadas depois e ainda hoje é utilizado para se referir à cidade, servindo também como uma forma de propagandear sua imagem de cidade mais próspera do interior baiano.

a da agência do Banco do Nordeste (1958), a do Aero clube (1961), a da Diocese de Feira de Santana (1963), a do Clube de Campo Cajueiro (1964), do Ginásio Municipal Joselito Amorim (1966), a da Casa de Saúde Santana (1968) e a da Faculdade Estadual de Educação (1968). Já em fins da década de 1960, às vésperas de vivenciar um período de surto industrial, novas usinas se fixam na cidade, contando especialmente com incentivos do governo estadual e municipal, da SUDENE (Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste) e do Banco do Nordeste, a exemplo da INCONVEG S/A – Indústria e Comércio de Óleos Vegetais (SANTOS, 2003). Apesar disso, a atividade do comércio continuou responsável por boa parcela das receitas do município durante este tempo.

Um fator aliado a estas mudanças foi o aumento vultoso na cifra de habitantes da área urbana: em 1950 estes somavam 34.277, já no censo divulgado no ano de 1970 esse número salta para 134.263, revelando um crescimento quase quatro vezes maior¹⁰. A seca que assolou o nordeste brasileiro por esta época provocou a formação de correntes migratórias rumo ao sul. Feira de Santana acabou se tornando o destino de boa soma de migrantes que, ao cruzarem suas fronteiras, decidiram interromper a viagem e se fixaram na cidade. Este fato também explica a estatística relativa ao seu crescimento demográfico, que a posiciona, no fim da década de 1960, como o maior município baiano, depois de Salvador. Esse período foi também marcado por investimentos importantes na construção e reforma de estradas estaduais e federais que rasgam a cidade, com especial atenção para a rodovia Bahia - Feira, atual BR 324. Na Bahia, o advento de tecnologias ligadas ao petróleo na década de 1950, o desenvolvimento da indústria petroquímica e a abertura e recuperação de estradas, deram um novo alento à sua economia e redefiniram a sua territorialidade (FREITAS, 2000).

O crescimento da cidade de Feira de Santana demandou também mudanças urgentes na sua infra-estrutura e foram acaloradas as discussões na *Folha do Norte* acerca da construção de uma central de abastecimento de água, de uma rede de transmissão de energia elétrica, da engenharia e aquisição de tubulações para a construção de redes de esgotos, da ampliação, pavimentação, segurança e higiene das ruas. Estas demandas foram se resolvendo aos poucos e não por completo, enfrentando sérias dificuldades de ordem política e financeira. A *Folha do Norte* testemunhou a conclusão de muitas obras que deram novas linhas e feições ao espaço urbano, bem como a formulação de projetos que não saíram do papel. Em 1963, por exemplo, chegaram a ser discutidas nas suas páginas vantagens e desvantagens da construção

¹⁰ In: ANUÁRIO ESTATÍSTICO DE FEIRA DE Santana. Feira de Santana: CDL – Camara de Dirigentes Lojistas, 1998, p. 69. neste documento, loc. cit., consta a cifra total dos habitantes da cidade (população urbana mais população rural), que é de 107.205 para o ano de 1950 e de 190.076 para o ano de 1970.

de uma fonte luminosa numa das principais avenidas da cidade, a Getúlio Vargas. Este foi um plano duramente criticado pelos colaboradores do jornal que, nesta época faziam oposição ao prefeito Francisco Pinto¹¹. O planejamento de sua arborização, embora não tenha sido levado a efeito, é outro exemplo de como este espaço estava sendo planejado, conforme a seguinte notícia:

Está pronto o plano de arborização de Feira de Santana. O trabalho foi executado com a assistência técnica de condecorados do assunto. Trata-se sem dúvida, de uma iniciativa merecedora de aplausos e vai atender a um antigo reclamo da Princesa do Sertão. A par disso, a arborização projetada segue os princípios modernos de urbanização das cidades tropicais (ARBORIZAÇÃO..., p. 1, 1957).

De modo geral uma preocupação com aparência de áreas centrais da cidade, com a construção de praças e espaços de lazer, com a arborização e com obras de saneamento e de embelezamento perpassou esses projetos de melhorias urbanas, por ser Feira de Santana porta de entrada para os inúmeros visitantes que dia-a-dia trafegavam pela sua malha viária e mesmo chegavam a transitar pelo seu centro urbano. A idéia de cidade que se moderniza, física e culturalmente, acabou se tornando essencial para caracterizar esse momento da sua história urbana. Em vista disso, essas iniciativas de reelaboração da paisagem urbana foram pensadas.

Considerando-se o notável crescimento desta cidade, e estando na ordem do dia dos feirenses pensar e discutir essas mudanças, fosse no campo da política ou na esfera social cotidiana, tornou-se comum e recorrente a apreensão da cidade como lugar “próspero”, o que diz respeito ainda a um investimento na concepção de uma imagem da cidade que se tornou predominante. “Feira de Santana, celeiro do progresso” foi o título de uma notícia publicada na *Folha do Norte* em 02 de agosto de 1952, página 1, que dá conta dos aspectos urbanos e infra-estruturais da cidade, de seu comércio, indústria, população, rendas públicas e da sua reconhecida feira de gado. E assim introduz:

Apresentamos hoje, o progressista município de Feira de Santana. A “Princesa do Sertão”, de tantas tradições e lutas heróicas pela defesa orgânica do Estado é hoje, uma das células mais importantes da conjuntura municipalista bahiana (sic.) [...] A sede (sic.) do Município, a cidade de Feira de Santana, é uma espécie de Capital do Sertão Bahiano, constituindo um

¹¹ As seguintes notícias, especificamente, discutiram o assunto: CERQUEIRA, Antonio Carlos S. Fonte luminosa. *Folha do Norte*. Feira de Santana, p.1, 28/09/1963; HÁ INCONVENIÊNCIA DA CONSTRUÇÃO DA FONTE LUMINOSA NA AV. GETÚLIO VARGAS. *Folha do Norte*. Feira de Santana, p. 1, 29/02/1964; FONTE LUMINOSA PERTO DA REDE DE 66000 KW PODERÁ REDUNDAR EM CATÁSTROFE. *Folha do Norte*. Feira de Santana, p. 1, 07/03/1964; CERQUEIRA, Antonio Carlos S. A fonte luminosa II. *Folha do Norte*. Feira de Santana, p. 3, 14/03/1964.

movimentado centro de ligação entre o norte e o sul do país, através da rodovia Transnordestina¹². Ao visitante que chega à linda Cidade feirense pela primeira vez, ocorre-lhe logo a surpresa (sic.) de ver inúmeros veículos de cargas transitando pelas ruas e avenidas da Cidade, em cujas placas de licença lê-se os prefixos de Estados como: Ceará, Paraná, Rio G. do Norte, São Paulo, Paraíba, Rio Grande do Sul, Pernambuco, Distrito Federal, Alagoas (sic.), Minas gerais e ainda de outros Estados da Federação, dando-lhe um vivo colorido de Cidade mais brasileira do Brasil (FEIRA..., 1952, p. 1).

Note-se que esta notícia dá ênfase ao colorido da cidade, à sua intensa movimentação que mobiliza gente de vários lugares do país em torno do seu mais destacado evento: a feira. Por possuir um setor comercial bem estruturado, capacitado para atender a uma demanda diversificada de consumidores, para o que contribui a sua localização geográfica num importante entroncamento rodoviário do Nordeste brasileiro, o redator da notícia lhe confere ainda o título de “Capital do sertão baiano”, elevando a sua importância a nível nacional. Porém, não eram apenas os aspectos urbanos e o dinamismo das atividades comerciais em Feira de Santana que permitia que, pelo menos discursivamente, nas páginas da *Folha do Norte*, ela fosse apresentada como cidade moderna. Além disso, os hábitos e comportamentos sociais, de modo geral, deveriam condizer com essa situação de “modernidade”, legitimar essa nova condição da cidade. Este cenário não se descuidou em realçar esta faceta da sociedade feirense, buscando indicar a vinculação da população com as mudanças que se processavam. Assim, foi comum em cada ato de inauguração de obras do governo municipal ou a cada evento cultural sediado em Feira de Santana, que os colaboradores da *Folha do Norte* tecessem considerações sobre a cidade enfatizando seu desenvolvimento e elogiando ou incentivando a população a adotar hábitos condizentes com o ambiente “civilizado”. Para citar um exemplo, falando sobre o “Concerto de Piano do Prof. Manoel Augusto dos Santos: noite de arte no Feira Tênis Clube”, que aconteceu em fevereiro de 1952, a notícia destaca que:

O grande sucesso do concerto de Manoel Augusto provou sobejamente que Feira de Santana já possui um público capaz de sentir e aplaudir a boa arte, uma mentalidade promissora de ambiente fértil, onde grandes artistas encontram certa receptividade, tão rara nas nossas cidades do interior. E isto vem despertando nos intelectuais e jovens feirenses a idéia da fundação de uma Sociedade de Cultura Artística¹³, que muito poderá fazer pelas coisas da inteligência da nossa terra. Tal iniciativa é das que merecem todo o apoio dos que amam verdadeiramente esta adorável Cidade (CONCERTO..., 1952, p. 4).

¹² O redator da notícia cometeu um equívoco, pois a rodovia Transnordestina não passa por Feira de Santana. Muito provavelmente ele estava se referindo à BR 116.

¹³ Sobre a fundação da Sociedade de Cultura Artística de Feira de Santana/SCAFS, que ocorreu na década de 1950, ver segundo capítulo, tópico 2.2.

A *Folha do Norte* cumpriu ainda um papel pedagógico ao estabelecer idéias de cidade e de cidadão propagadas em notícias, crônicas, contos e poemas, criando e difundindo padrões que influenciavam os pontos de vista da população como um todo acerca do espaço em que viviam e de como deveriam viver nesse espaço. Mas esses padrões também eram importados de outras sociedades, vistos em notícias que falavam a respeito das cidades mais adiantadas do Brasil e do mundo. De um modo geral e em escala nacional, no que se refere aos padrões sociabilidade que se tornaram influentes para a conformação de novos estilos de vida ainda na década de 1950, estes foram encontrados nas nações desenvolvidas, recém saídas da segunda guerra mundial e tecnologicamente mais adiantadas, principalmente nos Estados Unidos. No Brasil a aspiração à ascensão individual tornou-se forte tendência e se traduziu através do crescente hábito consumista (MELLO; NOVAIS, 1998, p. 572). Nessa conjuntura cresce a participação social de mulheres no mercado de trabalho e nas instituições de ensino superior. O cronista feirense Hugo Navarro Silva, por exemplo, para se referir às mudanças de hábitos sociais notadas no início desta década, chega a destacar em uma crônica que em Feira de Santana “as moças bebem *whisk* e fumam cigarro americano” (MEU CARO..., 1951, p. 1).

Nestes “anos dourados” o Brasil viveu um intervalo de épocas marcadas por regimes ditatoriais. A retomada dos ideais democráticos foi assinalada por um grande debate sobre as alternativas políticas que deveriam orientar o desenvolvimento brasileiro (ABREU, 1996, p. 13). Instituições como o ISEB (Instituto Superior de Estudos Brasileiros), responsáveis pela formulação de projetos para a construção de uma política econômica nacional, adotaram o ideário nacional-desenvolvimentista, nos moldes da CEPAL (Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe), que basicamente apregoou a necessidade de um investimento maciço na industrialização brasileira, conforme Guido Mantega (1984). Indústria e rodovias foram palavras de ordem no governo Juscelino Kubitschek¹⁴ (1960-1976), que incentivou ainda a rápida urbanização do país. No Nordeste brasileiro, foi por intermédio da SUDENE e do Banco do Nordeste que a construção de algumas áreas industriais se efetivou, inclusive na cidade de Feira de Santana, em fins da década de 1960, quando foi instalado o Centro Industrial do Subaé — CIS.

Ao longo desse decênio, particularmente, se discutiu com mais tenacidade nas páginas da *Folha do Norte* o desenvolvimento urbano e cultural de Feira de Santana, que deveria estar à altura de um empreendimento tão vultoso como o da sua industrialização. São apontados aí alguns problemas na infra-estrutura da cidade que no início dos anos 1960 ainda eram

¹⁴ Juscelino Kubitschek foi presidente do Brasil entre os anos de 1956 e 1961.

entraves a serem suplantados, como a ampliação dos serviços de energia elétrica, de água encanada e de redes de esgotamento sanitário na área urbana feirense. Aos poucos soluções foram sendo encontradas, ainda que parcialmente, de modo que em 1970 foi instalado o CIS, conforme previsto no Plano de Desenvolvimento Local Integrado de Feira de Santana, lançado um ano antes (SANTOS, 2003).

Todas essas notícias podem ser acompanhadas nas páginas da *Folha do Norte*, em meio à diversidade de publicações que sustinha as suas edições semanais. Curioso notar que foi sobretudo na década de 1960 que o jornal esteve com as suas atenções mais voltadas para os projetos de urbanização e de industrialização de Feira de Santana, que estavam na ordem do dia. Por outro lado, o espaço para publicação de literatura, por exemplo, ficou escasso. O noticiário local adquire mais destaque em suas páginas e a literatura aparece vez ou outra para preencher um branco ou finalizar uma edição.

Isso também está relacionado às mudanças políticas que acometeram o país em 1964. O golpe militar e a instalação de uma ditadura inauguraram para os jornais brasileiros a fase mais sombria de suas existências. A censura imposta, os empastelamentos e as perseguições políticas obrigaram o fechamento de várias tipografias. A maioria dos jornais só conseguia sobreviver se se mostrasse favorável ao regime, mesmo que utilizassem meios dissimulados de contestação. A cidade de Feira de Santana vivenciou todas as truculências que marcaram o a época da ditadura militar em todo território nacional. E a *Folha do Norte* não deixou de passar por situações semelhantes de investigação e reprimendas. Nesta época, as atenções do jornal se voltaram para a atuação dos prefeitos indiretamente nomeados, para sua agenda de atividades na cidade, sendo que elogios às suas competências aliados às idéias de que a modernidade e o progresso enfim foram alcançados a partir de seus feitos tornaram-se bastante comuns. Nesta época, as primeiras páginas sempre traziam notícias sobre obras e realizações em andamento e de inaugurações que anunciam novidades na estrutura urbana e social feirense, mostrando uma atmosfera de bonança e progresso, quando, na verdade, a população vivia sob vigília e contínuas ameaças.

No campo da cultura artística, o início da segunda metade do século XX foi marcado no Brasil pela invenção da Bossa Nova, redirecionando as tendências da música popular brasileira, pelo surgimento do Cinema Novo, que teve no cineasta feirense Olney Alberto São Paulo uma das suas mais altas expressões, pela renovação no seio do pensamento católico e ainda na temática do teatro, que buscaram aprofundar debates acerca de problemas políticos e sociais que dia-a-dia afetavam a vida de milhares de brasileiros e se insinuavam como demonstrações do subdesenvolvimento. Esta foi a época em que a chamada “geração de 45”,

voltada para a pesquisa sobre as diversas manifestações da linguagem, se caracterizou formalmente pelo concretismo e pela poesia politicamente engajada, sendo que o romance regionalista se atualizou e se sofisticou, mostrando a tendência para uma literatura mais introspectiva (ABREU, op. cit.). Além dessas novidades mais gerais no campo cultural, o fato de a seleção brasileira de futebol ter vencido pela primeira vez uma Copa do Mundo em 1958, e de a população nacional ter assistido por meio de jornais e revistas a construção de Brasília, que a partir de 1960 tornou-se a nova capital nacional, apresentando um projeto arquitetônico moderno, foi de fundamental importância para a percepção de que o país havia entrado numa nova era.

Em Feira de Santana, todas essas novidades puderam ser lidas na *Folha do Norte*, mostrando ao feirense que o Brasil vivia um momento de consolidação de sua economia e de viva criação cultural. No âmbito da própria cidade, também todos os avanços e novidades que paulatinamente se inseriam em seu cenário urbano, modificando as formas de compreensão que, de um modo geral, seus habitantes tinham deste lugar, davam a entender que se tratava de um lugar civilizado. Por outro lado, situações que podem ser entendidas como cenas de “incivilidade”, verificadas nos espaços de circulação pública da cidade, eram ainda denunciadas no jornal como grave contradição com o momento vivido historicamente, de desenvolvimento econômico e crescimento urbano. As ruas da cidade eram principalmente os lugares onde os problemas se concentravam de forma contundente: policiamento precário, lâmpadas queimadas nos postes, necessidade de calçamentos, esgotos a céu aberto atraindo insetos, além de ser um espaço onde a matança de suínos era comum e os animais circulavam soltos, sendo manifesta a falta de asseio. Outro problema veementemente discutido e criticado pelo jornal foi o jogo do bicho, que foi proibido no Brasil em 1946, pelo presidente Eurico Gaspar Dutra¹⁵ (1883-1974). Além disso, a precariedade dos serviços de energia elétrica e de água encanada também se tornou assunto de crônicas que admoestavam esse descompasso entre o crescimento urbano que, ao menos discursivamente, era notado como fator de progresso da cidade, e todos os problemas estruturais e sociais que esse crescimento tende a provocar, necessitando serem sanados pelos poderes públicos. Contudo, é curioso que para denunciar problemas de toda ordem constatados na cidade, alguns colaboradores do jornal preferissem começar mostrando a sua face agradável, como se não quisessem deixar dúvidas sobre o progresso da cidade, se bem que certos obstáculos ainda precisassem ser superados. A

¹⁵ Eurico Gaspar Dutra foi presidente do Brasil de 1946 a janeiro de 1951.

notícia “Por carência de água, Feira não deixara de ter matadouro frigorífico”, por exemplo, de 16 de agosto de 1952 (p. 4), o jornalista inicia com o seguinte comentário:

O que impressiona ao chegar em Feira de Santana é o aspecto dinâmico, envolvente, que empolga o visitante. O seu progresso está atingindo um nível que nenhuma cidade do interior bahiano possue (sic) atualmente. De cidade pacata, tranqüila que era, — aspecto comum a toda cidade sertaneja — se viu colhida as vésperas do desenvolvimento que a atinge agora de maneira surpreendente. As casas se multiplicam, as ruas se prolongam, o tráfego se intensifica, os carros caminhões e ônibus de toda a parte, do norte e do sul do País, gente de todos os quadrantes aqui se encontram no azafama de um trabalho construtivo que demonstra bem o que a Feira de Santana será num futuro próximo.

Na década de 1960, Feira de Santana já havia se tornado um importante centro urbano, às vésperas de compreender um período de surto industrial. Principalmente por intermédio da *Folha do Norte* os feirenses acompanharam as inovações que movimentavam o Brasil e o mundo, as inovações tecnológicas, os avanços da ciência e as principais mudanças no cenário econômico e político brasileiro e baiano. Os lançamentos de novos modelos automobilísticos, das primeiras “Rural-Willys” fabricadas no país, de eletrodomésticos como o ar condicionado, a enceradeira, a televisão e de tudo o mais que naquele momento significava que um novo tempo marcava a economia em escala mundial, foram novidades que se tornaram notícia nas páginas desse semanário para quem quisesse acompanhar a atualidade. Vez ou outra estas novidades ou mesmo certos acontecimentos de ampla repercussão no país, no Estado ou na cidade se tornavam motivos de criação não só de notícias, mas também de crônicas e poemas.

O fato de Feira de Santana ter se tornado um entreposto de importância vital no Estado da Bahia reclamou a construção de ideais de cidade que destacavam certas qualidades de sua paisagem e sociedade. O desenvolvimento comercial feirense e o avanço de sua urbanização lhe instituíram um ritmo mais pressuroso, gerando um tipo de concepção que buscava tornar manifesta a modernidade do seu espaço e de seus costumes. Esta concepção da cidade difundida na *Folha do Norte* e afinada com interesses de empresários, intelectuais, políticos e administradores locais, a havia convertido ainda em pólo de atração de investimentos na sua economia e ainda de imigrantes, vindos especialmente de cidades nordestinas, sendo por isso chamados de “nortistas”, que vinham somar consideravelmente o seu contingente demográfico. A despeito, objetivava-se consolidar uma imagem positiva da terra, conveniente aos propósitos de seus idealizadores, que igualmente buscavam ocultar contradições inerentes à sua elaboração cotidiana.

Essas imagens preponderam e encerram sentidos essenciais à nutrição de um gozo pela sua trajetória histórica e pela sua memória, que comumente põem em primeiro plano as

inovações na estrutura urbana, o desempenho de personalidades de proeminência econômica, política e social, bem como a eleição de e admiração por heróis locais, exemplos de cidadãos, como Maria Quitéria, amiúde lembrada pelo sentimento cívico com que decidiu suas atitudes em defesa da nação brasileira. Apesar disso, quando convinha, geralmente em épocas em que o jornal fazia oposição a determinados grupos políticos no poder local, os redatores da *Folha do Norte* não se eximiam de mostrar conflitos, lutas, mazelas, contra-sensos, queixas, confrontamentos e tensões sociais estampados no dia-a-dia da cidade como marcas indeléveis do processo de construção sentimental e real do espaço urbano feirense. no que diz respeito ao jornal *Folha do Norte*, é importante ter em vista que a ênfase que se dá a certas notícias depende de vínculos entre o jornal e os partidos da situação. Ou seja, os discursos aí publicados representam interesses e expectativas de um grupo social restrito que está à frente do governo da cidade e/ou que compõem suas elites. Em todo caso, no estudo de construções discursivas, é importante considerar que, como afirma Nicolau Sevcenko (1999, p. 247),

Todo discurso criativo assinala um ato fundador, na medida em que nomeia situações e elementos imprevistos, conferindo-lhes existência e lançando-os na luta por um espaço e uma posição, no interior das hierarquias que encerram as palavras encarregadas de dizer o mundo conhecido e compreendido.

Esse foi um panorama geral que caracterizou a cidade de Feira de Santana nas décadas de 1950 e de 1960. Foi nesse ambiente que viveu os escritores da cidade que, nessa época, publicaram suas criações literárias na *Folha do Norte*. Certamente, esse quadro de mudanças urbanas e culturais que configurou esse espaço também influenciou temas e idéias verificados em muitas composições literárias. Por isso é de capital importância compreender que lugar é esse e quais processos históricos dão à tônica da sua reelaboração cotidiana, já que o próprio tempo em que nascem essas composições também possibilita apreender melhor os motivos, interesses e percursos adotados pelos escritores.

Igualmente importante é compreender o meio de divulgação dessas criações literárias, e as suas peculiaridades técnicas, gráficas e político-ideológicas. A *Folha do Norte* é um documento fundamental para a investigação das práticas literárias de escritores feirenses que ganharam suas páginas e, a partir daí, alguma notoriedade social entre os leitores da cidade. esse periódico fez largo capítulo da história da literatura e da cultura em Feira de Santana. a apresentação de sua trajetória histórica, bem como das suas principais características e da importância sócio-cultural desse veículo para a divulgação de literatura é o objetivo do próximo tópico.

1.3 TOPOGRAFIA DE UM OBJETO: O JORNAL *FOLHA DO NORTE*

A *Folha do Norte* é o mais antigo jornal em circulação na cidade de Feira de Santana¹⁶. Surgiu um século depois da primeira publicação periódica legalmente permitida no Brasil, a *Gazeta do Rio de Janeiro*¹⁷. Fundado em 1909, pelo coronel Tito Ruy Bacelar¹⁸, pecuarista que exerceu cargos políticos no município, se estabeleceu como instrumento de promoção da figura e das opiniões políticas de seu criador. Com a morte de Bacelar, em 1910, o jornal se tornou propriedade dos irmãos Arnold, Dálvaro e Raul Silva (OLIVEIRA, C., 2000), que já trabalhavam nele desde o seu aparecimento e construíram uma carreira jornalística baseada especialmente na experiência técnica¹⁹. Desde então, o jornal se manteve sob a liderança de descendentes dessa mesma família. Como alguns deles também atuaram na vida política local, tendo ocupado funções importantes na Prefeitura e na Câmara Municipal²⁰, a *Folha do Norte* serviu ainda como tribuna de divulgação de suas idéias.

Na preparação do jornal estavam em jogo as forças políticas que atuavam na cidade e, portanto, as próprias idéias de cidade. Segundo Ana Angélica Morais (1998), a *Folha do Norte* veio substituir o extinto jornal *O Progresso*²¹, no tocante às denúncias ao quadro político local. Em seus números iniciais visou delatar o que apontava como práticas

¹⁶ O jornal *Folha do Norte* teve sua primeira publicação em 17/09/1909 e não cessou de ser editado até os dias atuais. Até o momento é sabido que o primeiro jornal que surgiu na cidade de Feira de Santana foi *O Feirense*, em 1862, semanário que se estabeleceu como órgão oficial do governo municipal. Conforme POPPINO, Rollie. E. *Feira de Santana*. Tradução de Arquimedes Pereira Guimarães. Salvador: Itapuã, 1968, p. 220.

¹⁷ Até 1808 as tipografias eram proibidas no Brasil, pois havia o perigo da disseminação de idéias revolucionárias. Essa situação só mudou com a chegada da Família Real portuguesa ao Brasil. Houve então a criação da *Gazeta do Rio de Janeiro*, nesse mesmo ano, mas o conteúdo deste jornal era passado por censuras antes de chegar ao público, mantendo a ordem. LUCA, Tânia Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). *Fontes históricas*. São Paulo: Contexto, 2005, p., pp. 133.

¹⁸ O coronel Tito Ruy Bacelar foi intendente na cidade de Feira de Santana de janeiro de 1904 a abril de 1906. In: Anuário Estatístico de Feira de Santana, 1998, CEI, p.40.

¹⁹ Em fins da década de 1930 começa o processo de profissionalização da carreira jornalística no Brasil, com a instalação das primeiras associações e sindicatos do grupo e a exigência de diplomas emitidos por cursos credenciados para o exercício da profissão. O primeiro curso superior de jornalismo só é institucionalizado em 1947, e começa funcionar na Faculdade Casper Líbero, integrada à Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de São Bento, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Em 1969 regulamenta-se a profissão e exige-se o diploma de curso superior para seu exercício, conforme o decreto-lei 972, cujas alterações estão estabelecidas no decreto 65.923 e 83.284. In: ROCHA, Paula Melani. A profissionalização no jornalismo e o mercado de trabalho para mulheres no estado de São Paulo. *Revista Jurídica Eletrônica UniCOC*, home page da revista jurídica, v. v.2, n. n.2, p. 15, 2005.

²⁰ Arnold Silva foi intendente de Feira de Santana de janeiro de 1924 a dezembro de 1927 e foi prefeito também desta cidade de 1959 a 1962.

²¹ O jornal *O Progresso* surgiu em Feira de Santana no ano de 1882, voltando a ser novamente editado em 1900, conforme pesquisa realizada por Carlos Melo sobre a imprensa de Feira de Santana.

discricionárias da administração do Coronel Abdón Alves de Abreu, intendente de Feira de Santana e adversário político de Tito Ruy Bacelar, de quem venceu o pleito de 1907²². Passado o clima de tensão política, em que se acusou a degeneração material e social do município e quando, por isso, se abdicou provisoriamente da idéia de lugar “civilizado” para distinguir a cidade de Feira de Santana (SILVA, A., op. cit.) em discursos apregoados pela *Folha do Norte*, este jornal encontrou em uma conjuntura política favorável, na gestão do Coronel Bernardino da Silva Bahia²³, encetada em 1912, a ocasião propícia para recompor a imagem positiva da cidade, como observa Aldo Silva. A partir de então, novamente o adjetivo “civilizada” tornou a ser usual em discursos anunciados pelo periódico, sintetizando o caráter, a essência da cidade. Contudo, nas épocas em que Feira de Santana foi gerida por grupos políticos aos quais o jornal se opôs, essa designação voltava a ser recusada (SILVA, A., 2000). Isso demonstra que a elaboração e a divulgação de idéias de cidade na *Folha do Norte* não só levava em conta o clima político que se conformava no município a cada eleição, como ainda o posicionamento dos dirigentes e redatores do jornal diante dessas novas situações do poder local.

Assim, a cidade de Feira de Santana era concebida pelo jornal como uma “comunidade imaginada”, simbólica (HALL, 2005), isto é, uma cidade que é representada conforme as necessidades e os interesses políticos e ideológicos daqueles que elaboram a *Folha do Norte*, que não refletem fundamentalmente todas as suas facetas sociais e culturais, mas elegem imagens e idéias que melhor se articulam com a posição que ocupa o jornal nesta sociedade.

A *Folha do Norte* é um semanário que comumente se apresenta com quatro páginas²⁴, em formato berliner²⁵, seccionadas em 6 colunas de 5 cm cada. Os textos de responsabilidade do jornal eram compostos em corpo 10 sobre entrelinha 11, sendo que havia máximo aproveitamento de todos os espaços, resultando numa diagramação cerrada, sem plasticidade, apresentando brancos somente nos anúncios. A maioria das edições das décadas de 1950 e 1960 não possuía manchete e geralmente não havia uso de verbos nos títulos das matérias. Havia em cada exemplar do jornal uma ampla variedade de informações: artigos de política, medicina ou direito, notas policiais, esportivas e fúnebres, indicadores, literatura, reclamos, propagandas oficiais e extra-oficiais, dísticos, conselhos de saúde e beleza, colunas sociais e

²² O coronel Abdón Alves de Abreu foi intendente na cidade de Feira de Santana de janeiro de 1908 a outubro de 1912. In: ANUÁRIO ESTATÍSTICO DE FEIRA DE SANTANA, 1998, CEI, p.40.

²³ Bernardino da Silva Bahia foi intendente de Feira de Santana por três vezes: de janeiro de 1912 a dezembro de 1915, de janeiro de 1920 a dezembro de 1921 e de janeiro de 1922 a dezembro de 1923. In: ANUÁRIO ESTATÍSTICO DE FEIRA DE SANTANA, 1998, CEI, p.40.

²⁴ Quando necessário, as páginas do jornal eram ampliadas para seis, oito, doze ou dezesseis.

²⁵ Meio termo entre o tablóide e o standard, com páginas que medem 315 mm X 470 mm. As páginas da *Folha do Norte* medem 32 X 47 cm.

religiosas, notícias locais. O noticiário nacional e internacional era geralmente reproduzido de jornais do Rio de Janeiro, São Paulo e Belo Horizonte e/ou de agências de notícias como, entre outras, a *Globe Press*, *Nossa Press*, *Press Continental*, USIS, SII, BNS, MPIB, Agência Planalto e AN.

Tânia Regina de Luca (2005) pondera que jornais e revistas não são, no mais das vezes, obras solitárias, mas empreendimentos que reúnem um conjunto de indivíduos, o que os torna projetos coletivos, que agregam pessoas em torno de idéias, crenças e valores que se pretende difundir a partir da palavra escrita. Assim, é também instrumento de manipulação de interesses e de intervenção na vida social. Pressupõe-se que, de um modo geral, para a triagem do que seria divulgado na *Folha do Norte* levavam-se em consideração as relações profissionais e particulares e as afinidades político-ideológicas entre colaboradores e diretores. As decisões a propósito do que publicar, da natureza dos conteúdos, da ordem a ser estabelecida na disposição das notícias no papel, passavam sempre pelo crivo das idéias políticas comungadas pelo grupo que produzia o hebdoadário. Toda organização gráfica e a linguagem utilizada estavam relacionados à linha ideológica praticada pelo jornal. E tudo isso era pensado, inclusive, supondo-se o público possível.

Órgão de divulgação de atividades, discursos e atos do poder legislativo e executivo do município, a *Folha do Norte* mostra na elaboração das matérias vínculos com os interesses dos grupos econômicos e instituições políticas que apóia. E não hesita em acusar os descasos e abusos de seus adversários, já que era prática comum a de os colaboradores mencionarem em artigos ou crônicas opiniões pessoais relativas aos assuntos em pauta, fazendo do jornal arena de debates acalorados, animando o ambiente político da cidade.

Trata-se de um jornal provinciano, noticioso, que fabrica apenas a notícia local e se vale da publicidade oficial. Publica notas diversas (fúnebres, de congratulações, exonerações, convites, apelos, agradecimentos, boas-vindas, despedidas, etc.), indicadores e avisos de toda ordem (sobre cursos, inaugurações, convocações de assembléias sindicais, perda de objetos, batizados, noivados, casamentos, formaturas, aniversários, exposições artísticas, horários de missas, advertências, etc.), escritos por ou a pedido de pessoas que têm no jornal um espaço ordinário e, amiúde, principal de correspondência e comunicação entre os habitantes de Feira de Santana. Repetidas vezes pessoas da cidade publicavam lembretes, composições poéticas, cartas e crônicas acompanhados de dedicatórias ou mesmo pondo a inscrição “homenagem” no título ou contígua ao título, ofertando-as a amigos, parentes e até a autoridades políticas ou religiosas, fazendo do jornal um espaço de relações domésticas. Havia um tom pessoal nos anúncios e avisos, e mesmo as criações literárias, algumas vezes, mostravam certa intimidade

que parecia indicar ou indicava exatamente de quem se tratava o destinatário. Flora Süsseking (1987) descreve os primeiros anúncios que surgiram no jornalismo brasileiro e sua caracterização é similar ao que se vê na *Folha do Norte*:

Mercadorias curiosas, especiais; diversões inusitadas, como a presença de mágicos ou a temporada de alguma companhia lírica estrangeira; recados pessoa a pessoa — assim eram esses primeiros anúncios. Quase caseiros, às vezes assumiam claramente o aspecto de correspondência particular (Ibid., p. 61).

Com efeito, a *Folha do Norte* criou estratégias para ampliar seu público potencial e, com isso, lucrar mais, já que é mercadoria e não pode ser bem entendida fora de uma lógica comercial. Logo na capa, na primeira página, é comum que o jornal faça um apelo visual, uma espécie de auto-publicidade, para seduzir a atenção do leitor e incitar a sua compra, como ressalta Tânia de Luca (op. cit.).

No decorrer dos seus primeiros anos de existência, a *Folha do Norte* se tornou o mais importante noticiário feirense e, afirma Rollie E. Poppino (op. cit., p. 220), em 1950 “era o jornal mais lido de todo o interior da Bahia”. Muitos jornais que surgiram em Feira de Santana no século XIX, até no máximo o decênio de 1960, tiveram duração provisória e basicamente pretendiam efervescer o ambiente político da cidade em períodos pré-eleitorais²⁶. Poppino verifica que não houve um esforço orientado para o arquivamento das publicações surgidas nesse período e, em razão disso, é difícil calcular o número exato dessa quantidade. De fato, por muito tempo Feira de Santana não teve uma hemeroteca que possuísse e administrasse essas coleções, o que possivelmente começou a acontecer com a

²⁶ Contou-se com a contribuição do pesquisador Carlos Melo, membro da Academia Feirense de Letras, que é estudioso da história de Feira de Santana. Melo também trabalha na *Folha do Norte* há alguns anos e teve o interesse de pesquisar os jornais e periódicos que surgiram na cidade até a atualidade. Assim, foi aos arquivos da Biblioteca Municipal Arnold Silva e ao Arquivo Público de Feira de Santana e compilou essas informações. De acordo com o seu levantamento, apresento os periódicos que surgiram na cidade de Feira de Santana até o fim da década de 1960: O Feirense (1862, surgindo depois em 1919), O nacional (1963), O mercantil (1868), O comercial (1866/1877), Gazeta do Povo (1868/1891/1897/1959), O duende (1875), O motor (1876), O capítulo (1877), O eco feirense (1878), O vigilante (1879/1883), A união (1881), Correio da Feira (1881), A chapa (1882), O progresso (1882/1900), Diário mercantil (1882), O conservador (1883), A convicção (1884), Correio de Notícias (1885), Jornal da Feira (1885), O esforço (1886), O notificador (1886), Cidade da Feira (1888), A época (1889), A reação (1889), O bilontra (1889, surgindo depois em 1907), O município (1892/1908), O tentâmen (1904), O porvir (1896), O propulsor (1896), A parasita (1899), O clarim (1899), O pandego (1899), O rabequista (1899), O século (1899), A carapuça (1900), A metralhadora (1900), O aquidaban (1900), O bem-te-vi (1900), O monóculo (1900), O propugnador (1900/1906), A mocidade (1901), A alvorada (1902), O memphisto (1903), O abelhudo (1904), A república (1905), A vitória (1905), O faceto (1905), O reclamo (1905), A metralha (1907), O farpão (1907), O garoto (1907), O rompe rasga (1907), O vesúvio (1907), O autônomo (1909), O Proscênio (1912), O republicano (1912), A evolução (1917), A feira (1922), Do povo (1922), A flor (1921), O clamor (1931), O grito (1932), Folha da Feira (1932), Correio Feirense (1943), A luz (1951), Diário da Feira (1951), O combate (1952), O coruja (1953), A gazeta (1958), Situação (1966), Tribuna popular (1967), Vanguarda (1968). Documento digitado. Inédito.

preparação do acervo da Biblioteca Municipal Arnold Silva, inaugurada em 1953. No entanto, ainda segundo Poppino (1968), coletâneas incompletas indicam que pelo menos 58 periódicos surgiram na cidade entre 1860 e 1950, sendo que “a maioria esmagadora das publicações teve curta duração. Um terço do total viveu menos de um ano, enquanto poucos passaram de quatro anos” (p. 220). Diferentemente desse perfil que predominou na imprensa periódica da cidade, os diretores da *Folha do Norte* jamais suspenderam suas edições semanais, que circulavam as segundas-feiras, dia de agitação e movimento intenso na cidade, quando se realizava a famosa feira livre e a feira de gado de Feira de Santana. Nessa ocasião, esperava-se um amplo consumo do jornal e, logo, que o alcance de suas notícias fosse mais bem repercutido.

Embora a *Folha do Norte* tivesse se tornado um veículo de comunicação de importância vital para o município de Feira de Santana, Poppino (Ibid, loc. cit.) assegura que “a importância da imprensa local diminuiria consideravelmente” em 1950, porque as comunicações pelo rádio passaram rapidamente a fazer parte do cotidiano dos feirenses. Na cidade, duas estações de rádio, a ZYN-37, da Rádio Sociedade de Feira de Santana, inaugurada 1948, a ZYN-24, da Rádio Difusora Cultura de Feira de Santana Ltda., inaugurada em 1950, passaram, então, a concorrer com o jornal no mercado de notícias. Apesar disso, surgiram na *Folha do Norte* colunas dedicadas ao rádio, como “Rádio — Locutores & ouvintes”, assinada por João Fazdeconta; “Por detrás do microfone”, por João Querendocrer; “Literatura e rádio” e “Rádio Local”, estas não assinadas, sendo que as últimas edições da *Folha do Norte*, de 1967 a 1969, publicaram crônicas sobre “Os melhores da rádio” de cada ano, escritas por Rossini Souza.

Além do rádio, outro meio de comunicação que apareceu no ano de 1950 em Feira de Santana, também ornamentando as ruas centrais da cidade, foi o alto-falante. “Dois alto-falantes, de propriedade, respectivamente, dos jornais *Voz do Norte* e *Constelação* divulgam notícias, músicas e anúncios, o dia todo, na cidade” (Ibid., loc. cit.). Para Poppino (Ibid.), esses dois meios de comunicação vieram a competir com jornal, que foi perdendo o *status* de mais importante veículo de informações e entretenimento em Feira de Santana. A esse respeito, Poppino (Ibid., p. 221) assegura que na década de 1950

[...] os serviços do rádio e do alto-falante haviam deslocado os jornais da cidade como os principais divulgadores de notícias, ao mesmo tempo que, com o desenvolvimento do transporte aéreo e pela rodagem dos jornais diários da Cidade do Salvador e do Rio de Janeiro, passaram êstes a ter maior número de leitores no município. Só dois jornais, a *Vanguarda*, fundado em 1949, e a *Folha do Norte* se imprimiam, em 1950, em Feira de Santana.

Apesar das considerações apontadas pelo brasilianista Rollie E. Poppino em *Feira de Santana* (1968), a *Folha do Norte* desfrutava de considerável prestígio social, mesmo porque àquela altura era um jornal que havia resistido às adversidades que provavelmente vieram dificultar a continuidade de sua confecção, diferentemente de todos os outros jornais que surgiram na cidade. Era um jornal antigo e respeitado, entrosado com a vida da cidade, com a sua dinâmica e, além disso, era instrumento de divulgação de publicidade oficial, motivo mais forte pelo qual sua permanência se fazia importante. Algumas vezes, geralmente em edições comemorativas, chegou a publicar reportagens especiais em que certos colaboradores teciam considerações sobre o seu valor para a sociedade feirense. O acróstico de Jonas Silva de Lima, diretor do serviço de divulgação do Centro Cultural Recréo-educativo Monsenhor Almícar Marques, CCREMAM, publicado em 23 de setembro de 1967, na ocasião do 58º aniversário do jornal, aponta mesmo para uma visão do que representou no passado e do que representa o periódico para cidade, naquele momento específico, conforme seu ponto de vista:

Feliz, bem feliz aniversário
Órgão da “Princesa do Sertão”
Líder leal, constante, altruísta,
Honroso e modesto semanário
Amigo d’arte e da tradição

Dum povo culto, bom, progressista!
Olvida, agora do teu fadário

Negras fases. E com atenção
Ouve o saudar do pobre versista:
Renove, Deus, teu dom ordinário
Teu valor, teu brio... E a afeição,
Entre nós, por ti, sempre persista (LIMA, 1967, p. 2)

Nestes versos, Jonas Lima estabelece certas qualidades que identifica no jornal, suas características mais aprazíveis na sociedade. Em particular, dizer que o jornal cultivava o gosto pela arte era sinônimo de prestígio e indicava sintonia com a cultura. E o fato de pertencer a uma tradição, cultivada pelo seu tempo de existência nesta sociedade e, mais que isso, de ser o único que até o momento na história da cidade havia conseguido sobreviver por um período longo, era mais um fator de prestígio para o jornal. Mas atenta para o fato de o jornal estar passando por momentos críticos. O próprio ano em que o poema foi publicado diz, de antemão, alguma coisa a respeito dessa crise. A ditadura militar foi cruel com os jornais, extinguiu muitas tipografias e só deixou permanecer os órgãos pró-governo. Em vários momentos da história da imprensa brasileira, jornais foram silenciados. Em regimes

autoritários, foram obrigados a difundir propaganda política favorável, apesar de ter havido formas sutis de contestação.

Em 14 de junho de 1958 foi publicada na primeira página da *Folha do Norte* a crônica “Beneméritos e Heróicos”, de Demóstenes Martins, em que o assunto foi o próprio jornal, um jornal que, àquela altura, já contava com “meio século de fecundo e ininterrupto labor” na “encantadora e progressista cidade” de Feira de Santana. Reconhecendo as dificuldades de instalação e de permanência diuturna dos jornais que circulam em cidades de pequeno e médio porte, Demóstenes Martins verifica que os quase cinqüenta anos do jornal “de profícua existência”, celebrados naquele ano, era motivo de justa comemoração, pois que, segundo ele, o jornal representava um “valioso patrimônio social, intelectual e moral”. Por isso, argumenta serem dignos do título de “Beneméritos e heróicos” os seus fundadores e continuadores. E justifica:

Porque — diga-se a verdade — é muito heroísmo, é muito idealismo, é muito labôr e muita fibra de lutador, fundar se um jornal numa pequena cidadela como deve ter sido, certamente, a “Princesa”, nos remotos idos de 1909, quando a instrução, nas suas linhas gerais, era ainda por demais precária; repetimos — é trabalho heróico, sómente digno de homens predestinados a se projetarem, futuro à dentro, com os olhos fitos nas eminências alcandoradas de um grande ideal (MARTINS, 1958, p. 1).

Este cronista toca num ponto capital: as condições sociais e culturais de repercussão e o consumo da *Folha do Norte* na sociedade feirense no início do século XX. A precariedade do sistema educacional e o grave problema do analfabetismo eram considerados empecilhos poderosos, condições adversas à comercialização do jornal. Além disso, a cidade era ainda pequena e carecia de uma infra-estrutura urbana básica mais eficiente, que pudesse atender as necessidades de toda população. Os jornais que surgiram em Feira de Santana, até a o início da segunda metade do século passado, tiveram uma função clara: estimular a opinião pública a favor de determinadas personalidades políticas que pretendiam ter nas mãos o poder de gerir a cidade. Este foi o motivo principal da origem de muitos jornais feirenses, como também da *Folha do Norte*.

Por outro lado, Demóstenes Martins também observa que no momento atual em que escreve a sua crônica mudanças fundamentais que já havia modificado consideravelmente as redes de comunicações no Brasil e no mundo. Ele verifica um descompasso crucial entre os avanços da modernidade e a ainda difícil situação do sistema educacional do país, expressa na elevada taxa de analfabetismo. O cronista reconhece que somente uma parcela restrita da população era instruída. Se, por um lado, isso pode ser ponderado como um empecilho à

comercialização dos jornais, por outro, há que se considerar que a opinião pública animada pelo jornal também conseguia se difundir de boca em boca. Na esfera da oralidade, as notícias repercutiam em diversos ambientes sociais.

Continua Martins, cometendo certos exageros:

Devemos considerar que, apesar de já estarmos nos aproximando do maravilhoso advento das comunicações inter planetárias, quando o homem poderá vislumbrar uma nêsga do infinito cósmico, ainda pôde se afirmar que o brasileiro não lê, sabido como é que, sendo analfabeto a grande maioria, a maioria absoluta da nossa população, a leitura é um *luxo* adstrito à uma pequena memória, que não vai além de trinta por cento.

Eis porque a vida atribulada de um jornal que procura adaptar-se e desenvolver-se no ambiente interiorano, suporta e enfrenta uma verdadeira “jornada de agonia”.

Em 1950, de um total de 107.205 habitantes no município de Feira de Santana, apenas 26.634 eram alfabetizados, ou seja, quase 25% da população (IBGE, 1955, p.125). Já no censo realizado em 1960 se verifica uma mudança ainda tímida: de um total de 141.757 habitantes na cidade, 54.734 sabiam ler e escrever, dominavam os códigos das letras 38,61% dos feirenses, portanto (CENSO..., 1960, p.94). No ano de 1970 foi feita uma nova computação que teve o seguinte resultado: numa população de 190.076 habitantes, foram declaradas sem instrução 72.510 pessoas (ANUÁRIO..., 1998, p. 154), 38,15% do total, o que mostra uma melhoria no nível de instrução dos feirenses. Esse resultado mostra um crescimento progressivo da população de alfabetizados e revelam o possível horizonte de leitores da *Folha do Norte*.

Heloísa de Faria Cruz (2000) assegura que a expansão da imprensa periódica paulista de fins do século XIX até a segunda década do século seguinte aprofundou a necessidade de disseminação das práticas da escrita e da leitura para a população como um todo, pois verificou que, naquele momento, o consumo do jornal não era limitado a grupos sociais específicos, devido à considerável expansão dessa atividade. Em Feira de Santana, esta era igualmente uma necessidade imperiosa, não apenas estimulada pela necessidade de ler jornal e tornar-se informado — apesar de se considerar o fato de que o jornal também se tornava conhecido através de audições coletivas —, mas por principalmente ser essa uma demanda do mundo contemporâneo para melhoria das condições gerais de vida da população. Supõe-se que a *Folha do Norte* foi um jornal elaborado também para ser lido coletivamente, o que evidencia o seu papel de lançar e sustentar certas idéias, inserindo-as como tema de debate em diferentes esferas da sociedade. A esse respeito, mesmo se reportando ao século XIX, Tânia

de Luca (op. cit.) faz uma declaração que convém para bem caracterizar a situação da *Folha do Norte* em Feira de Santana, em meados do século XX:

O caráter doutrinário, a defesa apaixonada de idéias e a intervenção no espaço público caracterizaram a imprensa brasileira de grande parte do século XIX, que, é bom lembrar, contava com contingente diminuto de leitores, tendo em vista as altíssimas taxas de analfabetismo. Os aspectos comerciais da atividade eram secundários diante da tarefa de interpor-se nos debates e dar publicidade às propostas, ou seja, divulgá-las e torná-las conhecidas (Ibid., p. 133-134).

Mesmo supondo-se os períodos de crise porque deve ter passado a *Folha do Norte*, o objetivo político de surgimento do jornal é um fator de explica de forma satisfatória a sua longevidade. Demóstenes Martins chega a falar em “coronelocracia” para dizer sobre o ambiente político e social de surgimento da *Folha do Norte*, mas não se refere ao fato de ter sido o seu fundador um coronel, que inclusive foi intendente na cidade de Feira de Santana e criou o jornal inicialmente com o objetivo de destruir a imagem do seu adversário. O cronista assim se expressa:

“*Folha do Norte*”, como todos os demais jornais que circulam nos nossos sertões, iniciando os seus primeiros passos, justamente numa época em que predominava a *coronelocracia* [sic.], na amplitude de sua força truculenta, é claro que não tenha podido fugir às contingências dessa fatalidade incoercível, enfrentando, entretanto dois fatôres desagregadores: — o analfabetismo e o coronelismo.

Houve uma hegemonia da imprensa na vida intelectual brasileira e com a *Folha do Norte* a coisa se deu de forma parecida: os intelectuais e grupos sociais abastados da cidade era, possivelmente, o público que mais consumia e lia o jornal e que também influenciava, junto com o jornal, a opinião pública a respeito dos caminhos políticos da cidade. Apesar de ser o analfabetismo um ponto negativo, as idéias contidas na *Folha do Norte* provavelmente alcançavam o grande público por tornar-se assunto de conversas, de debates que se difundiam oralmente nos bate-papos cotidianos, em variados espaços, públicos e privados. Um fator que animava esses colóquios era a própria atitude do jornal em ser noticioso e despreocupado com a imparcialidade. Sem entrar nessa senda, sem tratar do poder que tem o jornal na formação da opinião coletiva acerca dos assuntos relacionados à Feira de Santana, Demóstenes Martins conclui que a

“*Folha do Norte*” é, hoje, portanto, um magnífico patrimônio, uma legítima glória desta não menos gloriosa cidade de Feira de Santana; e seus fundadores, os seus continuadores podem

figurar, merecidamente, na galeria imortal dos grandes beneméritos da formosa “Princesa”. — Beneméritos e Heróicos.

Essa característica de deixar explícitas as opiniões, de dar palpites e fazer julgamentos pessoais acerca dos assuntos abordados foi um dos traços que marcou a *Folha do Norte*, no período em estudo, e que também foi traço comum a muitos jornais que surgiram no Brasil até, no máximo, as primeiras décadas do século passado.

Até pelo menos a década de 1970, o padrão de confecção do jornal *Folha do Norte* assemelhava-se ao modelo francês de jornalismo, amplamente aderido pela imprensa brasileira do século XIX e primeira metade do século XX. Segundo Ana Paula Ribeiro (2003), este modelo caracterizava-se basicamente por uma técnica de escrita bastante próxima da literária, cujos gêneros mais valorizados eram os mais livres e opinativos, como a crônica, o artigo polêmico e o de fundo. As notícias eram introduzidas geralmente com o “nariz de cera”, comentário inicial que normalmente ocupava o primeiro parágrafo do texto, precedendo a informação, apresentando linguagem rebuscada, extensa e pouco objetiva. Na *Folha do Norte*, quando se tratava de noticiar, por exemplo, atos de inauguração, passagens de datas festivas ou episódios da vida cultural da cidade, usualmente os colaboradores introduziam em seus textos considerações filosóficas, metafísicas e moralistas, deixando fortes marcas de suas opiniões pessoais. Na crônica intitulada “Um ‘Jardim de infância’ em Feira de Santana”, escrita pelo médico Geraldo Leite, há justamente isso. Note-se, no trecho a seguir, que até o quarto parágrafo o escritor não havia ainda entrado no assunto que antecipa no próprio título, o que só faz no oitavo parágrafo:

Muito antes dos povos se constituírem em sociedade e estas sociedades se organizarem em civilizações bem claras e definidas, já existia o grave, o sério e o eterno problema da educação!

Todavia, por um destes caprichos do Destino, a importância fundamental da criança como centro do exercício educacional é relativamente hodierna e de certo modo contemporânea.

Quem rebusca o pretérito julga que o valor pedagógico da criança foi como que improvisado por LOCKE, ROUSSEAU, PESTALOZZI, HERBART E FROEBEL.

É a esta plêiade de educadores europeus que devemos tal orientação renovadora, sem dúvida alguma a mais estética, a mais romântica e a mais lógica dos últimos tempos (LEITE, 1953, p. 1).

Ribeiro (op. cit.) salienta também que além de ser espaço do comentário, da opinião e da experimentação estilística, os jornais que se conformavam neste padrão funcionavam também como instância eficaz de divulgação da obra literária e de construção da importância

social dos escritores. A relação conjugada entre jornalismo e literatura prevaleceu por um largo tempo na produção periódica nacional:

No Brasil, durante muito tempo, jornalismo e literatura se confundiam. Até a segunda metade do século XX, o jornalismo era considerado um subproduto das belas artes. Alceu Amoroso Lima o definia como “literatura sob pressão”. Muitos jornalistas eram também ficcionistas. Devido a ausência de um mercado editorial forte, os escritores tinham que trabalhar em outras ocupações para garantir a sua sobrevivência. O jornalismo, como atividade mais próxima — que nesse momento permitia o livre desenvolvimento dos estilos pessoais —, era uma escolha natural para muitos deles (RIBEIRO, 2003, p. 1).

Na *Folha do Norte* a publicação literária era freqüente. A coluna “Folha social”, por exemplo, que existiu entre os anos 1951 e 1964, normalmente localizada na última página, foi um espaço dedicado à publicação de poemas. Mas era comum encontrar poemas e poemetas em diferentes partes do jornal, fora de colunas especificadas, misturados com notícias e publicações diversas. Houve um grande número de escritores de poemas nas páginas do jornal ao longo do ano de 1951 ao de 1969. Muitos publicavam dois ou três poemas e não voltavam a publicar. Poucos deles conseguiram se sobressair nesta atividade, no período em destaque. O estilo da maioria deles apresentou um aspecto comum: era pré-modernista, na forma e no conteúdo. Crônicas e contos também faziam parte do corpo da *Folha do Norte*. Em algumas ocasiões, foram criadas seções exclusivas para publicação desses textos. Mas nem sempre o espaço de publicação literária foi fixo em páginas ou colunas, já que na organização do semanário havia um esforço para enquadrar todas as informações e composições diversas no limite das quatro páginas, de que normalmente se compunha. Além disso, Ivia Alves (2000, p. 09) chama a atenção para uma peculiaridade do jornal:

Os editores não faziam diferença entre as expressões populares — transcrevendo versos de repentistas e cantadores que circulavam pela feira — e as expressões da “alta” literatura, divulgando ao mesmo tempo poemas, contos e crônicas de escritores nacionais e de jovens talentos da terra.

Flora Süsseking (1987) ressalta que desde fins do século XIX e até as primeiras décadas do século XX, houve uma tendência generalizada de se compreender a ligação entre literatura e imprensa como responsável por uma “banalização artística, por uma decadência do gosto das coisas do gênero” (Ibid., p. 86). Mas avalia a importância de pensar esse período específico a partir de novidades técnicas, como a criação do cinematógrafo e do gramofone, por exemplo, que interferiam diretamente nas formas de percepção da população e nos modos de impressão e veiculação de textos, sendo difícil analisar o que se cria apenas em função

de tendências literárias anteriores ou posteriores. Süsseking (*Ibid.*, p. 74) aponta para a importância fundamental da relação entre literatura e jornal:

Além de ampliar o número de interlocutores para o texto literário, a colaboração da imprensa se apresentava, no período, como a única trilha concreta em direção à profissionalização dos escritores. Havia o emprego público, o magistério, a diplomacia, a vinculação a campanhas — como a da Alfabetização, a do Serviço Militar Obrigatório, a do Ensino Primário ou a da entrada do Brasil na Primeira Grande Guerra —, o trabalho com livros escolares ou paradidáticos, as conferências, fontes de renda também possíveis.

Na década de 1920 já se falava em imprensa empresarial e profissionalização do jornalismo, mas a *Folha do Norte* estava ainda distante destas perceptivas. Talvez o fato de se situar numa cidade de interior, de ter uma circulação restrita e por ser um jornal de pequeno porte, explique esse descompasso, que não foi só dele, mas de muitos jornais brasileiros que tiveram características semelhantes. Basicamente os jornais paulistas e cariocas de circulação nacional foram os que primeiro assimilaram essas novidades.

Alzira Alves de Abreu (1996) e Ana Paula Ribeiro (2003) salientam que na década de 1950 a modernização dos padrões de jornalismo carioca começam a se estabelecer e o modelo norte-americano passa a substituir o francês. Gráfica e editorialmente estes jornais começam a apresentar novidades como o lead e o *copy-desk*, técnicas modernas de redação e estruturação do texto, que respondiam a uma demanda por rapidez, no que se refere à produção e ao consumo. Na Bahia, o jornal que surge como proposta gráfica e editorial moderna é o *Jornal da Bahia* (Salvador, 1958), que deixa de existir no final dos anos 1980. No período desse estudo verificou-se que a *Folha do Norte*, no entanto, não se adequou a essa nova estrutura, permanecendo com as mesmas características adotadas em fins da década de 1910.

A *Folha do Norte* oferece inúmeras possibilidades de pesquisa devido ao seu potencial rico e variado. Particularmente, no que diz respeito à construção de uma história da literatura em Feira de Santana, este cenário possui um acervo extenso e ainda pouco explorado. Até o presente momento, tem-se conhecimento da pesquisa realizada por Ana Angélica Vergne de Moraes (1998) sobre as publicações literárias localizadas na *Folha do Norte*. Sua pesquisa compreendeu um período anterior ao surgimento do jornal (de 1890 a 1930) e foram utilizados outros jornais locais para análise.

O espaço de publicação literária (poemas, crônicas, contos e cartas) na *Folha do Norte* foi constante desde a época do seu surgimento. Seções exclusivas foram criadas no jornal com esta finalidade. Boa parte dos textos que aí se localizam é de autoria de escritores feirenses e indicam práticas, usos e tendências adotadas por eles na realização desta atividade e, de modo

geral, como a literatura foi vivenciada na cidade, no que diz respeito à produção, circulação e possíveis recepções destes conteúdos. É essencial compreender, portanto, quem são estes escritores e como atuavam no campo literário da cidade, o que será mostrado no próximo capítulo.

2 LITERATURA E CULTURA: CÓDIGOS EM TRÂNSITO

É hora de sairmos da era dos valores esparsos para uma cultura conjunta, consciente e honesta que atinja todas as camadas e estimule todos os valores sérios. (ALENCAR, Hélder. A hora da cultura. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 58, nº. 3023, p. 1, 25 mar. 1967)

2.1 ESCRITORES FEIRENSES: ENTRE O PARTICULAR E O UNIVERSAL

O jornal *Folha do Norte* se estabeleceu como o principal meio, quando não o único, de publicação de composições literárias de escritores de Feira de Santana, pelo menos entre os anos 1951 e 1969, já que na cidade não se verificou, nesse período, a existência de editoras especializadas ou de outros meios eficazes de circulação dessa literatura²⁷. Foi por meio da *Folha do Norte* que muitos escritores feirenses puderam criar redes de interlocução com seus leitores. Esse jornal abriga produções literárias inéditas e ainda pouco estudadas, que correspondem a uma parcela significativa do que se produziu em termos de literatura em Feira de Santana desde 1909, quando foi criado. Esta constatação amplia o cânone estabelecido e formado por escritores feirenses renomados na cidade ou fora dela, como Godofredo Filho, Eurico Alves, Honorato Bonfim e Aloísio Resende, apenas para citar alguns exemplos. Uma pesquisa apurada em certos meios de circulação de literatura, como os jornais, e mesmo em arquivos privados de escritores, onde é também possível localizar produções inéditas, é uma forma de rescindir com padrões já cristalizados, oferecendo novos elementos para a reescrita de histórias da literatura, como também ressalta Flora Süssking (op. cit., p. 26) ao sugerir:

Uma história da literatura brasileira que leve em conta suas relações com uma história dos meios e formas de comunicação, cujas inovações e transformações afetam a consciência dos autores e leitores quanto as formas e representações literárias propriamente ditas (grifo da autora).

Entre os anos de 1951 e 1969, foram localizadas na *Folha do Norte* 1298 publicações literárias, sendo 663 poemas, 502 crônicas, 72 contos e 61 cartas. Em cada um desses gêneros se destacaram escritores feirenses que ordinariamente sobreviviam de outras profissões: eram profissionais liberais, jornalistas, médicos, advogados, professores, estudantes, sacerdotes em exercício na cidade e autoridades políticas e militares. Estes escritores foram pessoas que, ou chegaram a compor o corpo de colaboradores contratados da *Folha do Norte*, ou eventualmente escreviam textos literários e conseguiam publicá-los neste semanário. No

²⁷ Essa constatação foi feita nos registros do Censo Demográfico realizado pelo IBGE em 1970. Vale deixar claro que, conforme os limites propostos para a realização dessa pesquisa, não foi possível identificar os acervos de obras de cada escritor da cidade, o que visaria compreender de forma mais aprofundada a relação de cada um com a prática da literatura e o envolvimento que tinham com esta atividade, o que, por outro lado, demandaria um tempo maior para execução deste estudo. O objetivo primeiro foi identificar e catalogar essas produções contidas no semanário em apreço. Apesar disso, em relação a alguns dos escritores localizados na *Folha do Norte* foi possível saber um pouco mais sobre suas produções, como veremos, a partir de certas notícias publicadas no próprio jornal sobre suas atividades literárias.

geral, não se sustentavam principalmente desta atividade. Muitos deles foram diletantes ou bissextos na literatura e é provável que a executassem por prazer, prestígio ou necessidade, já que possivelmente recebiam do jornal alguma gratificação pela publicação de seus escritos. Eles não formaram uma categoria social francamente identificável, primeiro porque a maioria era mais conhecida na cidade por atuar em outros ramos profissionais; segundo, porque os membros que integraram esse grupo nem sempre se organizaram de forma corporativa, ou nem sempre expressaram uma linha de pensamento que os coligassem, particularmente.

O que se define aqui por “escritores feirenses” é o grupo formado tanto por escritores da terra, quanto por escritores que, vindos de outras cidades, foram viver em Feira de Santana, integrando-se à dinâmica e à história da cidade e estabelecendo vínculos com a sua sociedade. Antonio Candido (2000, p. 139) diz que “se não existe literatura paulista, gaúcha ou pernambucana, há sem dúvida uma literatura brasileira manifestando-se de modo diferente nos diferentes Estados”. E que o critério de nascimento não é o mais adequado para definir um grupo de escritores, ressaltando, por outro lado, “o critério mais comprehensivo e certo da participação na vida social e espiritual” (loc. cit.) na sociedade em que atuam, cuja “influência marca literariamente os que nela vivem, de modo mais forte do que as do lugar onde nasceram”. Para Antonio Candido, a literatura “é coletiva, na medida em que requer uma certa comunhão de meios expressivos (a palavra, a imagem), e mobiliza afinidades profundas que congregam os homens de um lugar e de um momento, — para chegar a uma ‘comunicação’” (loc. cit.). Tendo em vista essas considerações, bem como as características próprias do perfil dos escritores de Feira de Santana que publicaram alguma literatura na *Folha do Norte*, é que se pode melhor compreender esses escritores enquanto categoria social.

Essa pesquisa identificou escritores que nunca haviam sido citados em nenhum outro documento que tratasse sobre as atividades literárias em Feira de Santana. Deste modo, um de seus principais resultados foi acrescentar ao quadro de personagens renomados nesta prática muitos outros nomes que por algum tempo ficaram desconhecidos ou não foram reconhecidos neste âmbito, e apontar para novas possibilidades de aprofundamento de estudos, indicando uma revisão de conhecimentos já consagrados sobre o assunto.

Nas próximas páginas, a exposição resumida da variedade de produções literárias encontradas na *Folha do Norte*, entre crônicas, cartas, contos e poemas, somente localizando-os, avisando sobre as suas existências, visa criar um painel geral do que se produziu em termos de literatura em Feira de Santana entre 1951 e 1969 e que se publicou neste jornal²⁸.

²⁸ Nos anexos I, II, III e VI há a catalogação de todos os poemas, cartas, contos e crônicas encontrados na *Folha do Norte*, entre 1951 e 1969.

Em seguida será feita uma análise do que representou essa literatura para a vida cultural feirense e quais práticas e tendências marcaram a escrita literária de escritores da cidade.

Houve uma presença significativa de poetas feirenses na *Folha do Norte*, muito embora vários poetas de proeminência nacional aparecessem no jornal. Os poemas em que estavam subscritos a data e o local da produção deram pistas sobre escritores que residiam em Feira de Santana. Algumas notícias publicadas nas colunas sociais da *Folha do Norte*, em notas, ou até em crônicas, também permitiram aprimorar esta identificação²⁹.

Os poetas feirenses que publicaram na *Folha do Norte* entre 1951 e 1969 e o número de produções suas encontradas no jornal foram: Adilson Simas, com 1 poema; A. F. Borges, com 1; A. H. S., com 1; Aita, com 37; Alcina Dantas, com 16; Aloísio Resende, com 2; Alonso de Miraval (Luiz Lopes), com 5; Amália, com 3; Anacleto G. de Carvalho, com 3; Antonio Gonçalves Fernandes, com 1; Antonio Leopoldo Cabral, com 4; Antonio Nicolau, com 1; Aroldo Ramos, com 1; Ary Nogueira, com 1; Carlos Pires, com 1; Carlos Sampaio, com 9; Crispim do Sacramento, com 3; Diógenes da Grécia, com 3; Dona Marçal Jalles, com 1; Edson Queiroz dos Santos (Paschoal), com 1; Eduardo Tudella, com 4; Eglê Marques Santos, com 18; Eurico Alves Boaventura, com 1; Florizia Morais, com 1; Franklin de C. Machado, com 4; Frei Elias Medeiros Ferro, com 1; Georgina de Melo Erismann, com 2; Germina Agda Freitas, com 1; Godofredo Filho, com 1; Homero de Figueiredo, com 2; Honorato Filho³⁰, com 2; Ilza Porto, com 1; Jaldo S. Farias Góes, com 1; João Batista de Jesus, com 1; Jorge Ramos, com 2; José Belchior da Fonseca, com 2; José de Sousa Oliveira, com 17; José Luiz Navarro Silva, com 6; Jubileu Rodrigues Brandão, com 1; K. Beludo Moela, com 7; M. Ribeiro Costa, com 5; Manoel Marques, com 68; Moniz Sodré Cabral, com 1; Moreira de Pinho, com 12; P. Lágio Sacassâmba Essessuíno, com 4; Posidônio Santos, com 2; R. Oliveira, com 1; Ralimpo A. Seguir, com 10; Ramos Feirense, com 1; Re-Imundo Prebenda, com 3; Rosa de Portugal, com 31; Rossini Souza, com 2; Sanches Vieira, com 2; e Walter de Cerqueira, com 1 poema.

No que diz respeito às crônicas publicadas na *Folha do Norte*, é importante considerar a relação desse gênero com a prática jornalística adotada pelo semanário. As crônicas eram o espaço do comentário, da opinião, onde as notícias que chocavam a sociedade, ou onde o cotidiano dramático da sua vida urbana, eram interpretados, avaliados. O cronista tinha uma liberdade de expressão bem maior que a do jornalista que simplesmente comunicava a notícia,

²⁹ Apesar disso, e de feita também uma pesquisa bibliográfica e na internet, houve alguns nomes de escritores que não foi possível identificar. Estes nomes estão localizados no anexo V.

³⁰ Este escritor também assinava suas produções como Honorato Bomfim.

e podia trabalhar criativamente em seu texto, deixando as suas marcas pessoais, embora essa liberdade fosse subordinada às idéias políticas comungadas pelo jornal. Tendo em vista o modelo de jornalismo praticado pela *Folha do Norte*, que na década de 1950 e de 1960 ainda estava mais próximo do francês, a valorização de gêneros opinativos e polêmicos foi adequada e a crônica, na fronteira entre o literário e o jornalístico, foi o ponto alto da muitas das suas edições, onde as representações de cidade e de cidadão se confrontavam de maneira dinâmica.

Os cronistas feirenses que publicaram na *Folha do Norte* no período estudado e a quantidade de publicações suas localizadas nesse meio foram: Abel Pedro Leão (1), Adalberto da Costa Dórea (9), Alonso de Miraval (22), Anacleto G. de Carvalho (3), Antonio Borges (1), Antonio Carlos S. Cerqueira (11), Antonio Nicolau (14), Augusto Freitas (1), Carlos Pires (5), Claudemiro Campos Suzart (1), Demóstenes Martins (5), Diógenes da Grécia (3), Dival Pitombo (3), Edjanira Alves (1), Emanoel de Miralva (1), Everaildes Silva (1), Fernando Alves (21), Fernando de Souza Ramos (3), Franklin de C. Machado (19), Geraldo Leite (4), Germano Barroso Filho (3), Gildarte Ramos (2), Gledson (1), Hélder Alencar (29), Hélio Barbosa (30), Herialdo R. Bastos (1), Hugo Navarro Silva (21), Ilze Porto (19), Joel Magno (1), Jorge de Faria Góes (1), Jorge Ramos (13), Jorge Watt (2), José Aroldo da Silva Santos (1), José Jorge Assad (1), José Malta (1), José Monteiro Filho (5), José Navarro Silva (2), Juraci Dórea (3), Luis Dantas Carneiro (1), Luiza Pedra Branca (1), Major Romenil de Meirelles (1), Manoel Marques (10), Marco Aurélio (1), Mário Souza Lima (2), Milton Marinho (6), Monsenhor José Trabuco (1), Olney São Paulo (3), Padre Albertino Carneiro (1), Padre Heitor Araújo (2), Padre Luiz Gonzaga Mariz S. J. (1), Padre Renato Galvão (2), Quintino Bocaiúva (1), Raimundo Oliveira Almeida (1), Raimundo Pinto (4), Rossini Souza (11), Samuel Guelb (2), Samuel Pitombo (24), Sisnando Lima (1), José de Souza Oliveira (1), Waldete Christina (1), Zadir de marques Porto (1) e Zofla Ribeiro Chagas (18). Alguns desses nomes também publicaram artigos diversos no jornal, poemas e contos.

Assim como o espaço de publicação de crônicas era bastante valorizado nos jornais de padrão francês, a publicação de contos igualmente o era. Com efeito, o êxito social do conto no Brasil se deveu à facilidade de circulação que obteve através da imprensa periódica, desde fins do século XIX. Mas na *Folha do Norte* poucos contos foram encontrados no período delimitado desta pesquisa. Os feirenses que apareceram no jornal com este tipo de publicação foram: Abel Pedro Leão, com 6, Adilson Cruz (1), Alonso de Miraval (1), Antonio Nicolau (1), José Belchior da Fonseca (2), José Monteiro Filho (1), José Silva (1), Olney Alberto São

Paulo (1), José de Souza Oliveira (1), Valneide José São Paulo (2) e Anacleto G. de Carvalho, este com 13 contos publicados na “Coluna Humorística”.

Em menor quantidade ainda foram as cartas publicadas na *Folha do Norte*. Algumas foram encaminhadas a pessoas específicas da sociedade feirense, outras cartas foram abertas à esta sociedade como um todo e buscavam chamar a atenção dos leitores para certos problemas sociais e políticos que afligiam a cidade. Publicaram cartas no semanário os feirenses: Alonso de Miraval (2), Geraldo Leite (1) e Hugo Navarro Silva (1). Além destes, houve outros dois autores que se destacaram em suas cartas. Um foi Eurico Alves Boaventura, com suas *Cartas da Serra, I e II*³¹, publicadas em 1960, que se constituem em documentos literários e históricos de extrema importância, devido às imagens da cidade de Feira de Santana que estabelecem, e aos dados que apresenta a respeito das modificações na estrutura urbana da cidade. O outro autor foi José Belchior da Fonseca, que publicou na coluna “Escreve o Leitor” 40 cartas entre 1960 e 1963, em que comentou episódios da vida da cidade, elogiando as novidades que apareciam na paisagem urbana ou mesmo aconselhando ou prescrevendo o seu futuro. Mas Fonseca não vivia em Feira de Santana nessa época, a *Folha do Norte* viajava centenas de quilômetros até chegar à residência deste feirense que estava radicado em São Paulo, capital³², de onde ele remetia suas cartas para a redação do jornal.

Para a publicação de literatura no jornal, certas vezes foram criadas seções específicas, embora também haja textos localizados fora destes espaços reservados e de forma arbitrária, possivelmente para preencher brancos. A coluna “Folha social”, por exemplo, serviu exclusivamente para a publicação de poemas, de escritores da terra como de escritores nacionais, tendo durando até 1959, apesar de ter aparecido mais uma única vez em 1964. Esta seção geralmente ocupou 2 colunas no alto da última página da *Folha do Norte*, no canto esquerdo. O fato de estar localizada justamente na última página revela uma hierarquia na organização do jornal. Primeiramente, o noticiário na capa, onde também ficavam crônicas e artigos; reclamos e editais predominavam nas páginas seguintes; por fim, poemas ao lado de notas e avisos diversos, de mais alguns anúncios e da continuação de textos que não couberam até o fim da primeira ou da segunda página, onde foram iniciados. As colunas sociais eram publicadas na segunda ou na terceira página, às vezes no fim do jornal. Essa estrutura mostra que os conteúdos mais sérios, por tratarem da atualidade da cidade, do país ou do mundo, deveriam merecer o primeiro olhar do leitor ao se deparar com o jornal numa banca de

³¹ Uma análise sobre estas *Cartas da Serra* é feita no tópico 3.3, do segundo capítulo desta dissertação.

³² As informações que se tem sobre este leitor são dadas por ele próprio em suas cartas publicadas na *Folha do Norte*.

vendas. As crônicas, como comentavam essa atualidade, já tinham espaço garantido na página 1. Os poemas, por sua vez, funcionavam como conteúdo cultural do jornal, que serviriam para entreter ou transmitir ao leitor um conhecimento sobre literatura, ao menos dando a conhecer certas produções, de escritores da cidade ou de fora. Em todo caso, o objetivo primeiro do jornal é publicar, informar e atualizar os leitores, portanto, esta estrutura obedeceu a sua função e a literatura poética, em particular, acabou servindo de suplemento para um jornal que pretendeu agrupar uma diversidade de conteúdos.

Uma das seções mais duradouras na *Folha do Norte* foi “À vol d’oiseau”, escrita por Alonso de Miraval. Esta seção teve a sua primeira publicação em 03 de janeiro de 1953 e a última em 31 de dezembro de 1962, totalizando 159 textos, entre crônicas, artigos, ensaios, contos, cartas e poemas. Com esse título de gosto parnasiano, a seção localizou-se na primeira página do jornal na grande maioria das vezes. Utilizando um pseudônimo, Alonso de Miraval inicialmente escreveu crônicas sobre assuntos variados, inclusive relacionados à cidade de Feira de Santana. Ele abordou temas como o jogo do bicho, a política local, a escola regional de menores e a insuficiência dos serviços de energia elétrica na cidade. Criou também uma crônica sobre o 108º aniversário do poeta baiano Castro Alves (1847-1871) e publicou “Epístola a Maria Quitéria”, na ocasião do centenário de morte da heroína feirense, em que informa ser a sua terra, naquele tempo, “a Feira versátil das mil atividades e dos mil ruídos”. Aliás, é nessa epístola que Alonso de Miraval revela à “inesquecível heroína”, como ele diz, o seu verdadeiro nome, ao descrever ficticiamente a comemoração da apoteose de Maria Quitéria “no Empíreo, morada dos deuses”, se posicionando como um dos personagens presentes neste ato de celebração: “Pois bem, ali onde você não me via eu era LUIZ LOPES. Travestido na pele do azoinado ALONSO DE MIRAVAL que assina essas parlengas. Calcule meu orgulho assistindo ao espetáculo empolgante de sua deificação” (grifos do autor).

Alonso de Miraval aos poucos foi modificando o conteúdo da seção “À vol d’oiseau”, que passa a ter um caráter mais filosófico. Em 1954 publica uma série de 5 artigos intitulados “Retorno a Rui”³³, sobre Rui Barbosa. Em seguida, a série de ensaios sobre religiosidade, com o título “Sobrevoando o abismo”, divididos em 15 capítulos³⁴. Pouco tempo depois vem a série “Alguns poemas de Aristides Araújo, o poeta do infinito”, em 7 capítulos³⁵; “O

³³ Na seqüência, as datas de publicação desses artigos na *Folha do Norte* foram: 01/05/1954, 08/05/1954, 15/05/1954, 22/05/1954 e 29/05/1954.

³⁴ Na seqüência, as datas de publicação desses ensaios na *Folha do Norte* foram: 05/06/1954, 12/06/1954, 19/06/1954, 26/06/1954, 03/07/1954, 10/07/1954, 17/07/1954, 24/07/1954, 07/08/1954, 14/08/1954, 04/09/1954, 11/09/1954, 18/09/1954, 25/09/1954 e 08/01/1955.

³⁵ Na seqüência, as datas de publicação desses poemas na *Folha do Norte* foram: 07/05/1955, 14/05/1955, 21/05/1955, 28/05/1955, 11/06/1955, 18/06/1955 e 25/06/1955.

“ julgamento de Sócrates”, ensaios filosóficos em 10 capítulos³⁶; e uma quantidade expressiva de ensaios sobre religião, como “Qual a melhor religião”, 5 capítulos³⁷; “O mistério da vida, da morte e do renascimento”, 27 capítulos³⁸; “Livre arbítrio e determinismo”, 9 capítulos³⁹; “A reencarnação afirmada na Bíblia”, 13 capítulos⁴⁰; “Espiritismo e educação”, 4 capítulos⁴¹; e “A restauração do batismo, dom ou inspiração do Espírito Santo”, 14 capítulos⁴²; somente para ficar nos exemplos mais significativos.

Outra seção de crônicas que apareceu na *Folha do Norte* em 1951, e durou até 1952, foi “Disco voador”, escrita por Fernando Alves. Apesar de essa seção ter durado pouco tempo, o assunto reentrante em quase todas as suas publicações foi Feira de Santana. O cronista Fernando Alves foi promotor na cidade e, observando os problemas sócio-estruturais que diariamente afetavam a população como um todo, registrou seus pontos de vista, comentou aspectos da vida cotidiana feirense, da sua movimentação, dos seus dramas corriqueiros e da sua paisagem urbana. Ao todo, publicou 20 crônicas no jornal: “Avenida Sossego” (23/06/1951), “A lagoa de Brito” (30/06/1951), “O espólio de Feira de Santana” (07/07/1951), “Fatos da cidade” (14/07/1951), “Fiat lux” (21/07/1951), “A pontual” (28/07/1951), “Dois lados” (11/08/1951), “Tribunal da alçada” (25/08/1951), “Desfile de arte e elegância” (02/08/1952), “A torre da Igreja Senhor dos Passos” (09/08/1952), “Parabéns deputado Alberto Deodato” (16/08/1952), “Feirenses, sentido!” (23/08/1952), “O frigorífico” (30/08/1952), “Festa ou bagunça” (06/09/1952), “A grande jornada do Nordeste” (13/09/1952), “O ABC do Recife” (20/09/1952), “Paulo Afonso” (27/09/1952), “Grande congresso médico” (11/10/1952), “Os mártires de Chateaubriand” (18/10/1952) e “Paus de arara” (25/10/1952).

³⁶ Na seqüência, as datas de publicação desses ensaios na *Folha do Norte* foram: 02/07/1955, 09/07/1955, 16/07/1955, 23/07/1955, 30/07/1955, 13/08/1955, 20/08/1955, 10/09/1955, 24/09/1955 e 08/10/1955.

³⁷ Na seqüência, as datas de publicação desses ensaios na *Folha do Norte* foram: 29/09/1956, 06/10/1956, 17/11/1956, 24/11/1956 e 01/12/1956.

³⁸ Na seqüência, as datas de publicação desses ensaios na *Folha do Norte* foram: 11/05/1957, 18/05/1957, 01/06/1957, 08/06/1957, 15/06/1957, 22/06/1957, 29/06/1957, 06/07/1957, 27/07/1957, 03/08/1957, 10/08/1957, 17/08/1957, 31/08/1957, 07/09/1957, 14/09/1957, 21/09/1957, 28/09/1957, 05/10/1957, 12/10/1957, 19/10/1957, 02/11/1957, 30/11/1957, 07/12/1957, 14/12/1957, 21/12/1957, 28/12/1957 e 04/01/1958.

³⁹ Na seqüência, as datas de publicação desses ensaios na *Folha do Norte* foram: 20/08/1960, 27/08/1960, 03/09/1960, 10/09/1960, 17/09/1960, 24/09/1960, 01/10/1960, 08/10/1960 e 15/10/1960.

⁴⁰ Na seqüência, as datas de publicação desses ensaios na *Folha do Norte* foram: 26/11/1960, 03/12/1960, 10/12/1960, 17/12/1960, 24/12/1960, 31/12/1960, 07/01/1961, 14/01/1961, 21/01/1961, 28/01/1961, 11/02/1961, 18/02/1961 e 25/02/1961.

⁴¹ Na seqüência, as datas de publicação desses ensaios na *Folha do Norte* foram: 25/05/1961, 27/05/1961, 03/06/1961 e 24/06/1961.

⁴² Na seqüência, as datas de publicação desses ensaios na *Folha do Norte* foram: 12/08/1961, 26/08/1961, 16/09/1961, 23/09/1961, 30/09/1961, 14/10/1961, 28/10/1961, 11/11/1961, 18/11/1961, 25/11/1961, 02/12/1961, 30/12/1961, 13/01/1962 e 20/01/1962.

Crônicas de cunho político também surgiram na *Folha do Norte*, em seções de curta duração, como “Jangoladas”⁴³, com críticas ao governo João Goulart, escritas por Antonio Leopoldo Cabral; e “Se eu pudesse ser vereador”⁴⁴, de Manoel de Oliveira Teixeira. Crônicas esporádicas também aparecem enfocando o tema da política, como “A confissão da tinta azul” e “A confissão da tinta vermelha”, ambas de Djalma Eurico de Souza, publicadas em 1954. Todavia, em se tratando de política local, o cronista que foi mais contundente em suas idéias e que publicou longos e polêmicos textos foi Hugo Navarro Silva, que, aliás, era um dos co-proprietários do jornal. Como a *Folha do Norte* teve o perfil de assumir seus posicionamentos ante o clima político da cidade, criticando confessadamente as autoridades às quais fez oposição, como os prefeitos Aguinaldo Alves Boaventura, Almáquio Alves Boaventura e Francisco José Pinto dos Santos⁴⁵, e, por outro lado, incentivando irrestritamente aquelas a quem deu apoio, como João Marinho Falcão, Arnold Ferreira da Silva, José Sisnando Lima, Joselito Falcão Amorim e João Durval Carneiro⁴⁶, os artigos e crônicas de Hugo Silva que tratavam do assunto eram bastante incisivos⁴⁷.

Contos e crônicas de teor humorístico apareceram no jornal, como os apresentados por Anacleto G. de Carvalho, na “Coluna humorística”, totalizando 13 produções; e os localizados na seção “Crônicas de Portugal”, escritas por Jorge Ramos, que perfizeram 9 textos. Contudo, estas seções também tiveram pequena duração no jornal, a primeira durou de 27 de outubro de

⁴³ Na seqüência, as datas de publicação dessas crônicas na *Folha do Norte* foram: 02/01/1954, 09/01/1954, 23/01/1954, 30/01/1954, 27/02/1954,

⁴⁴ Na seqüência, as datas de publicação dessas crônicas na *Folha do Norte* foram: 30/07/1955, 06/08/1955, 27/08/1955,

⁴⁵ O período do mandato destes prefeitos foi respectivamente: Aguinaldo Alves Boaventura (1948-1951), Almáquio Alves Boaventura (1951-1955) e Francisco José Pinto dos Santos (abril de 1963-maio de 1964). In: ANUÁRIO ESTATÍSTICO DE FEIRA DE SANTANA, 1998.

⁴⁶ O período do mandato destes prefeitos foi respectivamente: João Marinho Falcão (1955-1959), Arnold Ferreira da Silva (1959-1962), José Sisnando Lima (outubro de 1962 a maio de 1963), Joselito Falcão Amorim (maio de 1964 a 31 de janeiro de 1967) e João Durval Carneiro (janeiro de 1967 a 31 de janeiro de 1971). In: ANUÁRIO ESTATÍSTICO DE FEIRA DE SANTANA, 1998.

⁴⁷ O cronista Hugo Silva, formado em Direito pela Universidade da Bahia em 1956, publicou na *Folha do Norte*, 29 crônicas de cunho político, entre 1951 e 1969. Suas publicações tornaram-se mais freqüentes a partir da década de 1960. Pode-se perceber no título de suas crônicas o grau de comprometimento com as suas idéias políticas. Eis alguns exemplos: “E a vida continua: Pirâmides, Panteons, o Bendengó” (21/03/1959), “Palma Cavalão & Cia.” (05/11/1960), “Ah! Fredegunda, como os tempos mudam” (12/11/1960), “O livro dos melaquins ou a rapariga Abizag” (19/11/1960), “Vamos para diante canalhas” (11/03/1961), “Que pretende ‘Dudu Feroz’?” (01/04/1961), “Dr. Espelunca toca em surdina” (22/04/1961), “Atrás de pintos andam raposas” (25/08/1962) e “Aonde vai, Maria Cadeira?” (01/09/1962).

1951 e foi até 27 de junho de 1953⁴⁸; a segunda durou de 09 de agosto a 01 de novembro de 1952⁴⁹.

Na década de 1960 surgiram na *Folha do Norte* novas seções de crônicas, assinadas por feirenses e que falaram resumidamente sobre Feira de Santana. Foram elas: “Panorama” (de 23/11/1963 a 13/06/1969) e “Hélder Alencar informa” (de 26/12/1964 a 22/11/1965), ambas escritas pelo jornalista e jurista Hélder Alencar; e “Machadadas” (de 30/04/1966 a 23/12/1967), por Franklin de Cerqueira Machado⁵⁰, jornalista, jurista e poeta. Estas três colunas também funcionaram como informativos dos acontecimentos sociais da cidade, como festeiros, inaugurações de obras, lançamentos de livros, e sobre as sociabilidades e interesses culturais que se delineavam entre estudantes e intelectuais da cidade.

Hélder Alencar apareceu no jornal a partir de 1963 e desde então passou a publicar crônicas semanalmente, sendo duas das mais expressivas, na abordagem de assuntos da vida cultural de Feira de Santana, “Sertão: um brado contra a mediocridade”, de 04/01/1964, sobre a revista “Sertão”, publicação da Associação Cultural Filinto Bastos, de Feira de Santana, onde foi possível encontrar “desde Estudos Sociais até Crítica Literária”, segundo Alencar; e “A hora da cultura”, de 25/03/1967, acerca da inauguração do Museu Regional de Feira de Santana. Franklin Machado surgiu ainda em 1952, mas passou a participar ativamente como jornalista e cronista na *Folha do Norte* em 1966, inicialmente publicando apenas crônicas, depois também atuando no espaço informativo “Machadadas”. Das crônicas em que abordou a sua cidade, “Um museu particular”, de 19/11/1966, foi das mais significativas, pois trata de um passeio que fez à fazenda do escritor Eurico Alves Boaventura, em São José das Itapororocas, onde encontrou objetos típicos da cultura sertaneja, como artigos em couro, muito apreciados por Eurico, e outros típicos de uma família abastada, à qual pertencia o escritor, como louças e pratarias importadas da Europa.

Além desses dois cronistas, a *Folha do Norte* contou ainda com a colaboração de Hélio Barbosa, a partir de 1968. Barbosa não publicou numa seção exclusiva, mas a cada semana teve uma crônica sua estampada na primeira página, até o ano seguinte. Falou sobre Feira de Santana, como na crônica “A Princesa e seu colar” (10/08/1968) e “Segredos de

⁴⁸ Na seqüência, as datas de publicação dessas crônicas na *Folha do Norte* foram: 27/10/1951, 10/11/1951, 24/11/1951, 26/01/1952, 09/02/1952, 23/02/1952, 29/03/1952, 05/04/1952, 12/04/1952, 26/04/1952, 03/05/1952, 14/06/1952 e 27/06/1953.

⁴⁹ Na seqüência, as datas de publicação dessas crônicas na *Folha do Norte* foram: 09/08/1952, 16/08/1952, 23/08/1952, 30/08/1952, 06/09/1952, 13/09/1952, 20/09/1952, 27/09/1952, 04/10/1952, 18/10/1952 e 01/11/1952.

⁵⁰ Atualmente, este escritor adota o nome Franklin Maxado Nordestino.

Feira de Santana” (14/09/1968), mas também tratou de assuntos gerais, como os sentimentos, a juventude, a velhice e o tempo, apresentando reflexões caseiras sobre a vida.

No que se refere às crônicas, prevaleceu no jornal a publicação de escritores locais. Raras vezes crônicas de escritores de fora apareceram e, quanto a estas, foram averiguadas as seguintes: “Milton: presente”, de Carlos Drumonnd de Andrade; “Crônica de natal: Um mendigo que dava esmolas”, de Elsie Lessa; “Crônica da semana: Comparações”, de Gustavo Corção, “Patrimônio Cultural da Bahia”, de Orlando Parahym; “Meninos” e “Águas do mar”, ambas de Rachel de Queiroz; “O jogo”, “Surrexit” e “Prece de natal”, de Ruy Barbosa; e “Natal e o mundo da criança”, do escritor árabe Mansour Chalitta.

As crônicas produzidas por escritores feirenses geralmente encontravam na própria cidade a substância de seus assuntos. Muitos escritores buscavam impressionar os leitores com a loquacidade de seus textos, recheados de reflexões filosóficas e moralistas. Ao abordar a cidade essas crônicas se estabeleceram como um lugar de fixação de imagens e idéias, através das quais é possível apreender os principais discursos e representações de Feira de Santana, acerca dos seus espaços sociais e de sua cultura, aliados à perspectiva da *Folha do Norte*. A crônica, de um modo geral, é a voz do jornal, é a opinião do jornal, e expressa o pensamento de seus idealizadores. Grande parte dos cronistas está, por isso, vinculada à postura ideológica do jornal. E para a *Folha do Norte*, principal jornal local e órgão envolvido com a política feirense, falar de Feira de Santana era, primeiramente, concordar que a cidade vivia em uma era de “progresso”. Críticas e mais críticas apareceram quando, principalmente por meio de crônicas, o jornal visou reprochar problemas sociais e administrativos da cidade. Mas, pelo menos nos anos de 1951 a 1969, o termo “progresso” foi repetitivo nesses discursos, ainda que fosse para ressaltar, em alguns momentos de crise, o seu ritmo fraco⁵¹.

Além dessas seções que publicaram crônicas, que na maioria das vezes versaram sobre Feira de Santana, houve uma seção que existiu por 7 anos na *Folha do Norte*, de 1958 a 1965, e publicou crônicas e poemas ao mesmo tempo. Esta foi a “Seção livre: a Bíblia é a palavra de Deus”, escrita por Manoel Marques. Como o próprio título da seção já antecipa, a temática religiosa foi o assunto destas composições. Mas foram encontrados outros poemas publicados na “Folha Social” ou em outras partes do jornal que também falavam de religião.

⁵¹ Foram selecionadas algumas crônicas que falam sobre Feira de Santana para o estudo das representações que estabelecem para a cidade. A análise deste material está feita no tópico 3.1, do terceiro capítulo.

Poemas com temática política vez ou outra surgiam. Houve a seção “Politicalha brasileira”⁵², escrita por Antonio Pereira da Mota Junior, que possuiu somente 6 edições. No que diz respeito à política local, surgiram poemas dedicados a certas autoridades como elogio ou homenagem, a exemplo de “Bernardino Bahia” (21/06/1952), de Honorato Filho, e “Musa política” (13/09/1958), de Demóstenes Martins. Mas, quando o clima político se tornava tenso em Feira de Santana, surgiram poemas assinados por pseudônimos, que criticaram arduamente os problemas observados nas atitudes dos gestores da cidade. Uma ocasião em que isso aconteceu de forma reincidente foi em 1953, quando o vice-prefeito Raimundo Simões (da gestão de Almáquio Alves Boaventura), que era professor e poeta, criticou duramente a *Folha do Norte*, chamando-o de “pasquim de esquina”, repleto de “grosseirisses de grosseirisses do maior quilate” (O PREFEITO..., 1953, p. 1). Em resposta, além de artigos e crônicas contumazes no objetivo de defender a imagem do jornal diante a sociedade feirense, sugiram poemas como “Brincando de esconder” (26/09/1953), “Ao poeta jurubeba” (03/10/1953), “Mau sinal” (03/10/1953) e “Traste ou peste, o poeta?” (24/10/1953), todos de Ralimpo A. Seguir [sic.], “Almaquianas” (10 e 24/10/1953), de Re-Imundo Prebenda, “Duas por semana” (de 19/09 a 31/10/1953), de K. Beludo Moela, e “Concurso de quadras” (17 e 24/10/1953) e “Pega o poeta” (03/10/1953), de P. Lagio Sacassâmba Essessuíno. O título dos poemas, bem como a escolha dos pseudônimos, infamam e zombam com a imagem do vice-prefeito.

As crônicas do jornal *Folha do Norte* são documentos excelentes e abundantes, para o estudo das representações da cidade de Feira de Santana. Já entre os poemas publicados no jornal, somente 6, de um universo de 316 produzidos por escritores feirenses, tiveram por tema esta cidade: “Feira” (27/01/1951) e “Paisagens” (05/06/1954), ambos de Carlos Sampaio; “Resto de Feira” (12/01/1952), de Souza Oliveira; “Ode a Feira de Santana” (14/01/1961), de Eduardo Tudella; “Cidade Princesa”(17/12/1961), de Eglê Marques Santos; e mais um poema sem título, de Manoel Marques, que se encontra ao fim da notícia “Atendendo a um pedido” (23/06/1966), em que este escritor relata sucintamente a história desta cidade⁵³.

É importante diferenciar as crônicas do conjunto dos poemas estampados no jornal, que mostram outras formas de expressão literária dos escritores da terra. As cônica, como já se disse, têm uma ligação forte e inseparável com o jornal, porque este é o seu meio de

⁵² Na seqüência, as datas de publicação dessas crônicas na *Folha do Norte* foram: 13/11/1959, 21/11/1959, 05/12/1959, 12/12/1959, 26/12/1959 e 09/11/1963.

⁵³ Foi feita uma análise desses poemas no Capítulo III.

publicação. Porém, não se tratam de documentos exatamente jornalísticos. O cronista trabalha com a inventividade, o gênio do escritor move a sua criação, há o componente das suas opções pessoais na condução do texto, componente intrínseco ao escritor, enquanto criador de um objeto artístico. Por isso, a descrição de seus temas e idéias não pode ser desconsiderada na avaliação dos conteúdos literários localizados na *Folha do Norte*. Sandra Jatahy Pesavento (2002, p. 336) afirma, sobre o papel da crônica divulgada em jornais, que, muitas vezes, o cronista faz

De um nada, de um fragmento de acontecimento, um assunto. Na narrativa do cotidiano, esse é talvez o desafio que se apresenta ao escritor. O cronista tem a missão de falar da vida de cada dia e dela fazer o seu artigo. É claro que os acontecimentos notáveis também podem animar a sua escrita e inspirá-lo a redigir sua crônica, mas não é sempre que tais eventos irrompem o cotidiano.

As produções poéticas na *Folha do Norte* revelam outras peculiaridades das práticas literárias de escritores feirenses. A grande maioria dos poemas publicados na *Folha do Norte* não obedeceu a modelos estéticos ou interesses comungados por um grupo de escritores exclusivo e atuante em Feira de Santana. Também não houve uma preocupação manifesta por parte dos escritores locais em produzir uma literatura original ou que estivesse em sintonia com os padrões contemporâneos daquela época e que refletisse em conjunto sobre os mesmos aspectos. Enquanto na década de 1950 a literatura brasileira estava voltada para a crítica social dos problemas e contradições que o sistema capitalista impunha à humanidade, como tendência mais geral, os poetas feirenses reproduziam esquemas pré-modernistas em suas criações. De maneira geral, estes escritores cultivaram as formas clássicas, com frases de efeito, com vocabulário rico, rebuscado, sendo a vertente parnasiana, a simbolista e a romântica as mais recorrentes na poesia e o soneto, a forma preferida de quase totalidade dos escritores.

As opções temáticas e formais de boa parte desses poemas revelam ter sido habitual a repetição de modelos literários originados e praticados em outros solos do país e não mais predominantes, malsinados pela geração modernista, evidenciando um traço forte de provincianismo e dependência cultural. Apesar desse descompasso evidente, que identifica a essência da literatura praticada por feirenses nas décadas de 1950 e 1960, sobretudo no âmbito da poesia, não se atenua a importância do estudo dessas amostras, na medida em que elas expressam, mesmo de maneira abrangente, aspectos da cultura de um lugar, num tempo determinado. Conquanto a cultura seja aqui entendida como totalidade não hierarquizada de manifestações cotidianas dos indivíduos que dinamizam e reinventam a sociedade, inclusive

discursivamente; e tendo em vista ainda que a cultura é móvel e circulatória, por isso, não se fecha em fronteiras fixas; é razoável considerar que as práticas literárias de escritores de Feira de Santana, no início da segunda metade do século XX, expressam preferências e influências prevalecentes nesse campo da sua vida cultural, imitadas de outros grupos de escritores, de um outro território e de uma outra época. Expressam hábitos de leitura e escrita literária e padrões sociais de conhecimento, adotados pela elite feirense e, a partir dela, difundidos para a sociedade local como um todo, particularmente através da *Folha do Norte*.

Em pesquisa realizada sobre a literatura publicada em jornais feirenses, inclusive na *Folha do Norte*, no período de 1890 a 1930, Ana Angélica Morais (1998, p. 14) constatou que

Do ponto de vista das tendências literárias, é óbvio que Feira de Santana passaria, como as demais cidades, pelo processo de imitação, ou da chamada “influência”. Mas no que se refere à temática, de bases identitárias, encontramos, no registro de textos, um filão (o popular) permeado dessa presença local e que apareceu muito pouco no jornal.

Segundo essa pesquisadora, os temas mais repetitivos na produção literária que estudou foram: o homem, as paixões, o amor, a vida, a natureza, a arte poética e a religião. Apesar de no seu trabalho ter selecionado um período anterior ao período delimitado na pesquisa aqui relatada, verificou-se, a partir da década de 1950, a presença assídua de escritores feirenses na *Folha do Norte* e o uso em seus poemas desses mesmos temas. Ou seja, em Feira de Santana de fins do século XIX até pelo menos o fim da década de 1960, a literatura praticada pelos escritores da cidade e publicada em jornais, na *Folha do Norte* em especial, manteve um padrão duradouro. Somente a partir de 1972, quando foi fundada a Revista “Hera”, responsável por um movimento literário dos mais importantes na cidade, repercutido Brasil adentro, houve uma renovação das práticas literárias de escritores feirenses ligados ao grupo fundador da revista.

Enquanto essas renovações não aconteciam, a literatura na cidade continuava a seguir cartilhas amarelecidas de movimentos finisseculares. Entre 1951 e 1969, passadas algumas décadas de ocorrida a eclosão do Movimento Modernista em São Paulo e, em seguida, no Rio de Janeiro, que modificou substancialmente os padrões de produção da literatura brasileira e que foi nacionalmente ecoado e aderido por diversos escritores em todo o país, ainda que diferenciadamente, a expectativa primeira em relação expressões literárias localizadas na *Folha do Norte* era que elas não fossem pré-modernistas em sua maioria. Ainda porque, a proximidade de Feira de Santana com Salvador, centro cultural do Estado, facilitaria a divulgação dessas novas idéias na cidade.

Porém, é preciso considerar duas coisas: a primeira é que a cultura não é vivida como determinismo ou evolução, cuja condição de sobrevivência está em simplesmente aderir as mudanças que vão se estabelecendo, os novos padrões que gradualmente passam a vigorar. De acordo com Michel de Certeau (1995, p. 234), é capital considerar “aquito que uma prática faz com signos pré-fabricados, aquilo que estes se tornam para os usuários ou os receptores”, pois são nestas práticas que se produzem mobilizações e estagnações. A sobrevivência de certas manifestações culturais está também relacionada ao valor social que adquirem para um grupo, de modo que suas práticas expressem um modo de pensar e de atuar socialmente aceitos. A cultura literária dos escritores feirenses exprimiu nada menos que hábitos, usos e tendências preferencialmente assumidos e praticados por homens e mulheres de letras, através dos quais se faziam reconhecer na sociedade local.

A segunda coisa a se considerar é que na Bahia o modernismo chegou com certo atraso. Carvalho Filho (1986) destacou, em relação à poesia baiana praticada na década de 1920, que “vivíamos em plena aura do Parnasianismo e do Simbolismo, exaustos de tanto brilho projetado por um espelho estético que quase mais nada tinha a refletir” (Ibid., p. 24). E ainda: “víamos diante de nosso espírito o panorama de uma cultura respeitável em sua compostura exterior, mas parada em seu convencionalismo estético” (Ibid., loc. cit.). Carvalho Filho fez parte do grupo fundador da Revista “Arco & Flexa” (1928-1929), que reuniu intelectuais, em torno da figura de Carlos Chiacchio (1884-1947), com o objetivo de criar um Movimento Modernista na Bahia (ALVES, I., 1978). Desse grupo também fizeram parte dois poetas feirenses: Eurico Alves Boaventura e Godofredo Filho. A revista se definia na linha do “tradicionalismo dinâmico”, que, segundo Chiacchio, propunha uma renovação mais conservadora e equilibrada das letras baianas. No entanto, teve uma rápida duração, contou somente com três números, os dois últimos reunidos num só volume. Ivia Alves (Ibid., p. 79) ressalta que “a propensão do periódico em acatar tendências diversas, dado a amplitude do ‘tradicionalismo dinâmico’, cria a impossibilidade de apresentá-la definitivamente como modernista”. Carvalho Filho (op. cit.) dá uma explicação sobre as dificuldades e sobre o mau êxito do projeto dos escritores que criaram “Arco & Flexa” em introduzir o modernismo na Bahia, e critica o ambiente pouco receptivo a essas novas idéias:

Só por intermédio de jornais, chegados por via marítima com atraso de mais de um mês, podíamos ter noção precisa do que, com o propósito de renovar em seu conteúdo e em seu continente toda e qualquer manifestação artística — e, em primeiro nível, a literária —, pretendiam os escritores do sul. Era a nossa liberdade de criação. O movimento literário que a Semana de Arte Moderna originou, a rigor permanece — e, na Bahia, se apresentou com um

perfil de hostilidade compreensível. É que nos vencia um ambiente pesado, de falsa cultura clássica, em seu tradicionalismo intocado (Ibid., p. 24-25).

O Modernismo não foi um movimento homogêneo, no sentido de ter sido facilmente aderido pelos intelectuais brasileiros. Sua proposta ousada e original foi motivo de fortes reações por parte dos mais conservadores. Além disso, a notícia sobre o movimento e o acompanhamento de suas atividades só chegava tarde em muitos lugares do país, já na década de 1920 ainda havia um problema sério de comunicação e o transporte rodoviário também era dificultado pelas péssimas condições de tráfego nas estradas.

Se a proximidade de Feira de Santana com Salvador resultou em alguma influência para a cultura literária feirense, esta pode ter sido a aceitação e a imitação de modelos pré-modernistas, especialmente na arte poética, predominantes e irrestritamente praticados por boa parte dos escritores da Capital. Com efeito, até mesmo na seleção de poemas de escritores de fora da cidade feita pelos editores da *Folha do Norte*, para publicação na seção “Folha social”⁵⁴, fica evidente as preferências literárias que correspondem a gostos e valores socialmente compartilhados na sociedade feirense, pelos leitores dos suplementos literários do jornal, por sua elite em particular. É provável que a elite feirense tenha tido um contato maior com estas produções, não só por meio do jornal, mas também por meio de livros, por seus membros terem sido educados de acordo com certos modelos de leitura e escrita considerados

⁵⁴ Eis a lista de escritores nacionais, muitos de tendências pré-modernistas e alguns modernos, que apareceram na *Folha do Norte* entre 1951 e 1969, e o número respectivo de poemas seus aí transcritos: Adalgisa Nery (1), Alphonsus de Guimaraens (3), Alberto de Oliveira (1), Albino Forjaz de Sampaio (1), Allegretti Filho (1), Álvares de Azevedo (1), Anatalino A. Motta (11), Aníbal Teófilo (1), Anísio Melhor (1), Antero Bloem (1), Antero de Alencar (1), Antonio Ferreira da Mota Júnior (1), Antonio Nadyer (1), Antonio Pereira da Mota Júnior (17), Antonio Sales (1), Antonio Zoppi (1), Aristides Araújo (8), Arthur de Sales (3), Artur Azevedo (2), Atos Damasceno Ferreira (1), Augusto de Lima (1), Augusto dos Anjos (1), Augusto Frederico Schmid (3), Belmiro Braga (1), Benedita de Mello (1), Berilo Neves (1), Bráulio de Abreu (1), Camilo de Jesus Lima (2), Camões (1), Carlos Henrique Pires (1), Carvalho Filho (1), Cassiano Ricardo (3), Castro Alves (4), Cezario de Mello (1), Christovam de Camargo (1), Ciro Costa (1), Ciro Vieira da Cunha (1), Cleómenes de Campos (2), Coelho Neto (1), Confúcio (1), Constancio C. Vigil (1), Cruz e Souza (2), Da Costa e Silva (2), Demóstenes Martins (2), Dom Frei Henrique G. Trindade (2), Domingos Rocha Barcellos (3), Emílio de Menezes (9), Eno Theodoro Wanke (41), Ernesto Leal (1), Euricledes Formiga (1), Felix Pacheco (1), Francisco de Paula Franco (1), Gilka Machado (1), Guilherme de Almeida (2), Heitor Maurano (1), Heitor Saldanha (1), Henrique Castriciano (1), Humberto de Campos (2), Ibn Al-Farid (1), J. Batista Cepelos (1), J. G. de Araújo Jorge (5), J. Wanderley (1), Jansen Filho (1), João da Cruz e Sousa (1), Joaquim Mauricio Cardoso (1), Jorge de Lima (4), José Eloy Ottoni (1), Judas Isgorogota (2), Julio Mello e Silva (1), Julio Salusse (1), Laurindo Rabelo (1), Leopoldo Braga (1), Luiz Delfino (1), Luiz Guimarães Junior (2), Luiz Otávio (2), Machado de Assis (4), Manuel Bandeira (6), Mariano Félix Góes (1), Mário Linhares (1), Marques da Cruz (1), Martins Fontes (1), Moniz Bandeira (1), Múcio Teixeira (1), Murilo Araújo (3), Natur de Assis (1), Newton Rossi (1), Nidoval Reis (1), Olavo Bilac (14), Olegário Mariano (7), Padre Antonio Tomaz (2), Padre Hilarião Sanchez (2), Paulo Setúbal (1), Petrarca Maranhão (3), Raimundo Zurel Correia Borges (2), Raul de Leoni (1), Raul Machado (1), Rodrigues de Abreu (1), Soares Bulcão (1), Solimar de Oliveira (1), Vicente de Carvalho (3), Vinicius de Moraes (1), Waldemar Pequeno (1) e Yára Nathan (1).

indispensáveis, elegantes, finos, para este grupo social, e que inclusive eram assuntos de conversas nos meios sociais e nos eventos que freqüentavam ou promoviam.

Na publicação de poemas de escritores nacionais houve a predominância de parnasianos, simbolistas, românticos e naturalistas. E, embora também se verifique a presença de escritores modernos, estes não aparecem com tanta assiduidade no jornal. Ao que parece, o principal movimento literário do século XX não estimulou os intelectuais de Feira de Santana, ainda que o principal significado do Movimento Modernista para a cultura e a sociedade brasileira tenha sido o de inaugurar uma nova fase em que autenticidade e independência, em relação às vanguardas européias principalmente, foram palavras de ordem no âmbito da criação artística. Justamente ao contrário, a maioria dos escritores feirenses que publicaram na *Folha do Norte* entre 1951 e 1969, não foi autêntica, nem original, nem independente. Isso se percebe ao primeiro olhar sobre os temas e a forma de seus poemas: o soneto se fixou como um padrão repetido com freqüência. Os escritores que pretendiam de fato ter algum reconhecimento social não abdicavam dessa estrutura formal. As composições literárias de escritores feirenses buscaram reproduzir modelos pré-modernistas, que, em geral, eram muito bem aceitos pelos apreciadores e produtores da arte literária nesta sociedade. Ana Angélica Morais (1998, p. 166) chegou a afirmar sobre a literatura praticada em Feira de Santana até 1930 que

Desde a primeira década do século XX, já apareceram ressonâncias, no eixo Rio-São Paulo, de algumas expressões novas, chamadas **modernistas**, que vão chegar mais tarde, na Bahia, em Salvador, em experiência de grupos, num dos quais, participavam Eurico Alves, Carlos Chiachio, além dos outros. Mas essas experiências não chegavam a ecoar na literatura do jornal da cidade (grifo da autora).

Como já mencionado, dois escritores feirenses participaram ativamente do Movimento Modernista baiano: Eurico Alves Boaventura e Godofredo Filho. Apesar de eles terem sido reconhecidos em Feira de Santana pelas suas atuações no movimento, provavelmente as repercussões sociais de suas idéias não foram suficientemente fortes a ponto de causar uma franca modificação nos gostos literários dos demais escritores e leitores da cidade. Eurico Alves e Godofredo Filho tiveram muitas de suas composições publicadas na *Folha do Norte*, principalmente nas décadas de 1930 e 1940, e se tornaram escritores renomados nacionalmente. Nas duas décadas seguintes, porém, apenas foram encontrados no jornal um poema e duas cartas, de Eurico Alves, e um poema de Godofredo Filho. Ambos os escritores também falaram de Feira de Santana em alguns de seus poemas. Godofredo Filho, no “Poema

de Feira de Santana”⁵⁵, de 1926; Eurico Alves, em diversos poemas, dentre os quais se destacam “Minha terra” (1928), “Poema da rua do bom-e-barato” (1929), “Cinema” (1932), “A canção da cidade amanhecente” (1937) e “O dia alegre da minha cidadezinha romântica” (1938)⁵⁶. Este último escritor ainda falou sobre Feira de Santana em crônicas e no seu ensaio sócio-histórico “Fidalgos e vaqueiros” (1989).

Na década de 1950 e de 1960 pôde-se identificar algumas exceções a essa regra geral que norteou a prática de literatura em Feira de Santana. Nesse período, dois outros escritores começaram a revelar na *Folha do Norte* novas tendências no âmbito da criação literária, algumas mudanças ainda tímidas, mas que são novidades em meio à repetição durável de modelos pré-modernistas verificada na grande maioria dos poemas. São eles José de Souza Oliveira e Carlos Sampaio. Em primeiro lugar, evitando os temas universais, estes escritores apresentaram temáticas de vertente social; em segundo lugar, a estrutura de suas produções, com estrofes irregulares, típicas conquistas do modernismo, evidencia um novo caminho de criação. Mas falta ritmo às suas estruturas formais, o que acaba impedindo que a proposta modernista se realize. Apesar disso, esses dois poetas já insinuam uma mudança significativa na forma de expressão literária, diante dos padrões fixos e reentrantes encontrados no jornal.

De José de Souza Oliveira foram publicados na *Folha do Norte*, na coluna “Folha social”, os poemas seguintes: “Invernia” (23/06/1951), “Versos de Cachoeira” (07/07/1951), “Barracões” (21/07/1951), “Usina” (04/08/1951), “Ajudante de caminhão” (20/10/1951), “Resto de Feira” (12/01/1952), “A palhoça das minhas recordações” (19/01/1952), “Cabelos brancos” (26/01/1952), “Capitão de areia” (19/04/1952), “O sol” (09/08/1952), “O tronco de um coqueiro” (30/08/1952), “Paus de arara” (06/09/1952), “Paisagens que comovem” (04/10/1952), “O parque” (25/10/1952), “O guarda noturno” (23/05/1953) e “Rosas da rua” (13/06/1953).

A produção poética de Carlos Sampaio localizada neste semanário foi: “Feira” (27/01/1951), “Meu canto” (19/05/1951), “Assim pensei” (02/06/1951), “Lembra-te” (23/06/1951), “Hoje a noite” (10/04/1954), “Paisagens” (05/06/1954) e “Poema dos perversos” (08/02/1958).

Apesar de os temas universais terem sido repetitivos na maioria dos poemas encontrados na *Folha do Norte*, de as vertentes pré-modernistas terem sido predominantes, outras expressões poéticas surgiram, com caráter mais amador. Alguns escritores publicaram

⁵⁵ Esse poema está publicado In: GODOFREDO FILHO. Poema da Feira de Santana. Salvador, S/A Artes Gráfica – Fundação Cultural do Estado da Bahia, 1977.

⁵⁶ Todos estes poemas em OLIVIERI-GODET, Rita (org.). *A poesia de Eurico Alves: imagens do sertão e da cidade*. Salvador: Secretaria da Cultura e Turismo, Fundação Cultural, EGBA, 1999

poemas como forma de homenagear alguém. Veja-se, por exemplo, a dedicatória que aparece no poema “Urubu” (13/12/1958), de Eduardo Tudella: “à mocidade intelectual da ‘Princesa dos Sertões’”; ou a inscrita em “O viveiro” (31/07/1954): “à Profª. Edelvira Oliveira, lembrança afetuosa do discípulo e admirador” Jaldo S. Faria Góes. No soneto “O viveiro”, aliás, há ainda uma apresentação do escritor:

O jovem estudante Jaldo S. Faria Góes, filho do Dr. Jorge Faria Góes, Juiz de Direito nesta Comarca, possuidor de peregrina e promissora inteligência e precoce pendor para a arte poética, é autor do soneto que a seguir estampamos, em que se nota o belo colorido simples e espontâneo de seus versos, pelos quais podemos avaliar o muito que poderá fazer na carreira das letras.

A participação dos escritores neste semanário não era regular. Ano após ano novos nomes apareciam enquanto outros desapareciam, e muitos deles não foram reconhecidos. Mesmo atuando num espaço onde havia maior possibilidade de profissionalização, muitos escritores continuavam a praticar literatura diletantemente e não foram além disso.

Duas mulheres da cidade também publicaram com alguma freqüência no jornal: Aita e Rosa de Portugal. Elas publicaram pequenos poemas, quase todos com uma dedicatória para pessoas dessa sociedade elogiando, parabenizando, dando boas-vindas, mostrando o jornal como um ambiente doméstico.

Outras temáticas que surgiram nesse gênero foram sugeridas pelo calendário, e mostraram em seus conteúdos alguns aspectos mais particulares da vivência dos escritores na cidade de Feira de Santana. Datas comemorativas como Natal, dia das mães, dia dos pais, dia das crianças, dia de Nossa Senhora Santana, padroeira da cidade, dia de São João, entre outras, frequentemente se tornaram temas de composições poéticas.

A aceitação da literatura numa sociedade depende de um sistema de preferências. Por outro lado, ao invés de padrões de excelência fixos para a prática literária, há o relativismo do valor, a instabilidade do gosto, que suscita produções diversificadas dos modelos socialmente predominantes (COMPAGNON, 2001). Surpreende o fato de que um modelo de literatura que vigorou no Brasil, de um modo geral, no início do século passado, mas que já havia sido suplantado, continuava nas décadas de 1950 e de 1960 sendo pertinente fora do seu contexto de origem, em Feira de Santana. No entanto, “o valor literário não pode ser fundamentado teoricamente: é um limite da teoria, não da literatura” (Ibid., 225). Compagnon (Ibid., p. 37) afirma que “a literatura pode estar de acordo com a sociedade, mas também em desacordo; pode acompanhar o movimento, mas também precedê-lo”. As mudanças que historicamente vão se estabelecendo em relação aos modelos e gostos das produções literárias nacionais,

portanto, são assimiladas ou apropriadas, quando são, sempre de maneira diferenciada em cada sociedade brasileira, evidenciando a pluralidade cultural.

A literatura publicada no jornal também podia ser vista como entretenimento, fugindo da seriedade das notícias, do mundo real. Às vezes servia para preencher brancos no jornal, ou funcionava como suplementos, um algo a mais que enriquecia o seu conteúdo. A respeito da idéia da literatura como conteúdo suplementar no jornal, Silviano Santiago (2004, p. 162-163) diz:

O jornal criou semanalmente para o escritor e a literatura um lugar muito especial o do suplemento literário. Vale a pena deter-se um momento na lógica do ‘suplemento’. *Complemento* é a parte de um todo, o todo estará incompleto se faltar o complemento. *Suplemento* é algo que acrescenta a um todo. Portanto, sem o suplemento o todo continua completo. Ele apenas ficou privado de algo a mais; no caso um bônus é dado ao leitor. A literatura (contos, poemas, ensaios, resenhas etc.) passou a ser algo a mais que fortalece semanalmente os jornais, através de matérias de peso, imaginosas, reflexivas, opinativas e críticas, que tentam motivar o leitor apressado dos dias de semana a preencher de maneira inteligente o lazer do *weekend*. O suplemento tem sua raiz fincada no calendário do tempo burguês: a notícia que transmite a ação ocupa o leitor burguês durante os dias de trabalho, enquanto a matéria literária e/ou artística que reclama o tempo da contemplação o envolve durante os dias de lazer (grifos do autor).

Conquanto muitos escritores feirenses tivessem algum reconhecimento e prestígio no campo das letras nesta sociedade, tal atitude não ultrapassou essas fronteiras. Feira de Santana continuou sendo reconhecida mais pela feira de gado ou por ter sido berço de Maria Quitéria. No que diz respeito à literatura poucos se sobressaíram: Eurico Alves Boaventura, Honorato Bomfim, Godofredo Filho, Edith Mendes da Gama e Abreu. Outros importantes talentos como Carlos Sampaio e José de Souza Oliveira continuam desconhecidos do grande maioria. Apesar disso, a literatura publicada na *Folha do Norte* tinha valor social, cultural e político, porque fazia parte de uma ordem, de uma estrutura social, e era também uma das forças em tensão nessa sociedade, já que os modelos de criação socialmente aceitos passavam pelo crivo dos grupos intelectuais de prestígio, que definiam padrões de inteligibilidade e conhecimento.

A publicação literária no jornal *Folha do Norte* provavelmente era lida por uma minoria letrada da cidade, com certo grau de instrução e poder econômico. Os escritores da cidade normalmente atuavam em outras profissões e, com estas publicações, acabavam promovendo ainda mais suas figuras no cenário social local, a atividade literária demonstrava erudição, sintonia com a cultura, além de reforçar certos padrões intelectuais, que eram os mesmo adotados e proclamados pelas elites feirenses. Por outro lado, essas publicações

também davam prestígio para o jornal. Nesse caso não interessava o fato de os escritores feirenses não terem sido autênticos ou originais.

2.2 INSTITUIÇÕES DE INCENTIVO ÀS LETRAS

Na *Folha do Norte* há notícias sobre a criação de agremiações literárias e artísticas em Feira de Santana que se tornaram espaços de encontro e convivência da intelectualidade local. Algumas tiveram vida curta, mas as que conseguiram resistir por mais tempo se constituíram como espaços privativos de circulação de valores artísticos, de comunhão de idéias, e a partir do qual certos escritores feirenses a eles vinculados puderam se apresentar à sociedade como grupos formalmente organizados. A fundação dessas agremiações indicou, em princípio, que uma nova postura ética estava começando a ser formalizada pelos homens de letras da cidade que idealizaram e uniram forças para a criação de espaços que os congregassem, destinados à discussão de assuntos relativos à literatura e às artes, que fossem, além disso, espaços a partir dos quais pudessem obter ou reiterar um reconhecimento social pelos seus trabalhos criativos. Antonio Cândido (2000) afirma que para a efetivação sistemática da literatura em um meio social é preciso que haja a observação de certos critérios:

Não há literatura enquanto não houver essa congregação espiritual e formal, manifestando-se por meio de homens pertencentes a um grupo (embora ideal), segundo um estilo (embora nem sempre tenha consciência dele); enquanto não houver um sistema de valores que enforme a sua produção e dê sentido à sua atividade; enquanto não houver outros homens (um público) aptos a criar ressonância a uma e outra; enquanto, finalmente, não se estabelecer a continuidade (uma transmissão e uma herança), que signifique a integridade do espírito criador na dimensão do tempo (p. 140).

Esses critérios apontados por Antonio Cândido são constatados na literatura praticada por escritores feirenses. De acordo com os dados coletados na *Folha do Norte*, a literatura foi um âmbito da vida cultural feirense que não apresentou um dinamismo fora do comum nas décadas de 1950 e 1960, pois não houve nesse período mudanças expressivas, como o rompimento com modelos desgastados pelo uso e/ou a instituição de novos estilos de criação artística. Muitas produções encontradas no jornal, sobretudo os poemas, tendiam mais para diletantismos literários do que propriamente para uma prática de expressão autêntica. Isso é compreensível se se tem em vista que desenvolver habilidades no campo de criação literária,

segundo padrões de inteligibilidade socialmente dominantes, e ainda publicar estas criações num jornal foi uma prática deveras prestigiada. Conforme Paulo Santos Silva (2000, p. 83)

Os vocacionados para as letras tinham na imprensa uma atraente frente de atuação e formação intelectual. Era uma área ocupada por literatos, professores, médicos, engenheiros, advogados e também, naturalmente, por aqueles que se dedicavam ao jornalismo.

É provável que o público para essas composições literárias fosse formado basicamente por leitores que se interessassem por conteúdos desse tipo na *Folha do Norte*, que devem constituir parcela ainda menor que a estatística de letrados em Feira de Santana verificada no período cingido desse estudo. A existência desse público, mesmo restrito, é de capital importância para a efetivação da literatura na cidade, visto que, como assinala Regina Zilberman (1997), não há literatura sem leitores, é preciso que o escritor forme gostos e eduque leitores para o consumo de suas publicações, preparando-os para absorver técnicas literárias mais refinadas.

O cultivo das letras e a prática literária eram considerados fator de importância social, ainda que os modelos de referência adotados pela maioria dos escritores feirenses revelassem forte traço de provincianismo. A literatura perpetrada por esses escritores e estampada na *Folha do Norte* nas décadas de 1950 e 1960 foi, em linhas gerais, marcada por pouca ou nenhuma originalidade e pela dependência de padrões literários que tiveram fama no Brasil antes de 1922, sob a influência das vanguardas européias. A utilização desses padrões tendeu ao paroxismo, buscando evidenciar uma sintonia com modelos que prevaleceram no Velho Mundo no período da *Belle Époque*, reproduzindo uma forma de colonização. Antonio Cândido (1987, p. 150) salienta que a literatura latino-americana demonstrou uma influência inevitável sociologicamente vinculada à dependência estabelecida com a Europa desde o início do período colonial, no século XVI. Situação que no Brasil, particularmente, começou a se alterar a partir da década de 1920. Apesar disso, essas alterações foram mais notáveis e profundas primeiramente em São Paulo e no Rio de Janeiro, e, de maneira muito desigual, enfrentando toda sorte de resistências e de reapropriações, só décadas depois foram verificadas em outros lugares no interior do país, caso de Feira de Santana a partir do ano de 1972, quando o grupo que fundou a revista “Hera”⁵⁷ empreendeu um movimento local de renovação da literatura na cidade.

⁵⁷ Conforme Moacyr Eduão (2005), a Revista Hera teve como idealizadores os poetas Roberval Pereyr e Antonio Brasileiro, dentre outros. Ele afirma que “Uma verdadeira ‘mulher de trinta anos’, nasce a revista *Hera*, na década de 70, entre os muros do Colégio Estadual de Feira de Santana e o desejo de ultrapassá-los, através da arte poética. Desde 1972, ano de fundação da revista, até hoje, vários poetas baianos têm-se destacado no cenário

A fundação de entidades literárias e artísticas em Feira de Santana foi acompanhada de discursos e notícias publicados na *Folha do Norte*. Esses documentos basicamente buscaram assinalar o ato fundador das agremiações, acentuando que inicialmente aí se reuniriam grupos intelectuais com o firme propósito de fomentar a renovação das práticas artísticas na cidade e de lhes instituir novas cartilhas e ideários. Alguns intelectuais feirenses almejaram mobilizar as agremiações para difundir projetos que servissem à consolidação de redes de influências e de posições, já que muitos deles possuíam vínculos profissionais fora do campo da atividade literária e, além disso, fizeram conhecidos da sociedade seus talentos com a palavra escrita especialmente por meio de jornais. Em “O país do carnaval”, Jorge Amado chegou a definir o que era ser intelectual na Bahia na primeira metade do século passado: “o bacharel é por força escritor, o médico que escreve um trabalho sobre sífilis passa a ser chamado de poeta e os juízes dão valiosas opiniões literárias, das quais ninguém tem coragem de discordar” (apud SILVA, P. 2000, p. 101).

Surgiram em Feira de Santana instituições voltadas apenas ao interesse pela literatura, como ainda instituições mistas, voltadas também ao interesse pela cultura e artes em geral⁵⁸. Na década de 1950 apareceu na cidade o “Centro Literário Aloísio Resende”, a “Associação Cultural de Feira de Santana”, a “Sociedade de Cultura Artística de Feira de Santana/SCAFS” e mais algumas instituições de coligação estudantil, a exemplo do “Grêmio Lítero-Desportivo Gastão Guimarães”, do “Grêmio Cultural Áureo Filho”, do “Grêmio Estudantil Honorato Bomfim” e da “Associação Cultural Filinto Bastos”. Já na década de 1960 é criado o “Grêmio Dival Pitombo”, a “Associação Feirense de Críticos Cinematográficos” o “Teatro Experimental de Feira/TEF” e a “Associação Feirense de Arte”. No presente capítulo, serão estudadas somente as agremiações que tiveram como traço marcante a vinculação com a literatura.

Antes de se ater no estudo de documentos que atestaram a presença dessas instituições e na importância sócio-cultural que elas tiveram para os grupos intelectuais que as formaram e para o meio social em que se fixaram, é preciso ter em vista duas situações: primeira, a conjuntura histórica da cidade de Feira de Santana entre os anos 1951 a 1969, em particular no tocante às práticas e possibilidades de ensino e profissionalização dos jovens feirenses; e a segunda é a proximidade de Feira de Santana da Capital Salvador, lugar-referência para a concretização de padrões de sociabilidade e de vínculos institucionais entre escritores locais.

literário nacional, muitos deles partindo do incentivo das publicações na coletânea do Grupo *Hera*”. In: EDUÃO, Moacyr. O Grupo “Hera” e a poesia em Feira de Santana. *Latitudes*. nº. 2, abril 2005, p. 80-83.

⁵⁸ Não tive informação sobre a fundação de espaços como estes em época anterior à década de 1950.

Somente tendo em vista essas situações é possível compreender de forma mais abrangente os significados da fundação de agremiações literárias e artísticas em Feira de Santana.

Primeiramente, o ritmo de crescimento da cidade de Feira de Santana no período em destaque é mais célere, como foi assinalado no primeiro capítulo, o que motiva muitos articulistas e colaboradores da *Folha do Norte* a classificá-la como cidade “progressista”⁵⁹, sendo que essa classificação tenha atendido também a interesses sociais e políticos dos articulistas e do próprio jornal. As mudanças provocadas pelo processo de urbanização são verificadas tanto no seu aspecto material, como nos hábitos e manifestações culturais da população. O número de instituições (de ensino, de saúde, culturais, etc.) que passaram a existir na cidade é, nesse caso, tomado como um fator indicativo do seu desenvolvimento urbano, ou, como querem os cronistas da *Folha do Norte*, da sua “prosperidade”. A cidade cresce, sua população aumenta e os seus problemas urbanos se multiplicam. É preciso criar uma estrutura mínima e indispensável para administrar as necessidades da população, embora essa estrutura geralmente favoreça apenas um grupo restrito da sociedade. O espaço da cidade não é campo neutro, mas palco ativo de combates cotidianos, mobilizados pelas suas próprias contradições.

As associações literárias em Feira de Santana foram instituições que não estiveram vinculadas às necessidades básicas da população, mas que buscaram resolver outro tipo de necessidade: a de uma mobilização cultural, a de reforçar para a própria sociedade local o que lhe é próprio no âmbito da cultura, da literatura em particular. Entretanto, esses espaços representaram um tipo de cultura, a letrada, e possivelmente foram seletivos em relação à formação do seu quadro de membros. Note-se que não foi a sociedade como um todo que reclamou a criação dessas agremiações, foram grupos de intelectuais que decidiram ser esta uma necessidade para a cidade, discursivamente entendida como “próspera”, para evidenciar a reciprocidade de sua condição de cidade urbanizada e adiantada com outros centros urbanos, podendo ter sido Salvador, nesse caso, a sua principal referência. Mas é importante observar o percurso de formação dos intelectuais da cidade.

No que diz respeito à educação em Feira de Santana, o ensino de primeiro e segundo graus eram garantidos, tanto pela iniciativa privada, como pelo poder municipal e estadual (SANTOS, Ana, 2001). Entretanto, o problema do analfabetismo e da formação educacional incompleta era agravante, indicando a carência de instituições de ensino em número suficiente para atender à demanda da população em idade escolar. O Ginásio Santanópolis, a Escola

⁵⁹ A idéia de “cidade próspera” ou “progressista”, expressa em discursos literários ou não, publicados na *Folha do Norte*, entre 1951 e 1969, está mais bem discutida no terceiro capítulo.

Normal (SOUZA, 1999), o Ginásio Padre Ovídio⁶⁰ e o Ginásio Santo Antonio⁶¹ foram instituições de ensino particular onde estudaram os filhos dos grupos mais abastados da cidade. Quando terminavam o colegial, alguns desses estudantes iam para faculdade e, para isso, tinham que se deslocar para Salvador, para prestar vestibular na Universidade da Bahia. Supõe-se que os estudantes feirenses que freqüentaram a Universidade da Bahia eram, em sua maioria, oriundos de instituições particulares.

Ao longo das duas décadas em análise, a *Folha do Norte* registra algumas reclamações e pedidos para a criação da universidade de Feira de Santana, que viria a beneficiar toda a população da cidade. A criação do seminário de música ou da escola de veterinária, como campi avançado da Universidade da Bahia foi uma exigência de pessoas da Feira de Santana, no momento em que estavam sendo estudadas propostas dessa extensão. O seminário de música chegou a ser instalado na cidade, em 1962, como informa o jornal *Folha do Norte* (ISNTALADOS..., 1962, p. 1). Mas a escola de veterinária foi fixada na cidade de Cruz das Almas. Somente em 1968 começa a funcionar, no antigo prédio da Escola Normal, na Rua Conselheiro Franco, a Faculdade de Educação⁶², primeira instituição de ensino superior em Feira de Santana. Essa faculdade foi um embrião da Universidade Estadual de Feira de Santana, institucionalizada em 1976. Mas isso só aconteceu no fim da década de 1960. Portanto, ao longo das décadas de 1950 e de 1960 os estudantes que quisessem ter formação universitária e seguir carreira acadêmica teriam que se deslocar para Salvador, o lugar mais próximo, onde geralmente se formaram bacharéis membros da elite intelectual feirense.

Rapazes e moças de Feira de Santana iam estudar na Capital, sendo que alguns retornavam a Feira de Santana, onde passavam a exercer suas profissões. É certo que o contato com o ambiente da Capital, com seu ritmo, modificava a percepção dos feirenses à respeito da sua própria cidade, e possivelmente da importância que tinha na cidade a produção e a circulação de objetos de arte e de literatura. A criação de entidades artísticas e literárias na

⁶⁰ O Ginásio Padre Ovídio foi criado em 1961. In: GINÁSIO PADRE OVÍDIO. *Folha do Norte*. Feira de Santana, p. 1, 18/11/1961.

⁶¹ O Ginásio Santo Antonio foi criado em 1962. In: GINÁSIO SANTO ANTONIO. *Folha do Norte*. Feira de Santana, p. 1, 13/01/1962.

⁶² Sobre a reivindicação da criação uma instituição de ensino superior em Feira de Santana, há, por exemplo, as seguintes notícias na *Folha do Norte*: FACULDADE DE FILOSOFIA PARA FEIRA. *Folha do Norte*. Feira de Santana, p. 1, 15/06/1963; WILSON FALCÃO REIVINDICA FACULDADE PARA FEIRA. *Folha do Norte*. Feira de Santana, p. 8, 16/05/1964; ANTONIO JOSÉ COMENTA: FACULDADE DE FILOSOFIA É REALIDADE. *Folha do Norte*. Feira de Santana, p. 4, 20/03/1965; FACULDADE FUNCIONARÁ EM MARÇO. *Folha do Norte*. Feira de Santana, p. 1, 25/11/1967; INICIADAS AS AULAS NA FACULDADE DE EDUCAÇÃO. *Folha do Norte*. Feira de Santana, p. 6, 21/09/1968. Apesar de algumas notícias fazerem menção à criação de uma Faculdade de Filosofia, a primeira faculdade que foi institucionalizada em Feira de Santana foi a de Educação.

cidade pode ter obedecido principalmente a um interesse de intelectuais feirenses de mostrar que a cidade estava sintonizada com a cultura, atualizada no campo das artes e da literatura. A criação desses espaços permitia a reunião, a discussão, a crítica, a troca, fazendo da arte e da literatura objetos de interesse fundamental.

A importância dada à instituição universidade está no fato de ser este um espaço de efervescência intelectual, de discussão, de reflexão, de troca de idéias, de formação cultural e intelectual. Nas universidades os estudantes definem seus perfis e podem formar grupos em torno de interesses comuns. A prática literária entre os estudantes universitários e os bacharéis era bastante estimulada, conforme Paulo Santos Silva (2000).

Ser estudante em Salvador apresentava para esses jovens novas possibilidades de convivência e exploração do ambiente urbano e de sua cultura. Paulo Santos Silva (*Ibid.*) diz que os estudantes chegaram a dividir espaços em pensões ou nos internatos das escolas. Esse historiador considera que a comunidade intelectual baiana de 1930 e 1940 possuía

Em comum um diploma de ensino superior (Medicina, Direito ou Engenharia) e o hábito das letras. Tanto médicos quanto engenheiros e advogados faziam incursões pela escrita, sobretudo através de jornais e outros periódicos. Via de regra, escreviam sobre variados assuntos. Estes polígrafos gozavam de prestígio pela origem social e pela formação educacional. O diploma gerava capital cultural e possibilidades profissionais na área de especialização, assim como no jornalismo e em órgãos públicos. A magistratura e o magistério secundário e superior constituíam campo preferencial de atuação. A política partidária era sua destinação (p. 102).

Essa configuração feita por Silva não é muito diferente nas décadas de 1950 e 1960. Além disso, era na Capital do Estado que se concentravam centros literários importantes e atuantes, inclusive o mais tradicional deles, a Academia de Letras da Bahia. Muitos filhos de Feira de Santana, aqueles mais abastados, iam estudar em Salvador e lá entrava em contato com toda a diversidade cultural que movia a cidade. Salvador era o centro intelectual da Bahia, sobretudo por lá se localizar as faculdades de Direito e de Medicina, o Instituto Geográfico e Histórico da Bahia e a Academia de Letras da Bahia (*Ibid.*). Em relação a esta última instituição, Paulo Santos Silva (*Ibid.*, p. 130) chega a destacar que compunha-se de

40 membros. De acordo com os Estatutos (Art. 4º), só poderiam ser considerados membros efetivos da Academia os baianos que tivessem em qualquer dos gêneros de literatura publicado trabalhos ou obras de reconhecido mérito e, fora desses gêneros, escritos ou livros de valor literário. Sob esse critério também seriam escolhidos os correspondentes de outros Estados.

Em segundo lugar, Salvador era a cidade mais adiantada da Bahia e por isso mesmo uma espécie de modelo de modernidade para os demais municípios baianos. Provavelmente Salvador foi uma cidade-referência para Feira de Santana, que de certa forma buscava mostrar em suas expressões culturais, que também possuía o que possuía a Capital, por ser também Feira de Santana vista como uma “capital”, mas do interior, do sertão. O que se quer enfatizar é que Salvador foi um estigma, um padrão para Feira de Santana, ainda que bem difícil de ser copiado. Para entender a criação de instituições literárias e artísticas na cidade de Feira de Santana é preciso levar em conta o desejo de a cidade querer ser moderna e o modelo em que possivelmente se espelha, que é Salvador.

Em Salvador, certas entidades criadas para reunirem intelectuais tiveram interesses claramente políticos, a exemplo do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia e da Academia de Letras da Bahia (SILVA, P., *Ibid.*). Já em Feira de Santana, as instituições criadas não foram tão sólidas e não tiveram o prestígio social daquelas. Foram iniciativas de grupos restritos que nem sempre deram certo, muito embora os registros sobre o assunto na *Folha do Norte* mostrem a atividade e o interesse de grupos intelectuais da cidade pelas coisas de arte e de literatura, em períodos determinados, e, de modo particular, o interesse por obter *status* social. O simples fato de essas associações terem sido idealizadas e criadas, divulgadas para a sociedade e, de alguma forma, participadas, já é um indicativo importante de que a literatura e as artes na cidade não foram experimentadas somente por meio dos jornais, para a população alfabetizada como um todo, ou nas bibliotecas particulares dos filhos ilustres da terra. Mas foram iniciativas que buscaram estabelecer um método de socialização e de participação mais articulada, quanto fossem circunscritas aos seus membros.

O ano de 1953 marcou a criação do Centro Literário Aloísio Resende e, com ele, a expectativa de renovação das práticas literárias de escritores feirenses. Um mês antes desse acontecimento, em 07 de março, em primeira página a *Folha do Norte* publica a notícia que tem por título “Movimento cultural”, com a seguinte mensagem:

Poetas, escritores, médicos, advogados, jornalistas, estudantes, tendo à frente o dr. Geraldo Leite⁶³, estão elaborando um Manifesto aos intelectuais indígenas, conclamando-os a aderir ao louvável movimento de renovação e soerguimento artístico-cultural que ora se organiza em nossa terra, visando fundar, aqui, sociedade e revista de cultura, nas quais sejam expostos e debatidos problemas de toda ordem, incrementando-se a realização de concertos, de mostras de arte e, sobretudo, procurando-se incutir nas novas gerações o gosto pelas letras e belas artes.

⁶³ Geraldo Leite foi médico em Feira de Santana e professor da Faculdade de Medicina, da Faculdade Bahiana de Medicina e Saúde Pública.

A “*Folha do Norte*” dá o seu inteiro apoio a esses homens, que se propõem a realizar obra tão meritória (MOVIMENTO..., 1953, p. 1).

Esse foi o único documento desse teor encontrado na *Folha do Norte* ao longo de todo período investigado. Não foi possível avaliar a sua repercussão. Também não foi possível, com os documentos encontrados, estabelecer alguma relação entre esse “movimento cultural” e a criação do Centro Literário Aloísio Resende. Aliás, as notícias que se tem sobre a criação desse centro não revelam os nomes de seus membros, o que impede uma investigação mais detalhada de suas atividades.

Na mensagem transcrita acima, os intelectuais feirenses são convidados a participar e a se lançar num movimento de renovação das letras feirenses. Ao que parece, as pessoas envolvidas com este ideal buscavam se desintegrar de um sistema que estabelecia um padrão literário dominante e que, por isso mesmo, era, de um modo geral, copiado, imitado. Quanto ao manifesto ser indígena, talvez isso esteja ligado justamente ao desejo de rompimento com os intelectuais que ainda orientavam suas criações literárias a partir de estruturas obsoletas.

Pode-se supor que os intelectuais feirenses foram acadêmicos em Salvador e lá também vivenciaram algumas sociabilidades manifestadas na boemia, ou em agremiações literárias, jornais e revistas. Aliás, um modelo de intelectual era incorporado quando entravam na universidade e em geral não era abandonado, já que dava *status*, era uma forma de distinção social. Assim, depois de retornarem à sua terra natal, procuravam manter o padrão e um meio de se manter isso era justamente arriscar no campo da literatura, produzir, publicar, se fazer conhecido, ao menos, na sociedade local, mostrar o gosto pelas letras. Outra possibilidade estava na vinculação deles às agremiações literárias ou aos periódicos que publicassem literatura.

Em Feira de Santana o surgimento dessas agremiações não deve ter se dado como uma forma de profissionalização dos escritores, mas se constituiu em um núcleo por meio do qual eles se faziam reconhecidos na sociedade enquanto homens de letras. Talvez a profissionalização não fosse, para muitos deles, uma meta. O fato de produzirem literatura era tão somente um hábito da elite letrada, que indicava intelectualidade e sintonia com a cultura.

Em abril de 1953, a *Folha do Norte* passou a informar sobre os preparativos para a criação do “Centro Literário Aloísio Resende” em Feira de Santana, acompanhando sua agenda de reuniões, que aconteciam no prédio da Prefeitura Municipal, na sala da Agência Modelo de Estatística. Nestas reuniões ficaram registradas a presença de vários intelectuais, interessados em debater os assuntos da futura agremiação, e ficou também decidida a data de

sua fundação e de posse dos membros. A princípio, o lugar em que ocorreria o ato solene era ainda incerto, tendo se pensado na possibilidade de acontecer no salão nobre da Sociedade Euterpe Feirense ou na sala da Câmara de Vereadores, na Prefeitura Municipal. Ao que parece, o Centro ainda não tinha endereço fixo para estabelecer as suas atividades enquanto o planejamento da sua instalação já estava sendo discutido. Depois de três edições consecutivas em que o jornal noticiou a mobilização de intelectuais em torno desse objetivo, sem, entretanto, mencionar o nome dos idealizadores da entidade, a última notícia sobre a sua criação foi esta:

No último domingo, às 10 horas, na Prefeitura Municipal, no salão da Câmara de Vereadores, foi instalada, eleita e empossada a diretoria do Centro Literário “Aloísio Resende”.

A sessão foi presidida pelo Dr. Faria Góis, juiz de direito da comarca, fazendo parte da mesa o representante do Sr. Prefeito do município, autoridades e representantes de várias sociedades. Usou da palavra o Dr. Faria Góis e outros oradores (INSTALADO..., 1953, p. 1).

Após essa notícia não se falou mais em Centro Literário Aloísio Resende na *Folha do Norte* por um bom tempo. Provavelmente o jornal poderia ter deixado de ser porta-voz das atividades do Centro, ou por alguma razão não fosse mais necessário que se publicassem notícias sobre suas atividades. Ora, a fundação de tal associação teve o objetivo claro, explícito, de reunir os escritores da cidade, os interessados pelas belas letras. Seria um agrupamento de intelectuais, agrupamento seletivo da inteligência feirense. Além disso, o fato de levar o nome e, com isso, homenagear um dos mais importantes poetas da cidade também dava à instituição um *status* ao menos local. Velho amigo de redação na *Folha do Norte*, Aloísio foi assim definido pelos redatores em uma homenagem uma década depois do seu falecimento:

Companheiro lealdoso e destemido em todas as lutas e vicissitudes a que é sujeita uma tenda de jornalismo como esta, marcando as páginas da “Folha” com as cintilações dos seus versos magistrais, porque sabia, como poucos, aprisionar o sentimento nas doze grandes marmóreas de um alexandrino, e com o ardor do polemista que não se curvava nem se deixava abater, foi uma alma revoltada e bondosa, procurando, na bohemia, talvez o esquecimento de suas desilusões e dissabores de insatisfeito e incompreendido (O DÉCIMO..., 1951, p. 1).

Em regra, a fundação de associações literárias no Brasil teve o objetivo de agrupar em cada localidade suas principais expressões na literatura e, com um pouco mais de ousadia, proclamar um programa próprio, formular um pensamento próprio sobre a literatura. Não que estivesse livre de influências, mas que se estabelecesse como crítica permanente, criando novas alternativas e formando um pensamento um tanto quanto unificado. Não se sabe, por

meio dos registros encontrados na *Folha do Norte*, se esse foi o objetivo da fundação do Centro Literário Aloísio Resende, se essa ousadia estava na veia dos intelectuais. Mas de qualquer maneira a sua representatividade para a sociedade local era importante, representou a elaboração de um sistema de valores, porque aí se perceberia um movimento, um rumo, um espaço onde a sociabilidade intelectual poderia acontecer de forma mais organizada e estabelecer relações com a sociedade⁶⁴.

As notícias encontradas no jornal não permitiram averiguar quem eram os intelectuais que participaram Centro Literário Aloísio Resende, quem teve a iniciativa de fundá-lo, quais os objetivos e os regulamentos traçados para a instituição. Mas em 1955, a *Folha do Norte* publica na seção “A crônica da semana”, o texto “O ‘Centro Literário Aloísio Resende’”, de José Navarro Silva, que relembra o ato de fundação do grêmio e toda a movimentação em torno deste ideal. Abaixo foi transcrita a crônica na íntegra, devido à importância fundamental desse documento para a apreensão das expectativas e movimentações geradas em torno da criação dessa associação:

Foi em um domingo de Abril de 1950. Por volta das 10 horas, muita gente afluía ao Paço municipal, ali seria fundado o “Centro Literário Aloísio Resende”. A sala da Câmara de Vereadores estava repleta. Depois de instalada, eleita e empossada a diretoria da nova agremiação tudo nos fazia crer que aquele movimento assumiria maiores proporções, e muito em breve a Feira teria um pequeno movimento literário. No entanto, tudo se passou como um sonho. Hoje, um ano e dez meses são decorridos desde a sua fundação, e ninguém tem notícia de que tal associação tivesse se reunido um só dia após o ato de sua fundação. Do “Centro Literário Aloísio Resende” de que hoje já não mais se fala, resta-nos a lembrança daquele domingo de Abril, em que escritores e poetas, modernistas e acadêmicos estavam de mãos dadas. Resta-nos o aroma suave dos dias de festa, a lembrança das notícias nos jornais e as palavras dos oradores inflamados que preconizavam o “Renascimento” das letras feirenses.

O Centro Literário “Aloísio Resende” teve a sua fundação no Palácio mais nobre desta cidade, e o referido ato foi presenciado pelas mais altas autoridades feirenses, porém, os seus fundadores não possuíam o necessário, o essencial para que se levasse avante qualquer empreendimento. Faltava-lhes o idealismo e o dinamismo que são peculiares aos fortes de espírito.

Os verdadeiros movimentos, aqueles que sempre são vitoriosos, não são premeditados em gabinetes luxuosos, nem concebidos em palácios de marfim. Talvez o Centro Literário Aloísio Resende e a Associação Cultural de Feira de Santana estivessem de pé se fossem fundados à luz de velas nos fundos de uma marcenaria, no recesso de um lar modesto ou em um quarto de hotel. Talvez não viessem a cair no esquecimento, mas os homens, para se servirem dos seus talentos e não perderem a oportunidade de abrir as torneiras dos longos e sonolentos discursos de léguia e meia, quase nunca procedem assim.

Depois de muita pompa, muita festa, muita propaganda, desapareceu o Centro Cultural “Aloísio Resende” e a Associação Cultural de Feira de Santana, frutos de uma incompleta concepção (SILVA, J., 1955, p.4).

⁶⁴ Antes da criação de espaços como esse, provavelmente os escritores feirenses faziam parte de um grupo virtual, já que conseguiam se expressar de forma parecida, embora não estivessem associados a algum tipo de sociedade da categoria.

Do relato de José Navarro Silva é possível apreender algumas expectativas em torno da fundação do Centro Literário Aloísio Resende, como a de incentivar na cidade a formação de um movimento literário próprio, genuíno desses intelectuais que formavam o grupo, que poderiam mostrar a sua autenticidade perante a literatura nacional. Entretanto, essa instituição não teve êxito⁶⁵, a pompa da inauguração, as expectativas iniciais não foram suficientes nem mesmo para motivar os membros a se reunirem sequer uma única vez. Para o cronista José Silva, portanto, restam só as lembranças. Cabe perguntar aqui, por que se investiu tanto nessa celebração? Por que os idealizadores do Centro mobilizaram a sociedade em torno da expectativa de sua criação e nem mesmo se reuniram uma única vez? Por que tão facilmente foi recusada a existência dessa entidade? Ao que parece, o “renascimento” das letras feirenses, como sugeriu o cronista, não aconteceu, os esforços empreendidos para essa ideal não foram suficientemente fortes e comprometidos com este ideal, a concepção desta entidade não foi amadurecida. Toda a organização solene da inauguração foi um ato isolado, que não expressou de fato o momento concreto de um nascimento, tendo se encerrado ali mesmo. José Silva também fala, ao fim da sua crônica, sobre a criação da Associação Cultural de Feira de Santana.

Apesar de ter afirmado que esta Associação desapareceu junto com o Centro Literário Aloísio Resende, por ter sido “fruto de uma incompleta concepção”, há na *Folha do Norte* registros sobre a sua criação e sobre as suas atividades. Essa Associação Cultural foi fundada na cidade em novembro de 1953 e foi uma instituição voltada para esse interesse das artes em geral. Na crônica “Renascimento...”, Alonso de Miraval, articulista da coluna “À vold’oiseau...”, fez um relato sobre a cerimônia de inauguração da Associação Cultural de Feira de Santana:

Só as abencerragens do ideal e da estesia poderiam ter acorrido à Euterpe, sábado, para prestigiar uma iniciativa porventura subestimada na sua capacidade de frutificar e florescer na quadra da Idade Média em que vivemos. Pela vez primeira, e não há desaire nisso, durante cinco anos de minha constante comunhão com a sensibilidade feirense, pude auscultá-la sob um aspecto insuspeitado, pudevê-la erguer-se do contingente desvirtuador para a contemplação íntima do Belo. E o que anima e orgulha é que atendeu, com uma solicitude e compreensão imitada, ao convite feito à sua alma talhada para os vôos andinos do sentimento (RENASCIMENTO..., 1953, p. 1).

⁶⁵ Pelo menos, não foram encontrados outros registros na *Folha do Norte* sobre o Centro Literário Aloísio Resende, além dos já aqui mencionados.

O título da crônica de Miraval é uma alusão à época vivenciada na Europa a partir do século XIV, convencionalmente chamada de “Renascença”. O articulista quis dar a entender que a criação da Associação Cultural de Feira de Santana marcaria o início de uma época de revalorização da cultura artística na cidade. Por outro lado, Miraval não faz referências a esse estado de coisas que, em sua opinião, precisaria ser renovado. O que deixa claro em seu comentário é a percepção de “renascimento” da cultura feirense tendo a Associação Cultural como um marco.

Note-se que tanto José Navarro Silva como Alonso de Miraval utilizam a palavra “renascimento” para designar uma nova fase da cultura artística em Feira de Santana. Talvez fosse bom pensar no significado dessa expressão como uma tentativa de superar padrões antigos de produção cultural na cidade, padrões arraigados, que se estabeleceram por longo tempo, fincando raízes difíceis de serem desenterradas. Ou seja, parece que o planejamento de fundação da Associação Cultural também foi pensado tendo em vista o atraso, o descompasso dos padrões convencionalmente adotados por escritores feirenses em suas práticas literárias e a atualidade dos valores e do pensamento artístico em voga e predominante num cenário mais amplo, nacional. Alonso de Miraval prossegue sua crônica relatando sua impressão sobre a inauguração da Associação Cultural de Feira de Santana:

A festa inaugural da A. C. F. S. foi, antes de tudo, um encontro de almas irmãs, possuídas da mesma sede de perfeição, da mesma ânsia de sonho, vinculadas às mesmas aspirações de fuga, mesmo efêmera, às realidades chocantes da existência.

O silêncio, o grande silêncio eloquente dos grandes instantes, foi o clima cujo influxo dominador nos abandonamos, para viver uma hora de singular encantamento, ouvindo Pergolieri, Stradella, Scarlatti, Mozart, Rossini, Auber, Massarani, Puccini, Ernani Braga, Georgina Erismann, dos quais a vera e inspiradora poesia de Antero de Alencar se constituiu friso e liame coloridos.

A mim, particularmente, pareceu-me ter adentrado um bosque de sonho ou átrio de um templo de luz, onde sombras amigas me segredassem coisas jamais ouvidas...

Parabéns A. C. F. S., pelo auspicioso evento de seu primeiro recital. Ela tem o direito a inscrever no frontispício de seu luminoso proscênio aqueles luminosos versos de Luis Delline: “Enrai! Por mais que a noite em vós se note,

Tereis um astro à frente, na saída...” (RENASCIMENTO..., Ibid.)

O cronista expõe suas impressões e nela faz parecer que a Associação Cultural tornou o ambiente da cidade culturalmente “respirável”. Diante de todos os problemas e dificuldades que uma cidade em desenvolvimento experimenta em seu cotidiano, a Associação Cultural, de acordo com Alonso de Miraval seria um ambiente onde a contemplação da arte teria o poder de fazer seus membros se desligarem de toda movimentação comum do cotidiano da cidade, para ingressar em um ambiente onde a contemplação da arte alimentaria o espírito saturado

pelas amarras do dia-a-dia. A Associação Cultural teve não só o papel de reunir os intelectuais da cidade, como também de promover eventos artísticos para a sociedade como um todo, como recitais, exposições e apresentações musicais, muito embora a parcela da sociedade que possivelmente tenha prestigiado essas atividades tenha sido a mais culta e abastada.⁶⁶

No ano de 1957 surgem em Feira de Santana algumas agremiações de caráter estudantil. Nas escolas, a sociabilidade literária também teve seu espaço privilegiado. Foram fundados: o “Grêmio Lítero-Desportivo Gastão Guimarães”, que congregou alunos dos cursos diurno e noturno do Ginásio Estadual de Feira de Santana; o “Grêmio Cultural Áureo Filho”, o “Grêmio Estudantil Honorato Bomfim”, do Colégio Santanópolis. Nessa época também a “Associação Cultural Filinto Bastos” tem sancionada pelo Prefeito a lei que a considera de utilidade pública. Em 1962, houve ainda a criação, do “Grêmio Dival Pitombo”. Essas instituições tiveram sua importância na cidade, congregando um grupo específico, os estudantes, e, em geral, não tiveram só a literatura como objetivo, mas também outras atividades, artísticas, esportivas e de lazer. Foram espaços de sociabilidade de estudantes, de aprendizagem e de inserção nessa movimentação de valores. Entretanto, não foi possível estudar em que medida e como a literatura foi vivenciada dentro dessas organizações.

Conforme Cândido (2000), a literatura praticada pelos estudantes, em agremiações, de forma mais organizada, fica impermeável à sociedade, torna-se manifestação encerrada no âmbito de um grupo multifuncional que é ao mesmo tempo produtor e consumidor. Em relação às agremiações estudantis em Feira de Santana, é certo que a *Folha do Norte* publicava suas agendas de reuniões e atividades, mas nem todas as suas realizações figuram no jornal, ficando por isso mesmo restrita ao próprio círculo dos membros que formam estas entidades. Em Feira de Santana, os grupos de estudantes e de intelectuais interessados por literatura, não pretendiam ou fundaram uma nova concepção de literatura, a crítica não foi o fio condutor das atividades que exerciam nas agremiações, a ousadia não imperou como marca de seus envolvimentos com o assunto, como atividade que exerciam paralelamente a outras. Isso é o que, ao menos, mostra a produção literária que publicaram na *Folha do Norte*.

Outra forma de se fazer circular a literatura em Feira de Santana e de, ao mesmo tempo, congregar estudantes e intelectuais em torno desse interesse, foi a criação de alguns jornais de pequeno porte. Em Feira de Santana, houve em 1933 o surgimento de *A Flor*, “quinzenário humorístico, literário, noticioso”. Na década de 1950 também houve a criação de outros dois jornais: *A Luz*, de 1951, que se definiu como “órgão da sociedade feirense”, “em

⁶⁶ Antes e depois da fundação da Associação, estes eventos eram realizados também no Feira Tênis Clube.

defesa dos interesses do povo”, “semanário independente, noticioso e literário”; e *O Coruja*, de 1956, “órgão independente, noticioso e literário”, esse dirigido por Oyama Pinto da Silva e tendo com redator chefe J. L. Navarro da Silva.⁶⁷ Entretanto, apesar desses jornais também se definirem também como literários, em seus conteúdos a literatura teve um espaço restrito. Em formato tablóide, e contendo quatro páginas cada um, esses jornais publicavam muitas propagandas, o que provavelmente sustentava as suas edições, e notícias sobre o cotidiano da cidade.⁶⁸

Uma das instituições mais ativas que surgiram em Feira de Santana, no período desse estudo, foi a Associação Cultural Filinto Bastos, criada em Feira de Santana no ano de 1957. Com freqüência essa Associação promovia atividades, relacionadas à literatura, ao lazer e outras artes, como exposições de pinturas, concertos e recitais, chegando até a criar uma revista própria: “Sertão”. O fato de ter criado uma revista já indica alguma solidez e comprometimento do grupo que a fundou, no estabelecimento de idéias e linhas de pensamento. Entretanto, foram poucas as informações encontradas na *Folha do Norte* a respeito desta instituição. A data de publicação do primeiro número de “Sertão” foi 1961, quando no jornal apareceu a seguinte notícia.

Já está circulando, nesta cidade, a revista literária “Sertão”, publicada sob os auspícios da “Associação Cultural Filinto Bastos”.

A revista em apreço que já se encontra em todas as bancas e jornaleiros contém colaborações de vários intelectuais feirenses (REVISTA..., 1957, p. 1).

Três anos depois do lançamento da revista, a *Folha do Norte* publica na coluna “Panorama” uma crônica do jornalista e jurista Hélder Alencar, intitulada “Sertão: um brado contra a mediocridade”, crônica de grande importância, que deu a entender aspectos da dinâmica e da formação do quadro de membros da Associação Cultural Filinto Bastos. Como é o principal documento que fala dessa Associação e também de “Sertão”, a transcrevemos na íntegra:

Todos aqueles que lutam por inculcar na consciência popular o amor pelas coisas da cultura enfrentam terríveis dificuldades. Este é o caso dos que fazem e dos que colaboram com “Sertão”, revista cultural que circula sob a responsabilidade da Associação Cultural Filinto Bastos. Terça última, o grupo dirigente da revista, presidido pelo incansável Raymundo Almeida, que tudo tem feito pela Associação, entregou aos feirenses o segundo número, mais

⁶⁷ Provavelmente se trata de José Luiz Navarro da Silva, um dos irmãos Navarro que comandava a *Folha do Norte*.

⁶⁸ Não sei dizer quantas edições existiram desses jornais, nem o ano em que pararam de publicar. Tive acesso a alguns desses jornais por meio de um colecionador que só tinha um exemplar de cada jornal.

uma vez integralmente cultural. Sempre houve e haverá os que combatem e criticam publicações de tal natureza, por serem medíocres natos ou voluntários. Felizmente, para a Feira, particularmente para o Brasil, há, por outro lado, os que se dedicam inteiramente à cultura, os que nascem predestinados a fomentar e a difundir o saber! “Sertão” é arte e cultura desde sua capa, muito bem feita, por um dos mais talentosos jovens da nova geração feirense, o pintor e também poeta Juracy Dórea Falcão, inegavelmente uma das maiores esperanças da cultura e da arte feirenses. Com seções de acordo com o assunto abordado, encontramos desde Estudos Sociais até Crítica Literária, uma série de artigos e poesias despretensiosas, todos nascidos do desejo de incentivar, colaborar e aplaudir os membros da Filinto que, com denodado esforço, lançaram o número dois da revista “Sertão”, uma das poucas no seu gênero no Brasil e a única no Estado da Bahia. Ao abrirmos a revista, deparamos com um artigo do Prof. Edvaldo Boaventura, um feirense que se vem dedicando ao estudo dos problemas sócio-econômicos do nordeste brasileiro e é considerado uma das grandes autoridades no assunto. Fernando Ramos e Olney São Paulo, como contistas, revelam-se uma vez mais, ambos demonstrando o talento de que são possuidores. Reunindo os novos e os velhos poetas feirenses, Sertão apresenta poesia de inestimável valor de: José Sampaio, Aloísio Resende, Aroldo Ramos, Georgina Erismann, Antonio Lopes, Walneide São Paulo e Dival Pitombo, este, surgindo como poeta, a mesma força e valor do historiador, do crítico, do prosador. O cinema, este grande veículo de cultura, não passou desapercebido e teve seu lugar através de Fernando Ramos e Antonio Álvaro. Eurico Boaventura também esteve presente com uma excelente crônica de viagens e Floriano Mota apresenta-se com grande talento, crítico sensato e equilibrado. Congregando assim o que há de melhor na intelectualidade de nossa terra, a Associação Cultural Filinto Bastos lançou o segundo número da sua revista. Sertão não marcará apenas sua passagem pela História Cultural feirense, mas sim pela Bahia, pois é um brado veemente contra a mediocridade e a inércia que dominam muitas consciências. Sertão colabora decisivamente na batalha que pertence a todos os homens de pensamento, para levar ao povo uma mensagem nova e revolucionária: a mensagem dos que não se curvam e nem se curvarão aos medíocres e derrotistas, que não enxergam o futuro. Sertão é uma mensagem viva e autêntica, mensagem de saber, de cultura e de arte. A Feira deve prestigiar os idealizadores de Sertão, oferecer-lhes apoio e solidariedade, porque seu nome será elevado sempre pela cultura, pela arte, pelo saber e como provas aí estão Godofredo Filho, Eduardo Portela e Raymundo Oliveira, feirenses ilustres, que em outras plagas mostram o valor de nossa terra (SERTÃO..., 1964, p. 1).

Hélder Alencar fez uma apresentação da revista e de seus colaboradores. Mas principalmente fala da importância da criação da revista para a cidade de Feira de Santana, capaz de congregar os melhores expoentes das artes e da literatura na cidade. Isso demonstra que em Feira de Santana uma movimentação cultural se formava, tinha idealizadores, projetos de existência, pessoas engajadas, que buscavam fazer desse ideal comum uma prática socialmente comprometida, que se revelava não somente para o grupo em si, mas para a sociedade como um todo, que assim seria capaz de valorizar essas pessoas e essas iniciativas, poderiam vivenciar essa circulação de valores, poderia debater, conhecer, participar mais ativamente não só da criação, mas principalmente da divulgação e da repercussão que essas criações artísticas viriam a adquirir na cidade. Por isso, a crônica serve como publicidade e ao mesmo tempo como convite à população para se atualizar, conhecer melhor sua terra e o que aí é feito nesse campo, o que a cidade tem a contribuir para a as letras, que marca deixa nesse

aspecto, qual a sua trajetória, sua história e o que fica como memória. Registros há sobre todas essas coisas, guardados em arquivos, que permitem aos pesquisadores e interessados de hoje ver o que se construiu no passado, que patrimônio cultural foi formado, o que se legou. Ao que parece, as atividades e contribuições dos intelectuais da Associação Cultural Filinto Bastos não aconteceram simplesmente porque fazer parte do quadro de membros de uma associação desse tipo dava à eles prestígio social, mas porque nessa instituição se reuniu um grupo sério, com propostas inovadoras, que ousaram realizar um movimento de renovação nas letras feirenses e permaneceram coesos⁶⁹ em seus objetivos.

Também outras instituições culturais foram inauguradas em Feira de Santana. Porém, a maioria teve por característica serem mistas, como as associações estudantis já citadas. Ou seja, não foi apenas a atividade de literária que estimulou a fundação desses espaços, a literatura passou a ser mais um aspecto de um universo mais diversificado. As artes em geral, as atividades de lazer e entretenimento e as atividades esportivas, era do que cuidavam essas instituições. Algumas foram muito específicas, como as que tinham por interesse o teatro, como a que ficou conhecida como “Teatro Experimental de Feira”; ou o cinema, como a “Associação Feirense de Críticos Cinematográficos”. Outras foram mais abertas, a exemplo, da “Sociedade Cultural e Artística de Feira de Santana”, fundada em 11 de março de 1957⁷⁰; e da “Associação Feirense de Arte”, surgida em 1960, que promoveu importantes concertos na cidade.

Esses espaços institucionais originaram-se de uma rearticulação do campo intelectual (BOURDIEU, 1987) local, provavelmente visando assegurar a afirmação, como escritores, de pessoas normalmente reconhecidas por atuar em outras áreas profissionais; e uma maior especialização do trabalho desse grupo. O comprometimento em assumir uma nova postura em relação a estas práticas surgiu como promessa ou expectativa inicialmente expressa nas cerimônias de inauguração das agremiações e da posse de seus respectivos membros, sendo opinião geral dos grupos que havia uma necessidade imperativa de mudança com o estado habitual das letras feirenses, segundo discursos apregoados na *Folha do Norte*. Essas associações foram sendo fundadas em Feira de Santana, revelando quiçá o aumento do interesse de intelectuais feirenses por constituir espaços de congregação onde pudessem dialogar sobre coisas de literatura e de arte. Apesar de a criação desses espaços ter sido estimulada também com o objetivo de renovar as formas de criação cultural-literária entre

⁶⁹ Não sei dizer por quanto tempo eles permaneceram coesos, pois não encontrei registros que tratassem desse aspecto na *Folha do Norte*, nem constatei, no período delimitado desse estudo, quando as atividades da Associação Cultural Filinto Bastos foram encerradas.

⁷⁰ *Folha do Norte*, as atividades da SCAFS, 20/07/1967.

intelectuais feirenses, as produções literárias encontradas na *Folha do Norte* não mostram mudanças significativas nesse âmbito. Por meio dos documentos pesquisados no jornal foi possível apenas encontrar pistas, indícios, do ambiente cultural e literário de Feira de Santana. É certo que, como ressalta Pierre Bourdieu (op. cit., p. 186), é necessário determinar as funções desse *corpus* literário na sociedade, já que esse material não pode ser compreendido sem que seja percebido dentro de um sistema de relações de concorrência e conflito entre grupos que assumem diferentes posições dentro de um campo intelectual, que são também posições que definem um campo de poder. Em relação às práticas literárias esboçadas pelos escritores, Bourdieu (o. cit., p. 201-202) considera que elas podem ser entendidas como

habitus, sistema de disposições inconscientes que constitui o produto da interiorização das estruturas objetivas e que, enquanto lugar geométrico dos determinismos objetivos e de uma determinação, do futuro e das esperanças subjetivas, tende a produzir práticas e, por esta via, carreiras objetivamente ajustadas às estruturas objetivas.

Na *Folha do Norte*, a publicação de literatura de escritores locais revelou que havia entre eles uma unidade informal e superficial, ao menos, já que a maioria trabalhava com os mesmos modelos criativos socialmente considerados ferramentas para a produção de “boa literatura”. Além disso, muitos escritores que publicavam no jornal eram diletantes ou bissextos e mais reconhecidos na sociedade pelo exercício de outras profissões. Já a fundação de Associações Culturais e agremiações estudantis podem ter sido derivadas da mobilização que envolveu atitudes de idealização e de execução de planos, a partir da inquietação de alguns intelectuais, provavelmente descontentes com o ambiente cultural/literário estabelecido pela maioria dos escritores feirenses, que ainda guiavam suas penas por modelos finisseculares. Por outro lado, esses espaços podem ter propiciado reconhecimento social para os intelectuais que aí atuaram, e também podem ter servido como lugar de divulgação de sua literatura, para informação ao menos da sociedade local de suas contribuições para a história cultural da cidade.

A criação das academias de letras por todo o país⁷¹ é exemplo concreto da necessidade da existência desses agrupamentos, de espaços de socialização e troca de idéias, espaços onde os escritores podiam se fazer conhecidos entre eles e do grande público, onde podiam estabelecer, como grupo, seus próprios vínculos e modelos, com a criação de cartilhas que

⁷¹ A primeira academia de letras fundada no Brasil foi a Brasílica dos Esquecidos, na Bahia, em 1724. Em 1897 Machado de Assis, como presidente, inaugurou a Academia Brasileira de Letras para o incentivo da cultura de nossa língua e da literatura nacional. In: PEREIRA, Rubens Alves. Fraturas do texto: Machado e seus leitores. Rio de Janeiro: Sette Letras; Feira de Santana: Universidade Estadual de Feira de Santana, 1999.

indicariam as suas práticas. A atuação no jornal e a participação nessas agremiações podem ter sido vias paralelas à profissionalização dos escritores. Os escritores aí agrupados podiam encontrar uma vertente literária própria ou uma identidade que os marcassem enquanto grupo diante de outros grupos. É importante perceber a criação dessas entidades em Feira de Santana, ainda que de acordo com os documentos que encontrados tenha sido possível somente assinalar suas fundações e algumas participações, sendo difícil dizer sobre a dinâmica de suas atividades, sobre seu calendário e programa de reuniões, sobre os participantes, etc.

2.3 PRÁTICAS DE CRIAÇÃO CULTURAL

As entidades literárias e artísticas foram, sem dúvida, espaços importantes de criação e movimento cultural em Feira de Santana. Mas, os escritores da cidade puderam ainda buscar reconhecimento pelos seus trabalhos literários em outros meios, um deles eram os concursos literários. A *Folha do Norte* noticiou a realização de diversos concursos literários, com seus respectivos regulamentos, tanto os de âmbito internacional, como os de âmbito nacional, estadual e local. Em 1951, por exemplo, traz a notícia do “Prêmio Brasil”, oferecido pelo diário português “Democracia do Sul”, como parte das comemorações do seu 50º aniversário. Neste mesmo ano anuncia o “Concurso literário sobre aviação”, promovido pela Women’s International Association of Aeronautics, organização sediada nos Estados Unidos. Houve ainda em 1953 a notícia dos “Concursos literários e musicais”, promovido pela Comissão do IV Centenário da Cidade de São Paulo, sendo que prêmio o literário, intitulado “José de Anchieta” abrangeu romance, conto, poesia e ensaio. Em 1960 foi instituído o “Prêmio Euclides da Cunha”, no valor de Cr\$ 20.000,00, promovido pela Casa de Euclides da Cunha, de São José do Rio Preto, São Paulo, dado para o melhor trabalho escrito ou divulgado (livro ou folheto) durante aquele ano e que tratasse dos problemas sociológicos brasileiros. Em 1962 anunciou o regulamento para o “Primeiro Festival Brasileiro de Literatura”, organizado pela Academia Teresopolitana de Letras. Em Feira de Santana foi organizado, em 1963, o “1º concurso de arte e literatura infantil”, empreendimento que teve “como objetivo desenvolver e aperfeiçoar as aptidões artísticas das escolas primárias desta cidade”. Exceto esse último concurso, de realização local, a *Folha do Norte* transcreveu as notícias sobre os outros concursos literários citados, de outros jornais de circulação nacional. Não houve registros na

Folha do Norte sobre a participação de escritores da cidade naqueles concursos. Em todo caso, essas notícias, no momento em que foram publicadas no jornal feirense, apontaram para eles possibilidades de participação.

Um prêmio foi conferido a um escritor feirense em 1964, foi noticiado na *Folha do Norte*:

O livro “Jacuípe, Sol a Pino”, do feirense Hilário de Azevedo, foi agraciado com o prêmio Franklin Távora, ofertado pela Biblioteca do Exército (ALENCAR., 1964, p. 1).

Ainda foi noticiada a participação de escritores feirenses no grande prêmio Walmap:

Sob o patrocínio do Banco Nacional de Minas S/A está sendo instituído o “Grande Prêmio Nacional Walmap”, que visa premiar a melhor obra literária do País. O prêmio ao 1º colocado é da ordem de 2 (dois) milhões de cruzeiros. Entre os famosos escritores brasileiros inscritos, estão os feirenses (com as suas respectivas obras literárias): Dival Pitombo com o “Beco do Mocó”, Ciro de Carvalho Leite com “Flagelados do Nordeste” e Fernando de Souza Ramos com “O Demônio”.

Como vemos, Feira Cultural está barbaramente representada. Intervalo literário (ESCRITORES..., 1964, p. 4).

Outros importantes concursos literários foram anunciados ao longo da década de 1960. Em 1965 Hélder Alencar, jornalista da *Folha do Norte*, anuncia o “Concurso Olavo Bilac”, promovido pela Associação Cultural Filinto Bastos, no ano do centenário de nascimento deste poeta. Os trabalhos inscritos deveriam versar sobre a vida e a obra de Bilac. Foi um concurso destinado aos “estudantes matriculados em estabelecimentos de ensino do grau médio do Município de Feira de Santana”, segundo Alencar, sendo que o primeiro e o segundo colocado no concurso teriam seus trabalhos publicados na *Folha do Norte*. A comissão julgadora deste concurso foi formada pelos seguintes membros: Prof. Almiro de Almeida Vasconcelos, Profª. Teresinha Almeida, Drs. Dival da Silva Pitombo, Eurico Alves Boaventura e Oswaldo Pinheiro Requião⁷².

Mais três concursos foram ainda anunciados na *Folha do Norte*: o “Grande concurso monográfico: Padre José de Anchieta”, de 1966; o “Prêmio para trabalho sobre Bartolomeu de Gusmão”, de 1967; e, também em neste ano, um concurso estadual:

⁷² Não encontrei registros no jornal que tivessem tratado das etapas posteriores de realização do concurso, ou mesmo da publicação de trabalhos dos dois primeiros colocados. Isso deve ter acontecido porque, como ressaltei na Introdução desse estudo, algumas edições do jornal estavam ausentes em meio à coleção geral dos exemplares de cada ano pesquisado.

O Governo do Estado, através do Decreto n. 22.334, de 14 de setembro do ano corrente, instituiu prêmios literários no valor de dois mil cruzeiros novos, intitulados Artur Sales, para poesia, Xavier Marques, para novela, e Jorge Amado, para romance.

Para a concessão dos mencionados prêmios a Secretaria de Educação realizará concursos anuais e as obras premiadas serão publicadas por editora de projeção nacional.

As inscrições para o concurso estarão abertas a partir de 3 de novembro do ano corrente e serão encerradas a 30 de junho de 1968 e os prêmios somente serão conferidos a baianos.

Qualquer informação deverá ser solicitada ao sr. Diretor do Departamento da Educação e da Cultura, Museu do Estado, Salvador-Bahia.

Mesmo que muitos intelectuais feirenses não tivessem participado da maior parte dos concursos divulgados na *Folha do Norte*, esses anúncios foram importantes para informar essa possibilidade, podendo ter gerado um estímulo entre eles, afinal, através de concursos os escritores poderiam ter seus nomes lançados, reconhecidos, e também podiam angariar fundos para editar seus livros.

Há também na *Folha do Norte* mais um conjunto de notícias que indicam aspectos das atividades intelectuais em Feira de Santana: as que dão notícia sobre lançamentos de livros de intelectuais feirenses. Em 07 de abril de 1951 a *Folha do Norte* noticia: “‘MARIA QUITÉRIA’, de Fernando Alves, irá para o prelo”:

Estamos seguramente informados que o nosso ilustre conterrâneo Fernando Alves, está cogitando de levar ao prelo, dentro em breves dias, o seu interessante trabalho cujo título serve de epígrafe às presentes linhas “Maria Quitéria”, prêmio do 1º Congresso de História há pouco realizado, ao que tudo indica está fadado ao melhor sucesso de livraria.

Segundo nos foi possível verificar “Flâmula Propaganda Ltda.”, está autorizada a tratar da publicação do interessante trabalho de Fernando Alves, tudo indicando que sua publicação virá pela “Editora Globo” de Porto Alegre, no Estado do R. G. do Sul.

Outro importante lançamento que aconteceu na cidade Feira de Santana, em 1961, foi o da revista “Tule Poesia”. Entretanto, não há na *Folha do Norte* informações sobre os criadores da revista e a única notícia que se tem sobre a sua publicação é a seguinte:

Acontecimento cultural dos mais importantes do ano, nesta cidade, foi o lançamento da revista *Tule Poesia*, realizado na livraria “O Lápis de Ouro”, ontem às 17 horas.

Destacados membros da sociedade e dos meios literários dessa cidade e de Salvador estiveram presentes no ato, que foi patrocinado pela prefeitura local e pela Imprensa Oficial da Bahia (LANÇAMENTO..., 1961).

Uma publicação de escritor feirense teve uma nota mais extensa na *Folha do Norte*. Trata-se de um trabalho do Prof. Dival Pitombo publicado na Argentina. Pitombo foi intelectual muito prestigiado em Feira de Santana. Ora era chamado de Doutor pelo jornal, ora de professor, de crítico literário, de historiador e de jornalista. De fato, ela caminhou por todos

esses campos. Foi assídua a presença dele em vários eventos culturais da cidade, divulgando ou organizando, como mostra a *Folha do Norte*, por exemplo, no anúncio da “Grande exposição de arte moderna em Feira de Santana”, ou ao destacar sua presença em lançamentos de livros na cidade, em exposições, ou proferindo palestras. Dival da Silva Pitombo (1916-1989) foi poeta, ensaísta e conferencista feirense. Bacharel em odontologia pela Universidade da Bahia (1946), foi também professor em Feira de Santana, historiador⁷³ e dirigiu o Museu Regional desta cidade. Para o jornal, uma publicação sua não era só motivo de prestígio pessoal para o escritor, mas para a cidade. O nome de Feira de Santana pôde, assim, ser lembrado em outro país, como a terra de Dival Pitombo, como mostra a seguinte notícia:

A revista “ECOS” que se edita na cidade de Buenos Aires, capital da República Argentina, em seu número comemorativo do 15º aniversário, publica, entre outras produções literárias de intelectuais portenhos, um trabalho do nosso conterrâneo Dr. Dival Pitombo sobre a poetisa Lucila Godoy Alcayaga, que se tornou famosa no mundo das letras com o pseudônimo de Gabriela Mistral.

O mencionado trabalho aparece naquela revista, em língua castelhana, numa primorosa tradução da escritora argentina Marta Casablanca, que se tem revelado uma grande amiga da nossa Pátria, pois está sempre procurando os reais valores da nossa terra e da nossa gente.

Após o nome do nosso conterrâneo que assina a referida produção literária vem assinalada a seguinte indicação: “Professor na Cidade de Feira de Santana (Estado da Bahia) Brasil”.

Registrados, pois constitui uma prova de que o nome da nossa Cidade está sendo levado a terras distantes, não apenas pelas façanhas do nosso futebol, mas também pelos seus foros de inteligência e cultura (UMA PUBLICAÇÃO..., 1957, p.1).

Em outros momentos, a *Folha do Norte* publicou notícias sobre livros que estavam no prelo, demonstrando que os intelectuais da cidade estavam em atividade, produzindo conhecimento e publicando seus trabalhos. Em 1965, na coluna informativa “Hélder Alencar informa”, este jornalista fala sobre a publicação “Fidalgos e vaqueiros”⁷⁴, ensaio sociográfico-literário (SOARES, 2003) de Eurico Alves:

Ainda este ano estará nas livrarias o esperado livro do feirense Eurico Boaventura: “Fidalgos e vaqueiros”. Segundo podemos informar, com absoluta segurança e em primeira mão, o editor

⁷³ Lélia Victor Fernandes de Oliveira diz que Dival Pitombo “foi professor catedrático de História, fundador da Sociedade Feirense de Arte, conferencista, articulista, diretor do Instituto de Educação Gastão Guimarães, membro da Academia Feirense de Letras, onde foi presidente; do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia, diretor do Museu Regional de Feira de Santana, diretor da Vida Universitária da UEFS. Escreveu: ‘Litania para o Tempo e a Esperança’ (poesia); ‘Poesia Hispano-Americana’ (ensaio); ‘José Bonifácio e a Independência’ (História); ‘Palavras para a Juventude’ (discursos); ‘José de Alencar e o Modernismo’ (conferência); ‘Florilégio Poesia’ (antologia)”. In. OLIVEIRA, Lélia Vitor Fernandes de. *Memorial Poético de Feira de Santana: (100 poetas feirenses)*. Feira de Santana: Mendecosta, 2001.

⁷⁴ BOAVENTURA, Eurico Alves. *Fidalgos e vaqueiros*. Salvador: UFBA, Centro Editorial e Didático, 1989.

Gumercindo da Rocha Dórea, da Editora G. R. D., mostra-se interessado na publicação da citada obra (ALENCAR, 1965, p.)⁷⁵.

Mais um evento de grande importância para a cidade foi o lançamento de “Os pastores da noite”, do escritor Jorge Amado, na Livraria Guanabara, em Feira de Santana. A *Folha do Norte* traz a notícia da movimentação que causou na cidade a presença desse consagrado escritor baiano, num evento que reuniu cerca de 500 pessoas:

Jorge Amado autografou cerca de 500 volumes, para os seus leitores, entre os quais se notavam, ao lado dos intelectuais e pessoas letradas, gente do povo, disputando uma dedicatória ao autor nos volumes adquiridos.

Foi um sucesso inédito o lançamento do livro (SUCESSO..., 1964, p. 4).

E acrescenta, dizendo alguns nomes de intelectuais que participaram do ato:

O autor compareceu ao ato, autografando cerca de quinhentos exemplares. Estiveram presentes o Prefeito Joselito Amorim, o jornalista Hélder de Alencar, os escritores Fernando Ramos, Ciro Leite, Dival Pitombo, intelectuais, autoridades e representantes de entidades de classe (GUANABARA..., 1964, p. 1).

A grande movimentação social que causou o lançamento de “Os pastores da noite” em Feira de Santana mostra um interesse expressivo da sociedade local ou em admirar o evento, ou em apreciar o autor e sua obra, supondo-se que Amado tivesse um público leitor formado na cidade, para as suas criações. Com efeito, Antonio Candido afirma (2000, p. 76) que “o público nunca é um grupo social, sendo sempre uma coleção inorgânica de indivíduos, cujo denominador comum é o interesse por um fato”. Apesar disso, a obra provoca um dinamismo social porque cria na sociedade redes de influência, cria públicos e modifica o comportamento dos grupos, definindo as relações humanas (Ibid., p. 74). “A literatura é pois um sistema vivo de obras, agindo umas sobre as outras e sobre os leitores; e só vive na medida em que estes a vivem, diferenciando-a, aceitando-a deformando-a” (Ibid., p. 74).

As livrarias feirenses, apesar de terem funcionado ao mesmo tempo como papelarias, sobretudo atendendo o público estudantil da cidade, e de não terem sido especializadas em fornecer livros acadêmicos ou literários em grande número de títulos para a sociedade local, tornaram-se espaços onde as sociabilidades intelectuais puderam ser observadas em eventos

⁷⁵ Apesar dessa informação tão “segura”, “Fidalgos e vaqueiros” só veio a ser editado em 1989, 15 anos depois da morte de Eurico, por iniciativa de sua filha Maria Eugênia Boaventura.

como lançamentos de livros.⁷⁶ A Livraria Guanabara parece ter sido a principal livraria feirense a sediar eventos como esses. Além de ter sediado uma tarde de autógrafos de “Os pastores da noite”, também foi lugar onde o professor feirense René Guimarães lançou “O estudo do idioma no domínio das coisas” e “Pelos caminhos do amor”, esse literário. Também promoveu o lançamento do livro “Últimos sinos da infância”, do escritor Ariovaldo Matos:

Em promoção realizada pela Associação Feirense de Arte, Associação Cultural Filinto Bastos e Livraria Guanabara, o escritor Ariovaldo Matos autografo terça última, 300 exemplares de sua mais recente obra contista, “Últimos sinos da infância”.

O livro que é editado pela Livraria São José, apresenta uma capa muito bonita à cargo do plástico Lênio Braga, traz prefacio de Jorge Amado (“Com esse livro ganha o conto um cultor de primeira ordem”) e mais opiniões de Valdemar Cavalcanti, Adonias Filho, Glauber Rocha, Walmyr Ayala e Eneida, sobre o autor. Ariovaldo Matos é sem dúvida um bons contistas da nova geração brasileira, que tem publicados dois interessantes livros: “A dura lei dos homens” e “Corta-braço” que tem uma só linha, o de apresentar a realidade nua e crua como a provém o seu sentimento. Ao lançamento compareceram entre as inúmeras pessoas: Srs. Dival Pitombo (Crítico literário), Olney São Paulo (cineasta), Hélio Cerqueira (presidente da SCAFS), Profa. Laura Folly e mais. Serviu de madrinha do lançamento o brotinho Ângela Nou (TARDE..., 1965, p. 2).

Para o lançamento de “Últimos sinos da infância” a apreciação feita por intelectuais renomados na sociedade baiana, destacando o talento do seu escritor, é uma forma de criar nos leitores uma expectativa de consumo. A obra inserida na sociedade causa (re)apropriações e significados novos no processo da leitura, que muitas vezes extrapolam a expectativa do próprio escritor. De fato, a aceitação por parte do público de obras recém lançadas é variável. De acordo com Candido (2000, p.77), “um público se configura pela existência e natureza dos meios de comunicação, pela formação de uma opinião literária e a diferenciação de setores mais restritos que tendem à liderança do gosto – as elites”. A respeito de “Últimos sinos da infância”, o fato de o escritor Ariovaldo Matos ter lançado seu livro cercando-o de opiniões de intelectuais de peso, provavelmente facilitou a sua aceitação social.

Mais uma grande publicação na cidade, foi o “Álbum de Feira de Santana”, em 1966, escrito por Franklin Machado, que nesta época trabalhava como jornalista na *Folha do Norte*:

Sob o patrocínio de várias firmas desta cidade e da capital baiana, será lançada, hoje, às 17.30 horas, na FEIRAM (Mandacaru Hotel), o Álbum da Feira de Santana de autoria do nosso confrade Franklin Machado. A apresentação do mesmo estará a cargo dos srs. Prof. Dival Pitombo, Eurico Alves Boaventura e Olney São Paulo (ÁLBUM..., 1966, p. 6).

⁷⁶ Livrarias e ou papelarias existentes na cidade de Feira de Santana, nas décadas de 1950 e 1960, citadas pela *Folha do Norte*: Livraria Bahia, Livraria Jacuípe, Livraria Lápis de Ouro, Mirim, Livraria Santana (da Marechal Deodoro e da Sales Barbosa) e Depósito de Revistas.

O livro de Franklin Machado trata de assuntos relativos à história e à cultura da cidade de Feira de Santana, contendo informações sobre a sua gente e a movimentação de seus espaços e também ilustrações feitas pelo próprio escritor, em que buscou retratar cenas do cotidiano da cidade, como a feira de gado. Aliás, ressaltando a cultura sertaneja que, segundo Machado, é marcante em Feira de Santana, criou para o seu livro uma capa em couro.⁷⁷

Outro acontecimento de grande repercussão na vida cultural de Feira de Santana foi uma tarde de autógrafos concedida pelo escritor feirense Juarez Bahia, conforme testemunha a *Folha do Norte*:

Encontra-se em nosso meio, desde a semana finda, em visita aos seus familiares, o jornalista e escritor conterrâneo Juarez Bahia, radicado há vários anos na cidade de Santos, estado de São Paulo.

O escritor Juarez Bahia, que é autor dos livros “Três fases da imprensa brasileira”, “Um homem de trinta anos” e “Jornal, história e técnica”, realizará na próxima terça-feira, dia 25 deste mês, uma tarde de autógrafos na Livraria Jacuípe, a convite do proprietário desta e do Presidente da Associação de Jornalistas Estudantis de Feira.

Prevê-se grande comparecimento de intelectuais, professores e pessoas outras interessadas em assuntos culturais à tarde de autógrafos de Juarez Bahia, pois, além de outras razões para isso, há de ser ele o primeiro escritor feirense, residente fora, a lançar livro na sua cidade natal (ESCRITOR..., 1967, p. 5).

As notícias sobre lançamentos de livros em Feira de Santana evidenciam práticas culturais que dizem respeito à produção, circulação e consumo de objetos literários na cidade. Conquanto as produções literárias publicadas na *Folha do Norte* mostrassem vínculos de escritores feirenses com modelos de criação estrangeiros, usados em larga escala nos poemas, e a relação com temas relativos ao cotidiano da cidade, sobretudo nas crônicas, nas notícias sobre a criação de associações culturais, sobre a participação de escritores em concursos literários e sobre a publicação de seus livros na cidade, revelam-se outras esferas da dinâmica social da literatura em Feira de Santana. A expressão mais significativa dessas notícias foi a de mostrar que, na cidade, os grupos intelectuais se diferenciavam quanto às preferências formais de criação da literatura e quanto à participação efetiva em associações que visaram discutir as práticas literárias, que de alguma forma evidenciavam o comprometimento deles na realização dessa atividade. Assim, o campo intelectual socialmente estabelecido em Feira de Santana revela disputas, contradições e relações de poder, perceptíveis nas posições ocupadas pelos escritores, no modo como definiam sua relação com a literatura e no modo como se articulavam e se confrontavam (BOURDIEU, 1987). De um lado, muitos poemas publicados

⁷⁷ MACHADO, Franklin de C. *Feira de Santana: Álbum*. 2.ed Feira de Santana: Cacimbinha, [19--].

na *Folha do Norte* revelavam o traço forte de provincianismo de escritores feirenses, de outro, a idealização de associações literárias buscaram promover um “renascimento” nas práticas literárias expressas pela maioria desses escritores, ou seja, alguns intelectuais demonstraram a firme intenção de realizar um movimento artístico local.

As notícias sobre as práticas de criação cultural em Feira de Santana mostram ainda finalidades e interesses específicos dos escritores no que diz respeito à formação de um público leitor na cidade, o que é essencial para se tornarem reconhecidos e, para além disso, para que suas produções viesse adquirir valor social e pudessem ser consumidas. Antonio Cândido (2000, p. 74) também chama a atenção para um entendimento importante:

O escritor, numa determinada sociedade, é não apenas o *indivíduo* capaz de exprimir a sua originalidade (que o delimita e especifica entre todos), mas alguém desempenhando um *papel social*, ocupando uma posição relativa ao seu grupo profissional e correspondendo a certas expectativas dos leitores ou auditores. A matéria e a forma da sua obra dependerão em parte da tensão entre as veleidades profundas e a consonância ao meio, caracterizando um diálogo mais ou menos vivo entre criador e público.

A partir da década de 1960 surgiram na *Folha do Norte* colunas destinadas a noticiar o que acontecia no mercado editorial e mesmo para apresentar sugestões de leitura literária. O surgimento dessas colunas mostra como o perfil do jornal vai mudando e incorporando outras novidades. As colunas “Livros” (noticiário das “Edições Ouro”, publicada apenas em 1963) e “Falando de livros”⁷⁸ (publicada a partir de 1962 e assinada por Dival Pitombo, que a cada semana expunha no jornal sugestões de leitura e as sinopses dos livros sugeridos) tiveram uma função social e pedagógica de instruir o leitor ou de estimular a formação de um público tendo em conta as opções de leitura que ofereciam.

Em relação às possibilidades de leitura em Feira de Santana, nas décadas de 1950 e 1960, além do jornal, escolas, bibliotecas e livrarias também foram instâncias que propiciaram a circulação e a socialização de produtos literários diversos, e, deste modo, o fortalecimento de condições sociais, culturais e técnicas para a formação de públicos leitores de literatura e para o comércio de publicações literárias em Feira de Santana. Nas bancas de revista da cidade podia-se revistas de grande circulação à época, como *Cruzeiro* e *Seleções*.

Mas houve outras formas possíveis de circulação de livros na sociedade feirense, de empréstimos e trocas de materiais de leitura, entre os estudantes das agremiações escolares, por exemplo. Por outro lado, a criação da Biblioteca Municipal Arnold Silva, em 1962, teve um significado importante para a população da cidade. A sua criação foi propagandeada como

⁷⁸ A partir de 1967, essa coluna passa a ser chamada apenas de “Livros”.

uma grande realização do então prefeito Arnold Silva, que deu seu nome ao estabelecimento e que era um dos irmãos que estavam no comando da *Folha do Norte*. No que se refere à inauguração da Biblioteca, meses antes desse acontecimento o jornal publicou a seguinte notícia, em 24 de dezembro de 1960:

Possivelmente a inauguração do majestoso prédio da Biblioteca Pública Municipal, uma das mais grandiosas obras da administração do Prefeito Arnold Silva, cujos trabalhos de construção acham-se muito adiantados, ocorrerá no dia 5 de julho de 1961, quando visitarão esta cidade cientistas de todas as partes do globo, reunidos em Salvador para a realização de importante congresso médico nacional.

A visita à Feira de Santana será incluída no programa do Congresso, havendo, além da inauguração referida, almoço oferecido pela prefeitura aos congressistas, que serão saudados pelo sr. Arnold, Silva.

Um dos organizadores do Congresso é o destacado médico nesta cidade, Dr. Geraldo Leite, prof. da Faculdade Bahiana de Medicina e Saúde Pública.

Além da Biblioteca Municipal, a cidade oferecia outros espaços, ainda que precários, para a circulação de livros, como as bibliotecas particulares e as de algumas escolas. Porém, o número de analfabetos restringe de forma significativa as possibilidades de acesso a essas formas de conhecimento. Segundo Regina Zilberman (1997, p. 1), entender a história da leitura como relato da progressão cronológica das obras escritas, impõe certas condições:

A primeira é a de existir a escrita, reconhecida pela sociedade enquanto um de seus possíveis meios de comunicação; outra, é a de obras produzidas terem se tornado públicas, vale dizer, socializadas. Da sua parte, essa socialização decorre de algumas providências, como a de possibilitar o acesso à escrita por parte dos membros da sociedade, o que implica também o estabelecimento de uma instituição encarregada de fazê-lo: a escola, que, de seu lado, carece de pessoal qualificado para desempenhar a tarefa de decodificar letras e alfabetizar — o que corresponde à leitura.

E apesar dessa forma importante de socialização do conhecimento, de abertura de novas rotas de circulação de livros, o universo de leitores que se tinha era ainda restrito, como foi evidenciado no primeiro capítulo quando se falou sobre as taxas de analfabetismo em Feira de Santana nas décadas de 1950 e 1960. É importante perceber que “os livros possuem uma vida social e um valor econômico” (DARNTON, 1987, p.182). Poderíamos dizer que, no âmbito sócio-cultural de Feira de Santana, tinha também importante valor simbólico.

De modo geral, a mobilização verificada no campo cultural da cidade de Feira de Santana poderia até ser classificada como experiência menor ou inexpressiva no âmbito na literatura brasileira. Porém, fugindo de esquemas de classificação que buscam definir a boa e a má literatura, aqui se entende que os documentos literários encontrados na *Folha do Norte*

são de fundamental importância para o estudo e a compreensão de práticas que marcaram a cultura e a sociedade local e que estão estreitamente vinculadas à construção histórica da cidade, enquanto aspectos determinantes e imprescindíveis dessa história. Evidencia-se aqui o papel do particular, não em oposição a outros contextos e abrangências, mas enquanto uma definição específica que rejeita o relativismo. Busca-se assinalar uma realidade particular e as suas condições de desenvolvimento cultural, compreendendo a dialética da temporalidade, abriga simultaneidades e descompassos no desenvolvimento de diferentes sociedades. Assim, podemos encontrar em plena segunda metade do século XX grupos de indivíduos, organizados em entidades associativas ou não, que apregoam padrões de literatura há muito ultrapassados no Brasil, pelo menos nos centros mais desenvolvidos.

Em Feira de Santana aconteceram eventos artísticos e culturais que congregaram os intelectuais e a sociedade como um todo. Exposições de pinturas, concertos musicais, recitais de piano, exibições de peças teatrais e de filmes no Cine Íris e no Cine Santanópolis foram noticiadas na *Folha do Norte*. A importância que esses eventos tiveram para a cidade foi a de criar um ambiente cultural ativo e estimulante para a população feirense, que participava dessas atividades também como opção de lazer.

Em 11 de março de 1957 foi fundada uma instituição de apoio às artes na cidade: a Sociedade Cultural e Artística de Feira de Santana⁷⁹. Esta entidade foi considerada de utilidade pública pela lei municipal n. 180, segundo a *Folha do Norte* (AS ATIVIDADES..., 1957, p. 1), graças aos esforços dos seus dirigentes: Francisco Barreto, Jorge Dinaldo Bastos, Teresinha Alba Amaral, José Falcão da Silva, Walter Guimarães Carneiro e Marquise Jales. Diz a *Folha do Norte*, poucos meses depois da fundação da SCAFS, que os dirigentes da instituição, “vêm cumprindo vasto e bem traçado programa de realizações, já tendo oferecido aos seus associados e ao povo feirense, os concertos de Pierre Klose, Mafalda Busato e a exposição de R. F. Oliveira” (Ibid., loc. cit.). Em 08 de junho de 1957 a “insigne declamadora gaúcha”, Mafalda Busato, realizou um recital de poesia no salão nobre da Prefeitura Municipal. Foi um evento patrocinado pela SCAFS, junto à Associação Cultural Filinto Bastos e a Prefeitura Municipal. Sobre o evento, a notícia do dia 08/06/1957 diz:

A apresentação da artista foi feita pelo Prof. Dival Pitombo, o qual discorreu sobre o tema Arte e Poesia, congratulou-se com o público pelo interesse demonstrado e elogiou os patrocinadores que permitiram ao povo aquela festa do espírito (RECITAL..., 1957, p. 1).

⁷⁹ A Sociedade Cultural e Artística de Feira de Santana é abreviadamente chamada de SCAFS na *Folha do Norte*.

A SCAFS contava ainda com um Clube de Cinema e com um departamento de teatro amadorista. Também tinha um departamento de esportes, atuando na preparação de equipes femininas e masculinas de vôlei e basquete. Segundo notícia da *Folha do Norte*, “a associação vem batalhando pelo progresso cultural de Feira, a SCAFS merece não só os aplausos, mas também a ajuda de todos os feirenses” (AS ATIVIDADES..., op. cit., loc. cit.). A concepção da SCAFS foi a de uma instituição recreativa e completa, no que diz respeito à promoção de atividades diversas, culturais e artísticas, para a sociedade local. Ao lado da Associação Cultural Filinto Bastos, fundada também em 1957, a SCAFS foi mais uma instituição que surgiu em Feira de Santana com o objetivo promover para a população mais oportunidades de participar ativamente da cultura artística local. Com este mesmo propósito também surgiu a Associação Feirense de Arte (AFA)⁸⁰, dirigida por Dival Pitombo, que trouxe para Feira de Santana artistas famosos, como Lili Kraus, Joy Kim, Joel Rosen, Eduardo Hazan, Moysés Mandel e também o *Ballé La Vega*. Esperava-se que o público soubesse “corresponder ao esforço da AFA, quem tem realmente trazido à Feira de Santana o que há de melhor no mundo em matéria de arte musical” (AFA..., 1960, p. 5). É difícil avaliar a repercussão social desses eventos, mas possivelmente eles contaram com a participação maior da elite feirense.

Outros eventos artísticos relevantes aconteceram na cidade. Em 1952 a *Folha do Norte* anuncia a “Grande Exposição de Arte Moderna em Feira de Santana” ocasião em que, primeiramente, buscou-se destacar o refinamento do gosto artístico da população. No anúncio publicado na *Folha do Norte*, o articulista não apenas relatou uma informação-convite, sobre local e data do evento, mas empenhou um discurso sobre a relevância de sua realização para a sociedade feirense, já que reuniria uma boa soma de trabalhos de artistas de renomada importância local, nacional ou estrangeira. Eis a notícia que também diz sobre os artistas e os seus respectivos trabalhos apresentados na exposição:

Acontecimento de singular importância para a vida social e intelectual da cidade, será, sem dúvida, a grande Exposição de Arte Moderna da Feira de Santana, a instalar-se no dia primeiro do mês de Junho, no *hall* do Edifício Euterpe, organizada a patrocinada pelos jovens intelectuais feirenses dr. Dival Pitombo e o artista Raimundo Oliveira, em homenagem ao 25^a. Aniversário de fundação da nossa Escola Normal Rural, intelectuais que vêm, destarte, soerguer o nome e as tradições da Feira de cidade civilizada e culta.
 Ergue-se, assim, a nossa Terra, impoluta e altaneira, pelo trabalho dos seus intelectuais [...]. Será portanto, um espetáculo à parte dos quantos já nos acostumamos a presenciar. Será uma festa da inteligência e do espírito, da cultura e da sensibilidade.
 Deixemos de lado, por uns dias, as nossas misérias. Cubramos as nossas feridas, e recepcionemos condignamente, os grandes artistas brasileiros e estrangeiros que estarão entre

⁸⁰ A primeira notícia que se tem da Associação Feirense de Arte data de 1960, mas não foram encontrados dados sobre o ano de sua fundação.

nós, representados pelos seus trabalhos, quando não pessoalmente, como Mario Cravo Jr., que comparecerá à abertura da Exposição.

A Feira terá oportunidade de entrar em contato com obras das maiores figuras da Arte Moderna no Brasil, dentre os quais podemos citar Candido Portinari (1 desenho), Djanira (1 pintura), Pancetti (1 desenho e 3 pinturas). Mario Cravo Jr. (3 esculturas, 3 gravuras e 3 pinturas), Carybé (3 pinturas), Inimá (2 pinturas), Marcelo Grossmann (4 gravuras), Guersoni (2 gravuras), Aldo Bonadei (2 gravuras), Silvio Abramo (1 gravura), Graciano (1 gravura), Carlos Sciliar (1 gravura), Poty (3 gravuras), Aldemir Martins (2 gravuras e 1 desenho), Jenner Augusto (2 pinturas), Estevão (3 pinturas), Ronault (1 gravura), Ligia Sampaio (3 pinturas), Genaro de Carvalho (3 pinturas), Raimundo F. Oliveira (pinturas, gravuras e desenhos), Milton da Costa (1 pintura), Ado Malagoli (1 pintura).

O povo da Feira não pode negar apoio a tão belo empreendimento artístico-educacional-cultural, nem aos seus idealizadores e organizadores, a quem, antecipadamente, formulamos os parabéns da “Folha”, com os votos de pleno êxito (GRANDE..., 1952, p. 1).

Nestas palavras, coloca-se em evidência um grupo social responsável por elevar a cidade à categoria de “civilizada” e “culto”: os intelectuais feirenses. Civilizar implicaria em mostrar certo grau de desenvolvimento cultural, o que poderia ser verificado na realização de eventos artísticos como esse. Dizer que Feira de Santana é uma cidade “culto” e “civilizada”, busca classificar o ambiente cultural local, a partir do conteúdo de valores que representa. O articulista também classifica Feira de Santana como “impoluta” e “altaneira”, termos que buscam reforçar o sentido da percepção histórica da cidade e a intenção de estabelecer um lugar social e hierárquico específico para essa história. No que se refere à repercussão social da Grande Exposição de Arte Moderna em Feira de Santana, essas informações não foram encontradas na *Folha do Norte*.

Em 1963 uma Semana de Arte também foi noticiada no semanário, mostrando a movimentação da sociedade feirense, particularmente dos estudantes, em torno do evento, que ocorreu na Biblioteca Municipal Arnold Silva. Uma descrição detalhada sobre a programação da Semana, os conteúdos expostos e a sua participação social vê-se na seguinte notícia:

A Biblioteca Municipal tem vivido, esta semana, dias de intensa movimentação cultural com a realização da Semana de Arte, promovida por um grupo intelectual de jovens feirenses. Exposições, palestras, conferências, demonstrações de caráter educativo têm sido realizadas, provocando a atenção de multidões consideráveis que vem lotando todas as noites as dependências daquela casa de cultura.

Dentre as exposições que ora se realizam ali, destacam-se pelo seu valor educativo a da História de Arte, organizada pelo Dr. Dival Pitombo, com reproduções de quadros famosos e obras de arte desde a pré-história aos nossos dias, pertencentes às coleções do organizador, o Dr. Eurico Boaventura, que tem colaborado com o seu concurso, inclusive com uma palestra que pronunciou sobre coisas de nossa terra.

Um grande interesse tem despertado a exposição de motivos folklóricos [sic.] de D. Hilda Carneiro, reconstituindo o nosso ambiente rural com grande fidelidade através de miniaturas de trabalhos em couro, feitos com perfeição e arte.

A exposição de Literatura Infantil do Prof. Manoel Planzo tem sido muito visitada e admirada, conjuntamente com as exposições de pintura dos artistas feirenses Juraci Falcão e Osvaldo Sales, de beleza plástica e decorativa.

Na ocasião de abertura participou o madrigal dos Seminários de Música, obtendo incautável êxito.

Na quarta-feira, Dr. Dival Pitombo pronunciou uma conferência sobre Evolução da Arte Contemporânea, mantendo a atenção de uma multidão que lotou o auditório da Biblioteca, durante duas horas.

Tem havido todas as noites exibições de filmes educativos em sessões muito freqüentadas.

Nota-se, sobretudo, o enorme interesse dos jovens que evidenciam a vontade de aprender, comparecendo em massa todos os dias. Isto constitui grande alegria para os que amam esta Cidade.

Vai assim preenchendo as suas altas finalidades a nossa Biblioteca Municipal, templo de cultura, que Arnold Silva construiu, uma necessidade imperiosa para a educação dessa juventude que orientará, com segurança, o futuro de Feira de Santana (SEMANA..., 1963, p. 1).

A notícia mostra que em Feira de Santana alguns intelectuais, como Dival Pitombo e Eurico Alves Boaventura, estiveram empenhados em estimular a movimentação cultural na cidade, em interagir com a população, exibindo seus trabalhos e expressando idéias e valores de criação que se referiam à concepção de arte de que partilhavam. Esse evento evidencia sociabilidades em que se percebe uma função social da atividade intelectual, que é a de socializar produtos de arte e conhecimentos e a de evidenciar para a sociedade as expressões artísticas que a representam, bem como um compromisso em fazer com que haja a circulação e assimilação de valores nesse âmbito.

Em 1967, grêmios estudantis e associações culturais da cidade se reuniram para planejar a realização de outro evento na cidade: o I Congresso de Cultura de Feira de Santana. A notícia abaixo transcrita revela os objetivos desse acontecimento:

Foi realizada no último dia 25 no Seminário de Música de Feira de Santana, a primeira reunião para deliberar sobre a realização do I CONGRESSO DE CULTURA DA FEIRA DE SANTANA que contou com a participação de representantes da SCAFS, META, TEF⁸¹, SCAP, ALEFS⁸², AFCC⁸³, dos diversos Grêmios Estudantis e do Secretário de Educação dr. Raimundo Pinto. Diversos assuntos do Congresso foram discutidos em franco congracamento das entidades culturais da cidade.

[...]

A finalidade de tal Congresso visa, não somente a agregação do pessoal que faz cultura, mas também mostrar e expor às autoridades competentes a carência de uma assistência maior para os grupos de teatro, Grêmios Estudantis, Sociedades Recreativas e Beneficentes; enfim, dar uma maior divulgação à cultura e às artes em Feira de Santana (I CONGRESSO..., 1957, p. 1).

⁸¹ Teatro Experimental de Feira.

⁸² As siglas META, SCAP e ALEFS não foram identificadas.

⁸³ Associação Feirense de Críticos Cinematográficos.

Esteve no cerne das preocupações das entidades culturais e estudantis em Feira de Santana, que idealizaram o I Congresso de Cultura, a necessidade de incentivos para a realização de suas atividades, como informa a *Folha do Norte*. A notícia sobre o Congresso mostra outra faceta da sociedade local, diferente das evidenciadas nas notícias sobre a Grande Exposição de Arte Moderna e sobre a Semana de Arte. Nestas duas últimas, buscou-se ressaltar o nível de desenvolvimento cultural feirense, a primeira delas destacando Feira de Santana como cidade “culto” e “civilizada”, “impoluta e altaneira pelo trabalho dos seus intelectuais”. A idealização do I Congresso de Cultura, por sua vez, parece ter sido motivada justamente com o intuito de chamar a atenção dos poderes públicos para a necessidade de auxílios de que careciam as entidades. Além disso, a idealização desse evento também teve a intenção de mobilizar a sociedade local para a discussão de assuntos relativos a aspectos da sua cultura. Raimundo Pinto, ao informar sobre a instalação desse evento, na coluna “Educação & Cultura” da *Folha do Norte*, chega mesmo a dizer que Feira de Santana era a uma terra de “fracas tradições culturais”:

Será instalado hoje, na Biblioteca Municipal, o I Congresso de Cultura de Feira de Santana. Em uma terra como a nossa, de tão fracas tradições culturais, é motivo de orgulho para todos nós feirenses quando um grupo de jovens resolve discutir, em assembléia ampla, problemas de cultura, ensino e artes. (PINTO, 1967, p. 6).

No programa do evento, que durou seis dias (de 17 a 22 de junho de 1967), foram temas de discussão em sessões plenárias: artes plásticas e cinematográficas (cinema, pintura e artesanato); problemas educacionais (Grêmios Estudantis, ensino primário, ensino secundário, ensino superior); cultura teatral e musical (grupos teatrais e Seminário de Música); e literatura (cultura popular e jornalismo estudantil). Foram também proferidas palestras de professores da Universidade da Bahia, como Roberto Argollo, Nelson Araújo e Hélio Rocha. Outro palestrante do evento foi o pároco Renato de Andrade Galvão.

A realização de eventos culturais e artísticos em Feira de Santana permitiu a circulação de idéias e valores vislumbrados nas práticas de estudantes e de intelectuais locais. Essa constatação dá a entender aspectos da história social e cultural da cidade, no que se refere às sociabilidades intelectuais e artísticas vislumbradas nos eventos mencionados acima. Em particular, a respeito da relação entre produtores e consumidores de objetos de arte, essas são duas categorias sociais identificadas, a princípio, pelo papel que exercem na sociedade, de produção e de consumo. Entretanto, ambas os grupos são aqui entendidas como produtores de cultura, visto que não há uma assimilação passiva daqueles objetos, não há contato sem que

haja mudança; e que, nesse processo estão também envolvidos interesses, disputas e negociações para o estabelecimento de gostos e valores na sociedade, de um modo geral, que permitiriam a aceitação mais aberta de práticas culturais socializadas pelos artistas da terra.

3 FEIRA DE SANTANA NA LITERATURA: CRÔNICAS, POEMAS E CARTAS

És orgulho da Bahia
Princesinha do Sertão,
És um templo construído
Pelo Deus da Perfeição!
Cidade Maravilhosa,
Monumento de alegria!
És a jóia sideral,
De um sonho angelical

No berço da poesia! (SANTOS, Eglê Marques. Cidade Princesa. **Folha do Norte**, Feira de Santana, ano 53, nº. 2736, p. 3, 16 dez. 1961)

A cidade desafia os olhares atentos à reflexão sobre a sua existência, sentida em seu ritmo diário, no colorido de sua população, em suas vozes, ruídos e bulícios, em sua anatomia, em sua história. Como um palimpsesto, é continuamente reescrita ou reconstruída, concreta e simbolicamente, e seus territórios redesenhados e reapropriados de maneira sempre nova. Como um calidoscópio, permite ser observada e interpretada a partir de diferentes ângulos de visão. Sua definição é em todo tempo múltipla, imperfeita e provisória.

As concepções de cidade formuladas no campo do discurso incorporam “toda sorte de hierarquias e enquadramentos de valor intrínsecos às estruturas sociais de que emanam” (SEVCENKO, 1999, p. 28). Os discursos fixam representações que reinventam a cidade imaginativamente, expressando desejos e poderes, que retratam interesses em disputa na sociedade. O discurso literário, em particular, com sua linguagem própria, é também um terreno onde as idéias de cidade se exercitam.

No jornal feirense *Folha do Norte*, a existência de um *corpus* literário (crônicas, cartas e poemas) cujo tema em comum é a cidade de Feira de Santana mostra as sensibilidades que envolvem as percepções de escritores locais acerca desse ambiente particular. Expectativas, anseios, desejos e dramas registrados nessa literatura são vistos como matéria integrante de um processo intrincado que, pelo menos de 1951 a 1969, envolve a renovação do espaço urbano feirense, mudanças de hábitos sociais, nascimento de novos códigos culturais, em convívio e em confronto com as estruturas antigas.

Compreender a cidade de Feira de Santana a partir de textos literários publicados na *Folha do Norte* exige que se tenha em vista a situação do jornal nesta sociedade, isto é, o seu posicionamento político-ideológico, que influí categoricamente na fabricação da notícia, na concepção de cidade e de cidadão que comunica, e, em particular, na veiculação de conteúdos literários que têm por tema esta cidade. Órgão conservador, provinciano e noticioso, desde que surgiu, a *Folha do Norte* passou a acompanhar a trajetória histórica do município sempre produzindo significados sobre o perfil de sua gente, sobre os seus espaços de circulação social e seus usos, sobre a sua vida e aflições cotidianas, inspirando a opinião geral da população. Assiduamente publicou matérias e discursos privilegiando as imagens de lugar “próspero” e “desenvolvido” para classificar a Feira de Santana, imagens positivas fortemente relacionadas com os seus interesses políticos, haja vista que os próprios donos do semanário também fizeram carreira na política local.

Terreno onde se exercita com maior liberdade os juízos sobre a cidade e tudo o que lhe diz respeito, os textos literários estão igualmente vinculados à perspectiva adotada pela *Folha*

do Norte para abordar o assunto “cidade feirense”⁸⁴. Sua subjetividade compreende o gênio do escritor e as intencionalidades do meio em que são divulgados. Suas idéias se articulam a uma instância que lhe é externa, o jornal, já que é por intermédio desse meio de comunicação social que circulam na sociedade. Em todo caso, cada composição apresenta-se como um olhar sobre a cidade, um olhar excepcional, como percepções distintas dos autores, que a um só tempo são leitores e criadores da cidade e instituem maneiras novas de ver e dizer esse lugar de difícil decifração. Como afirma Renato Cordeiro Gomes (1994, p. 23), “ler a cidade consiste não em reproduzir o visível, mas torná-la visível, através de mecanismos da linguagem”.

A palavra literária que fazia circular a *Folha do Norte* transmitia representações da cidade e criava sempre novas possibilidades de leitura de sua paisagem, ainda que parceladas e provisórias. Renato Cordeiro Gomes (Ibid., p. 24) considera que “o texto é relato sensível das formas de ver a cidade; não enquanto mera descrição física, mas como cidade simbólica, que cruza lugar e metáfora, produzindo uma cartografia dinâmica”. Leituras possíveis da cidade são o que apresentam os escritores feirenses, cada um buscando uma visão exclusiva sobre um detalhe, uma rua, indivíduos, costumes, eventos, continuamente oferecendo ao público um novo ponto de observação e contemplação.

Neste último capítulo são justamente as idéias de cidade exploradas no campo literário que estarão no foco da análise. Busca-se apreender em crônicas, poemas e cartas as formas como aí é tecida a relação entre realidade social e discurso literário, considerando-se o momento especial da história urbana e social feirense no limiar da segunda metade do século XX. Para tanto, foram selecionados textos significativos que mostram visões diversificadas e muitas vezes complementares sobre a cidade de Feira de Santana.

Note-se que a compreensão dessas produções literárias está intimamente relacionada ao meio onde são divulgadas e ao momento histórico que a cidade vivencia entre 1951 e 1969, em que se destaca o gradual processo de modificações da sua estrutura urbana, que mexe com os hábitos e valores da população e, pouco e pouco, afeta sua cultura e sociedade. A literatura que teve por mote a cidade foi, ao mesmo tempo, fruto dessas mudanças e também registro, através do qual é possível abranger o modo como os escritores observaram, sentiram, avaliaram e enunciaram esse espaço e tempo específico, muito embora, ao falar sobre a cidade

⁸⁴ Quando se fala de “cidade feirense” como assunto de textos literários, esse assunto pode ser focado em algumas perspectivas: quando faz referência à cidade de Feira de Santana, de um modo geral, e quando faz referência a aspectos particulares da cidade, como as novidades urbanas que vão modificando a sua aparência, o perfil da população e eventos sociais de todo tipo.

concreta o escritor veja nela sentimentos, perplexidades, desejos, poderes, sem jamais apreendê-la em sua totalidade e complexidade.

3.1 CRÔNICAS DA VIDA URBANA

Dentre todos os gêneros literários que a *Folha do Norte* publicou ao longo das décadas de 1950 e 1960, as crônicas se estabeleceram como um espaço privilegiado para dizer sobre Feira de Santana, sendo um dos principais componentes da estrutura do jornal. O comentário de notícias, dos principais episódios da vida da cidade ou até de aspectos corriqueiros do seu dia-a-dia, estava reservado às crônicas.

É importante enfatizar que o jornal é mercadoria destinada ao consumo da população e reporta-se aos eventos a partir do lócus de suas concepções político-ideológicas. Heloísa de Faria Cruz (2000) afirma que os periódicos delineiam um campo extremamente dinâmico da disputa cultural e é palco de concorrências para a elaboração e propagação de idéias de cidade e de cidadão. Na *Folha do Norte*, o espaço de quatro páginas de que normalmente se compunha ficava dividido entre os conteúdos que falavam sobre Feira de Santana e o volume dos demais conteúdos incorporados ao jornal, que também publicava notícias nacionais e internacionais, além da publicidade não-oficial e oficial, estas ocupando espaços largos na diagramação do periódico. O seu conteúdo se caracterizava pela busca de matérias já frias, publicadas em jornais de Salvador, do Rio de Janeiro e São Paulo. Com algum atraso ficava-se sabendo em Feira de Santana o que estava acontecendo no Estado, no Brasil e no mundo. Feira de Santana era comentada na *Folha do Norte* em crônicas, em colunas sociais e em noticiário resumido. Em momentos festivos, como em época de Micareta⁸⁵ e da Festa de Santana⁸⁶ (BATISTA, 1997; TELES, 2000), eram criadas matérias especiais, lançadas em primeira página, inclusive com fotos e ilustrações. Contudo, são nas crônicas que o cotidiano dramático da cidade aparece de forma mais viva, bem que esses não fossem conteúdos neutros.

O cronista diferencia-se do jornalista *stricto sensu* porque pode exprimir com maior liberdade comentários, opiniões, críticas, sugestões, interpretações. Normalmente a crônica é

⁸⁵ A Micareta é uma festa tradicional em Feira de Santana, seu um carnaval fora de época, que teve início na década de 1920.

⁸⁶ Senhora Santana é padroeira da cidade.

objeto de consumo instantâneo, como a notícia, se publicada no jornal, onde está ordinariamente relacionada ao calendário. Muitos críticos a consideram, por essa razão, como gênero menor no âmbito da literatura. Segundo Chalhoub, Neves e Pereira (2005, p. 9), tradicionalmente a crônica foi considerada como “filha bastarda da arte literária”, caracterizada por uma suposta ausência de elaboração narrativa. Seu enlevo estaria condicionado ao momento da sua divulgação, diferente das obras de grandes poetas e romancistas, muitas vezes consideradas atemporais e transcendentais. Porém, esta percepção olvida a complexidade dos significados que encerram este gênero híbrido que é a crônica. Chalhoub, Neves e Pereira (*Ibid.*) afirmam que específico na crônica é a natureza de sua indeterminação, posto que “o cronista está sempre sujeito ao imponderável do cotidiano, que tanto lhe oferece temas e problemas com os quais discutir, quanto modifica e redireciona suas opções iniciais” (*Ibid.*, p. 15). O vínculo com o jornal assegura sua divulgação e possibilita a criação de espaços reservados à sua edição.

Sandra Jatahy Pesavento (2002, p. 199) salienta que “o cronista exalta a posição do *flâneur* do urbano, do *voyeur* da cidade, aquele que é capaz de dar atenção ao que ninguém percebe e olhar para além da aparência das coisas”. A cidade é um desafio ao olhar e a sua decifração jamais oferece uma imagem plena e genuína, ao contrário, decifrar/ler a cidade “é cífrá-la novamente, é reconstruí-la com cacos, fragmentos, rasuras, vazios” (GOMES, p. 37). O cronista percebe no mundo ao seu redor algo sobre o que tecer uma reflexão. A cidade, da qual também é parte, adquire uma nova dimensão material e sentimental em sua escrita, onde é sempre objeto inesgotável. De acordo com Roland Barthes:

A cidade é uma escrita, quem se desloca nela (o seu usuário) é uma espécie de leitor, que, conforme as suas obrigações e os seus deslocamentos, faz um levantamento antecipado de fragmentos do enunciado para atualizá-los em segredo (apud GOMES, p. 154).

Na *Folha do Norte*, aspectos do dia-a-dia da cidade de Feira de Santana, de sua movimentação costumeira, ou acontecimentos que mobilizavam a sociedade como um todo e provocavam o burburinho na feira livre das segundas-feiras, dia em que o jornal estava nas bancas preparado para ser consumido e quando também havia maior circulação de pessoas e veículos no centro da cidade, geralmente tornavam-se motivo de criação de crônicas no jornal. Estes conteúdos se estabeleciam (quase) como análise dos assuntos que abordavam e habitualmente deixavam claros juízos de valor que acaloravam a opinião pública. Criavam representações de cidade que indicam uma disputa cultural em torno de idéias e imagens que dão um sentido de unidade e de identidade ao espaço, olvidando contra-sensos e lutas sociais

que rotineiramente a reinventam. Trata-se de processos semânticos de construção de imagens, que envolvem interesses e disputas em sua produção e buscam instituir e legitimar um modo específico de apreensão da realidade. Michel Foucault (2007) ressalta que todo discurso tem um poder coercitivo sobre os indivíduos e, de certa maneira, está ligado a discursos que o precedem e aos que o seguem, estando, por isso, aberto à repetição.

Certamente os discursos são feitos de signos; mas o que fazem é mais que utilizar esses signos para designar coisas. É esse *mais* que os torna irredutíveis à língua e ao ato da fala. É esse “mais” que é preciso fazer aparecer e que é preciso descrever (Ibid., p. 55).

As crônicas na *Folha do Norte* que tiveram por tema a cidade de Feira de Santana criaram representações geralmente relacionadas ao tempo histórico vivido pela cidade nas décadas de 1950 e 1960, de intensas mudanças em seu ambiente físico e sócio-cultural. São as representações de cidade expressas em algumas dessas crônicas que serão aqui estudadas. Para tanto, foram selecionadas quatro crônicas significativas, no que diz respeito às imagens de cidade que estabelecem para retratar esse momento em especial da história urbana, social e cultural feirense. São elas: “Meu caro Aloísio” (13/01/1951), de Hugo Navarro Silva; “Minha despedida” (31/05/1958), de Jorge Faria Goés; “A Feira e o congresso médico” (15/07/1961), de Augusto Freitas; e “A Feira e o progresso” (15/10/1966), de Adalberto da Costa Dórea.

Vale dizer que essas crônicas estão na fronteira com o jornalismo e possuem uma função social dentro do jornal *Folha do Norte*, estando associadas às demandas deste veículo. A realização estética dessas crônicas fica comprometida pelo papel que assumem por estarem vinculadas ao jornal. Os seus autores provavelmente levaram em consideração a liberdade de expressão que esse gênero de escrita permite, sem ter tido a intenção ou a consciência de estar fabricando “literatura”. É provável que eles nem se percebessem como escritores. Entretanto, trata-se de trabalhos criativos, sendo que, na investigação do jornal, esses textos foram observados e classificados enquanto manifestação literária, conquanto se tenha reconhecido a sua natureza híbrida. O componente da criatividade, da inventividade e da expressão subjetiva que possuem esses textos, foi adotado para estabelecer essa classificação

“Meu caro Aloísio” é uma das crônicas mais significativas do jornal, e se sobressai por ser documento literário, jornalístico e histórico relevante. Na crônica, o autor, que nessa época era estudante da Faculdade Livre de Direito da Universidade da Bahia, e também co-proprietário da *Folha do Norte*, onde atuava como jornalista, reporta-se a vários aspectos da cidade de Feira de Santana. A referência temporal é categórica, porque inscreve a cidade no tempo da sua escrita, naquele momento presente, em que observa e vivencia a paisagem

urbana e humana feirense. Hugo Silva exibe uma realidade marcada por dramas e contradições, mas também por um progresso material espantoso, e que naquele momento mostram mudanças nítidas em relação à cidade de alguns anos antes, chegando mesmo a afirmar ser este “o alvorecer da segunda metade do século na província com pernósticismo de capital”. O seu objetivo ao escrever esta crônica foi fazer uma homenagem póstuma ao amigo e antigo companheiro de redação na *Folha do Norte*, o poeta feirense Aloísio Resende⁸⁷. Preferiu escrever sua crônica em forma de carta e a remeteu a Resende exatamente na data em que se completou o décimo ano de morte do poeta. Contudo, por trás desse objetivo explícito, Hugo Silva pretendeu fazer uma crítica árdua da sociedade e dos costumes de seu tempo, em um texto carregado de ironia, beirando ao sarcasmo.

“O período em que Aloísio Resende viveu (1900-1941) foi, para Feira de Santana, o da chegada de códigos comportamentais modernizadores, e, no rastro das ‘Marinetes’ de Isaltino, uma nova cidade estava sendo desenhada”, conforme Clóvis Oliveira (2000, p. 111). Com efeito, no período republicano os espaços urbanos adquirem novos sentidos, passando a concentrar o grosso da população e toda sorte de tensões sociais, como também a oferecer estruturas de organização que influenciam os modos e condições de vida de seus habitantes, expressas, por exemplo, nos usos feitos de seus espaços e nas produções discursivas que acabam por estabelecer representações e signos de identidade para a cidade e, deste modo, a fazer parte da sua realidade.

Em “Meu caro Aloísio” Hugo Silva considera que as mudanças urbanas que vinham ocorrendo em Feira de Santana se tornaram ainda mais rápidas e profundas no início da década de 1950. Mostrando-se um leitor agudo da vida urbana de sua cidade natal, fez em sua crônica/carta um inventário das mudanças que descaracterizavam o cenário arquitetônico e sócio-cultural de Feira de Santana. Deste modo, assinalou, a partir do seu ponto de vista particular, as diferenças entre uma velha e uma nova estrutura social em Feira de Santana, a primeira contemporânea do seu interlocutor, de caráter mais rural, progressivamente suplantada pela segunda, que apresenta modificações evidentes provocadas pela veemência da urbanização em curso. Diz o cronista a Aloísio Resende, cometendo alguns exageros:

⁸⁷ Sobre a vida de Aloísio Resende, diz Lélia Victor de Oliveira: “Nascido em Feira de Santana, em 26 de outubro de 1900 e falecido em 12 de janeiro de 1941. Era poeta, jornalista e polemista. Filho do soldado Eufrázio Paulo de Souza e D. Maria José de Souza. Criado por D. Laura Resende de quem tomou o sobrenome. Aos cem anos do seu nascimento a UEFS publica um livro, registrando a sua curta vida e os seus versos”. In. OLIVEIRA, Lélia Vitor Fernandes de. *Memorial Poético de Feira de Santana: (100 poetas feirenses)*. Feira de Santana: Mendecosta, 2001, p. 19. Aloísio Resende trabalhou na *Folha do Norte* e publicou boa parte de seus versos neste jornal. O livro de que fala Lélia Victor de Oliveira, publicado pela UEFS é: MORAIS, Ana Angélica Vergne de; PORTO, Cristina de Magalhães; ASSUNCAO, Lucidalva Correia. *Aloísio Resende: poemas*; com ensaios críticos e dossiê. Feira de Santana: UEFS, 2000.

A tua cidade, bisonha e, certamente, com algo de pitoresco e de romântico à época em que viveste, derramou-se, esbateu-se por sobre o planalto com o afã de quem tem um encontro marcado com o progresso. Os palacetes alinharam-se como nunca se alinharam. Rasgam-se avenidas, tentáculos gigantescos que parecem pretender abarcar a orbe.

Os subúrbios estão irreconhecíveis, transformados.

[...]

A população sofreu uma extraordinária mudança. Há nortistas, com todos os sotaques e de todas as peixarias.

O destacamento policial também cresceu muito, e trabalha febrilmente em dar facada em paraibano e receber facada de paraibano.

Ontem deu dois macacos no bicho, que anda muito animado por cá.

Como todo discurso, esta crônica inaugura representações que assinalam um modo de ordenar a realidade. Hugo Silva pinta e emoldura a realidade observável, fixando instantes da sua complexa mobilidade. Ele ressalta o crescimento material da cidade e, em contrapartida, a decadência social e o aprofundamento de tensões sociais geradas por esse crescimento. A dinâmica apresentada é, em suas palavras, resultado de um encontro marcado da cidade com o progresso, ou seja, teria o impacto do progresso sido responsável pela dimensão das mudanças detectadas na paisagem e no ritmo urbano. Todavia o cronista quis ser sarcástico ao realçar o progresso que, sendo uma noção normalmente associada à perspectiva evolucionista, que naturaliza o devir histórico (SCHWARCZ, 1993), surtiu em Feira de Santana efeitos perniciosos, observados principalmente nos contrastes sociais de sua população, cada vez mais volumosa com a chegada constante de nortistas, como o paraibano a que se refere.

Este cronista também buscou evidenciar o progresso da cidade e suas contradições nos modos de vida e hábitos sociais da população, como se quisesse mostrar para Aloísio Resende que a sociedade feirense do princípio da década de 1950 parecia estar inserida num tempo radicalmente outro. O texto de Hugo Silva tem o tom de deboche, essa é a perspectiva adotada por ele para dar visibilidade aos instantâneos culturais da cidade, como os que faz referência no seguinte trecho:

As moças bebem *whisk* e fumam cigarro americano. Há *dancing clubs* e *clubs dancing*.

Em cada esquina, berra um pastor protestante com sua proverbial burrice, atirando o evangelho às golfadas, aos troncos, aos pedaços, por sobre os fiéis e por sobre quem passa.

Mas, ainda há bons católicos, os que vão à missa, aos domingos, por que assim manda o catecismo, e de doutrina cristã sabem ficar o Vaticano em Roma e que Satanás é um mau sujeito.

[...]

As beatas redobraram suas atividades na fiscalização do altar e da vida alheia. Os beatos ainda cantam no coro em tom de falsete sofisticado.

Mas a mocidade, ah! A mocidade! Que bela coisa essa mocidade! Que ideais, que aspirações, que independência intelectual!

Um mocinho, na Feira, há alcançado a meta suprema de todos os seus sonhos no dia em que dá passos de *cabaretier* no Tênis Clube e no Cassino Irajá.

Hugo Silva posiciona-se como uma testemunha ocular do movimento cotidiano de Feira de Santana. Pondera sobre as novas sociabilidades que passam a compor o quadro de referências culturais da população, ante uma rápida mudança de valores, quando se refere, por exemplo, às crenças religiosas, ao comportamento feminino e os anseios dos jovens feirenses, sempre a partir de uma visão crítica e zombeteira. Realiza uma metáfora da cidade fragmentada evidenciando uma sensível tensão diante dos novos projetos de sociedade que se delineiam e tornam Feira de Santana concreta e simbolicamente nova. Como afirma Renato Cordeiro Gomes (1994, p. 27), “a linguagem plástica parece mimetizar a montagem urbana em sua parte física e representa novas configurações da cidade, descentrando o fluxo comunicacional de seu referente”. A cultura, como a cidade, apesar da solidez aparente de sua existência, está em contínuo movimento e processo de (re) invenção. Michel de Certeau (1995, p. 244) ressalta dois aspectos importantes da cultura:

Por um lado, presa na efêmera liga coletiva, cuja possibilidade ela cristaliza, por um momento, destinada a desaparecer com ela, a expressão cultural depende, ao mesmo tempo, do *instante* que ela marca e da *morte* na qual ela retorna. Ela representa um risco que não poderia ser eliminado de um dos seus sinais, tal como um pássaro metamorfoseado em pedra. (grifos do autor).

Móvel e dialética, a cultura nunca incorpora um estado inabalável e é sempre mistura e diversidade produzida pela criatividade dos indivíduos que conduzem esse processo. Em Feira de Santana, o aparecimento de formas de sociabilidade e de códigos culturais imitados inclusive de outras sociedades, como os referidos por Hugo Navarro Silva quando diz que “as moças bebem *whisk* e fumam cigarro americano”, expressa uma mudança crucial nos hábitos e valores sócio-culturais da população. Na década de 1950, as principais cidades brasileiras se influenciaram pelos modelos culturais difundidos pelas nações econômica e tecnologicamente mais avançadas, recém saídas da Segunda Guerra Mundial (1939-1945), principalmente os Estados Unidos, sobretudo depois do boom do cinema hollywoodiano (MELLO, NOVAIS, 1998).

O cronista Hugo Silva é mordaz em sua crítica ao mencionar que “em cada esquina, berra um pastor protestante com sua proverbial burrice, atirando o evangelho às golfadas, aos troncos, aos pedaços, por sobre os fiéis e por sobre quem passa”. Por outro lado, centraliza cenas da rotina da cidade que continuam se repetindo. Ao afirmar que “ainda há os bons

católicos”, esse “ainda” revela a permanência de uma velha atitude em Feira de Santana, em contraponto à maneira torpe com que se refere à presença de protestantes na cidade. Ele não fez menção aos “bons católicos” de forma irrefletida. Tendo-se em conta a genealogia histórica da cidade e um discurso de origem tradicionalmente difundido que diz ter nascido Feira de Santana no entorno da capela dedicada ao culto de Sant’Ana e São Domingos (ANDRADE, 1990), essa citação aponta para uma expressão cultural dominante, concentrada num território de poder.

Conquanto o cronista tenha feito referências a aspectos da realidade histórica local, é essencial compreender a principal representação de cidade que fundamenta, ou seja, perceber o que é esta cidade em seu discurso. Feira de Santana é vista por Hugo Silva em seus aspectos históricos, arquitetônicos, sociológicos e políticos e em sua variedade de manifestações sociais e culturais. O cronista, no entanto, busca enfatizar ironicamente os efeitos ruinosos e as contradições do progresso, considerando-se o período em que seu discurso é enunciado, quando o processo de urbanização em Feira de Santana adquire um ritmo mais ágil.

Aldo Silva (2000) afirma que de fins do século XIX até as primeiras décadas do século XX prevaleceu, em discursos a respeito de Feira de Santana, localizados em periódicos locais, uma representação de cidade saudável, de clima salubre, que buscava justificar a sua condição de lugar civilizado, articulada a um processo mais amplo de construção de uma identidade social urbana para Feira de Santana. Porém, esta representação foi pouco e pouco sendo esvaziada junto à população local, cedendo espaço para a fixação de uma nova imagem: a de cidade comercial.

As antigas gerações passavam e com elas paulatinamente a antiga visão da terra saí ia sendo esquecida, suplantada pela imagem de uma cidade que se erguia ao ritmo frenético de uma nova fase comercial de maiores contatos, maior volume e rapidez. Mesmo esquecidas, porém, aquelas idéias sobre a terra saí ajudaram, tornaram possível a cidade moderna e progressista. (Ibid, p. 190).

A compreensão de Feira de Santana também como “cidade progressista” foi idéia usada por políticos em campanhas eleitorais e por comerciantes e empresários locais, como forma de propaganda que atendia aos seus objetivos capitalistas de atrair investidores e consumidores para os seus negócios. Foi idéia usada ainda por intelectuais e escritores feirenses para demarcar o território de suas existências. A imagem de “cidade progressista” se complementava à de “Princesa” ou “Capital do Sertão”, repercutida desde a primeira metade do século XX, de uma cidade que se diferenciava simbolicamente das demais do interior baiano, em consequência do seu desenvolvimento acelerado.

Quando em sua crônica Hugo Silva ressaltou o encontro marcado de Feira de Santana com o progresso, pretendeu assinalar ou definir uma fase da história urbana, social e cultural feirense, embora compreendida a partir de imagens selecionadas por ele, que dão visibilidade a um modo de existir da cidade. Michel de Certeau salienta que se “no discurso, a cidade serve de baliza ou marco totalizador e quase mítico para as estratégias sócio-econômicas e políticas, a vida urbana deixa sempre mais remontar àquilo que o projeto urbanístico dela excluía” (2007, p. 186). De fato, o discurso é uma ficção da realidade, na medida em que se vale de estratégias que fixam, ordenam, enquadram, determinam ou suprimem imagens porque se vinculam aos objetivos políticos de seu criador. Assim, são úteis na produção e manutenção de idéias de identidade que buscam representar a realidade de forma homogênea e unívoca.

Em “Meu caro Aloísio”, Hugo Silva ainda lança seu olhar para outra faceta da cultura local: os hábitos de leitura dos feirenses. Um olhar geral, panorâmico, acerca do valor social do livro, das preferências bibliográficas e da adoção de idéias e condutas que a prática da leitura instiga. Diz ao poeta Aloísio Resende:

Os livros são muito procurados, pelo marroquim das encadernações e pelo ouro dos dorsos, para servir de ornamento a um belo *hall* ou a um gabinete fidalgo.

[...]

Sobre literatura, tem-se certeza, apenas, que Camões era caolho, Bocage pornográfico, que Olavo Bilac era Olavo Bilac e Castro Alves, um moço muito inteligente, morto cedo, tuberculoso, de pena dos escravos.

Quanto às preferências bibliográficas, lê-se um artigozinho de *Seleções*, uma boa revista americana criada para ensinar medicina a alguns médicos da Feira, e contos de Rabelais intercalados com versos dos Cuícas de Santo Amaro daqui e de fora.

Nesse trecho Hugo Silva faz uma crítica sarcástica ao valor social do livro e da leitura em Feira de Santana. Critica ainda a prática profissional de médicos da cidade que, segundo ele, liam “*Seleções*” para aprender medicina. O cronista cria uma imagem global da sociedade feirense, realçando a importância dada ao livro pelo poder e prestígio social que a posse desse objeto representa, por indicar um tipo específico de cultura, a letrada, tradicionalmente considerada como fator de distinção social.

Hugo Silva finaliza a sua crônica destacando brevemente alguns problemas e mazelas da vida urbana que atingiam Feira de Santana no começo da década de 1950, apresentando a Aloísio Resende mais outros aspectos que caracterizaram esse tempo particular da história da cidade. De acordo com o cronista, Feira de Santana não só estava experimentando o fôlego de um crescimento célere, ou, como ele diz, do progresso, que assinalava uma modernização de

sua estrutura concreta, bem como as implicações desse crescimento observadas no aprofundamento da desigualdade social. E é buscando reprochar os antagonismos produzidos pelo próprio vigor da urbanização feirense que Hugo Silva diz:

Asseguro-te, nunca houve tanta barriga a mais e tanta cabeça a menos como agora.

[...]

Os escândalos têm a ressonância de gongos sonoros.

As misérias, em prosa e verso, perpetraram-se, não somente em letra de fôrma, mas, agora, em grande escala também na linguagem falada que espalham as torres de aço das estações de rádio.

Este é o alvorecer da segunda metade do século na província com pernósticismo de capital.

Quisera falar dos teus versos, mas não adianta. Hoje só há golpes e golpistas. A linguagem é “dar serviço”.

Não escapou ao olhar atento de Hugo Silva as contradições inerentes ao processo de recriação da paisagem da cidade, observáveis nas condições de vida da sua população. Ao escrever a sua correspondência a Aloísio Resende, Hugo Silva poderia ter falado sobre a vida e a obra do poeta, mostrando aos leitores da *Folha do Norte*, quem foi e que legado deixou Resende para a cultura local. Contudo, o assunto foi Feira de Santana, em 1951. A afirmação de que a Feira de Santana teve “um encontro marcado com o progresso” e de que era a “província com pernósticismo de capital”, serviu para fundamentar a sua crítica, para zombar com a própria idéia de progresso. É provável que as críticas feitas pelo cronista a propósito dos aspectos negativos ou desagradáveis do progresso urbano feirense, pretendessem alcançar as autoridades políticas locais, já que à época da publicação de “Meu caro Aloísio” a cidade estava vivendo o fim do mandato do prefeito Agnaldo Soares Boaventura, encerrado no mês de março daquele ano, quando Almáquio Alves Boaventura assumiu o cargo. O jornal *Folha do Norte* fez oposição a ambos os prefeitos.

Também tendo como eixo de interpretação da cidade de Feira de Santana a idéia de prosperidade da terra, vislumbrada em sua cultura e em seu ambiente urbano, porém não de uma perspectiva crítica/irônica, se apresenta a crônica “Minha despedida”, escrita por Jorge de Faria Góes, publicada na *Folha do Norte* em 31 de maio de 1958. Faria Góes foi juiz de direito na comarca desta cidade por quase seis anos e naquele ano de 1958 foi transferido para a comarca da cidade de Santo Amaro. Fez, então, uma crônica de despedida e reconhecimento à sociedade feirense pelo acolhimento a ele dispensado durante o tempo em que viveu e atuou na cidade. Sua crônica possui aspecto de carta pelo modo como prepara a escrita, lisonjeiro, exibindo um relacionamento extremoso com as pessoas da cidade e com a própria cidade, em sua dimensão sentimental e espacial, a respeito da qual fala com certa intimidade:

Há quase seis anos, entre múltiplos parabéns recebidos por me ter removido para esta cidade e comarca de Feira de Santana, ouvi, de alguns, que eu assim alcançara uma autêntica promoção. E exagero não houve na expressiva assertiva.

Ao conhecer, então, essa minha nova comarca, logo admirei a cidade que se movimentava no sentido do progresso, que ora se acentua a olhos vistos. E não é outra a sua destinação — progredir muito, progredir sempre.

Faria Góes faz referência ao progresso de Feira de Santana como uma fatalidade inevitável, “sua destinação”. E enfatiza a intensidade e a duração desse estado de coisas que anima a vida da cidade: “muito” e “sempre”. As opiniões que ele ouviu a respeito de Feira de Santana e da sua ambiência, possivelmente de quem já havia estado na cidade ou sabia dizer algo sobre a cidade por ter escutado opiniões de outrem, parece ter mostrado uma percepção geral socialmente difundida. Algumas expressões condensam a força dessa percepção: havia o juiz alcançado a “autêntica promoção” e, por isso, recebido “múltiplos parabéns”. O sentido dessa “autêntica promoção”, como deu a entender Faria Góes em sua crônica, foi o de ter ido habitar uma cidade adiantada, ativa e próspera, imagem que logo verificou e contemplou ao primeiro olhar. Dizer que seria o destino de Feira de Santana progredir muito e sempre, marca uma temporalidade que é repetitiva e evolutiva. Por outro lado, esta forma de representar a cidade de Feira de Santana já havia se tornado, àquele tempo, um lugar-comum e um signo de identidade, repetido em muitas crônicas e discursos publicados na *Folha do Norte*.

Em “Minha despedida” o cronista cria a cidade como uma “comunidade imaginada” e instituída no campo discursivo. E nada mais são os discursos que representações. Stuart Hall (2001, p. 48), afirma que as identidades “são formadas e transformadas no interior da representação”, que suprime diferenças de toda ordem e instaura simbolicamente uma conciliação, expressando formas de poder cultural. As representações admitidas como formas de compreensão da realidade vivida tornam-se efetivamente parte da realidade. Dizer ser Feira de Santana uma cidade que se “movimentava no sentido do progresso, que ora se acentua a olhos vistos” diz respeito a uma representação que se tornou durável, não só porque naquele momento a urbanização feirense adiantava-se, mas principalmente porque servia a interesses específicos dos grupos políticos e econômicos socialmente dominantes na cidade.

Na crônica “Minha despedida”, Jorge de Faria Góes fundamenta uma visão otimista da cidade de Feira de Santana, o que é compreensível tendo em vista o seu lugar social de fala e a ocasião que para ele se delineava, naquele momento. Tendo atuado como juiz na cidade e, por isso, se tornado personalidade bem conhecida nesse meio social, dificilmente trataria da cidade para criticar ou delatar seus problemas ou contradições. Por outro lado, como estava se

despedindo de Feira de Santana, a criação de uma crônica de sua autoria e a divulgação desta crônica no jornal de maior circulação na cidade, para o alcance de toda a sociedade feirense, traduziu-se num gesto elegante, cortês. As representações de cidade que estabelece em seu texto estão relacionadas à sua motivação pessoal para a escrita da crônica, mais do que à intenção de reforçar um discurso ou uma percepção sobre Feira de Santana. Mesmo assim, a forma como se reporta à cidade, acentuando o progresso que “se acentua a olhos vistos” tanto vem repetir uma visão cada vez mais comum a respeito da cidade, pelo menos entre cronistas e jornalistas da *Folha do Norte*, como é significativa no sentido de estabelecer um testemunho sobre o crescimento urbano de Feira de Santana. Faria Góes apresenta em sua crônica amostras da prosperidade local, que realça inicialmente:

Insofismavelmente no-lo atesta o quanto se pode observar de sua larga e procurada praça comercial, cheia de agências bancárias, e da cidade em si, crescendo para todos os lados, com bonitas avenidas, de belas residências, e ruas e mais ruas, amplas e extensas, que são outras avenidas. Atestam-no também seu meio social e cultural, de diplomados sem conta, nele se incluindo homens de letras e de saber, juristas e professores, seus ginásios, escolas, igrejas, o movimentado meio feirense, suas casas de saúde e grande corpo clínico, clubes sociais, cinemas, ambiente esportivo e tudo o mais, como até mesmo algum senão existente, tão compreensível em cidades que crescem e prosperam por forma incontável.

Jorge de Faria Góes salientou o progresso feirense manifestando-se tanto no território físico como na vida espiritual da cidade. Construiu um catálogo de imagens, buscando tornar evidente esse progresso em Feira de Santana. Selecionou, recortou e aproximou o seu olhar dos fragmentos de cidade costurados em sua metáfora, buscando compor uma legibilidade que explicaria a idéia principal de prosperidade da terra feirense. Ao aludir os “diplomados sem conta, nele se incluindo homens de letras e de saber, juristas e professores”, o autor outra vez quer deixar claro mais um aspecto que, no seu ponto de vista, informa o progresso de Feira de Santana, nesse caso percebido no grau de instrução dos feirenses. Com estas citações, Faria Góes hierarquiza os espaços de poder na cidade, não só vislumbrados em seu desenho urbano, mas ainda em sua cultura e sociedade. Todas as imagens as quais recorre o cronista são, para ele, provas que confirmam que a cidade é moderna, desenvolvida, servida em todas as suas necessidades. Já no fim da sua crônica, Faria Góes diz:

No momento em que me encaminho à outras paragens, que fiquem estas expressões de despedida, extensivas aos termos de Santo Estevão e Riachão do Jacuípe, traduzindo um aperto de mão às pessoas de bem desta terra, aos servidores todos da Justiça, aos juridicionados em geral, desde o mais humilde, significando ainda um adeus sentido aos meus amigos, particularmente aos diletos companheiros da Associação de Proteção à Infância e

nobres colegas das lides forenses e à própria cidade, cujo *perfil, majestade e detalhes a evocação constantemente reunirá numa visão pitoresca e alegre de calidoscópio.* (grifo meu).

O progresso foi a lente de observação da cidade na crônica “Minha despedida”, sendo que o autor buscou prová-lo em diferentes expressões da vida urbana, da sua paisagem ou da sua cultura, elegendo imagens que atestariam o ímpeto e o ritmo desse estado de coisas em Feira de Santana. A evocação da imagem do calidoscópio, ao final, sugere mais que isso, uma multiplicidade ilimitada e inapreensível, que impede que uma decifração categórica acerca da cidade se realize. Com efeito, o discurso é uma autêntica instituição social porque produz a realidade, tanto quanto as práticas cotidianas dos indivíduos, tendo um funcionamento ativo no interior dessas práticas (CHARTIER, 1992). As imagens representadas no discurso criam um modo de existir da cidade, que, tendo referência na realidade, em situações banais de sua vida diária, em sua ambiência, em sua história e em sua geografia, busca estabelecer formas de compreensão dessa mesma realidade. Deste modo, como pondera Renato Cordeiro Gomes (1994, p. 76),

A representação imagística da cidade está estreitamente ligada às metáforas visuais, numa recorrência que forma uma tradição. A cena da escrita faz-se sob o signo da visibilidade; traduz-se no “dar a ver”. Pode prender-se, por um lado, à técnica do retrato, quando, na produção do discurso, remete-se à realidade observável e atrela-se à geografia do lugar; por outro, busca construir “cidades invisíveis” que a imaginação torna visíveis. Em ambos os casos, verifica-se a persistência da metáfora espacial para descrever a cidade, para compreendê-la em termos visuais.

Em outra crônica publicada na *Folha do Norte*, em 15 de julho de 1961, é possível examinar novas maneiras de ver, sentir e dizer a cidade de Feira de Santana. “A Feira e o Congresso Médico”, de Augusto Freitas é uma crônica que trata da movimentação social que um evento científico, o 7º Congresso de Hematologia e Hemoterapia, ocorrido de 15 a 21 de julho de 1961, no Hospital das Clínicas, em Salvador, poderia causar em Feira de Santana no único dia em que as suas atividades foram programadas para acontecer nesta cidade, o dia 17. O congresso reuniu médicos de várias partes do Brasil e até de outros países, que, juntamente com suas famílias, se hospedaram por um dia na segunda maior cidade baiana. Augusto Freitas assim inicia sua narrativa:

A nossa Feira de Santana será palco por um dia do 7º CONGRESSO DE HEMATOLOGIA E HEMOTERAPIA. O que isto significa para a nossa Cidade, não já se considerando o lado científico do certame, senão, tão só, o seu aspecto médico-social e folclórico, todos nós bem o sabemos. São centenas de esculápios com suas famílias, todos ávidos de penetrar os mais interessantes e característicos pormenores das atividades, dos anseios, dos sentimentos e

tendências, em suma, da vida que palpita na maior cidade do interior da Bahia, hoje ponto de justa curiosidade de quantos têm olhos de observador. Então, veremos pela primeira vez, em nossa história feirense, um congresso nacional, transformar-se, por 12 horas, num congresso regional! Eis o que é o progresso. Progresso genuíno, estreme, porque é pela voz da Cultura, da Ciência, que um povo pode dizer que se civiliza e progride! Casas, ruas, logradouros, intensa agitação comercial de fato espelham uma faceta de uma cidade que avança, que se robustece no cadinho da vida material. Mas, é o seu espírito, a sua inteligência, o seu forte impulso em busca do padrão elevado da Cultura, através da concretização de um programa de realizações em tal setor, que lhe dão o direito legítimo de se ostentar como uma urbe progressista.

O cronista prevê a movimentação que o congresso científico poderia causar em Feira de Santana, posicionando-se exatamente no lugar do estrangeiro, imaginando seus anseios ao entrar em contato com “vida que palpita na maior cidade do interior da Bahia”. Mas, além da mera descrição de cenários e de personagens que circulariam e se envolveriam no âmago da movimentação habitual da cidade, o fôlego da escrita se concentra no modo como o cronista atribui significados, valores, sentimentos, desejos, ao lugar de fala. O tema central da crônica “A Feira e o Congresso Médico” não é o evento em si, é a Feira de Santana. O evento é, nesta ocasião, um pretexto ou um mote que confirma, atesta uma concepção de cidade explicitada por Augusto Freitas: “cidade que avança, que se robustece no cadinho da vida material”, que até já possuiria “o direito legítimo de se ostentar como uma urbe progressista”. Nas últimas linhas do seu texto, Augusto Freitas conclui a sua descrição da cidade citando Ruy Barbosa: “região saturada de espiritualidade, onde a inteligência nos envolve e enche o ambiente, como o azul da atmosfera, a luz solar e a doçura das nossas virações”.

Esta crônica se diferencia de “Meu caro Aloísio” e de “Minha despedida” porque não se trata de um comentário feito pelo cronista a respeito de uma situação que a cidade já tivesse experimentado. A notícia do 7º Congresso de Hematologia e Hemoterapia e de sua realização também em Feira de Santana parece ter sido o motivo que levou o cronista Augusto Freitas a escrever um texto em que narra cenas e comportamentos que provavelmente seriam flagrados em Feira de Santana na ocasião do congresso, e em que estabelece possíveis zonas de intervenção, de relacionamento, de sociabilidade que, em síntese, busca dar inteligibilidade ao complexo movimento da cidade. Augusto Freitas traça percursos, apanha olhares, destaca interesses de uma mobilidade intensa observada em seus detalhes, apenas no plano sensível da sua imaginação. Mesmo referindo-se à cidade real, a cidade de que fala é a cidade do desejo, é a cidade simbólica, apreendida pelo cronista na forma como lhe atribui sentidos, ao salientar, por exemplo, seu o progresso, a sua cultura e a civilidade do seu povo. De fato, como afirma Sandra Jatahy Pesavento (1996, p.378). “a cidade, tal como as instituições, não se reduzem ao simbólico, mas não podem existir sem a constituição de uma ordem simbólica imaginada, que

articula uma rede de significações dotadas de uma relativa coerência e cujo acesso é codificado e sancionado socialmente”.

Há na crônica “A Feira e o Congresso Médico” duas idéias fortes. A primeira é a idéia de progresso. A própria cena criada pelo autor é por fim nomeada: “eis o que é o progresso”, não qualquer progresso, mas um progresso “genuíno, estreme”. O progresso é dado a entender a partir da visibilidade de cenas urbanas que o cronista, ao seu gosto, põe em foco: “casas, ruas, logradouros, intensa agitação comercial de fato espelham uma faceta de uma cidade que avança, que se robustece no cadinho da vida material”. A essa idéia está relacionada a idéia de cultura, e, quanto à cidade de Feira de Santana, Augusto Freitas pondera que “é o seu espírito, a sua inteligência, o seu forte impulso em busca do padrão elevado da Cultura, através da concretização de um programa de realizações em tal setor, que lhe dão o direito legítimo de se ostentar como uma urbe progressista.” O cronista fixa uma noção de cultura que tem em vista apenas manifestações no campo do saber e do desenvolvimento urbano feirense. É a cultura no singular e é, também, mais uma prova que confirma o progresso da cidade e a sua condição de civilizada, afinal, como ele mesmo diz, é “pela voz da Cultura, da Ciência, que um povo pode dizer que se civiliza e progride!”. Este é um tipo de representação que contém em si artifícios de poder e se insere num campo dinâmico de estratégias e práticas de produção de imagens da cidade.

O cronista Augusto Freitas quer tornar evidente que Feira de Santana não está aquém do progresso material e sócio-cultural identificado em outros centros urbanos brasileiros, com os quais devem estar acostumados os médicos e suas famílias que se deslocam para uma cidade do interior baiano. Investe nesse discurso em imagens que reforçam a idéia de lugar diferenciado e, mais que isso, compatível com uma realidade que não deixa a desejar a esses novos visitantes, realidade quase turística, dada à experimentação visual e concreta, que à primeira vista despertaria a atenção de olhares acostumados com outros ritmos e hábitos de vida. Augusto Freitas acrescenta ainda que:

Tal iniciativa receba-mo-la de coração aberto. É, aliás, o nosso dever. Em jogo está a nossa terra que muito amamos. Se os que se tornaram feirenses pelo trabalho em prol do nosso verdadeiro progresso tão bem procuram situar a nossa *Princesa do Sertão* no campo das lides intelectuais, quanto mais os que se dão conta de que aqui nasceram, cresceram, prosperaram e têm, hoje, uma parcela de responsabilidade em face dos destinos do torrão natal.

Neste trecho, Freitas dirige a mensagem para um público específico: os habitantes da cidade, entre os quais também se inclui. Sua fala parece querer convencer a população local a assumir um comportamento, uma postura e a defesa de uma imagem de si e da cidade diante

da ocasião que se desenha. O texto de Freitas quer se estabelecer como horizonte de intervenção nessa realidade que se concretizará, mas que se planeja e se decalca desde antes. Localizada no único jornal que circula na cidade, o poder de interferência dessa crônica sobre a opinião dos leitores, sobre o julgamento que tal evento científico pode significar para as rotina local, busca estimular um posicionamento ideológico e concreto ante a situação que se apresenta.

Mais uma crônica foi selecionada com o objetivo de estudar as representações de cidade. Trata-se de a “A Feira e o progresso”, de Adalberto da Costa Dórea, publicada em 15 de outubro de 1966. Nesta época, o Brasil vivenciava o período da ditadura militar (1964-1985) e em Feira de Santana todas as atrocidades do regime se fizeram sentir num clima tenso de perseguições e prisões. A *Folha do Norte* foi porta-voz de discursos pró-ditadura, tendo apoiado a eleição indireta do prefeito Joselito Falcão Amorim logo que o golpe foi deferido e o país passou a viver uma das piores fases da sua conjuntura política. Apresentando diferenças nítidas com as edições publicadas no início da década de 1950, no jornal *Folha do Norte* de fins dos anos 1960 a cidade de Feira de Santana aparece de forma mais recorrente em notícias, em crônicas, em colunas sociais. Tudo o que se divulgava sobre a cidade pretendia, nesse momento, dar a entender que a modernidade havia, enfim, chegado a estas paragens, possibilitado pelo regime imposto. Por outro lado, a publicação literária, nesse tempo, já não foi tão freqüente como antes. As crônicas que surgiram estiveram direta ou indiretamente relacionadas com o regime. Quando não falavam dele, abordavam assuntos tão banais que poderiam ter sido publicadas anos antes ou anos depois daquele período, tão frouxa era a sua vinculação com o tempo histórico da escrita.

Na crônica “A Feira e o progresso”, Adalberto da Costa Dórea realiza mais uma reflexão sobre manifestações de progresso no cenário urbano e social feirense. Assim inicia:

Qualquer turista que chega a nossa cidade hoje sente, em cada um dos feirenses, uma feição de orgulho e satisfação por haver nela nascido. E não é para menos. A cada dia que passa Feira de Santana sofre novos e gigantescos impulsos de progressos.

Se em suas primeiras frases a crônica revela uma constatação que basicamente se refere à idéia de “progresso” colada à idéia de cidade, no restante do texto o autor busca seguramente em enfatizar a importância de um político para Feira de Santana, o prefeito Joselito Falcão de Amorim, cujo mandato findou em janeiro de 1967, após quase três anos no cargo, e em apontar seus principais feitos pelo que ele chama de “progresso” na cidade. Joselito Amorim assumiu a prefeitura de Feira de Santana imediatamente após o golpe militar

de 1964 que desfigurou todo o cenário político do Brasil. As práticas discricionárias e abusivas do poder exercido pelos militares e políticos empossados sob seu arrimo revelaram o lado sombrio e traumatizante de uma época. Apesar disso, a afirmação de que o país avançava se tornou um *slogan* do governo para maquiar o clima de arbitrariedades que extirpou a democracia e propagou o terror. Mas a crônica de Adalberto da Costa Doréa carrega esse tempo de sentidos positivos. Diz ele:

Ao aproximar-se o último dia do seu trabalho à frente da Prefeitura do Município, não poderíamos deixar de, daqui, honestamente, ressaltarmos com a justiça e o reconhecimento precisos, a sua abnegação, coragem e vontade de, realmente, sem a demagogia que caracteriza a maioria dos homens públicos servir desinteressadamente à missão que lhe fora confiada pelos que introduziram no País uma política de vergonha e sensatez. Intransigente às vezes, inarredável e mesmo áspero até em muitas de suas atitudes, Joselito falcão de Amorim sempre visou o bem-estar da Comuna e o sério papel que teria de desempenhar, face às grandes necessidades que o progresso da Feira de Santana estava urgentemente a reclamar.

Essa crônica trata de cenários e personagens da realidade histórica de Feira de Santana e tem mais um caráter de avaliação de um momento que qualifica, identifica, distingue, e, assim sendo, institui uma nova realidade porque reordena a realidade concreta a que se refere. Na se trata de uma crônica em seu estatuto de gênero, mas de texto encomiástico, direcionado, carimbado.

Nos anos da ditadura muitos jornais foram censurados e empastelados, a liberdade de expressão foi cerceada a tal ponto que a fiscalização sobre os meios de comunicação se empenhou em tirar de circulação tudo o que pudesse macular a imagem de governo dos militares. A crônica de Adalberto da Costa Doréa, que elogia, aclama e descreve mais adiante os feitos positivos do prefeito Joselito Amorim, como para atestar a realidade que apresenta ao leitor, se insere nesse clima de tensões políticas onde a própria sobrevivência também se subordinava às idéias que se defendia. Por outro lado, ao destacar a figura do prefeito, sobrepõe à imagem austera de seu comportamento, que primeiro identifica, suas intenções e ações para o “progresso” feirense. Aí o sentido de “progresso” é necessariamente a nova existência material de locais e instituições para uso da população. Assim, o Ginásio Municipal, o Ginásio Industrial, a Estação Rodoviária, o Fórum Filinto Bastos e o Estádio Municipal são, por exemplo, obras a que Doréa faz referência para qualificar o que chama de “progresso”. Nesse caso, a crônica, além de produto das idiossincrasias do escritor, pode ser entendida como registro e discurso que narra a história, deformando ou reformando sua realidade. E prossegue Adalberto Dérea em sua crônica:

Assim, ao aproximar-se o término do mais alto cargo do Município, pode, o sr. Joselito Falcão de Amorim, afirmar e reafirmar tranqüilo e orgulhoso, que cumpriu à risca o seu dever. Não só consolidou os propósitos revolucionários nesta terra, mas também os fortificou, graças ao magnífico desempenho que teve, demonstrando, assim, que poderá dar mais de si próprio ao futuro, em defesa da causa política de Feira de Santana. A sua participação decisiva em todos esses inúmeros benefícios prestados à terra, só poderá receber dos próprios filhos dela respeito, admiração e estima.

Nesse fragmento, o cronista continua investindo na imagem de Joselito Falcão Amorim e, para tanto, recorre a duas estratégias básicas, a primeira é apresentar o personagem em foco como pessoa incorruptível, prova em defesa dos interesses municipais; a segunda, é enfatizar a percepção e o sentimento dos próprios feirenses diante do caráter do prefeito apresentado. Isso deixa entrever que o cronista opta por apresentar a realidade de forma harmônica e homogênea, onde não há espaço e motivos para desacordos e contra-sensos. Ao caracterizar esse momento como “revolucionário” também utiliza a força da palavra escrita para transmitir uma imagem que não condiz com as truculências cometidas pelos militares no poder. E aí a história se inscreve não como possibilidade criada pela imaginação, mas como máscara que esconde ou camufla as forças desagradáveis ao regime imposto.

As quatro crônicas apresentadas tiveram por base motivações e contextos de produção diferentes, mas cada uma da sua maneira fez notar a idéia de “progresso” da cidade de Feira de Santana, para reforçar algumas vezes as novidades e peculiaridades do espaço, outras vezes as ações políticas. Tomando a própria realidade histórica como referência, esses textos alinhavam sentidos e sensibilidades que dão a entender seus modos de particulares de apreensão da história. A propósito do estudo de textos desta natureza, Chalhoub, Pereira e Neves (2005, p. 11) assinalam que:

Por mais banais que fossem para os contemporâneos, a especificidade dos temas coloca, a um leitor de hoje, a necessidade de uma cuidadosa operação exegética para decifrar e decodificar os seus termos. Só assim será possível relacionar definitivamente tais textos à realidade que é, a uma só vez, a sua matéria-prima e horizonte de intervenção.

Em vista disso, as crônicas evidenciam uma tensão que se percebe não só na tarefa de comentar a realidade, mas de transformá-la e apresentá-la ao leitor de uma forma nova, representada. Destina-se a um público vasto e diferenciado e, em todo, caso, esta atrelada e é filtrada pelo jornal onde é publicada.

O cronista chama a atenção para aspectos que normalmente passam despercebidos pelos “leitores” diários da cidade, ou assentando um comentário sobre assuntos mais freqüentes na sociedade. A palavra “progresso” se repetiu nestas crônicas, designando um

modo de compreensão que os cronistas fixavam ao notar as novas linhas e curvas que a urbanização desenhava neste espaço. O jornal *Folha do Norte*, por ser único jornal local, nas décadas de 1950 e 1960, e por estar envolvido com a política da cidade, não poderia macular a imagem de Feira de Santana. Seus diretores também entraram na disputa eleitoral e nessas épocas sempre tinham aliados. O jornal abrigou debates acalorados em épocas pré-eleitorais e sempre teve o perfil de se posicionar e de opinar sobre esses assuntos.

É fundamental considerar que toda representação social concorre dentro de um campo de forças, de um sistema discursivo saturado de outras formas de representações, cada uma servindo a interesses específicos de diferentes grupos e se pretendendo hegemônicas. Deste modo, a representação é apenas uma maneira de conceber o mundo, em embate contínuo com tantas outras. Segundo Roger Chartier, a realidade social é contraditoriamente construída pelos diferentes grupos que compõem a sociedade. As práticas desses grupos, no modo de viver e inventar o espaço onde atuam, fazem reconhecer maneiras próprias de significá-lo e de representá-lo, que exprimem identificações partilhadas socialmente. As representações colocam em jogo o ordenamento e a hierarquização da própria estrutura social, e criam estratégias que determinam posições e relações e constroem identidades, que tentam dar um sentido de unidade e harmonia à diversidade de práticas e representações que constituem a sociedade. Tenta estabelecer uma ordem para a desordem (CHARTIER, 1991). Por sua vez, Boaventura de Souza Santos (1999, p. 135) assinala que a identidade é “semifictícia e seminecessária”, justamente por planejar um consenso em torno das formas de pensar e agir socialmente, e por atender aos objetivos planejados no interior de um grupo social. E acrescenta:

Para quem a formula, apresenta-se sempre como uma ficção necessária. Se a resposta é obtida, o seu êxito mede-se pela intensidade da consciência de que a questão fora, desde o início, uma necessidade fictícia. É, pois, crucial conhecer quem pergunta pela identidade, em que condições, contra quem, com que propósitos e com que resultados (Ibid., p. 135).

A cultura impressa também constitui dimensão importante da experiência social, que dando visibilidade a imagens duráveis cumpre com um objetivo de unificar certos modos de compreensão do espaço, bem que essa unificação seja ideal e aconteça apenas no plano discursivo. Durval Muniz de Albuquerque Jr. considera que “nossos territórios existenciais são imagéticos. Eles nos chegam e são subjetivados por meio da educação, dos contatos sociais, dos hábitos, ou seja, da cultura, que nos faz pensar o real como totalizações abstratas” (2001, p. 27). Os jornais adentram o ambiente doméstico e sugerem reflexões, comentários e

posicionamentos acerca dos discursos que veicula, funcionando efetivamente como espaços ativos de produção e reprodução de imagens da cidade.

3.2 MEMÓRIA EM RUÍNAS: AS *CARTAS DA SERRA* DE EURICO ALVES

Nas duas *Cartas da Serra* que o escritor feirense Eurico Alves Boaventura (1909-1974) publicou no jornal *Folha do Norte* (em 21/05/1960 e em 09/07/1960, respectivamente), as novidades que recriavam a paisagem urbana da cidade feirense estiveram no centro da sua atenção. Este escritor reinventou a cidade com novas imagens e representações. Não repetiu, como muitos cronistas do jornal, a idéia do progresso natural de Feira de Santana. Seu discurso é diferenciado e nele sua memória está entrelaçada à história da sua terra. Preenche de novos significados o processo de mudanças urbanas que surpreendem a sua cidade e carrega de desejos o momento histórico em evidência. “Feira de Santana é referência central na escri

ta de Eurico [...] é a cidade-síntese, pois lugar onde tradição, memória e identidade se tocam e se entrelaçam, porque contexto a partir do qual Eurico exercita o seu pensar/sentir e tece a sua rede de significados” (SOARES, 2005, p. 90-91). A respeito da relação de Eurico Alves com a sua terra natal, Juraci Dórea afirma que

Feira de Santana é compreensivelmente, na obra de Eurico Alves, tema essencial e recorrente. Primeiro, porque ele tinha pela terra natal uma paixão incontrolável, um amor sem medidas. [...] Segundo, por ser a Feira de Santana de Eurico Alves uma cidade idealizada, uma cidade que ele revela a partir de um processo de arqueologia sentimental, onde se mesclam realidade, memória e poesia (DÓREA apud SOARES, 2003, p. 90).

Eurico Alves é um dos nomes mais significativos das letras baianas, tendo participado, em Salvador, do grupo formado em torno da revista *Arco & Flexa* (ALVES, I., 1978). Chegou a manter contato com Manuel Bandeira, um dos poetas mais importantes do Movimento Modernista de 1922, para quem escreveu “Elegia para Manuel Bandeira”, “poema-convite para que o autor de ‘Passárgada’ visitasse a sua cidade natal, porta de entrada do sertão baiano” (PEREIRA, 1999, p. 82), tendo obtido como resposta “Escusa”, poema-bilhete em que Bandeira desculpa-se por não poder atender ao convite de Eurico.

Os modernistas baianos preocupavam-se notadamente com a situação de anacronismo e descompasso econômico e sociocultural do Estado, principalmente com relação a São Paulo e ao Rio de Janeiro. Por isso, suas produções literárias eram ressaltadas pela necessidade de renovação no seio da sociedade. Carvalho Filho (1986, p.26) assinala que o modernismo demorou seis anos para chegar à Bahia, onde, “cedendo às determinações da cultura e da sensibilidade, os que atuaram em favor da nova corrente literária só tinham de longe a imagem perfeita do ambiente cultural que nos asfixiava”.

Intelectual em sintonia com o espírito de seu tempo, Eurico Alves evidencia a diversidade sociocultural baiana e brasileira nas suas *Cartas da Serra*, em que faz um diagnóstico das mudanças urbanas em Feira de Santana, criticando determinadas formas de apropriação do espaço que geraram um distanciamento com histórias e memórias tecidas desde as origens da cidade, preocupação tipicamente modernista. Assim, faz apelo aos políticos, aos intelectuais e à sociedade feirense pela salvaguarda de vestígios do passado e pela valorização da cultura local. É curioso que tenha usado o título *Cartas da Serra* e o pseudônimo Zé Fernandes nestas duas escrituras. Juraci Dórea Falcão (2005) percebe aí um diálogo intertextual com o romance *A Cidade e as Serras*, de Eça de Queiroz (1901), no qual Zé Fernandes é a personagem com quem Eurico Alves mais se identifica. E explica:

Eurico Alves que chega ao sertão, na década de 30, não há dúvida, está mais próximo de Jacinto do que de Zé Fernandes [...] Mas, com o correr dos anos, o escritor baiano termina por reencontrar suas raízes sertanejas, identificando-se mesmo é com a figura desse curioso personagem serrano, criado por Eça de Queiroz. Da mesma forma que Zé Fernandes, também Eurico Alves revela alguns tropeços e, às vezes, percebe-se que a ligação de ambos com o campo é forte. Com o campo e com a serra. No caso de Eurico Alves, com uma serra, em particular: a de São José das Itapororocas (FALCÃO, op. cit., P. 163-164).

De 1926 a 1970, Eurico Alves publicou parte da sua literatura em periódicos da Bahia, Pernambuco e Alagoas (OLIVIERI-GODET, 1999). No entanto, de acordo com Rita Olivieri-Godet (Ibid., p.11), as publicações esparsas de alguns de seus textos em jornais, assim como “a edição tardia de duas das suas obras [*Fidalgos e Vaqueiros*, em 1989; e *Poesia*, em 1990] dificultaram a divulgação e o reconhecimento crítico de uma produção intelectual estreitamente vinculada à sua região e ao seu tempo”. No jornal feirense que nasceu no mesmo ano que ele, a *Folha do Norte*, Eurico Alves publicou com alguma freqüência nas décadas de 1930 e 1940. Entretanto, nas décadas de 1950 e 1960 o nome dele pouquíssimas vezes apareceu neste jornal. Sua vida profissional o levou a trabalhar como magistrado em outras cidades do interior baiano e Eurico Alves aparecia no seu torrão natal principalmente

em época de férias ou em fins-de-semana, quando descansava na fazenda Fonte Nova, lugar onde nasceu e viveu durante a sua infância e adolescência (SOARES, 2003).

Atualmente existem estudos importantes sobre a vida e a obra do escritor (ALVES, I., 1978, 1999; OLIVIERI-GODET, 1999; DÓREA, 1978, 1999; PEREIRA, 1999; SOARES, 2001, 2002, 2003), o que tem ampliado a sua fortuna crítica e o conhecimento sobre uma personalidade que fez carreira na magistratura, nas letras e cantou a sua terra como ninguém. Isso também foi estimulado porque a filha do escritor, Maria Eugenia Boaventura, se empenhou em organizar e publicar parcela do seu arquivo literário, com algumas produções inéditas, chamando a atenção para o valor de Eurico Alves não só para Feira de Santana, mas para o Brasil. Publicação tardia, de fato, pois muita coisa não foi conhecida do grande público no momento em que Eurico Alves produziu. Mas são publicações de máxima importância, como *Fidalgos e vaqueiros* (1989), *Poesias* (1990) e *A paisagem humana e o homem* (2007), que tem despertado o interesse de muitos estudiosos da atualidade. Material rico em qualidade, em criatividade, em idéias, que mostra uma pessoa profundamente sintonizada com o seu tempo, averiguando problemas, investigando, sugerindo, palpitando, principalmente nos textos em prosa.

No período desse estudo, apenas um poema seu aparece na *Folha do Norte*, “Ode sem motivo” (27/06/1959). Mas apareceu por um motivo muito especial, na ocasião do seu quinquagésimo aniversário. Na *Folha do Norte* dessa mesma data, uma homenagem: Dival Pitombo publica na primeira página a crônica “Cincocentenário de um poeta”. E diz:

Complexos são os fatores pelos quais uma vida se realiza integralmente em sua destinação, dentro dos limites impostos pelo meio, pela época e pelas circunstâncias oriundas do determinismo biológico. Mas se realiza sempre quando presidida por um espírito privilegiado e uma personalidade singular. A projeção e a fama que cavalgam certas mediocridades ilustres, comumente não correspondem à medida do mérito real, permitindo a criação de tipos, dos quais o Pacheco de Eça constitui o símbolo eterno. Entretanto, a recíproca esconde, muitas vezes, pela atitude consciente ou não de indiferença ou desencanto, valores admiráveis que somente a sensibilidade de alguns íntimos descobre e guarda a profunda impressão que lhes deixam.

Aí se enquadra perfeitamente o poeta Eurico Alves (PITOMBO, Dival. Cincocentenário de um poeta. *Folha do Norte*. Feira de Santana, p. 1, 27 jun. 1959).

Afora a concepção determinista, manifesta em sua escrita, Dival Pitombo, que foi amigo muito próximo de Eurico Alves e também escritor e intelectual conceituado em Feira de Santana, evidencia, nesta crônica a importância de Eurico Alves para a sociedade local. Pitombo lembra ainda que Eurico Alves é magistrado, mas é antes poeta “no sentido profundo do vocabulário” (Ibid.), que “vive e apreende realmente o flagrante da beleza em sua plenitude

integral” (Ibid.). Além da dedicação à poesia, Dival Pitombo ressalta o ineditismo dos trabalhos de natureza histórica e sociológica, para os quais Eurico Alves realizou um intenso trabalho de investigação. E recorda “os tempos ousados da investida modernista onde o prazer supremo consistia em irritar a burrice reacionária” (Ibid.):

Quem o conheceu na juventude integrando o inquieto grupo de “Arco & Flexa” na velha Salvador, formando a bateria de vanguarda no assalto à cidade do academicismo literário, bombardeada rijamente pela revolução modernista de vinte e dois, quem o conheceu extravagante e “blagueur”, contando baladas de Verlaine dentro da noite misteriosa da Bahia “pour épater lê bourgeois”, pode formar idéia de sua evolução intelectual e espiritual, comparando-lhe os versos de então com sua poesia atual: sonora, elástica, diáfana (Ibid.).

É inegável a importância de Eurico Alves no movimento modernista baiano. Contudo, nem ele, nem Godofredo Filho conseguiram provocar essa atmosfera de ousadia no âmbito da criação literária de escritores feirenses. Há que se considerar que, como já se falou, o gosto literário, o valor da literatura que predominou na sociedade feirense foi fortemente ditado pelos grupos sociais e econômicos privilegiados, que têm um grau de instrução mais elevado, que foram estudar principalmente em Salvador, onde concluíram cursos universitários. Dada a força, o poder de liderança e de decisão desses grupos, como também o poder intelectual, eles tinham essa autoridade de estabelecer qual a “boa literatura”, a literatura que se devia cultuar, criar, expressar.

Nos jornal *Folha do Norte*, os poemas de Eurico Alves se tornaram expressões particulares e únicas, ao lado de produções também aí publicadas que, em sua maioria, apresentavam estilos pré-modernistas. Seus poemas foram vozes solitárias dentro de uma cidade que discursivamente era classificada de civilizada e próspera. Inquietava a Godofredo Filho esse ambiente brutalmente provinciano. Já Eurico Alves foi até o fim da sua vida um apaixonado incondicional da sua terra, para a qual fez composições poéticas e em prosa de grande importância. Esteve sempre atento ao seu movimento, às suas mudanças, aos seus problemas, aos perfis de sua gente, às suas necessidades, às suas novidades, acompanhando passo a passo a sua trajetória histórica, acompanhando quase como um jornalista seus fatos corriqueiros e interpretando-os com o olhar curioso e analítico de historiador, sociólogo, antropólogo, memorialista e cidadão. Mesmo tendo aparecido tão pouco na *Folha do Norte* entre 1951 e 1969, Eurico Alves deixou registros de importância ímpar, que revelam o talento de um cronista e a paixão por sua terra: as *Cartas da Serra*.

Poeta de renomada proeminência no cenário literário baiano e brasileiro, Eurico Alves Boaventura é natural do mundo arcaico do sertão feirense, que é fonte de arrebatamento para os seus cantos idílicos. Conhece a turbulência dos grandes centros urbanos pelo menos por intermédio da literatura, e a partir daí absorve o conflito que se insinua entre a versão pré-capitalista da sociedade, em contínua desagregação, e a ascensão de uma cultura urbana e tecnológica que gradativamente, cedo ou tarde, reforma as paisagens das cidades, inserindo-as nas canchas da modernidade (OLIVIERI-GODET, 1999). Rita Olivieri-Godet (*Ibid.*, p. 19) argumenta que sua linguagem poética enforma essa dimensão de historicidade, isto é, o “eu lírico recria o momento histórico submetendo-o à intencionalidade do contexto poético, imprimindo-lhe assim um sentido próprio”.

Eurico Alves escreveu quatro *Cartas da Serra*, sendo que as duas primeiras foram publicadas na *Folha do Norte*. As duas últimas permaneceram inéditas até o ano passado, quando foram publicadas no livro *A paisagem urbana e o homem*, que também contém as primeiras⁸⁸. Maria Eugenia Boaventura, filha do escritor e organizadora do livro, encontrou no arquivo pessoal de seu pai um conjunto de escritos que falam de Feira de Santana. Ela afirma:

Não conheço nenhuma narrativa que possa prestar-se tão bem para descrever a Feira de Santana de outrora como esses textos de Eurico, marcados por uma relação intensa de contemporaneidade com o vivido historicamente. A atualidade e o pioneirismo dos temas desta antologia revelam-se impressionantes: ecologia, urbanismo, preservação do patrimônio arquitetônico, educação dos menores carentes, alimentação, etc. Assuntos variados, na moda hoje, e preocupação obsessiva da reflexão do escritor, desde os anos 1930. Melhor, questões levantadas e adaptadas à realidade da sua terra. Esses escritos de juventude e de maturidade se articulam por um traço comum: a paixão pelo homem nordestino e pela sua paisagem (BOAVENTURA, M., 2007, p. 11-12).

Dada a importância de todas as *Cartas da Serra* para se pensar o momento em que Feira de Santana vivia um processo intenso de urbanização e justamente por causa dessas mudanças que rearranjavam o espaço e mexiam com os valores e hábitos locais, a necessidade de salvaguardar fragmentos de um passado continuamente ameaçado precisava ser sanada. Nesse sentido, apesar de cada carta trazer um conteúdo, um discurso particular, todas elas esboçam um sentido de mudança, uma vontade de construir uma cidade que não despreze seu passado, suas tradições e que possa crescer sem olvidar suas raízes. Para isso Eurico Alves apresenta propostas como a criação de instituições, arquivos e museus que armazenem coisas

⁸⁸ Nesta pesquisa, foram tomadas para análise apenas as duas primeiras Cartas da Serra, apesar do acesso às outras duas. Entretanto, o critério que vem sendo empregado até aqui é de analisar apenas produções que foram publicadas na *Folha do Norte*, que através desse meio de comunicação tiveram uma repercussão social.

do passado, testemunhos, objetos, evidências. Sugere também um investimento na paisagem da cidade, para que ela se apresente com uma feição própria, que mostre seus potenciais ecológicos.

Este escritor se importava com a atitude que os dirigentes políticos deveriam ter para com a cidade. Quis inquietar, estimular, argumentando a importância para a atual e para as futuras gerações de manter contato com o passado da cidade, de trazer sua história viva na memória. Os lugares por onde as pessoas circulavam não se mostravam assim vazios, mas saturados de vivências, de sociabilidades, de significados que foram se construindo, se modificando e se acumulando ao longo da história. Eurico Alves quis também estimular o empenho da população, seu interesse conjunto para a organização de museus, de lugares de memória, de arquivos, contribuindo de alguma maneira, se mobilizando, e tendo a consciência da real importância dessa atitude de doação e preservação.

A primeira das *Cartas da Serra* mostra os desejos e expectativas de um intelectual profundamente ligado à sua terra e, com a mesma intensidade, preocupado com o seu futuro. Inicia comentando sobre e figura de Arnold Silva, prefeito recém eleito naquele momento, para quem escreve esta carta. Eurico Alves tece elogios e ao longo do terceiro parágrafo faz uma descrição detalhada do dia da posse de Arnold Silva para intendente de Feira de Santana, quando pela primeira vez assumiu o governo desta cidade. Eurico recorre à sua memória relembrando a ocasião, quando tinha apenas 15 anos de idade (1924), os trajes vestidos por ele, por seu pai e pelos membros da sociedade que receberam o político no salão do Conselho Municipal. Nem mesmo a botina Stella, calçado usado por Eurico Alves e por outros meninos da época, ficou esquecida. Ela fica lembrada por Eurico Alves como o calçado usado pelos meninos quando iam às posses, quando “era tão homogêneo e respeitável o Conselho Municipal” (BOAVENTURA, Eurico Alves. *Cartas da Serra I. Folha do Norte*. Feira de Santana, p. 1, 21 maio. 1960a). E diz: “eu, embora minúsculo de talhe, estava pronto para a festa, metido em calças curtas, de colete, cadeia de relógio atravessada no colete, em meio a tanta gente de fraque e chapéu d pelo” (Ibid.).

Eurico Alves não desenvolve essa descrição irrefletidamente. O ano de 1960 marcou o início da segunda gestão de Arnold Silva no governo municipal de Feira de Santana. Ou seja, sua segunda candidatura estaria marcada pela primeira. E ao invés de iniciar sua carta fazendo um balanço do governo passado de Silva, Eurico Alves preferiu descrever o momento solene da sua primeira posse, cheio de expectativas, momento em que também foi proferido um discurso cheio de promessas. Chega a relatar que, na cerimônia, “cobertas de jóias, as senhoras imponentes sacudiam airosoamente leques finíssimos, completando a festa. Tal um

figurino inglês, falou Arnold Silva" (Ibid.). Segundo Eurico Alves, Arnold Silva "fez tudinho o que estava no discurso. E foi reeleito. De novo, os fraques vieram dar imponência a outra tarde de novo janeiro" (Ibid.).

Tendo recorrido à memória da juventude, aos detalhes daquela movimentação e tendo reforçado a idoneidade de Arnold Silva, Eurico prosseguiu seu texto com o objetivo principal, que não foi falar de Arnold Silva e de seu caráter. Eurico Alves queria falar de Feira de Santana, colocando em discussão sua imagem, sua paisagem. E pensando na paisagem, Eurico Alves recorre outra vez à sua memória de vida e compara dois tempos: a Feira de Santana da década de 1920 e a da década de 1960. Um espaço, dois tempos: num primeiro, a paisagem rural é ainda marcante; num segundo, o processo de urbanização já havia traçado uma nova geografia, um novo desenho e um novo ritmo, nova sonoridade.

Nesse tempo [década de 1920] a Feira de Santana não passava de agradável alegoria de util poema de Francis Jammes. Só o ABC amplo e comprido como uma promessa de candidato a prefeito atualmente, entupido de chácaras e mais chácaras, valia como um descanso para os olhos. Lá no alto, do outro lado da cidade, o Alto do Cruzeiro abençoava a cidade. Mudaram-se os tempos. Já Feira de Santana de hoje é uma sugestiva ilustração de nervoso verso de Émile Verhaeren, ou a reticência de um trecho de *Toda América*, de Ronald de Carvalho. Dinamismo, vida nova, movimento e movimento. Nunca se poderá dizê-la "Cidade do Silêncio e da Melancolia". Foi-se esse tempo... Carros, autocaminhões, ônibus sacolejando a paisagem, a grita de buzinas vigorosas, alto-falantes desmentem essa legenda. Que coisa diferente!... Edifícios que sobem vaidosos pelos músculos seguros de seis e sete andares (Ibid.).

Eurico Alves deixa claro nesse trecho da sua carta-crônica as diferenças que saltam aos olhos entre uma época e outra. O importante registro da sua memória funciona como testemunho e tem um sentido de continuidade com o passado. Por mais que retrate duas temporalidades, é desejo de Eurico Alves não romper com o fio histórico que as une, ainda que esta união seja marcada por paradoxos, contradições, diferenças físicas e espirituais, disparidades. É evidente a transfiguração da paisagem em seu discurso.

Interessante notar que mesmo se referindo às circunstâncias da realidade, a crônica de Eurico Alves investe na dimensão estética da linguagem. Veja-se este trecho, por exemplo:

Recordo, nos solenes dias de festa, recordo o brilho escarlate da faixa larga e decorativa do meu padrinho de crisma, Cônego Tertuliano Carneiro Silva, componente do Conselho Municipal. Recordo: a vibração dos óculos de Leônicio Santos, cara de irmão da penitência bebendo cerveja. Revejo a cara de lagosta enlatada do velho Cel. Manuelzinho Falcão, rindo por todas as regueiras do carão bem lustroso. Seu Bahia (Cel. Seu Bernardino Bahia), solene como um sim de casamento, vaidoso do gênero substituí-lo na política da terra. Revejo a afobiação de João Martins da Silva, o coronel mais moço da grei. E vejo na lembrança o inesquecível Benigno do Jegue, a blaterar contra a inclusão de João Martins na bancada,

porque, violento como era, sangue nas gueiras, só saberia fazer “leis explosivas”. Textual: leis explosivas. E cafungava o velho popular, numa roda, o jumentinho parado à sua espera. Francis Jammes gostaria de Benigno... E concluía que não se andou bem Arnold, incluindo na chapa o João Martins. E censurava a chapa, bem aborrecido o arremedo popular de um Marquês de Maricá iletrado (Ibid.).

Eurico Alves transforma o mundo em linguagem, substitui o mundo visível pelo dizível, materializa sua percepção e nesse processo evidencia-se a sua visão pessoal e o modo de realização da linguagem, com o que seleciona, o que silencia, o que enfatiza. A respeito da força da linguagem, Judith Grossmann (1982, p. 68) diz que “se a linguagem é expressão de uma carência, essa carência só pode ser expressa através da linguagem, pelo quê, essa carência passa a ser uma suficiência”. Essa carência se refere, com efeito, a uma percepção latente, a uma possibilidade de poder ver e dizer de uma forma, ou de uma nova forma, inaugurando sentidos. É assim que as *Cartas da Serra* de Eurico Alves despertam nos leitores uma nova percepção sobre Feira de Santana. Eurico Alves altera o mundo social pela sua força criativa. A literariedade que marca o seu talento criativo se mostra sua relação com o tempo vivido no passado e no presente, com a memória e com a história.

É importante que não vejamos de maneira dicotômica as diferenças entre o que é literatura e o que não é, simplesmente identificando elementos de realismos e anti-realismos na ficção. Ora, a literatura possui uma linguagem híbrida, como a possui a história. Ou seja, a literatura pode acoplar ao seu discurso elementos da realidade, ou pode mesmo falar de uma realidade, sem perder o seu *status*. A liberdade criadora permite isso, e não é preciso provar o seu desligamento da realidade para afirmar a sua autonomia. No território do historiador a relação entre literatura e história é permeada por controvérsias, porque a sua escrita deve possuir o *status* científico. Porém, a respeito da escrita da história Hayden White (1991) diz que o discurso histórico não é uma construção objetiva e alia elementos próprios da literatura, os tropos, que têm como resultado possibilitar o historiador se expressar melhor, conseguir desenvolver o seu texto tanto de forma criativa como significativa, no sentido que precisa estabelecer conexões, convencer, enfatizar, etc., considerando-se as opções e seleções que faz.

Outro ponto importante a ser ponderado é que as crônicas são documentos importantes para a história porque são registros de uma época, de uma percepção, mesmo com a forte marca da subjetividade do escritor. Os historiadores têm aprendido a lidar com a subjetividade dos documentos, principalmente desde que se rompeu definitivamente com a concepção positivista. Hoje tudo é documento e todos os documentos são subjetivos. E não se trata de uma banalização, mas do entendimento de que todo documento é construção humana e enquanto tal envolve interesses, negociações, relações de força, motivações pessoais ou

coletivas. Para o campo da literatura a subjetividade não é um problema, ao contrário, é disso que ela se constitui, se fundamenta. E seus estudiosos saber como lidar com isso, recorrendo tanto à psicologia, como à filosofia, principalmente. Diferentes teorias da literatura buscaram justamente oferecer subsídios para a compreensão da construção da obra, de seus estilos e estéticas, temas, e de seus autores e suas motivações, suas relações com a obra, ou seja, as subjetividades evidentes. Nas mãos do historiador a crônica funciona basicamente como testemunho; nas mãos do estudioso de literatura é também criatividade, gênio. As cartas de Eurico Alves mostram esta combinação de testemunho, sensibilidade e criatividade. Ainda sobre a funcionalidade do texto literário, Judith Grossmann (op. cit.) traz uma afirmação que é fundamental para o entendimento das *Cartas da Serra*, de Eurico Alves:

A capacidade de expressar literariamente a realidade nasce, igualmente, de uma capacidade diferenciada de experimentá-la, que inicialmente, esmaga, mas, em seguida, dá origem à expressão. O permanente processo de aprendizagem da linguagem corresponde a um permanente processo de aprendizagem da realidade e a uma certa incapacidade de lidar com ela diretamente, melhor dizendo, de abarcá-la diretamente, a uma correspondente tendência para se relacionar com ela através da linguagem. A linguagem poética tornará essa realidade selvagem mais domada por um lado, e mais selvagem por outro. A maneira pela qual estes fatores irão se equacionar na obra literária fica a depender das características do escritor (p. 71).

Em seus escritos, Eurico Alves mostra a capacidade de abordar diretamente ou literariamente a realidade, que é a da sua cidade, Feira de Santana. No seu ensaio *Fidalgos e Vaqueiros* utiliza uma linguagem mais sociográfica. Eurico Alves transita tanto no meio literário como fora dele. A sua formação profissional na magistratura e o seu gosto e dedicação às letras, onde não é visto como dilettante, mas como escritor de peso, acentuam a sua característica de intelectual que se completa por essas atividades, uma estimulando a outra.

Em *Cartas da Serra I*, Eurico Alves percebe uma temporalidade diferente e uma sociedade diferente. Muita coisa em Feira de Santana é novidade: a paisagem urbana, os costumes, os valores, a política. Este escritor mostra a consciência de ruptura paulatina com o passado, como a avanço da urbanização na sua cidade. Seu texto reforça a necessidade de salvaguarda de fragmentos do passado, para que não se perca totalmente a possibilidade de se ter contato com história e memórias que o processo de urbanização vai sepultando. Logo no início da sua carta, Eurico encarna um tempo, o passado, a ocasião da posse de Arnold Silva como intendente de Feira de Santana em 1924, revive, anota, recorrendo à movimentação, às sensações, ao sentimento, ao humor, aos vestígios, aos cenários, narrando o que o tempo não

pôde corroer na sua memória afetiva. Ou seja, na falta, na inexistência e impossibilidade de reviver, Eurico Alves mergulha na sua percepção individual e deixa aflorar sensações e emoções misturadas aos fatos. A respeito da relação entre a memória e a história, o historiador Pierre Nora (1984, p. 9) observa:

A memória é a vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, suscetível de longas e de repentinhas revitalizações [...] é um fenômeno sempre atual, um elo vivido no eterno presente [...] Porque afetiva e mágica, a memória não se acomoda a detalhes que a confortam, ela se alimenta de lembranças vagas, telescópicas, globais ou flutuantes, particulares ou simbólicas, sensível a todas as transferências, cenas, censura ou projeções.

Eurico Alves faz o percurso pendular do presente para o passado, para o presente outra vez, principalmente porque é motivado pelo pretexto da sua crônica: a reeleição de Arnold Silva para prefeito de Feira de Santana em 1960. Fez esse movimento justamente porque quis estabelecer um confronto entre as diferentes temporalidades, que faz sentido diante das tantas descontinuidades do passado no presente. Um presente, aliás, que traz para o político Arnold Silva novos desafios, afinal, é outra a cidade. Diz Eurico:

Arnold Silva volta agora em outro ambiente. Tão diferente... Já não se vê um fraque sisudo na sua posse, já não se vende mais a garbosa botina Stella alegremente rangendo, para a meninada bem apresentada. Mas Arnold volta sempre inspirado pela legenda gloriosa do nosso passado (BOAVENTURA, op. cit.).

O escritor mostra que na cerimônia de posse as pessoas já não usavam os velhos trajes de gala. Mas o mais importante para Eurico Alves é que Arnold Silva era um intelectual que possuía, como ele, profundo interesse pela preservação das memórias do passado de Feira de Santana. Silva lançou na *Folha do Norte* a coluna “Vida feirense”, que segundo Ana Angélica Moraes (1998, p. 12), existiu de 1923 a 1952, lembrando também que, a princípio, a coluna se chamava “Crônica feirense” e que Arnold Silva a assinava com o pseudônimo de Gil Moncorvo. Nessa seção do jornal, Arnold Silva organizou registros sobre a história da cidade, anotando eventos e datas que marcaram a trajetória histórica feirense. Apresentou dados aos quais teve acesso principalmente em arquivos de Feira de Santana e de Salvador. A respeito desta coluna, Ana Angélica Moraes (Ibid., p. 34) considera que:

Arnold Silva, foi, no jornal, além de fundador, diretor durante muitos anos (1923-1952), jornalista e escritor de crônicas e contos. Durante esse período, escreveu cerca de 250 crônicas-relatos, publicadas semanalmente. Ele dedicou uma boa parte de sua vida (três

décadas) à pesquisa sobre o município e a cidade de Feira de Santana, visitando, cotidianamente, os arquivos públicos e particulares, as bibliotecas municipal e nacional, os grêmios literários, as filarmônicas, cartórios, batistérios e demais órgãos públicos de Feira de Santana e de outras capitais. Além dessa coluna, ele também escrevia editoriais e contos.

Na *Carta da Serra I* Eurico Alves esteve particularmente preocupado com a beleza, a estética da cidade. Ressalta neste documento que

Feira de Santana não é só a balança de gado, nem a roça de algodão, nem o trapiche de fumo. Nem é só a Mesa de Rendas. Feira de Santana é mais que isto tudo.

Embeleza-se a cidade. Seria melhor que se dissesse quase se renova a cidade vigorosamente. Foi sempre bonita desde a nascença. Mas vez ou outra, há um cochilo na elegância da cidade. Nem sempre a beleza, nem sempre o sentido de estesia estão presentes nas construções que se levantam nas suas ruas novas. Mal que não é só nosso, diga-se logo. Nas outras cidades da Bahia, na sua própria capital, estão sendo construídos monstros de cimento, a que se dá o pomposo nome de casa. Falta-nos o gosto, falta-nos a noção de elegância para tais construções. O que se registra é o grito do arrivista, no mais das vezes, propalando o custo dos pisos, dos sanitários (e como falam em sanitários! O saudoso José Valadares estava projetando analisar esta preocupação pelo serviço sanitário luxuoso de certa classe de gente), o preço das cortinas, de tudo. Parece mais uma exposição de produtos mercantis do que uma vivenda (BOAVENTURA, op. cit.).

A crônica de Eurico Alves vai apresentando uma movimentação temporal, ao passo em que o escritor registra as mudanças que se imprimem na paisagem urbana feirense. No trecho citado acima, não é mais a voz da memória que faz a trajetória do texto. É a voz de um intelectual que, embora admire a beleza da cidade, preocupa-se com o perigo de que Feira de Santana se torne uma cidade semelhante a tantas outras, seguindo padrões arquitetônicos e decorativos, ornamentais, estilos de moda que lhe tire a aparência singular, distintiva, do seu ambiente urbano, que é uma constatação do presente vivido e sentido pelo escritor. Ele “ressente-se de um processo de urbanização que desfigura a cidade, fazendo-a perder a sua beleza original, seu *sentido de estesia*” (SOARES, op. cit., p. 95). Acerca das mudanças na aparência urbana de Feira de Santana, de que fala Eurico Alves em *Cartas da Serra I*, Valter Soares (p. 95-96) diz que

No gesto de protesto frente à modificação da paisagem urbana, delineia-se sobretudo o avanço de uma cidade cuja nova fisionomia vai se construindo sobre os escombros de uma velha ordem e seus símbolos. Alterações que vão lançando para os subterrâneos da história antigas tradições e colocando em risco uma memória e uma identidade tecidas em torno do lugar.

Em *Cartas da Serra I*, o escritor feirense mostra-se saudoso de um espaço que não mais poderá ser o mesmo, espaço que só poderá ser evocado pela memória ou por meio de registros ainda conservados do passado, materiais e culturais. É a distância do presente para

com o passado que provoca no escritor um sentimento de perda, uma ausência, do que seu discurso é um novo vestígio, indício, trilha:

Onde as chácaras, as solenes chácaras do ABC? Quem, nesta cidade, contar com duas quinzenas de vida, pode bem sentir saudades do carinho das velhas frondes amigas, que nos acolhiam serenamente nas vibráteis manhãs de verão. Estão longe estas franças amplíssimas. Apenas na saudade dos que viveram aqui até o início da quarta década do século (BOAVENTURA, op. cit.).

Pondo em confronto história e memória, presente e passado, modernidade e tradição, Eurico Alves observa as mudanças que alteram decisivamente a paisagem urbana e o homem feirense, quanto mostre a expectativa de preservar fragmentos do passado, para não deixar esquecidos ou perdidos dados sobre a história e a cultura da sua terra. Constata que Feira de Santana urbanizada “ficará uma cidade de tipo longelino, antropologicamente falando” (Ibid.). E verifica o que ainda resta no presente da cidade de outrora: o Parque Santana, a Praça Padre Ovídeo, um pedaço da Praça Fróes da Mota e

Uns restos melancólicos do velho jardim Bernardino Bahia. Só. E isto na parte velha da cidade. No trecho que surge, a ordem dos levantadores de casas é para destruir toda árvore arrogante que se encontre. Pomares, chácaras lá se vão de roldão. Pena que não haja uma edição popular das palavras de Ruskin. É pena... (Ibid.)

O discurso do escritor é quase um lamento pela perda de referenciais que sucumbem com o processo de urbanização em Feira de Santana. O espólio dos lugares que ainda resistem à força avassaladora desse processo define “lugares de memória”, na fala de Eurico Alves. A respeito desses lugares, o historiador Pierre Nora (1984, p. 13) os distingue em três sentidos: material, simbólico e funcional. Eles existem porque não há memória espontânea e são, por exemplo, arquivos, museus, bibliotecas, cemitérios, coleções, festas de aniversários, tratados, processos verbais, monumentos, santuários, associações, que “são marcos testemunhas de outra era, ilusões da eternidade. Entretanto, uma sociedade que não reconhece sua origem, seu processo ontológico de constituição, perde o fio da trajetória histórica”. Nora afirma também que “os lugares de memória são, antes de tudo, restos” (p. 12). Em *Cartas da Serra I*, o que escritor Eurico Alves enumera como lugares de memória são, de fato, restos, o que ainda subsiste aos efeitos destrutivos das construções hodiernas, o que ainda figura na paisagem urbana. Este escritor chama a atenção para esses lugares antigos e para a necessidade de sua preservação pelo que significam para a constituição da sociedade feirense, já que existe o perigo do que Nora (p. 13) chama de “desritualização de nosso mundo”:

O que secreta, veste, estabelece, constrói, decreta, mantém pelo artifício e pela vontade uma coletividade fundamentalmente envolvida em sua transformação e sua renovação. Valorizando, por natureza, mais o novo do que o antigo, mais o jovem do que o velho, mais o futuro do que o passado.

Para Eurico Alves, o perigo talvez esteja precisamente na valorização do presente, do novo, do progresso e, além disso, na depreciação do antigo. O escritor lamenta a destruição do patrimônio urbano, que foi se formando enquanto Feira de Santana vivia um processo lento de urbanização, em fins do século XIX e principalmente nas primeiras décadas do século XX. Na impossibilidade de recuperar esse patrimônio, Eurico Alves faz um apelo a Arnold Silva, que é o de salvaguardar o que ainda se preserva na fisionomia urbana e de valorizar a natureza da terra, como alternativa para dar um colorido próprio à Feira de Santana. Diz Eurico Alves:

A prefeitura prestaria um grande benefício ao povo se aproveitasse o avanço das casas e fizesse o seu avanço verde. No largo da nova estação da Leste, há alegre arremedo de jardim. Boa sugestão. Ali, vestígios do mato primitivo. Aproveitaria a prefeitura as plantas mais rústicas e mais decorativas e teria semeado recantos agradáveis aos olhos. Não é preciso apelar-se para a sensibilidade decorativa de BURLE MAX. E até se sentiriam bem alecrins, líciris, mandacarus, bromélias, sapateiras, gravatás. Porque se apelar para importados gladiólas, para antúrios, quando, a preço módico, se nos oferecem plantas belíssimas e de magnífico efeito decorativo? Imbés, gravatás... A flor-de-São-João seria ótima para os nossos recantos. Pelo menos, durante a quadra que vai de maio a setembro, teríamos as praças iluminadas de flores amarelas, oiro em cachos, em pingentes, caído perdulariamente sob os nossos passos. E, como recorda o velho DURÃO, no seu poema *Caramuru*,
Dando a ver por diante, e nas espaldas,
Cachos de ouro com verdes esmeraldas,
A flor-de-São-João alegraria a paisagem modernizada. O rubro dos cactos, a grita do flamboyant, o ouro da flor-de-São-João e o verde da folharia... E sem pedir tudo isto, regras e regras. Bastava-lhes a chuvarada do inverno, a benção temporânea das trovoadas e tudo seria uma festa para a nossa sensibilidade (BOAVENTURA, op. cit.).

Além da preocupação com o aspecto da cidade, com o que pode ser construído de modo a ressaltar suas características próprias, de sua gente, o escritor possui uma preocupação ecológica. Eurico teme que Feira de Santana se torne similar a tantas outras cidades baianas, e, em vista disso, rejeita as tentativas de homogeneização da sua aparência. Como alternativa propõe que a sua paisagem seja decorada com plantas comuns da região. Mostra outro gosto, outro olhar. Quer singularizar o espaço, não para torná-lo exótico, mas sim para que ele, na sua aparência, mostre a sua face própria que é genuíno, original do lugar, o que aí é e está. E ainda antecipa a reação daqueles que chegariam à cidade e perceberiam a ornamentação sugerida por Eurico Alves:

E nós tabaréus, quando chegássemos à cidade civilizada e vendo que ela não anatematizaria a nossa lembrança, o prestígio das nossas plantas, ficaríamos tão contentes que iríamos cavar eleitores, fabricar candidatos a eleitores apara aumentar o prestígio político do município (Ibid.).

A cidade se inscreve na fala do escritor como desejo, anseio, expectativa. Note-se que a sua preocupação não é apenas cultural, mas também política e turística. Eurico Alves indica um potencial a ser explorado que, segundo ele, aumentaria o prestígio político do município. Áí se tem um embate entre cidade real e cidade do desejo, a concreta e a imaginada. O texto de Eurico Alves é tanto campo de experiência como horizonte de expectativa.

Conforme Lloyd Kramer (1992), o texto é uma rede de resistência, sendo importante ter em vista que é impossível reduzir o passado a uma ordem. É preciso respeitar todas as suas vozes e perceber que o campo que se pretende dominar sempre ultrapassa as estruturas explicativas que os definem. Perceber também que na leitura de textos e contextos históricos é importante reconhecer a complexidade de sua construção e a possibilidade de novos tipos de escrita sobre a mesma abordagem. Kramer (op. cit., p. 158) diz que “a literatura sugere formas alternativas de conhecer e descrever o mundo e usa a linguagem imaginativa para representar as ambíguas e imbricantes categorias da vida, do pensamento, das palavras e da experiência”.

Em *Cartas da Serra I*, Eurico Alves apresentou uma percepção particular sobre Feira de Santana, em que identifica seus espaços de circulação social e de habitação, bem como os usos feitos desses espaços, no passado e no presente. Eurico Alves reforça seu desejo de manter a aparência sertaneja da cidade, que não se altere a sua plasticidade sem que se atente para o que há de mais característico na cultura e na natureza local. Com esta intenção, escreve, por fim, a Arnold Silva:

Amigo Arnold Silva, você que lê a crítica dirigida aos que procuram imitar costumes de países e terras diferentes, que sabe como é ridículo o esnobismo de muita gente, faça a nossa paisagem permanecer sertaneja. Bem sertaneja, emoldurando os suntuosos arranha-céus, coisa que se encontra em todo canto, desde os que encantaram a Paul Morand, até os da nossa Capital. Com os nossos parques, as nossas plantas matutas, os visitantes terão algo que ver em aqui chegando. Está de acordo?

Seu admirador (BOAVENTURA, op. cit.).

Conforme Michel Foucault (1966, p. 64), “o poeta é aquele que, por sob as diferenças nomeadas e cotidianamente previstas, reencontra os parentescos subterrâneos das coisas, suas similitudes dispersadas”. A atitude do escritor feirense Eurico Alves é semelhante à do poeta referido por Foucault. Eurico Alves fala de um lugar que lhe é familiar, a sua cidade, mostra parentesco, intimidade com as coisas, com a feição e a dinâmica do espaço urbano feirense,

que é o seu lugar. Em relação ao posicionamento de Eurico frente às mudanças urbanas em Feira de Santana, Juraci Dórea (2005, p. 166) afirma:

O esforço crítico de Eurico Alves, diante das mudanças urbanas de Feira de Santana, é de censura e apreensão, evidentemente, mas não traz o tom passadista. Ao contrário, o tom de seu discurso remete a certas questões ambientais que também na atualidade atormentam os moradores das cidades em crescimento.

Juraci Dórea (op. cit.) percebe que a preocupação de Eurico Alves com a preservação da memória sertaneja remete, no plano nacional, às iniciativas semelhantes, desenvolvidas por alguns expoentes do modernismo. Eurico fez esse percurso de ida e vinda ao passado histórico da cidade para apreender as diferentes cenas que marcaram o seu olhar sobre o arquivo visível e sensível de Feira de Santana. Mostra a mobilidade e a dialética da história, que vive a constante relação entre presente e passado, em suas variadas dimensões e tensões. Ele quer reconciliar a paisagem da cidade com a sua natureza sertaneja. Ainda que o plural a habite, que Feira de Santana seja a cidade do encontro de diferentes, ao menos sua natureza lhe assegura um aspecto irrefutável: é sertão, sertaneja por essência. E no entender de Eurico Alves isso bem que pode ser explorado em lugar de maquiá-la com os mesmos objetos, com o mesmo gosto que tornam tantas cidades parecidas em seu aspecto exterior.

O mote da *Carta da Serra II* (BOAVENTURA, Eurico Alves. Cartas da Serra II. *Folha do Norte*. Feira de Santana, p. 2, 09 jul. 1960b) vem de mais outra preocupação de Eurico Alves: onde guardar os vestígios, os documentos do passado feirense. Nesta carta, Feira de Santana continua sendo o centro das atenções do escritor. Na primeira carta, Eurico Alves atentou para a aparência da cidade, dando palpites sobre a renovação de sua paisagem, e assinalou os espaços antigos ainda preservados, que mostram para os feirenses fragmentos do passado, da história, de uma ordem que se estabeleceu na cidade em sua estrutura concreta, no traçado de suas ruas, nas suas praças, nos seus prédios que guardam em suas marcas envelhecidas aspectos da cidade de outrora. Esse patrimônio é documento, é indício, e Eurico Alves tem a consciência disso. Todavia, também lança o seu olhar para outros tipos de documentos, de marcas, de testemunhos históricos. A sua maior preocupação é com o perigo que se apresenta, com o passar do tempo, de corrosão, de desgaste, de perda dos vestígios do passado histórico feirense. Por isso, a segunda das *Cartas da Serra* funciona também como denúncia do descaso das autoridades locais em relação à organização de arquivos, museus e bibliotecas em Feira de Santana.

Em *Cartas da Serra II*, espécie de carta aberta à população local, Eurico não analisa a cidade em si, mas a necessidade de criação de lugares de preservação da sua história e da sua memória. Numa atitude preocupada, o poeta faz um apelo à sociedade feirense para que comprehenda os riscos de se olvidar o passado da cidade. A criação de arquivos e de museus, nesse caso, seria a solução premente para minorar os efeitos do tempo, que paulatinamente deteriora vestígios de outras épocas. O feirense, que nesse momento experimenta os abalos das mudanças modernizadoras, tornando-se um sujeito cada vez mais fragmentado pela perda de referenciais fixos com os quais estabelecia uma relação de identidade, deveria ter no arquivo e no museu a presença de indícios do passado que, mesmo fracionado, transmite a ele imagens dos primórdios desta sociedade. Assim, diz Eurico:

Toda gente espalha por aí a fora que o sertão é coisa vazia. Vazia como uma auréola decorativa. E a que envolve a nossa paisagem, para muita gente, está cheia apenas de sol. Sol e aboio. E, se assim fosse, isto seria pouco? E não é assim, todavia, todos o sabem. O que nos falta é exibir a prova do que se afirma, por exemplo, de que fizemos largo capítulo da história baiana. Isto. E a prova está aí. Basta que se vá ao arquivo público e se leia o material, a documentação da vida pretérita sertaneja.

Aqui mesmo, contamos com farto material documentário. Está, porém, criminosamente largado como um montão de estrume de gado, na malhada. Se se chegar a uma saleta de fundo, no palácio municipal, depois do salão do júri, encontraremos um corpo-de-delito da nossa incúria, do nosso crime. Empilhados, como coisa sem préstimo, centenas de processos estão sendo danificados pelo tempo. Criminosamente ali ficam (Ibid.).

Nesta carta Eurico acusa o desprezo com que são tratados documentos e monumentos que figuram o passado feirense. Critica a falta de uma organização sistematizada de todo esse material num lugar destinado a este fim. O perigo do esquecimento coloca o poeta em alerta, o impele a tomar um posicionamento, a chamar a atenção para essa falta de cuidados que pode ter como decorrência um distanciamento cada vez maior dos feirenses em relação ao passado da cidade, aos seus objetos, à sua cultura, aos seus símbolos e, de um modo geral, ao percurso da história feirense. O texto de Eurico Alves transmite o posicionamento político de um cidadão atento às mudanças que transfiguram a cidade e que tendem a enterrar vestígios e memórias de outras épocas. O poeta deseja perceber um sentido de continuidade, a afirmação das raízes sertanejas da cidade, para que os feirenses reconheçam um passado comum. É a ligação entre o passado e o presente o objetivo maior do escritor.

Eurico Alves, em *Cartas da Serra II* traz um olhar sobre Feira de Santana em 1960 e sobre como os feirenses vivenciam sua própria historicidade, nesse momento. Tratando do novo tempo e de sujeitos também novos, embora em crise, abalados com as mudanças que redesenham concreta e simbolicamente a cidade, Eurico transmite a necessidade de esses

sujeitos não só buscarem se definir identitariamente, mas se definir valorizando os elementos do lugar, a natureza, os costumes, os objetos, as histórias e as memórias, sendo importante a criação e a manutenção de vínculos com o passado. O olhar de Eurico Alves sobre Feira de Santana é um olhar individual, comprometido pela forte relação que mantém com o lugar e com o desejo de que nele convivam sem maiores conflitos tradição e modernidade. A sociedade feirense, como qualquer outra sociedade, também vivencia relações antagônicas e os elementos de identificação do espaço são múltiplos e inclusive diferentes. Para Eurico, o essencial é que todos os cidadãos feirenses tenham acesso aos fragmentos do passado, compartilhem de um mesmo sentimento com respeito às memórias e histórias da cidade e estabeleçam, deste modo, laços de pertencimento. E assim continua:

Vamos ver se se consegue o Arquivo da Feira de Sant'Anna? E do arquivo se iria adiante. E porque não um Museu Municipal? O ambiente é rico de elementos que dariam para se compor vistoso museu. De início, lentamente, é verdade.

[...]

Pobres tabaréus... Tabaréus uma conversa. Gente fidalga e formidável, nobreza áspera como espinho de mandacaru e que deu ao Estado nomes de realce. Encourados de Pedrão, Maria Quitéria, o Periquitão, o maior poeta das Américas, cuja voz tem ressonância de tempestades e clarões de alvoradas – CASTRO ALVES, da gente lá de Brumado. CASTRO ALVES guardava mais o jeito de tabaréu dos parentes maternos do que a etiqueta dos parentes paternos.

O sertão necessita de dar cor de si e exige o culto da sua gente, a história de seu passado. E aqui, na nossa cidade do planalto, teria a gente meios de começar a escrever esta história.

Onde um documento, onde uma fotografia, onde uma relíquia que lembram Maria Quitéria? Onde uma coisa concreta que assegura a recordação de uma das mais fortes vozes oratórias do Brasil, o grande pregador LACERDA?.

[...]

E pouca gente sabe que, encanecido, solitário, perto daqui, está abandonado um velho canhão da Sabinada. Vamos carregar processionalmente esta relíquia para uma praça da cidade, ou para um jardim escolar? [...] Onde se encontra a farda, ou um retrato do capitão Manoel Alves de São Boaventura, aparentado com os velhos troncos dos Alves de São Boaventura daqui, e de Cachoeira, revolucionário também da Sabinada, preso, processado, julgado, porque sonhou a liberdade da sua terra? [...] E isto não é história por acaso? História no duro. História de verdade (ibid.).

O autor propõe e justifica a criação de “lugares de memória”, a reunião de vestígios, a reconciliação com o passado, a importância que deve ser dada aos heróis locais. Segundo ele, a sociedade feirense precisa presenciar esta lembrança, entender como o espaço da cidade fora experimentado em suas primeiras décadas de existência. Nascida como comunidade sertaneja e pastoril, onde a figura do vaqueiro e do tabaréu foram suas expressões típicas, para Eurico Alves Feira de Santana necessita de um espaço para o resguardo de utensílios do passado, imagens em que possam se reconhecer neste tempo e afirmar suas origens para as gerações vindouras.

O lugar social de fala de Eurico interfere na seleção destas imagens. Fidalgo oriundo da casa-de-fazenda, ele busca analisar as relações e as tensões sociais tendo como parâmetro seu lugar de nascimento (SOARES, 2003). Seu discurso se aproxima do de uma história oficial que contempla os nomes de pessoas que se notabilizaram nesta sociedade por terem vencido lutas políticas, causas locais, ou que tiveram participação visibilizada na construção desta cidade por terem ocupado postos de destaque na sociedade. Deste modo, esta reconstrução do passado fica comprometida por seu olhar subjetivo. Eurico Alves também atenta para os documentos tidos como oficiais, como cartas e discursos, títulos, escrituras, mas também para outros tipos de documentos como vestuário, mobiliário, objetos de uso doméstico, fotografias e relíquias, o que amplia o leque de possibilidades através da qual a antiga sociedade é possível de ser notada e investigada.

Eurico Alves reconhece os conflitos e tensões sociais que assinalam a história urbana e social feirense, sobretudo no período em que escreve suas *Cartas da Serra*, quando Feira de Santana já havia se transfigurado em outra cidade, bem diferente de como era no início do século XX. No entanto, seu conflito pessoal é o que notabiliza a narrativa, sua preocupação em mobilizar políticos e intelectuais para resguardar fragmentos da Feira de Santana antiga, estilhaços do passado que deixam entrever determinadas imagens da cidade, em detrimento das imagens ausentes, que se perderam para sempre, que não puderam ser conservadas ou que não tiveram um local apropriado para conservação. Eurico diz ainda que:

Um museu e a Feira de Sant'Anna estaria completa. Certa feita, numa visita que fiz a um amigo bacharel e estudioso do passado feirense, durante as férias, na sua fazenda, vi o carinho com que ali se cultua o passado de Feira de Sant'Anna e do sertão todo. Guarda ele um museu. Não somente de arqueologia indígena, como também da vida sertaneja. Vi ali muito retrato de gente do século passado. Vi muita obra de santeiro daqui. Leques, berloques, jornais, postais de boas festas, louça, mobiliário. Museu particular. E que custa a prefeitura organizar um museu da família maior, a comunidade? Se este meu amigo guarda documentos da sua família, como formais de partilha, escrituras de escravos, títulos de crédito, de eletores do início da República, nós os da coletividade poderemos guardar toda a história da nossa região. Vamos tentar? (BOAVENTURA, op. cit.).

O escritor investe toda a sua narrativa em persuadir sobre a necessidade de um espaço adequado para conservação e acúmulo do patrimônio histórico e memorialístico da cidade de Feira de Santana. Os feirenses, que também participam da idéia de cidade, estariam, deste modo, mais próximos ou mais ligados à história local ao ter acesso às fontes que dão a entender aspectos do seu passado. Nas duas primeiras *Cartas da Serra*, Eurico Alves ressalta imagens do passado feirense que, para ele, no momento da sua escrita, são mais vibrantes, mais intensas, e, nesse sentido, atribui significados e constrói identidades sobre a cidade, com

ênfase na cultura sertaneja. Sobre o processo de construção de idéias sobre o espaço urbano, Albuquerque Jr., (1999) salienta que o espaço é em si resultado de práticas discursivas e não-discursivas, inseridas no campo de forças de poder e de saber, que constroem determinados estereótipos do lugar, razão pela qual integram o terreno instável das identidades, criações eminentemente históricas.

O ensejo da criação das *Cartas da Serra* de Eurico Alves vem da inquietação subjetiva que acomete o escritor, posto que, tendo nascido e vivido durante a sua infância num local com aparência ainda rural, como o era Feira de Santana nas primeiras décadas do século XX, onde “o ABC amplo e comprido [...] entupido de chácaras e mais chácaras, valia como um descanso para os olhos”, as transformações advindas com o processo de urbanização acabam por colocá-lo em uma crise pessoal, já que se identificava profundamente com a velha sociedade, quando “Feira de Santana não passava de agradável alegoria de sutil poema de Francis Jammes”.

Confrontando duas imagens da cidade, uma rural, outra urbana, Eurico Alves demonstra as vicissitudes de uma temporalidade marcada por abalos, choques, contradições, rupturas e permanências que dialeticamente constrói o mundo social. As mudanças pelas quais passa o espaço urbano feirense provocam o progressivo desaparecimento de elementos característicos de sua aparência mais antiga e o nascimento de uma nova realidade constituída de signos culturais que passam a definir, de um modo geral, a sociedade urbanizada. Tais mudanças são marcadas pela transitoriedade de elementos que integram o aporte cultural do lugar, o que proporciona uma crise ou desestabilização das concepções identitárias.

A fala de Eurico Alves traduz o sentimento de perda ou distanciamento de símbolos socioculturais e identitários que representavam a Feira de Santana antiga. A paisagem rural pouco e pouco se torna urbana. Eurico Alves, que em seus primeiros poemas ressaltava as imagens rústicas de Feira, as quais, em todo caso, funcionam como discursos identitários, posto que definem o lugar, reconhece na década de 1960 as diferenças notórias que assinalam a destruição de discursos, representações e práticas que não mais se adequam ou servem de referência para identificar a cidade.

Em ambas as *Cartas da Serra*, Eurico Alves Boaventura deixa entrever as mudanças que redesenham o mapa da cidade, mas mostra-se particularmente apegado à Feira de outrora e por isso insiste na importância de se preservar suas memórias e histórias. A segunda carta dá continuidade à primeira com o mesmo propósito de evidenciar a cidade de Feira de Santana no princípio da década de 1960. As mudanças urbanas que desafiam o olhar do escritor são características de uma nova etapa histórica que paulatinamente recria cenários cotidianos,

intenções e percepções a propósito da cidade. Eurico Alves busca equilibrar aí o velho e o novo, tradição e modernidade, para que os sinais desse novo tempo não apaguem de vez os traços que profundamente definiam o lugar, e assim seu empenho é em fazer conviver essas duas temporalidades, pelo menos para que ele não passe a se sentir um forasteiro em sua própria terra.

3.3 POEMAS SOBRE A CIDADE

Na *Folha do Norte*, diferentemente das crônicas, que maioria das vezes falaram sobre aspectos da vida urbana, cultural e social feirense, no campo da poesia apenas seis composições tiveram por tema Feira de Santana⁸⁹: duas de Carlos Sampaio, “Feira” (1951, p. 2) e “Paisagens” (1954, p. 2); uma de José de Souza Oliveira, “Resto de Feira” (1952, p. 4), uma de Eduardo Tudella, “Ode a Feira de Santana” (1961, p. 1), uma de Eglê Marques Santos “Cidade Princesa” (1961)⁹⁰, e mais um poema sem título, de Manoel Marques, que se encontra ao fim da notícia “Atendendo a um pedido” (1966, p. 7), em que este escritor relata sucintamente a história da cidade de Feira de Santana.

Carlos Sampaio foi um poeta feirense, autor de outros cinco poemas na publicados na *Folha do Norte*: “Meu canto” (19/05/1951), “Assim pensei” (02/06/1951), “Lembra-te” (23/06/1951), “Hoje a noite” (10/04/1954) e “Poema dos perversos” (08/02/1958). No poema “Feira”, destaca determinadas cenas da rotina da cidade:

Homens, mulheres, crianças
Pelas suas ruas
Em passos apressados
Em todas as direções
Vão escrevendo seu destino

Nas suas principais ruas
Os miseráveis sentados nas calçadas
Contemplam o seu orgulho

De outros lados

⁸⁹ Como já se disse no primeiro capítulo, a quase totalidade dos poemas publicados no semanário nas décadas de 1950 e 1960 teve por tema a natureza, o amor, a solidão, a religião, a arte poética, ou mesmo surgiram como homenagens oferecidas a determinados membros da sociedade feirense.

⁹⁰ Eglê Marques Santos publicou esse poema na *Folha do Norte* em 17/12/1961. Porém, essa edição do jornal não foi localizada. Tem-se notícia desse poema e da data de sua publicação através da edição da *Folha do Norte* de 23/12/1961, que traz a matéria intitulada “Eglê Marques Santos”.

Estendem-se suas avenidas
 Com um braço estendido
 De mãos abertas
 A receber o bem vindo

Depois... Vêm as ruas dos becos
 Onde suas casinhas
 De fisionomias esquisitas
 Ficam perto defronte a outra
 E suas portas e janelas abertas
 Parecem que estão a gritar

Em seguida
 Os velhos subúrbios
 De mulheres magras
 Das velhas histórias
 Crianças barrigudas
 E de homens quase nus
 Somente os olhos das poças d'água
 Olham para estes esquecidos

Os dias vão passando
 E sua corte de operários
 Sempre a renovar sua beleza
 Embora que depois
 Ela ria-se orgulhosamente para eles

Os crepúsculos chegam
 E o suor da feira
 Corre no corpo
 Dos homens que lutam
 Pela sua vida

Agora estamos na hora
 Mais silenciosa de Feira
 As suas ruas vazias
 Ficam a recordar o passado.

Na estrutura deste poema, o que logo se evidencia é a estrofização irregular. Há oito estrofes, em que a primeira tem 5 versos; a segunda, 3; a terceira, 5; a quarta, 6; a quinta, 8; a sexta e a sétima, 5, e a oitava, 4. A métrica também é irregular, visto que os versos diferem quanto ao número de sílabas. Essas duas características são claramente conquistas do modernismo. Ainda assim, é um poema canhestro porque a essa estrutura formal falta ritmo, ou, dito melhor, o apuro do ritmo. O autor força a mão para que esse ritmo venha a se fundir com a imagem, que, no caso, é a da cidade. O tratamento, que deixa muito a desejar, do ritmo e da fusão deste com a imagem, compromete a transformação do assunto em tema.

O poema “Feira” tem uma vertente social e evidencia uma sociedade saturada de contrastes, em que coabitam realidades distintas, material e culturalmente antagônicas. O seu

cenário é o espaço urbano de Feira de Santana, que não é percebido como uma univocidade homogênea, mas exatamente como o inverso. Ponto de encontro de uma diversidade humana, esta cidade é apresentada em uma série de cenas que se alternam entre locais públicos, como a feira livre e as principais vias da cidade, em que se esbarram indivíduos sem nenhuma relação aparente entre si, e locais privados, como onde se exibem os paradoxos existenciais decorridos dos contra-sensos da modernidade feirense. Este poema glosa a história, transmite imagens de uma possível realidade flagrada de um dia-a-dia corriqueiro, de uma movimentação que parece se repetir ciclicamente.

Sampaio surpreende a antinomia de cenas corriqueiras que compõe a sociedade feirense, demonstrando que neste espaço tudo está impregnado de seu contrário. Feira de Santana, à medida que amplia sua área urbana passa a abrigar mais criticamente uma série de desigualdades, que denunciam o lado ameaçador deste fenômeno.

No poema “Paisagens”, também de vertente social, Carlos Sampaio flagra cenas do cotidiano feirense, de homens e mulheres na faina diária, movimentando o mercado informal, lutando pela sobrevivência:

Meu relógio estava parado
Em duas horas da madrugada.
Parecia que a noite
Estava abraçada com o silêncio.
De repente ouvi um apito.
Com certeza era o apito do guarda noturno
Que se despedia...

Não tardou para o dia clarear.
Que pretinho da voz forte
Gritava como um herói vendendo bananas!

Um homem magro
Empurrava um carro de madeira
Na altura do seu peito.
Era um vendedor de pães...

Um camarada chicoteava dois animais.
Os animais também compreendem as horas amargas
E sentem-se felizes quando estão em liberdade.

Três mulheres com cestos na cabeça
Cheios de frutas e verduras,
Caminhavam em direção do mercado.

Um cachorro branco e forte
Pegou um cachorrinho fraco
E deu uma surra.
Até os animais praticam injustiças.

Um caminhão passou em velocidade.
Quase que pegava uma criança
Que brincava de bola na rua.

Os pais olham para seus filhos
Que estão brincando
Sem saberem o que está se passando...

“Paisagens” também apresenta estrofes irregulares e, como o poema “Feira”, a concepção é modernista. Carlos Sampaio nessa composição põe em destaque certos atores da cidade, que são os trabalhadores ambulantes, o vendedor de bananas, o vendedor de pães, as vendedoras de frutas e verduras, e suas atividades, lutas e dramas. O poeta cria a paisagem e os sujeitos que nela atuam descrevendo seus movimentos, gestos, vozes, receios, roteiros, no momento em que a cidade amanhece. Parece retratar o cenário do comércio que se realizaria nas ruas de bairros da cidade, em que os vendedores passavam anunciando sua chegada, como o vendedor de bananas que Sampaio chama de “pretinho da voz forte”, que “gritava como herói”. Esse seria um cenário corriqueiro da cidade de Feira de Santana, com a movimentação de veículos e animais e com crianças brincando na rua, enquanto os vendedores labutavam pela própria sobrevivência.

Mais outro poeta que publicou na *Folha do Norte* uma criação em que o cenário é Feira de Santana foi José de Sousa Oliveira, em “Resto de Feira”:

Áureo crepúsculo derrama uma onda infinita
De sombras entretecedoras sobre todas as cousas...

Os sinos silenciaram... cantaram, como almas melancólicas,
A Ave-Maria romântica do entardecer

.....

Estão fechadas as antigas e silenciosas
Grades de ferro do meu velho mercado...

Num resto de feira há tantos contrastes, na sua aquarela
(sentimental...

Alegria profunda acariciando os lares ricos...
Tristeza imensa rondando, como sentinelas,
As velhas e solitárias choupanas pobres...

Balaios vazios... outros fartos, no entanto, nos sisudos e belos palacetes...

Crianças chorando com fome... doentes... tossindo...
Outras sorrindo,

Brincando com presentes lindos que lhes deram...

Poeira subindo pelas estradas iluminadas
 Dos clarões ensanguentados da agonia hemoptísica do sol...
 Animais trotando... broacas batendo...
 Assadas de carnes magras e caras que os angustiados
 (campônios
 Nas humildes cangalhas vão levando...
 Homens e mulheres voltando a povoações distantes...
 E a vários lugares circunvizinhos...

Gado mugindo... tristonho... deixando o campo... balança
 (mercenária...
 Seguindo, agora, trôpego, tangido... rumos diferentes...
 Numa caminhada lenta e longa para a morte...

Resto de feira...
 Tédio na profusão do amor da mulher infeliz de vida
 (alheia...
 Suor... cansaço...
 Desilusões de uns..., esperanças em outros...
 Estampadas na face...

Como Carlos Sampaio, José de Souza Oliveira buscou retratar contrastes sociais que seriam flagrantes no dia-a-dia da cidade de Feira de Santana. O cenário criado corresponde a o de um fim de tarde, quando se encerra a movimentação da feira livre e quando, para o poeta, os contrastes sociais se tornariam alarmantes, como mostra no verso “balaios vazios... outros fartos, no entanto, nos sisudos e belos palacetes...”. Constrói seu poema confrontando imagens opostas, de fartura e de penúria, destacando cenas marcantes que assinalam aspectos da desigualdade social na cidade. O poema se inscreve como crítica. Representa um cenário comum da cidade, o da sua afamada feira livre, e, por outro lado, flagra os antagonismos que delineiam forças sociais em conflito, relações de poder visualizadas no território urbano.

A maneira como o ambiente urbano se organiza evidencia campos de poder que se chocam na dinâmica de construção diária da cidade, mostrando hierarquias sócio-culturais. Souza Oliveira retrata grupos sociais e suas diferenças nítidas, que podiam ser observadas na moradia, nos condutas e nas condições materiais de existência, como no trecho seguinte:

Alegria profunda acariciando os lares ricos...
 Tristeza imensa rondando, como sentinelas,
 As velhas e solitárias choupanas pobres...

Ou em:

Crianças chorando com fome... doentes... tossindo...
 Outras sorrindo,
 Brincando com presentes lindos que lhes deram...

E ainda em:

Assadas de carnes magras e caras que os angustiados
 (campônios
 Nas humildes cangalhas vão levando...

As disparidades sociais ficam manifestas nestes trechos. A escolha do título do poema também mostra o tom de crítica social que representa. “Resto de feira” se relaciona a um momento particular, quando

Estão fechadas as antigas e silenciosas
 Grades de ferro do meu velho mercado...

Momento em que delineia sentimentos como

Tédio na profusão do amor da mulher infeliz de vida
 (alheia...
 Suor... cansaço...
 Desilusões de uns..., esperanças em outros...
 Estampadas na face...

Souza Oliveira aborda os contrastes sociais que esse momento evidencia. Seu poema é engajado nesse propósito. É por essa via que preferiu retratar cenários da vida urbana feirense, como também Carlos Sampaio, ao seu modo. Diferentemente de muitos cronistas que atuaram na *Folha do Norte*, que em seus textos normalmente mostravam o cotidiano da cidade de Feira de Santana a partir de aspectos que evidenciavam o progresso da urbanização, esses dois poetas observavam a cidade pelo lado negativo que essa urbanização propiciava, apanhando contra-sensos, problemas, conflitos e angústias que marcaram a vida de milhares de seus habitantes, os que particularmente sofriam mais com o agravamento da desigualdade social que se acentuava à medida que crescia a cidade.

Evidenciando uma visão mais romântica acerca do processo histórico de Feira de Santana, aparece na *Folha do Norte* o poeta Eduardo Tudella com “Ode à Feira de Santana”, em que diz:

Avultas, linda, aureolada

*Num largo amplexo de luz,
Sob a Estrela de teus filhos,
Que um bom destino conduz.*

I

És princesa, entre as princesas
Maiores, de nosso Estado:
Manténs teu nome incrustado,
Num conjunto de belezas:
Reflexos das incertezas,
Da fibra de teus avós,
Encantando a todos nós,
Tua paisagem sublime,
Que engrandece e que redime,
Teu povo laborioso:
Batalhador ardoroso,
De uma luta inacabada...
E unida às tuas irmãs,
Nas investidas mais sãs
AVULTAS, LINDA, AUREOLADA

II

Aos timbres da voz humana,
Célere — correndo Mundo:
Tens de segundo em segundo,
Um culto de soberana!
Filha da Pátria bahiana,
Vens de ancestral simpatia:
De uma graça que irradia,
Doces graças do infinito!
E no esplendor desse rito,
Que consagra o teu ingresso,
Nas fileiras do progresso,
Nos eflúvios de Jesus:
Surges — transpondo a jornada:
Numa feliz alvorada.
NUM LARGO AMPLEXO DE LUZ

III

Em torno a tal ascendência,
A um porte assim, valoroso:
Não falha o Bem dadivoso,
Não fogem Dons de clemência!
Nem surtos de inteligência,
Que esse teu Lema institui,
E altivamente usufrui,
Teu breve e rápido avanço:
Para o qual não há descanso,
Na mira de teu futuro:
Conceito, nobre e seguro,
No senso de teus caudilhos:
Pugnando por teus direitos,

Restaurando excelsos pleitos,
SOB A ESTRELA DE TEUS FILHOS.

IV

Ao calor desse ideal,
Dessa existência fecunda,
Há de erguer-se, alta e profunda,
A tua História imortal!
Erguer-se o piano real
Do valor de tua raça,
Que resiste — e que não passa
Às águas do esquecimento!
Já nos lembra um monumento,
Teu ritmo novo e crescente,
Como um sol alborescente
Ungindo a sagrada Cruz!
Salve, pois — santa e princesa:
Tua constante grandeza,
QUE UM BOM DESTINO CONDUZ

Além de “Ode à Feira de Santana”, Eduardo Tudella publicou mais dois poemas no jornal: “Canção da ‘Boca do Rio’” (11/02/1961) e “Urubu”. Este último poema foi publicado em duas ocasiões na *Folha do Norte*, a primeira vez foi em 13/12/1958 e a segunda, em 18/02/1961. Na sua primeira publicação, dedica-o “à mocidade intelectual da ‘Princesa do Sertão’” e revela que o poema, assim como “Canção da ‘Boca do Rio’”, faz parte do seu livro, em preparo, “Sombras do meu destino”.

“Ode a Feira”, é um coquetel de expressões grandiloquentes, que, como se sabe, desgastaram-se inteiramente. Um certo condoreirismo, sem a poesia de um Castro Alves vem aqui ao encontro da velha cultura bacharelesca baiana para produzir o que não é senão a letra de um hino à cidade. E má letra, é claro, porque pesada, irrespirável, toda ornamental. Este poema mostra o tom pré-modernista, ou melhor, o gosto duvidoso do baixo parnasianismo.

No que diz respeito às imagens de cidade, o poema de Tudella evidencia para Feira de Santana um sentido de construção histórica, em que destaca, por um lado, uma evolução na qual se entrevê apenas aspectos positivos da sua “existência fecunda”, “que um bom destino conduz”. O poeta trabalha com a idéia de progresso como um fator natural da construção histórica da cidade. No processo dessa construção em nenhum momento enxerga infâmias, contradições, desacertos, tratando somente de retratar uma imagem conciliada e tranquila. Por outro lado, o poeta situa Feira de Santana em um lugar social dizendo que:

És princesa, entre as princesas
Maiores, de nosso Estado:

A representação criada por Tudella diferencia-se substancialmente das criadas por Carlos Sampaio e Souza Oliveira em seus respectivos poemas. Eduardo Tudella retrata uma cidade idealizada, não seleciona exatamente cenas urbanas, demonstra uma concepção sobre a criação histórica da cidade, que é uma concepção romântica, com forte grau de idealização.

Um poema que mostra imagens semelhantes às criadas por Eduardo Tudella é “Cidade Princesa”, de Eglê Marques Santos:

És orgulho da Bahia
 Princesinha do Sertão,
 És um templo construído
 Pelo Deus da Perfeição!
 Cidade Maravilhosa,
 Monumento de alegria!
 És a jóia sideral,
 De um sonho angelical
 No berço da poesia!

“Cidade Princesa” comove pela ingenuidade do recurso às imagens mais banais do gosto popular. Mas muito longe do gosto popular que se vê, por exemplo, recriado por um poeta como o pernambucano Ascenso Ferreira, que foi, sim, autêntico modernista.

Depois da publicação de “Cidade Princesa” em 17 de dezembro de 1961, na edição da semana seguinte, a *Folha do Norte* divulgou uma matéria sobre Eglê Marques Santos, da qual destaca-se o seguinte trecho:

Vem causando admiração nos meios radiofônicos e culturais da cidade, o estilo da correspondência que a Senhorita Eglê Marques Santos mantém com os diversos programas levados ao ar pela Rádio Sociedade de Feira de Santana, principalmente o “Acorde Sorrindo”, apresentado pelo Francisco Almeida.

É que a Eglê revela-se uma poetiza de méritos, como devem ter percebido os nossos leitores através da poesia “Cidade Princesa” publicada no número anterior (ÊGLE..., 1961, p. 5).⁹¹

Eglê Marques Santos publicou também na *Folha do Norte* os poemas “Teus encantos” (20/01/1962), “Um soneto ao meu amor” (27/01/1962), “Olhos castanhos” (17/02/1962), “Símbolo de amor” (24/02/1962), “Conselho” (13/03/1962), “Para uma noite chuvosa” (24/03/1962), “No teu amor” (31/03/1962), “Princesinha do sul” (28/04/1962), “A felicidade existe” (05/05/1962), “Aprendi” (15/05/1962), “Régia triste” (30/06/1962), “Amar”

⁹¹ *Folha do Norte*, 23/12/1961.

(07/07/1962), “Por teu amor” (14/07/1962), “És minha vida” (21/07/1962), “Teu nome” (18/08/1962), “Carta” (25/08/1962), “Súplica” (20/10/1962) e “Sem te” (03/11/1962).

Em “Cidade Princesa”, Eglê Marques Santos idealiza a cidade e a representa de forma homogênea, consagrando um lugar social privilegiado para Feira de Santana.

O último poema encontrado na *Folha do Norte*, que tematiza a cidade é o abaixo transcrito, sem título, de Manoel Marques:

A Princesa do nosso amor
Sentimental Inspiração
Quisera eu ser a Bandeira
A tremular na ribeira
No fim da costa marítima
No princípio do sertão.

Feira que tanto gozou
Aqui D. Pedro pisou
Foi a terra dos Pedreiras
Subiu com muitas carreiras
A vizinha admirou

Ultimamente te falta
Um filho do coração
Que renuncie do pecado
Que tenha o maior cuidado
Em vir beijar tua mão.

Esse é mais um poema que utiliza o recurso a imagens banais, como fez Eglê Marques Santos, ao seu gosto. Manoel Marques usa a sua criatividade para falar da cidade empregando uma visão sensível sobre a sua constituição, ele inscreve a cidade no território sentimental.

No que diz respeito ao conjunto dos seis poemas identificados na *Folha do Norte*, que tematizam Feira de Santana, cada escritor criou uma percepção particular. Para Carlos Sampaio e José de Souza Oliveira, o poema foi espaço de criação, mas também de mobilização de idéias. Estes poetas fizeram críticas sociais incisivas à realidade social feirense em seus poemas. Já os demais escritores trabalharam o tema da cidade sem se reportar aos seus aspectos históricos, apenas estabeleceram um modo de olhar e sentir a cidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse estudo visou mostrar como a literatura foi dinamizada e apresentada à sociedade feirense das décadas de 1950 e 1960 por meio do semanário local *Folha do Norte*. Este foi um jornal de opinião que recrutou colaboradores que expressassem a sua ideologia. O jornal estava engajado no campo de lutas políticas na cidade e por isso também foi tribuna de propaganda de seus membros. A literatura publicada na *Folha do Norte* só pode ser entendida tendo em vista o que era a cidade de Feira de Santana no período e o que representava esse jornal para essa sociedade. Como foi desde a época da sua fundação, em 1909, até a década de 1970 o principal jornal em circulação na cidade, a *Folha do Norte* exerceu certo tipo de hegemonia na dinamização das suas opiniões.

De 1951 a 1969 a cidade de Feira de Santana experimentou um crescimento urbano significativo. Esse crescimento motivou os articulistas do jornal a caracterizá-la como cidade “próspera”. Por outro lado, fazendo jus a sua tradição de ser um veículo de idéias e de opiniões francas, em momentos em que a cidade foi administrada por políticos aos quais o jornal fez oposição, essa idéia de cidade era rasurada. Em todo caso, foi idéia presente na *Folha do Norte* e serviu para motivar a opinião pública em torno dos interesses particulares do jornal. A publicação literária também não se estabeleceu aí gratuitamente. Em primeiro lugar, segundo o modelo de jornal praticado pela *Folha do Norte*, era de bom-tom publicar coisas literárias, que demonstrava sintonia com a cultura, dava prestígio. Era, além disso, espaço onde os intelectuais da cidade, geralmente formados na Universidade da Bahia, podiam expressar suas habilidades com a palavra escrita, já que, enquanto acadêmicos, eram estimulados a desenvolverem suas propensões para as letras, reforçando seus conhecimentos no campo das humanidades. Esse foi o quadro social geral dos escritores identificados na *Folha do Norte*. As seções literárias que surgiram no jornal deram voz a essas expressões e promoveram seu reconhecimento social.

Por meio da literatura publicada na *Folha do Norte* foi possível apreender as preferências formais e ideológicas dos escritores feirenses, as tendências predominantes no campo da invenção literária, cartilhas conforme as quais estes escritores preferiram orientar suas criações. Porém, é indispensável compreender sobre essa literatura que não se tratou de uma aceitação unânime de modelos e valores artísticos de origem estrangeira. A cópia foi, sem dúvida, a via escolhida por muitos deles, já que houve uma repetição amiudada de modelos e estilos pré-modernistas, prevalecentes na literatura brasileira de fins do século XIX

e primeiros anos do século XX. Apesar disso, houve escritores na cidade que buscaram inovar em seus poemas, mesmo timidamente, fugindo da rijeza desses esquemas, no que se refere aos temas escolhidos e à estrutura das composições, caso de Carlos Sampaio e José de Souza Oliveira.

A literatura em Feira de Santana, no período em destaque, foi também dinamizada em outros espaços. A *Folha do Norte* dá notícias sobre a idealização e a criação de agremiações literárias que congregaram intelectuais, por meio dos quais eles puderam se fazer reconhecidos na cidade, principalmente como escritores. Era um lugar que dava *status* e para entender as motivações da criação desses espaços foi preciso compreender a situação da cidade no período, particularmente no que diz respeito às suas instituições sociais e à possibilidade de ensino e profissionalização dos jovens feirenses. Os que queriam e podiam ter formação universitária iam para Salvador, onde o ambiente acadêmico era propício para a socialização de hábitos das letras. A existência na capital de instituições de congregação intelectual e literária possivelmente motivou a criações de entidades do gênero em Feira de Santana. A criação desses lugares atendeu a objetivos muito particulares de grupos intelectuais locais. O fato de terem sido idealizadas já revela uma nova postura ética desses homens de letras, que possivelmente não só tinham por referência a realidade de Salvador, como quiseram estar em sintonia, em reciprocidade com essa realidade, conquanto também a objetivos particulares do grupo em se fazerem reconhecidos no mínimo entre as pessoas de sua própria sociedade fosse mais um estímulo.

A idealização de eventos culturais voltados para as artes e a literatura em Feira de Santana também demonstra a intenção dos intelectuais da cidade em socializar seus trabalhos artísticos e obter reconhecimento social. Um objetivo foi concretizado, embora não de forma unânime: a mobilização da cidade em torno desses eventos, o que contribuía para a afirmação de gostos, tendências, identificações com padrões culturais predominantes.

A *Folha do Norte* também apresentou uma forma de criar e homogeneizar esses gostos através das colunas que falavam de livros. Essas colunas selecionaram leituras, apresentaram resumos das obras, o que foi um modo de estabelecer socialmente padrões de leitura. Por outro lado, as notícias sobre a publicação de livros de escritores feirenses e da participação de alguns deles em concursos literários, mais uma vez foram motivos para mostrar que a literatura na cidade apresentou uma dinâmica própria e foi ativa, embora peculiarmente o estilo de muitas produções poéticas publicadas na *Folha do Norte* pré-modernista.

Os textos literários em geral mostram gostos hegemônicos, padrões de inteligibilidade no âmbito da literatura, em Feira de Santana. Mas os textos que têm por tema a cidade, em

particular, mostram menos esses gostos e mais uma dinamização no campo das idéias, concatenadas com os objetivos do próprio jornal. As crônicas, textos de fronteira com o jornalismo, foram espaços especiais para a elaboração da idéia de cidade, por ser o espaço mais opinativo do jornal, o espaço do comentário. A escrita livre permitia que o escritor se expressasse criativamente para falar de assuntos relativos à cidade. Esse era um forte pilar de sustentação do jornal, um conteúdo obrigatório em suas edições e mecanismos de expressão das idéias políticas e ideológicas partilhadas pelos donos do jornal. Em geral, a idéia de cidade próspera foi expressa em muitas crônicas, articuladas com o jornal, porque foi seu interesse, principalmente em momentos em que estavam na prefeitura políticos que apoiaram. Essa idéia só era rasurada, maculada em tempos de oposição. No que diz respeito aos poemas que tematizaram Feira de Santana alguns, como os de Carlos Sampaio e de José de Souza Oliveira, representaram a cidade a partir dos seus contrastes sociais. Já os poemas de Eduardo Tudella, Eglê Marques Santos e Manoel Marques idealizaram a cidade e a sua trajetória histórica, de modo a ressaltar apenas aspectos positivos.

Documentos de relevantes encontrados na *Folha do Norte* foram também as *Cartas da Serra* escritas por Eurico Alves. Nestas cartas, o escritor feirense deixa entrever o processo de mudanças urbanas que acometem a sua cidade, mas mostra seu lado sensível, sua preocupação particular com a ruptura com o passado. Por isso, procura convencer sobre a necessidade de preservação de um patrimônio em ruínas. E apresenta possibilidades através das quais o feirense possa vivenciar esse processo sem perder o contato com suas raízes e se tornar igual a tantos cidadãos que vivenciam sua cultura de forma parecida, mesma arquitetura, mesmos padrões, comportamentos, etc. É um discurso saudoso, mas é um discurso comprometido com um ideal que de não deixar morrer em Feira de Santana o que se constituía de mais típico, de mais peculiar em sua cultura.

O estudo da história social e cultural da literatura em Feira de Santana entre os anos de 1951 a 1969, demonstrou um ambiente dinâmico e vivo em torno desse interesse, apesar da identificação de padrões de criação literária e de padrões culturais hegemônicos que conduziram esse processo de forma muito específica, restringindo valores, gostos, preferências. Esse foi o ambiente identificado, segundo informações encontradas na *Folha do Norte*. A literatura foi vivenciada como um padrão predominante de cultura, já que os intelectuais baianos tiveram esse perfil de se aventurarem no campo da criação artística. Diletantes ou bissextos, foram eles que formaram um capital cultural da cidade nesse período. Em Feira de Santana a maioria dos escritores que surgiram no período, até onde se pôde constatar, foram intelectuais, profissionais em outras áreas, mas foram eles responsáveis pela

dinâmica da literatura local, publicaram suas criações na *Folha do Norte* ou atuando nas associações culturais e literárias e promovendo e participando dos eventos culturais e artísticos na cidade.

REFERÊNCIAS

ABREU, Alzira Alves de. Os suplementos literários: os intelectuais e a imprensa nos anos 50. In: ____ (Org.). **A imprensa em transição: o jornalismo brasileiro nos anos 50**. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1996, p.13-60.

AFA: VIII CONCERTO DA TEMPORADA 1960. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 51, nº. 2680, p. 5, 16 nov. 1960.

AGUIAR, Durval Vieira. **Descrições práticas da Província da Bahia**: com declaração de todas as distâncias intermediárias das cidades, vilas e povoações. 2 ed. Rio de Janeiro: Cátedra; Brasília: INL, 1979.

ÁLBUM DE FEIRA DE SANTANA. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 58, nº. 3002, p. 6, 29 out. 1966.

ALBUQUERQUE Jr., Durval Muniz de. **A invenção do nordeste e outras artes**. 2^a ed. Recife: FJN; São Paulo: Cortez, 2001.

ALENCAR, Hélder. A hora da cultura. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 58, nº. 3023, p. 1, 25 mar. 1967.

ALENCAR, Hélder. Seminário de Música. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 56, nº. 2914, p. 1, 20 fev. 1965. Hélder Alencar informa, p. 1.

ALENCAR, Hélder. Sertão: um brado contra a mediocridade. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 55, nº. 2854, 04 jan. 1964. Panorama, p. 1.

ALVES, Eurico. A canção da cidade amanhecente. In: OLIVIERI-GODET, Rita (Org.). **A poesia de Eurico Alves**: imagens do sertão e da cidade. Salvador: Secretaria da Cultura e do Turismo, Fundação Cultural, EGBA, 1999, p. 154-156.

ALVES, Ivia. Apresentação. In: _____. ASSUNÇÃO, Lucidalva Correia; MORAIS, Ana Angélica Vergne de; PORTO, Cristiane de Magalhães (Orgs.). **Aloísio Resende**: poemas; com ensaios críticos e dossiê. Feira de Santana: UEFS, 2000.

ALVES, Ivia. **Arco & Flexa**: contribuição para o estudo do modernismo. Salvador: Fundação Cultural do Estado da Bahia, 1978.

ALVES, Ivia. O jovem Eurico e a modernidade: o resgate do momento cultural. In: OLIVIERI-GODET, Rita (Org.). **A poesia de Eurico Alves**: imagens da cidade e do sertão. Salvador: Secretaria da Cultura e do Turismo, Fundação Cultural, EGBA, 1999, p.49-70.

ANDRADE, Celeste Maria Pacheco de. **Origens do povoamento de Feira de Santana**: um estudo de história colonial. 1990. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Federal da Bahia. Salvador, 1990.

ANUÁRIO ESTATÍSTICO DE FEIRA DE SANTANA. Feira de Santana: CDL – Câmara de Dirigentes Lojistas, 1998.

ARBORIZAÇÃO DE FEIRA. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLVII, nº. 2495, p. 1, 04 mai. 1957.

AS ATIVIDADES DA SCAFS. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLVII, nº. 2506, p. 1, 20 jul. 1957.

BATISTA, Silvana Maria. Conflitos e Comunhão na festa da padroeira de Feira de Santana (1930-50). 1997. Monografia (Especialização em Teoria da História) – Universidade Estadual de Feira de Santana. Feira de Santana, 1997.

BOAVENTURA, Eurico Alves. **A paisagem urbana e o homem**: memórias de Feira de Santana. Feira de Santana: UEFS, 2007.

BOAVENTURA, Eurico Alves. **Fidalgos e vaqueiros**. Salvador: UFBA, Centro Editorial e Didático, 1989.

BOAVENTURA, Eurico Alves; BOAVENTURA, Maria Eugenia; Fundação das Artes (BA). **Poesia**. Salvador: Fundação das Artes, 1990.

BOAVENTURA, Maria Eugenia. Apresentação. In: BOAVENTURA, Eurico Alves. **A paisagem urbana e o homem**: memórias de Feira de Santana. Feira de Santana: UEFS, 2007, p. 11- 14.

BOSI, Alfredo. Plural, mas não caótico, In: ____ (Org.). **Cultura brasileira**: temas e situações. 2 ed. São Paulo: Ática,

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. Introdução, organização e seleção: Sergio Miceli. 5. Ed. São Paulo: Perspectiva, 1998.

BRAUDEL, Fernand. **Historia e ciências sociais**. Tradução: 6. Ed. Lisboa: Presença, 1990.

BURKE, Peter. A história dos acontecimentos e o renascimento da narrativa. In: ____ (Org.). **A escrita da história**: novas perspectivas. Tradução: Magda Lopes. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992, p. 327-348.

BURKE, Peter. **O que é história cultural?** Tradução: Sérgio Goes de Paula. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

CANCLINI, Nestor García. Noticias recientes sobre la hibridación. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de; RESENDE, Beatriz (Orgs.). **Artelatina**: cultura, globalização e identidades. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000, p. 60-82.

CARVALHO FILHO. Arco & Flexa. In: SANTANA, Valdomiro. **Literatura baiana 1920-1980**. Rio de Janeiro: Philobiblion,; Brasília: Instituto Nacional do Livro, 1986.

CENSO DEMOGRÁFICO DE 1960: Bahia. VII Recenseamento Geral do Brasil: série regional. Rio de Janeiro: IBGE, v.1, n.8, 1960. 137 p.

CERTEAU, Michel de. **A cultura no plural**. Tradução: Enid Abreu Dobranszky. Campinas, SP: Papirus, 1995.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: 1. Artes do fazer. Tradução: Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2007.

CEVASCO, Maria Elisa. Estudos literários x estudos culturais. In: _____. **Dez lições sobre estudos culturais**. São Paulo: Boitempo, 2003, p. 138-154.

CHALHOUB, Sidney, NEVES, Margarida de Souza; e PEREIRA, Leonardo Affonso de M. (Orgs.). **História em cousas miúdas**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2005.

CHARTIER, Roger. **A história cultural: entre práticas e representações**. Lisboa, Difel, 1992.

CHARTIER, Roger. O mundo como representação. **Estudos Avançados**. Tradução: Andrea Daher e Zenir Campos Reis. Rio de Janeiro, 11(5), 1991, p. 173-191.

COMPAGNON, Antoine. **O demônio da teoria**: literatura e senso comum. Tradução: Cleonice Paes Barreto Mouro. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2003.

CONCERTO DE PIANO DO PROF. MANOEL AUGUSTO DOS SANTOS: NOITE DE ARTE NO FEIRA TÊNIS CLUBE. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLIII, nº. 2277, p. 4, 28 fev. 1953.

CRUZ, Heloisa de Faria. **São Paulo em papel e tinta**: periodismo e vida urbana – 1890-1915. São Paulo: EDUC; FAPESP; Arquivo do Estado de São Paulo; Imprensa Oficial SP, 2000.

DARNTON, Robert. **Boemia literária e revolução**: o submundo das letras no antigo regime. Tradução: Luiz Carlos Borges. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

DÓREA, Adalberto da Costa. A Feira e o progresso. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 58, nº. 3000, p. 1, 15 out. 1966.

DOREA, Juraci. Eurico Alves e a Feira de Santana. In: OLIVIERI-GODET, Rita (Org.). **A poesia de Eurico Alves**: imagens da cidade e do sertão. Salvador: Secretaria da Cultura e do Turismo, Fundação Cultural, EGBA, 1999, p.71-80.

DOREA, Juraci. **Eurico Alves poeta baiano**. Feira de Santana: Casa do Sertão / Lions Clube de Feira de Santana, 1978.

EAGLETON, Terry. **Teoria da literatura**: uma introdução. Tradução: Waltensir Dutra. 6 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

EDUÃO, Moacyr. O Grupo “Hera” e a poesia em Feira de Santana. **Latitudes**. nº. 2, abril 2005, p. 80-83.

ENCICLOPÉDIA DOS MUNICÍPIOS BRASILEIROS. Rio de Janeiro, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 1959, vol. XX.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina. Estudos Culturais: uma introdução. In: JOHNSON, Richard; ESCOSTEGUY, Ana Carolina; SCHULMAN, Norma. **O que é, afinal, Estudos Culturais?** Organização e tradução: Tomaz Tadeu da Silva. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000, p. 133-166.

ESCRITOR FEIRENSE LANÇARÁ LIVRO NESTA CIDADE. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 58, nº. 3040, p. 5, 22 jul. 1967.

FALCÃO, Juraci Dórea. **Eurico Alves e a figuração epistolar**: fragmentos da cena modernista na Bahia e no Brasil. 2005. Dissertação (Mestrado em Literatura e Diversidade Cultural) – Universidade Estadual de Feira de Santana, 2005.

FALCON, Francisco José Calazans. **História cultural**: uma nova visão sobre a sociedade e a cultura. Rio de Janeiro: Campus, 2002.

FEIRA DE SANTANA, CELEIRO DO PROGRESSO. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLII, nº. 2247, p. 1, 02 ago. 1952.

FERNANDES, Zé. Cartas da serra I. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano L, nº. 2654, p. 1, 21 mai. 1960.

FERNANDES, Zé. Cartas da serra II. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 51, nº. 2661, p. 1, 09 jul. 1960.

FOUCALT, Michel. **Arqueologia do saber**. Tradução: Luiz Felipe Baeta Neves. 7 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.

FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas**: uma arqueologia das ciências humanas. 3 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1966.

FREITAS, Antonio Fernando Guerreiro de. “Eu vou para a Bahia”: a construção da regionalidade contemporânea. **Bahia Análise e Dados**. Salvador: Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia, v.9, n.4, Março de 2000, p.24-37, pp. 24.

FREITAS, Augusto. A Feira e o Congresso Médico. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 52, nº. 2714, p. 1, 15 jul. 1961.

GOÉS, Jorge de Faria. Minha despedida. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLVIII, nº. 2551, p. 1, 31 mai. 1958.

GOMES, Renato Cordeiro. **Todas as cidades, a cidade**: literatura e experiência urbana. Rio de Janeiro: Rocco, 1994

GOVERNO DO ESTADO INSTITUI PRÊMIOS LITERÁRIOS. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 59, nº. 3051, p. 1, 07 out. 1967.

GRANDE EXPOSIÇÃO DE ARTE MODERNA EM FEIRA DE SANTANA. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLII, nº. 2237, p. 1, 24 mai. 1952.

GROSSMANN, Judite. Literatura e realidade. In: _____. **Temas de teoria da literatura**. São Paulo: Ática, 1982, p. 67-73.

GUANABARA LANÇA JORGE AMADO. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 55, nº. 2887, p. 4, 22 ago. 1964.

HALL, Stuart. **Identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva. 6 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

HONRA A ENGENHARIA NACIONAL A NOVA RODOVIA BAHIA-FEIRA. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLI, nº. 2169, p. 1, 03 fev. 1951.

HUNT, Lynn. Apresentação: história, cultura e texto. In: _____. **A nova história cultural**. São Paulo: Martins Fontes, p.1-29, 1992.

HUTCHEON, Linda. **Poética do pós-modernismo**: história, teoria, ficção. Tradução: Ricardo Crus. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

I CONGRESSO DE CULTURA DA FEIRA DE SANTANA. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 58, nº. 3033, p. 1, 03 jun. 1967.

INAUGURAÇÃO DA BIBLIOTECA PÚBLICA. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 51, nº. 2685, p. 7, 24 dez. 1960.

INSTALADO O CENTRO LITERÁRIO “ALOISO REZENDE”. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLIII, nº. 2283, p. 1, 11 abr. 1953.

INSTALADOS, NESTA CIDADE, OS SEMINÁRIOS LIVRES DE MÚSICA DA UNIVERSIDADE DA BAHIA. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 53, nº. 2751, p. 1, 31 mar. 1962.

ISTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo demográfico de 1950**. Rio de Janeiro, 1955. 121 p. (Série regional, v.23, t.1). VI Recenseamento Geral do Brasil.

JOSÉ, Antonio. Escritores feirenses no grande prêmio Walmap. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 55, nº. 2884, 01 ago. 1964. Antonio José comenta, p. 4.

KRAMER, Lloyd. Literatura, crítica e imaginação histórica: o desafio literário de Hayden White e Dominick LaCapra. In: HUNT, Lynn. **A nova história cultural**. São Paulo: Martins Fontes, 1992, p. 131-173.

LANÇAMENTO “TULE POESIA”. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 53, nº. 2734, p. 1, 02 dez. 1961.

LEITE, Geraldo. Um “jardim de infância” em Feira de Santana. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLIII, nº. 2280, p. 1, 21 mar. 1953.

LEITE, Rogaciano. As três maiores feiras do Nordeste [transcrito do Jornal do Commercio]. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 54, nº. 2795, p. 1, 17 nov. 1962.

LIMA, Jonas. Acróstico. In: 58º ANIVERSÁRIO DA “FOLHA DO NORTE”. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 59, nº. 3049, 23 set. 1967. O CCREMAN na FN, p. 2.

LUCA, Tânia Regina de. A história nos, dos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). **Fontes históricas**. São Paulo: Contexto, 2005.

MANTEGA, Guido. **A economia política brasileira**. 2. Ed. São Paulo: Polis; Petrópolis: Editora Vozes, 1984.

MARIA QUITÉRIA, DE FERNANDO ALVES, VAI PARA O PRELO. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLI, nº. 2178, p. 1, 04 abr. 1951.

MARQUES, Manoel. Atendendo a um pedido. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 57, nº. 2971, p. 10, 26 mar. 1966.

MARTINS, Demóstenes. Beneméritos e Heróicos. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLVIII, nº. 2553, p. 1, 14 jun. 1958.

MELLO E SOUZA, Antonio Candido. Literatura de dois gumes. In: _____. **A educação pela noite e outros ensaios**. São Paulo: Ática, 1987, p. 163-180.

MELLO E SOUZA, Antonio Candido. **Literatura e Sociedade**: estudos de teoria e história literária. 8ª ed. São Paulo, T. A. Queiroz/Publifolha, 2000.

MELLO E SOUZA, Antonio Candido. Literatura e subdesenvolvimento. In: _____. **A educação pela noite e outros ensaios**. São Paulo: Ática, 1987, p. 140-162.

MELLO, João M. C. de e; NOVAIS, Fernando A. Capitalismo Tardio e Sociabilidade Moderna. In. SCHWARTCZ, Lillian Moritz (Org.). **História da Vida Privada no Brasil**, vol. 4. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p. 559-657.

MIRAVAL, Alonso de. Epístola a Maria Quitéria. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLIII, nº. 2203, 29 ago. 1953. À vol d'oiseau..., p. 1.

MIRAVAL, Alonso de. Renascimento. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLIV, nº. 2315, 21 nov. 1953. À vol d'oiseau..., p. 1.

MORAIS, Ana Angélica Vergne de. **Sant'Anna dos Olhos d'Água**: resgate da memória cultural e literária de Feira de Santana (1890-1930). 1998. Dissertação (Mestrado em Literatura) – Universidade Federal da Bahia. Salvador, 1998.

MORAIS, Ana Angélica Vergne de; PORTO, Cristina de Magalhães; ASSUNCAO, Lucidalva Correia (Orgs.). **Aloísio Resende**: poemas; com ensaios críticos e dossiê. Feira de Santana: UEFS, 2000.

MOVIMENTO CULTURAL. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLIII, nº. 2278, p. 1, 07 mar. 1953.

NORA, Pierre. Entre a memória e a história: a problemática dos lugares. **Projeto história – “Os trabalhos da memória”**. São Paulo, n.10, 1984, p.1-28.

O DÉCIMO ANIVERSÁRIO DE MORTE DE ALOÍSIO RESENDE. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLI, nº. 2166, p. 1, 13 jan. 1951.

O PREFEITO E O “POETA”. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLIV, nº. 2304, p. 1, 05 set. 1953.

OLIVEIRA, Clóvis Frederico Ramaiana Moraes. **De empório a princesa do sertão: utopias civilizadoras em Feira de Santana (1893-1937)**. 2000. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2000.

OLIVEIRA, Clóvis Frederico Ramaiana Moraes. Um poeta contra a ordem. In: ASSUNÇÃO, Lucidalva Correia; MORAIS, Ana Angélica Vergne de; PORTO, Cristiane de Magalhães (Orgs.). **Aloísio Resende: poemas**. Feira de Santana: UEFS, 2000, p. 109-120.

OLIVEIRA, Lélia Vitor Fernandes de. **Memorial Poético de Feira de Santana: (100 poetas feirenses)**. Feira de Santana: Mendecosta, 2001.

OLIVEIRA, Sousa. Resto de feira. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLII, nº. 2218, 12 jan. 1952. Folha Social, p. 4.

OLIVIERI-GODET, Rita (Org.). **A poesia de Eurico Alves: imagens do sertão e da cidade**. Salvador: Secretaria da Cultura e Turismo, Fundação Cultural, EGBA, 1999.

OLIVIERI-GODET, Rita. O sertão e a urbe: imagens do arcaico e do moderno na poesia de Eurico Alves. In: ____ (Org.). **A poesia de Eurico Alves: imagens da cidade e do sertão**. Salvador: Secretaria da Cultura e do Turismo, Fundação Cultural, EGBA, 1999, p.17-47.

PEREIRA, Rubens Alves. **Fraturas do texto: Machado e seus leitores**. Rio de Janeiro: Sette Letras; Feira de Santana: Universidade Estadual de Feira de Santana, 1999.

PEREIRA, Rubens Alves. Minha terra tem Passárgadas (diálogo Eurico Alves / Manuel Bandeira). In: OLIVIERI-GODET, Rita (Org.). **A poesia de Eurico Alves: imagens da cidade e do sertão**. Salvador: Secretaria da Cultura e do Turismo, Fundação Cultural, EGBA, 1999, p.81-101.

PERFIL EMPRESARIAL DE FEIRA DE Santana. Feira de Santana: UEFS Centro de Pesquisa e Documentação de Feira de Santana – CPDOFS/SEBRAE, 1998.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Entre práticas e representações: a cidade do possível e a cidade do desejo. In: PECHMAN, Robert; RIBEIRO, Luiz Cesar de Queiroz (orgs.). **Cidade, povo e nação**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **O imaginário da cidade: visões literárias do urbano** — Paris, Rio de Janeiro e Porto Alegre. 2 ed, Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2002.

PINTO, Raimundo. I Congresso de Cultura. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 58, nº. 3035, 16 jun. 1967. Educação & Cultura, p. 6.

PITOMBO, Dival. Cincocentenário de um poeta. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLIX, nº. 2607, p. 1, 27 jun. 1959.

POPPINO, Rollie. **Feira de Santana**. Tradução: Arquimedes Pereira Guimarães. Salvador: Itapuã, 1968.

POR CARÊNCIA DE ÁGUA, FEIRA NÃO DEIXARÁ DE TER MATADOURO FRIGORÍFICO. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLII, nº. 2249, p. 4, 16 ago. 1952.

QUEIROZ, Eça de. **A cidade e as serras**. Rio de Janeiro: Ediouro, 1996.

RECITAL MALFADA BUSATO. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLVII, nº. 2500, p. 1, 08 jun. 1957.

REVEL, Jacques. **A invenção da sociedade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil; Lisboa, Portugal: Difel, 1989.

REVISTA SERTÃO. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 53, nº. 2734, p. 1, 02 dez. 1961.

RIBEIRO, Ana Paula Goulart. Jornalismo, literatura e política: a modernização da imprensa carioca nos anos 1950. **Estudos Históricos**, Mídia, n. 31, 2003/1.

ROCHA, Paula Melani. A profissionalização no jornalismo e o mercado de trabalho para mulheres no estado de São Paulo. **Revista Jurídica Eletrônica UniCOC**. Disponível em: <http://www.revistajuridicaunicoc.com.br/midia/arquivos/ArquivoID_51.pdf>, v. 2, n. 2, 2005.

ROUSSO, Henry. O arquivo ou o indício de uma falta. **Estudos históricos**. Tradução: Dora Rocha. Rio de Janeiro, v. 9, n. 17, 1996, p. 85-92.

SAMPAIO, Carlos. Paisagens. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLIV, nº. 2343, p. 2, 05 jun. 1954.

SAMPAIO. Carlos. Feira. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLI, nº. 2168, p. 2, 27 jan. 1951.

SANTIAGO, Silviano. A crítica literária no jornal. In: _____. **O cosmopolitismo do pobre: crítica literária e crítica cultural**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004, p. 157-167

SANTOS, Alane Carvalho. Desenvolvimento, civilização e modernidade: o sonho da industrialização em Feira de Santana. **Klepsidra**. Edição 15, fevereiro/março de 2003.

SANTOS, Ana Maria Fontes dos. O ginásio municipal no centro das lutas populares em Feira de Santana (1963-1964). **Sitientibus: Revista da Universidade Estadual de Feira de Santana**, n. 24, jan./jun. 2001, p. 31-44.

SANTOS, Boaventura de Souza. **Pela mão de Alice**: o social e o político na pós-modernidade. 2^a ed. São Paulo: Cortez, 1996.

SANTOS, Eglê Marques. Cidade Princesa. In: **Folha do Norte**, Feira de Santana, p. 3, 17 dez. 1961

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **O espetáculo das raças**: cientistas, instituições e questão racial no Brasil, 1870-1930. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SEMANA DE ARTE. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 58, nº. 55, p. 6, 26 out. 1963.

SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como missão**: tensões sociais e criação cultural na Primeira República. São Paulo, Brasiliense, 1999.

SILVA, Aldo José Moraes. **Natureza sã, civilidade e comércio em Feira de Santana**: Elementos para o estudo da construção de identidade social no interior da Bahia (1833-1937). 2000. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2000.

SILVA, Hugo Navarro. Meu caro Aloísio. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLI, nº. 2165, p. 4, 13 jan. 1951.

SILVA, José Navarro. O centro literário Aloísio Resende. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLV, nº. 2378, 05 fev. 1955. A crônica da semana, p. 4.

SILVA, Paulo Santos. **Âncoras da tradição**: luta política, intelectuais e produção do discurso histórico na Bahia (1930-1949). Salvador: EDUFBA, 2000.

SOARES, Valter Guimarães. **Cartografia da saudade**: Eurico Alves e a invenção da Bahia sertaneja. 2003. Dissertação (Mestrado em Literatura e Diversidade Cultural) – Universidade Estadual de Feira de Santana. Feira de Santana, 2003.

SOARES, Valter Guimarães. **Imagens da Bahia**: sertão e cidade no discurso de Eurico Alves. Comunicação apresentada I Encontro Estadual de História, “História, Cidades e Sertões”. Ilhéus-Ba, Universidade Estadual de Santa Cruz, 2002.

SOARES, Valter Guimarães. Outros sertões: a Bahia de Eurico Alves. **Sitientibus**: Revista da Universidade Estadual de Feira de Santana, n. 24, jan./jun. 2001, p. 109-126.

SOUZA, Ione Celeste de. **Garotas tricolores, deusas fardadas**: as normalistas em Feira de Santana, 1925 a 1945. 1999. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal da Bahia. Salvador, 1999.

SUCESSO NO LANÇAMENTO DE “OS PASTORES DA NOITE”. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 55, nº. 2887, p. 1, 22 ago. 1964.

SÜSSEKIND, Flora. **Cinematógrafo de letras**: literatura, técnica e modernização no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

TARDE DE AUTÓGRAFOS. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 56, nº. 2926, p. 1, 15 mai. 1965.

TELES, Adriana Silva. **Presença negra na festa de Santana:** (1930-1950). 2000. Monografia (Especialização em Teoria da História) – Universidade Estadual de Feira de Santana. Feira de Santana, 2000.

TUDELLA, Eduardo. Ode a Feira de Santana. **Folha do Norte.** Feira de Santana, ano 52, nº. 2688, p. 1, 14 jan. 1961.

UMA PUBLICAÇÃO HONROSA. **Folha do Norte.** Feira de Santana, ano XLVII, nº. 2497, p. 1, 18 mai. 1957.

VAINFAS, Ronaldo. História das mentalidades e história cultural. 1997. In: CARDOSO, Ciro Flamaron; VAINFAS, Ronaldo (Orgs.). **Domínios da história:** ensaios de teoria e metodologia. Rio de Janeiro: Elsevier, 1997, p. 127-162.

WHITE, Hayden. Teoria literária e escrita da história. **Estudos Históricos.** Tradução: Dora Rocha. Rio de Janeiro, v.7, n.13, p.21-48, 1991.

ZAIDAN FILHO, Michel. **A crise da razão histórica.** Campinas: Papirus, 1989.

ZILBERMAN, Regina. **Leitura no Brasil:** sua história e suas instituições (Apresentação de trabalho). Disponível em: <<http://www.uff.br/ppgci/editais/zilbermann.pdf>>, 1997.

ANEXO A: POEMAS

Lista de poemas arrolados na *Folha do Norte* entre 1951 e 1969, organizada em ordem alfabética:

A TODAS AS CRIANÇAS (MENSAGEM DOS PROFESSORES PRIMÁRIOS ÀS CRIANÇAS DESTE MUNICÍPIO). **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 58, nº. 3000, p. 8, 15 out. 1966.

A. H. S. O Brasil nas mãos de Deus. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 52, nº. 2691, p. 3, 04 fev. 1961.

ABREU, Bráulio de. Semeador. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLIX, nº. 2594, 28 mar. 1959. Folha Social, p. 4.

ABREU, Rodrigues de. Nova colheita. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLIII, nº. 2288, 16 mai. 1953. Folha Social, p. 4.

AITA. A Maria. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 54, nº. 2820, p. 3, 11 mai. 1963.

AITA. A memória do inesquecível irmão Pedro Carvalho. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano L, nº. 2639, p. 3, 06 fev. 1960.

AITA. A minha cruz. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 53, nº. 2764, p. 3, 30 jun. 1962.

AITA. A prece. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 52, nº. 2694, p. 2, 25 fev. 1961.

AITA. A um casal religioso. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 54, nº. 2810, p. 2, 02 mar. 1963.

AITA. A um formado competente. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLIX, nº. 2604, p. 7, 06 jun. 1959.

AITA. A um médico do Instituto. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLIX, nº. 2579, p. 2, 13 dez. 1958.

AITA. A uma noiva amiga. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLVI, nº. 2437, p. 6, 24 mar. 1956.

AITA. Ao casal Modezil Cerqueira, pela passagem desse venturoso dia, 30-9-59. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano L, nº. 2621, p. 2, 03 out. 1959.

AITA. Aos ceguinhas. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLIV, nº. 2332, p. 3, 20 mar. 1954.

AITA. Aos doutores Getúlio e Gastão. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 54, nº. 2790, p. 4, 20 out. 1962.

AITA. As dedicadas chefes Niáitan. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLVIII, nº. 2562, p. 2, 16 ago. 1958.

AITA. Comemorando o aniversário. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano L, nº. 2624, p. 2, 24 out. 1959.

AITA. Da parábola o semeador. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLIX, nº. 2600, p. 5, 09 mai. 1959.

AITA. Felicidade. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLIV, nº. 2314, p. 3, 14 nov. 1953.

AITA. Filha de Maria. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLVI, nº. 2423, p. 3, 17 dez. 1955.

AITA. Glória a Maria. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLIX, nº. 2615, p. 2, 22 ago. 1959.

AITA. Gratidão a Rosa Portugal. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 52, nº. 2692, p. 2, 11 fev. 1961.

AITA. Gratidão. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 54, nº. 2814, p. 4, 30 mar. 1963.

AITA. Gratidão. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 56, nº. 2936, p. 4, 24 jul. 1965.

AITA. Gratidão. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLI, nº. 2166, p. 3, 13 jan. 1951.

AITA. Hélvia. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLVIII, nº. 2531, p. 2, 11 jan. 1958.

AITA. Homenagem a Dom Jackson Berenguer Prado. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 54, nº. 2807, p. 4, 09 fev. 1963.

AITA. Homenagem de gratidão. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 53, nº. 2765, p. 2, 07 jul. 1962.

AITA. Jesus é o meu conforto. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 54, nº. 2817, p. 2, 20 abr. 1963.

AITA. Mariolanda. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLVIII, nº. 2515, p. 5, 21 set. 1957.

AITA. O casamento de Toninho. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLIX, nº. 2571, p. 2, 18 out. 1958.

AITA. O desfile bíblico. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 51, nº. 2680, p. 6, 19 nov. 1960.

AITA. O teu dia feliz. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLVIII, nº. 2532, p. 2, 18 jan. 1958.

AITA. Parabéns ao nosso bispo. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 54, nº. 2819, p. 6, 04 mai. 1963.

AITA. Parabéns aos ofertantes. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 52, nº. 2693, p. 2, 18 fev. 1961.

AITA. Poemeto. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLIII, nº. 2267, p. 2, 20 dez. 1952.

AITA. Poesia. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano L, nº. 2655, p. 2, 28 mai. 1960.

AITA. Reconhecimento. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLIII, nº. 2274, p. 3, 07 fev. 1953.

AITA. Reconhecimento. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLIII, nº. 2287, p. 3, 09 mai. 1953.

AITA. Respondendo os teus versos. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano L, nº. 2660, p. 3, 02 jul. 1960.

AITA. Um pleito de gratidão a uma filha de Lisboa. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLIX, nº. 2589, p. 2, 21 fev. 1959.

ALENCAR, Antero de. O teu natal. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLIV, nº. 2319, 19 dez. 1953. Folha Social, p. 4.

AL-FARID, Ibn, Meu coração disse. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 58, nº. 3005, p. 5, 19 nov. 1966.

ALLEGRETTI FILHO. Mãe. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLII, nº. 2240, 14 jun. 1952. Folha Social, p. 4.

ALMEIDA, Guilherme de. Soneto. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLV, nº. 2365, p. 4, 06 nov. 1954.

ALMEIDA, Guilherme de. Uma dama de olhos verdes. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLI, nº. 2190, 30 jun. 1951. Folha Social, p. 4.

ALVES, Castro. Adormecida. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLV, nº. 2372, 25 dez. 1954. Folha Social, p. 4.

ALVES, Castro. O coração. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLI, nº. 2172, 24 fev. 1951. Folha Social, p. 4.

ALVES, Castro. Último fantasma. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLII, nº. 2226, 08 mar. 1952. Folha Social, p. 4.

ALVES, Maria Luisa de Sousa. A mão do sacerdote. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 59, nº. 3060, 09 dez. 1967. O CCREMAM na FN, p. 6.

AMÁLIA. A Servilio. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano L, nº. 2655, p. 4, 28 mai. 1960.

AMÁLIA. Ao amigo Dr. Renato Silva. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 54, nº. 2819, p. 4, 04 mai. 1963.

AMALIAFREDO. Parabéns ao teu natalício Roberto. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 54, nº. 2823, p. 5, 01 jun. 1963.

ANJOS, Augusto dos. Ricardanza... **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLII, nº. 2210, 17 nov. 1951. Folha Social, p. 4.

AOS ESFORÇADOS CAPUCHINHOS. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLVIII, nº. 2550, p. 2, 24 mai. 1958.

ARAÚJO, Aristides. Árvore da tarde. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLIII, nº. 2287, 09 mai. 1953. Folha Social, p. 4.

ARAÚJO, Aristides. Ausência. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLIX, nº. 2595, 04 abr. 1959. Folha Social, p. 4.

ARAÚJO, Aristides. Crepúsculos primaveris de Xiquexique. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLIV, nº. 2313, 07 nov. 1953. Folha Social, p. 4.

ARAÚJO, Aristides. Eternamente jovem. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLIII, nº. 2301, 15 ago. 1953. Folha Social, p. 4.

ARAÚJO, Aristides. Meu presente. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 52, nº. 2705, p. 2, 13 mai. 1961.

ARAÚJO, Aristides. Minha terra. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLIII, nº. 2285, 25 abr. 1953. Folha Social, p. 4.

ARAÚJO, Aristides. Retrospecto fragmentário. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLVI, nº. 2458, 18 ago. 1956. Folha Social, p. 4.

ARAÚJO, Aristides. Saudade. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLIII, nº. 2293, 20 jun. 1953. Folha Social, p. 4.

ARAÚJO, J. Deus. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLI, nº. 2184, 19 mai. 1951. Folha Social, p. 4.

ARAÚJO, Murilo. O momento sem fim. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLIII, nº. 2276, 21 fev. 1953. Folha Social, p. 4.

ARAÚJO, Murilo. Poema de natal. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 51, nº. 2685, 24 dez. 1960. Caderno 2, p. 2.

ARAÚJO, Murilo. Poema de natal. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 53, nº. 2737, p. 5, 23 dez. 1961.

ASSIS, Machado de. A caridade. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLIX, nº. 2606, p. 2, 20 jun. 1959.

ASSIS, Machado de. Círculo vicioso. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLII, nº. 2249, 16 ago. 1952. Folha Social, p. 4.

ASSIS, Machado de. Soneto de natal. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLIX, nº. 2581, p. 4, 27 dez. 1958.

ASSIS, Machado de. Soneto de natal. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 53, nº. 2737, p. 3, 23 dez. 1961.

ASSIS, Natur de. O Charco. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLI, nº. 2165, 06 jan. 1951. Folha Social, p. 4.

AZEVEDO, Artur. Arrufos. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLIX, nº. 2488, 16 mar. 1957. Folha Social, p. 4.

AZEVEDO, Artur. Cervantes. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLIX, nº. 2589, 21 fev. 1959. Folha Social, p. 4.

BADEIRA, Manuel. A espada de ouro. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 51, nº. 2673, p. 8, 01 out. 1960.

BANDEIRA, Manuel. Ouro Preto. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLV, nº. 2366, 13 nov. 1954. Folha Social, p. 4.

BANDEIRA, Moniz. Êxtase. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLIII, nº. 2274, 07 fev. 1953. Folha Social, p. 4.

BANDEIRA, Manuel. A silhueta. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLIII, nº. 2277, 28 fev. 1953. Folha Social, p. 4.

BANDEIRA, Manuel. Boneca de pano. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLI, nº. 2201, 15 set. 1951. Folha Social, p. 4.

BANDEIRA, Manuel. Chama e fumo. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLIV, nº. 2315, 21 nov. 1953. Folha Social, p. 4.

BANDEIRA, Manuel. Última canção do beco. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLI, nº. 2174, 10 mar. 1951. Folha Social, p. 4.

BARBIERI, Mons. Antonio. Mãe: poema de amor. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 58, nº. 3030, p. 4, 13 mai. 1967.

BARCELLOS, Domingos Rocha. Esbeltesa. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano L, nº. 2620, p. 2, 26 set. 1959.

BARCELLOS, Domingos Rocha. Marechal Manuel Osório. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLIX, nº. 2616, p. 2, 29 ago. 1959.

BARCELLOS, Domingos Rocha. O tenente de bronze. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLIX, nº. 2617, p. 2, 05 set. 1959.

BENEVIDES, Albérico. Marinha. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLI, nº. 2177, 31 mar. 1951. Folha Social, p. 4.

BILAC, Olavo. A língua portuguesa. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLI, nº. 2171, 17 fev. 1951. Folha Social, p. 4.

BILAC, Olavo. As flores. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLIX, nº. 2592, 14 mar. 1959. Folha Social, p. 6.

BILAC, Olavo. Beijo eterno. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLII, nº. 2225, 01 mar. 1952. Folha Social, p. 4.

BILAC, Olavo. Coletânea. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano L, nº. 2642, p. 2, 27 fev. 1960.

BILAC, Olavo. Natal. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 51, nº. 2685, 24 dez. 1960. Caderno 2, p. 2.

BILAC, Olavo. Natal. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 53, nº. 2737, p. 6, 23 dez. 1961.

BILAC, Olavo. Natal. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano L, nº. 2633, p. 2, 26 dez. 1959.

BILAC, Olavo. Os rios. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLV, nº. 2376, 22 jan. 1955. Folha Social, p. 4.

BILAC, Olavo. Os três reis magos. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 53, nº. 2737, p. 2, 23 dez. 1961.

BILAC, Olavo. Perfeição. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLI, nº. 2169, 03 fev. 1951. Folha Social, p. 4.

BILAC, Olavo. Rio abaixo. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLII, nº. 2243, 05 jul. 1952. Folha Social, p. 4.

BILAC, Olavo. Soneto. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLIX, nº. 2593, 21 mar. 1959. Folha Social, p. 6.

BILAC, Olavo. Soneto. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLVI, nº. 2427, 14 jan. 1956. Folha Social, p. 4.

BILAC, Olavo. Vila Rica. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLIV, nº. 2339, 08 mai. 1954. Folha Social, p. 4.

BLOEM, Antero. Cristo de Marfim. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLIV, nº. 2325, 30 jan. 1954. Folha Social, p. 4.

BOAVENTURA, Eurico Alves. Ode sem motivo. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLIX, nº. 2607, p. 1, 27 jun. 1959.

BORGES, A. F. Exaltação. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLIX, nº. 2572, p. 4, 25 out. 1958.

BORGES, Raimundo Zurel Correia. A pedido – A meu Pai. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLVII, nº. 2501, p. 5, 16 jun. 1957.

BRAGA, Belmiro. Bem supremo. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano L, nº. 2622, p. 2, 10 out. 1959.

BRAGA, Expedito. Dia e noite. Feira de Santana, ano XLI, nº. 2197, p. 2, 18 ago. 1951.

BRAGA, Expedito. O poeta. Feira de Santana, ano XLI, nº. 2196, p. 2, 11 ago. 1951.

BRAGA, Expedito. Terezinha. Feira de Santana, ano XLI, nº. 2200, p. 2, 08 set. 1951.

BRAGA, Leopoldo. Tarde. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLV, nº. 2363, 23 out. 1954. Folha Social, p. 4.

BRANDÃO, Jubileu Rodrigues. Saudando Antonio Menezes de Sá. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 58, nº. 3033, p. 3, 03 jun. 1967.

BREMNER, Carlos. O Cristo de marfim. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLIII, nº. 2273, 31 jan. 1953. Folha Social, p. 4.

BULCÃO, Soares. Natal. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 57, nº. 2958, p. 8, 25 dez. 1965.

CABRAL, Antonio Leopoldo. 25 de junho em Cachoeira. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLVII, nº. 2503, p. 6, 29 jun. 1957.

CABRAL, Antonio Leopoldo. Manoel Afonso da Cruz e Antonio Dantas Barbosa. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLIX, nº. 2607, p. 2, 27 jun. 1959.

CABRAL, Antonio Leopoldo. Nova revoada poética. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLIX, nº. 2587, p. 2, 07 fev. 1959.

CABRAL, Antonio Leopoldo. Para Rodolfo Cavalcanti e os violeiros do Norte. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLV, nº. 2395, p. 3, 04 jun. 1955.

CABRAL, Moniz Sodré. O amanhecer. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLIV, nº. 2351, p. 2, 31 jul. 1954.

CAMARGO, Christovam de. São Paulo. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLIV, nº. 2323, 16 jan. 1954. Folha Social, p. 4.

CAMARGO, Gentil de. A árvore amarela. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLIX, nº. 2605, p. 2, 13 jun. 1959.

CAMÕES. Fidelidade. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLI, nº. 2186, 02 jun. 1951. Folha Social, p. 4.

CAMPOS, Cleômenes de. Em teus lábios, em teus olhos... **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLII, nº. 2203, 29 set. 1951. Folha Social, p. 4.

CAMPOS, Cleômenes de. Soneto de amor. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLIII, nº. 2280, 21 mar. 1953. Folha Social, p. 4.

CAMPOS, Humberto de. O Irapuru. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLII, nº. 2227, 15 mar. 1952. Folha Social, p. 4.

CAMPOS, Humberto de. Tempestade Amazônica. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLI, nº. 2173, 03 mar. 1951. Folha Social, p. 4.

CAMPOS, Sabino de. Morte de mãe. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 53, nº. 2732, p. 1, 18 nov. 1961.

CARDOSO, Joaquim Mauricio. Meu enterro. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 60, nº. 3102, p. 3, 28 set. 1968.

CARLOS, Luiz. Ano velho. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 53, nº. 2738, p. 3, 30 dez. 1961.

CARLOS, Luiz. Soneto. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 51, nº. 2671, p. 4, 17 set. 1960.

CARNEIRO, Clóvis C. Mãe. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 56, nº. 2925, p. 4, 08 mai. 1965.

CARNEIRO, Luiz Dantas. A viagem de Belém. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 61, nº. 3165, p. 6, 13 dez. 1969.

CARNEIRO, Luiz Dantas. Ave Maria. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 61, nº. 3164, p. 6, 06 dez. 1969.

CARNEIRO, Renato. Kharma. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 51, nº. 2682, p. 6, 03 dez. 1960.

CARNEIRO, Renato. Paraclito. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 52, nº. 2687, p. 2, 07 jan. 1961.

CARVALHO FILHO. Estrela do natal. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano L, nº. 2632, p. 2, 19 dez. 1959.

CARVALHO, Anacleto G. de. Judith. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLV, nº. 2368, p. 4, 27 nov. 1954.

CARVALHO, Anacleto G. de. Três beijos. Feira de Santana, ano XLI, nº. 2201, p. 2, 15 set. 1951.

CARVALHO, Anacleto G. Quousque tandem? **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLV, nº. 2373, p. 2, 01 jan. 1955.

CARVALHO, Vicente de. A mata tropical. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLII, nº. 2244, 12 jul. 1952. Folha Social, p. 4.

CARVALHO, Vicente de. Jesus. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 53, nº. 2737, p. 6, 23 dez. 1961.

CARVALHO, Vicente de. Velho tema. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLII, nº. 2202, 22 set. 1951. Folha Social, p. 4.

CASAES, Nabor de Oliveira. A Feira de Santana. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLVII, nº. 2480, p. 4, 19 jan. 1957.

CASTRICIANO, Henrique. Lição errada. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLIII, nº. 2271, 17 jan. 1953. Folha Social, p. 4.

CASTRO ALVES. Se eu te dissesse. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 60, nº. 3148, 16 ago. 1969. O CCREMAM na FN, p. 5.

CEPELOS, J. Batista. O fundador de São Paulo. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLII, nº. 2208, 03 nov. 1951. Folha Social, p. 4.

CERQUEIRA, Walter de. Encontrei-a por momentos. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLIII, nº. 2260, 01 nov. 1952. Folha Social, p. 2.

CM². Árvore amiga. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano L, nº. 2625, p. 2, 31 out. 1959.

COELHO NETO. A escolha. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLII, nº. 2248, p. 4, 09 ago. 1952.

CONFÚCIO. Paz no mundo. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 51, nº. 2685, 24 dez. 1960. Caderno 2, p. 2.

CORDEIRO, Renato. Pastoral. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 51, nº. 2686, p. 2, 31 dez. 1960.

CORRÊA, Raimundo. Nada. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLV, nº. 2384, 19 mar. 1955. Folha Social, p. 4.

COSTA, Ciro. Pai João. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLII, nº. 2236, 17 mai. 1952. Folha Social, p. 4.

COSTA, M. Ribeiro. A canção da ausência. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 57, nº. 2976, p. 2, 30 abr. 1966.

COSTA, M. Ribeiro. Balada do inútil. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 57, nº. 2978, p. 2, 14 mai. 1966.

COSTA, M. Ribeiro. Elegia para a minha mãe morta. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 57, nº. 2977, p. 5, 07 mai. 1966.

COSTA, M. Ribeiro. Invocações de maio. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 57, nº. 2980, p. 2, 28 mai. 1966.

COSTA, M. Ribeiro. Transfigurações. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 57, nº. 2981, p. 2, 04 jun. 1966.

COSTA, M. Ribeiro. Visita. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 57, nº. 2979, p. 2, 21 mai. 1966.

CRUSOÉ, Osvaldo. Soneto roxo. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLIII, nº. 2258, 18 out. 1952. Folha Social, p. 4.

CRUZ, Marques da. Civilização. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLII, nº. 2222, 09 fev. 1952. Folha Social, p. 4.

CUNHA, Ciro Vieira da. Oração à arvore. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLIII, nº. 2255, 27 set. 1952. Folha Social, p. 4.

D'ALMEIDA Jr., Alexandre R. Amora verdadeiro desfeito. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 56, nº. 2894, 03 out. 1964. Folha Social, p. 2.

DA COSTA E SILVA. Trovas. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLI, nº. 2188, 16 jun. 1951. Folha Social, p. 4.

DANTAS, Alcina. “Omblre blue”. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLVIII, nº. 2559, p. 2, 26 jul. 1958.

DANTAS, Alcina. A graça do teu sorriso. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLVII, nº. 2478, p. 2, 05 jan. 1957.

DANTAS, Alcina. Afeto malcriado. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLVIII, nº. 2523, p. 2, 16 nov. 1957.

DANTAS, Alcina. Alma crente. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLVIII, nº. 2532, p. 2, 18 jan. 1958.

DANTAS, Alcina. Alma sublimada. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLVIII, nº. 2549, p. 4, 17 mai. 1958.

DANTAS, Alcina. Caridade e amor. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLVIII, nº. 2541, p. 2, 22 mar. 1958.

DANTAS, Alcina. Deixas. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLVII, nº. 2485, p. 2, 23 fev. 1957.

DANTAS, Alcina. Duas Estrelas. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLVII, nº. 2477, p. 2, 29 dez. 1956.

DANTAS, Alcina. Eu vi o pardal. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLVIII, nº. 2522, p. 2, 09 nov. 1957.

DANTAS, Alcina. Flor e santa. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLVII, nº. 2499, p. 2, 01 jun. 1957.

DANTAS, Alcina. Glória e divindade. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLVIII, nº. 2535, p. 2, 08 fev. 1958.

DANTAS, Alcina. Hino Luz de Vitória. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLVIII, nº. 2546, p. 2, 26 abr. 1958.

DANTAS, Alcina. Na penumbra. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLVIII, nº. 2551, p. 2, 31 mai. 1958.

DANTAS, Alcina. Rosas. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLVIII, nº. 2538, p. 2, 01 mar. 1958.

DANTAS, Alcina. Te quero ver feliz. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLVIII, nº. 2531, p. 2, 11 jan. 1958.

DANTAS, Alcina. Um pouco de tudo é teu. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLVII, nº. 2512, p. 2, 31 ago. 1957.

DAVIES, Robert H. Eu sou a imprensa. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 54, nº. 2790, p. 1, 20 out. 1962.

DELFINO, Luis. Poesia cecremana: A Escola. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 60, nº. 3101, 21 set. 1968. O CCREMAM na FN, p. 5.

DELFINO, Luiz. A saída. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLV, nº. 2383, 12 mar. 1955. Folha Social, p. 4.

DESPERTA BRASIL! **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLI, nº. 2627, 14 nov. 1959. Politicalha brasileira, p. 2.

DEUS. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLI, nº. 2178, 07 abr. 1951. Folha Social, p. 4.

DINIZ, Ulisses. Finais de esperança. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLIV, nº. 2333, 27 mar. 1954. Folha Social, p. 4.

ELISEU, Renato. Quem sou eu. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLIII, nº. 2278, 07 mar. 1953. Folha Social, p. 4.

ERISMANN, Georgina de melo. A última arvore de natal. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 51, nº. 2685, 24 dez. 1960. Caderno 2, p. 2.

ERISMANN, Georgina de Melo. A última árvore de natal. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 57, nº. 2958, p. 5, 25 dez. 1965.

ESSESSUÍNO, P. Lágio Sacassâmba. Ao Gregório das gregorianas. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLIV, nº. 2309, p. 2, 10 out. 1953.

ESSESSUÍNO, P. Lágio Sacassâmba. Concurso de quadras. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLIV, nº. 2310, p. 2, 17 out. 1953.

ESSESSUÍNO, P. Lágio Sacassâmba. Concurso de quadras. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLIV, nº. 2311, p. 3, 24 out. 1953.

ESSESSUÍNO, P. Lágio Sacassâmba. Pega o poeta. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLIV, nº. 2308, p. 2, 03 out. 1953.

ETERNA MENTIRA. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 54, nº. 2822, p. 4, 25 mai. 1963.

FEIRENSE, Ramos. A bandeira do CCREMAN. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 58, nº. 3012, 07 jan. 1967. O CCREMAM na FN, p. 1.

FEIRENSE, Ramos. Professor primário. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 57, nº. 2988, 23 jul. 1966. O CCREMAM na FN, p. 2.

FEIRESE, Ramos. Bodas de ouro. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 59, nº. 3061, 16 dez. 1967. O CCREMAM na FN, p. 2.

FERNANDES, Antonio Gonçalves. Frei Romualdo de Aporá. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 59, nº. 3051, p. 6, 07 out. 1967.

FERREIRA, Atos Damasceno. As docas. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLII, nº. 2246, 26 jul. 1952. Folha Social, p. 4.

FERRO, Frei Elias Medeiros. Meu Brasil. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 60, nº. 3137, 31 mai. 1969. O CCREMAM na FN, p. 2.

FIGUEIREDO, Homero de. Desencanto. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLIX, nº. 2610, p. 6, 18 jul. 1959.

FIGUEIREDO, Homero de. Sonho... **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLIX, nº. 2613, p. 2, 08 ago. 1959.

FIGUEIREDO, Jacinto de. Carta. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLV, nº. 2402, 23 jul. 1955. Folha Social, p. 4.

FIGUEIREDO, Jacinto de. Manhã de chuva. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLV, nº. 2390, 30 abr. 1955. Folha Social, p. 4.

FIGUEIREDO, Jaime. Hino do XV Congresso Brasileiro de Esperanto. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLVII, nº. 2509, p. 3, 10 ago. 1957.

FONSECA, Belchior da. Êxtase. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 54, nº. 2815, p. 4, 06 abr. 1963.

FONSECA, José Belchior da. Desditosa. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 54, nº. 2817, p. 2, 20 abr. 1963.

FONSECA, José Belchior da. Mecenas. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 54, nº. 2806, 02 fev. 1963. Escreve o Leitor, p. 4.

FONTES, Martins. Melancolia. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLIV, nº. 2332, 20 mar. 1954. Folha Social, p. 4.

FORMIGA, Euricledes. Um soneto. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLI, nº. 2170, 10 fev. 1951. Folha Social, p. 4.

FRANCO, Francisco de Paula. Ação da prece. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 54, nº. 2838, p. 3, 14 set. 1963.

FRAZZONI, Roberto. A pena. . **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 56, nº. 2893, p. 2, 26 set. 1964.

FREITAS, Germina Agda. O Brasil está exigindo... **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 54, nº. 2810, p. 2, 02 mar. 1963.

FREITAS, Germina. Juracy. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 54, nº. 2827, p. 4, 29 jun. 1963.

GODOFREDO FILHO. Invocação a musa. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLI, nº. 2213, 08 dez. 1951. Folha Social, p. 4.

GÓES, Jaldo S. Farias. O Viveiro. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLIV, nº. 2351, 31 jul. 1954. Folha Social, p. 4.

GÓES, Mariano Felix. Anguera. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 56, nº. 2900, p. 4, 14 nov. 1964.

GRÉCIA, Diógenes. A grande interrogação: Amiga, para onde vamos? **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 54, nº. 2806, p. 2, 02 fev. 1963.

GRÉCIA, Diógenes. Menino desventurado. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 54, nº. 2807, p. 2, 09 fev. 1963.

GRÉCIA, Diógenes. Terra vermelha. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 54, nº. 2808, p. 4, 16 fev. 1963.

GUIMARAENS, Alphonsus de. Epifania. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 51, nº. 2686, p. 3, 31 dez. 1960.

GUIMARÃES Jr., Luiz. Mata virgem. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLV, nº. 2381, 26 fev. 1955. Folha Social, p. 4.

GUIMARÃES, Afonso de. Rosas. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLIX, nº. 2578, p. 2, 06 dez. 1958.

GUIMARÃES, Alphonsus de. A corrente. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLV, nº. 2387, 09 abr. 1955. Folha Social, p. 4.

GUIMARÃES, Luiz. Noite tropical. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLII, nº. 2204, 06 out. 1951. Folha Social, p. 4.

GUIMARÃES, René. Garimpeiro. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLII, nº. 2205, 13 out. 1951. Folha Social, p. 4.

GUIMARÃES, Viente. Dia do Brasil. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 59, nº. 3099, p. 4, 07 set. 1968.

HONORATO FILHO. Bernardino Bahia. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLII, nº. 2241, p. 1, 21 jun. 1952.

HONORATO FILHO. Insulamento. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLI, nº. 2185, 26 mai. 1951. Folha Social, p. 4.

ISGOROGOTA, Judas. Bebedouro. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLII, nº. 2228, 22 mar. 1952. Folha Social, p. 4.

ISGOROGOTA, Judas. Saudade. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLI, nº. 2194, 28 jul. 1951. Folha Social, p. 4.

JALLES, Dona Marçal. Miragens. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLVIII, nº. 2550, p. 2, 24 mai. 1958.

JANSEN FILHO. Pôr-do-sol. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLIV, nº. 2317, 05 dez. 1953. Folha Social, p. 4.

JESUS, Prof. João Batista. Brasília. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano L, nº. 2650, p. 2, 23 abr. 1960.

JORGE, J. G. de Araújo. Paisagem do silêncio. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLV, nº. 2368, 27 nov. 1954. Folha Social, p. 4.

JORGE, J. G. de Araújo. Desolação. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLIX, nº. 2605, 13 jun. 1959. Folha Social, p. 8.

JORGE, J. G. de Araújo. O lago do cisne. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLIX, nº. 2599, 02 mai. 1959. Folha Social, p. 6.

JORGE, J. G. de Araújo. Prece. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLIX, nº. 2585, 24 jan. 1959. Folha Social, p. 6.

LEAL, Ernesto. Árvore morta. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLIX, nº. 2584, p. 2, 17 jan. 1959.

LEÃO, A. Acaço, o viriadô. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 57, nº. 2987, p. 4, 16 jul. 1966.

LEÃO, A. Criminosa. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 57, nº. 2981, p. 4, 04 jun. 1966.

LEÃO, A. Estímulo. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 57, nº. 2983, p. 2, 18 jun. 1966.

LEÃO, A. Felicidade. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 57, nº. 2992, p. 3, 20 ago. 1966.

LEÃO, A. Hora apertada. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 57, nº. 2963, p. 5, 29 jan. 1966.

LEÃO, A. Laura. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 57, nº. 2970, p. 3, 19 mar. 1966.

LEÃO, A. Pobre Brasil. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 57, nº. 2973, p. 2, 09 abr. 1966.

LEÃO, A. Pobre Brasil. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 57, nº. 2974, p. 2, 16 abr. 1966.

LEÃO, A. Resignação. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 57, nº. 2969, p. 4, 12 mar. 1966.

LEÃO, A. Resposta. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 57, nº. 2979, p. 4, 21 mai. 1966.

LEÃO, A. Saudade. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 57, nº. 2982, p. 6, 11 jun. 1966.

LEÃO, A. Suicídio. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 57, nº. 2980, p. 4, 28 mai. 1966.

LEÃO, Abel F. Bodas de Prata. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLVIII, nº. 2525, p. 5, 30 nov. 1957.

LEÃO, Abel. Bodas de pérolas. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 54, nº. 2797, p. 2, 01 dez. 1962.

LEÃO, Abel. Vida torta. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 57, nº. 2958, p. 9, 25 dez. 1965.

LEONI, Raul de. Prudência. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLV, nº. 2377, 29 jan. 1955. Folha Social, p. 4.

LEONI, W. B. Mágicas ocultas. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 51, nº. 2684, p. 6, 17 dez. 1960.

LIMA, Augusto de. Serenata. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLII, nº. 2223, 16 fev. 1952. Folha Social, p. 4.

LIMA, Camilo de Jesus. Insônia. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano L, nº. 2638, p. 2, 30 jan. 1960.

LIMA, Camilo de Jesus. Suplica. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLIV, nº. 2330, 06 mar. 1954. Folha Social, p. 4.

LIMA, Gilberto de Souza. Atendemos ao Pai. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLIX, nº. 2576, p. 2, 22 nov. 1958.

LIMA, Jonas Silva da. Acróstico. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 59, nº. 3049, 23 set. 1967. O CCREMAM na FN, p. 2.

LIMA, Jorge de. Poema de natal. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 58, nº. 3010, p. 3, 24 dez. 1966.

LIMA, Jorge de. Soneto. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLIII, nº. 2254, 20 set. 1952. Folha Social, p. 4.

LIMA, Jorge de. Soneto. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLIII, nº. 2295, 04 jul. 1953. Folha Social, p. 4.

LIMA, Jorge de. Soneto. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLIV, nº. 2321, 02 jan. 1954. Folha Social, p. 4.

LIMA, Ma Portugal. Bodas de ouro. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 59, nº. 3058, p. 6, 25 nov. 1967.

LIMA, Milton Costa. Recordando. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLIII, nº. 2256, 04 out. 1952. Folha Social, p. 4.

LINHARES, Mário. Entardecer. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLII, nº. 2237, 24 mai. 1952. Folha Social, p. 4.

LOPES, Antonio. Noite de São João. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 54, nº. 2826, p. 1, 22 jun. 1963.

MACHADO, Franklin de C. Andarilho. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 57, nº. 2988, p. 2, 23 jul. 1966.

MACHADO, Franklin de C. Colibri. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 57, nº. 2987, p. 4, 16 jul. 1966.

MACHADO, Franklin de C. Jardineiro do amor. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 57, nº. 2989, p. 2, 30 jul. 1966.

MACHADO, Franklin de C. Vaqueiro. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 57, nº. 2991, p. 5, 13 ago. 1966.

MACHADO, Gilka. Sino. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLV, nº. 2373, 01 jan. 1955. Folha Social, p. 4.

MACHADO, Raul. Folha social: Soneto. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLI, nº. 2168, 27 jan. 1951. Folha Social, p. 4.

MARANHÃO, Petrarca. Deslumbramento. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLIII, nº. 2286, 02 mai. 1953. Folha Social, p. 4.

MARANHÃO, Petrarca. Trovas. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLI, nº. 2187, 09 jun. 1951. Folha Social, p. 4.

MARANHÃO, Petrarca. Trovas. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLI, nº. 2188, 16 jun. 1951. Folha Social, p. 4.

MARIANO, Olegário. Colheita inútil. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLIII, nº. 2262, 15 nov. 1952. Folha Social, p. 4.

MARIANO, Olegário. Conselho de amigo. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLIII, nº. 2267, 20 dez. 1952. Folha Social, p. 4.

MARIANO, Olegário. Natal. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 51, nº. 2685, 24 dez. 1960. Caderno 1, p. 6.

MARIANO, Olegário. Natal. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 53, nº. 2737, p. 3, 23 dez. 1961.

MARIANO, Olegário. Nordeste. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLIV, nº. 2338, 01 mai. 1954. Folha Social, p. 4.

MARIANO, Olegário. O conselho das árvores. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLIV, nº. 2314, 14 nov. 1953. Folha Social, p. 4.

MARIANO, Olegário. Tua sombra. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLIII, nº. 2263, 22 nov. 1952. Folha Social, p. 4.

MARQUES, Agnaldo. Primavera. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 59, nº. 3051, p. 2, 07 out. 1967.

MARQUES, Manoel. A Bíblia é a palavra de Deus. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 52, nº. 2707, 27 mai. 1961. Seção livre, p. 5.

MARQUES, Manoel. A Bíblia é a palavra de Deus. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 54, nº. 2808, 16 fev. 1963. Seção livre: A Bíblia é a palavra de Deus, p. 3.

MARQUES, Manoel. A Bíblia é a palavra de Deus. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 54, nº. 2826, 22 jun. 1963. Seção livre: A Bíblia é a palavra de Deus, p. 3.

MARQUES, Manoel. A Bíblia é a palavra de Deus. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 59, nº. 3056, 11 nov. 1967. A Bíblia é a palavra de Deus, p. 5.

MARQUES, Manoel. A Bíblia é a palavra de Deus. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 59, nº. 3063, 30 dez. 1967. A Bíblia é a palavra de Deus, p. 4.

MARQUES, Manoel. A guerra. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 57, nº. 2968, 15 mar. 1966. A Bíblia é a palavra de Deus, p. 3.

MARQUES, Manoel. A luta do crente. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 52, nº. 2690, 28 jan. 1961. Seção livre, p. 2.

MARQUES, Manoel. A palavra de Deus e as escrituras sagradas – O nascimento de Jesus. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLVIII, nº. 2530, 04 jan. 1958. Seção livre, p. 2.

MARQUES, Manoel. A palavra de Deus e as escrituras sagradas – O nascimento de Jesus. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLI, nº. 2633, 26 dez. 1959. Seção livre, p. 2.

MARQUES, Manoel. A palavra de Deus e as escrituras sagradas – Os mensageiros de Cristo na escola dominical. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLI, nº. 2627, 14 nov. 1959. Seção livre, p. 2.

MARQUES, Manoel. A palavra de Deus e as escrituras sagradas – Os mensageiros de Cristo na escola dominical. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLI, nº. 2631, 12 dez. 1959. Seção livre, p. 2.

MARQUES, Manoel. A palavra de Deus e as escrituras sagradas – Porque padeceu o Redentor? **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLIX, nº. 2587, 07 fev. 1959. Seção livre, p. 2.

MARQUES, Manoel. A palavra de Deus e as escrituras sagradas – Porque padeceu o Redentor? **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLIX, nº. 2589, 21 fev. 1959. Seção livre, p. 2.

MARQUES, Manoel. A palavra de Deus e as escrituras sagradas – Porque padeceu o Redentor? **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLIX, nº. 2590, 28 fev. 1959. Seção livre, p. 2.

MARQUES, Manoel. A palavra de Deus e as escrituras sagradas. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLVIII, nº. 2562, 16 ago. 1958. Seção livre, p. 2.

MARQUES, Manoel. A palavra de Deus e as escrituras sagradas. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano L, nº. 2634, 02 jan. 1960. Seção livre, p. 5.

MARQUES, Manoel. A pedido. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 56, nº. 2916, 06 mar. 1965. Seção livre: A Bíblia é a palavra de Deus, p. 4.

MARQUES, Manoel. A vida é cega. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 57, nº. 2967, 26 fev. 1966. A Bíblia é a palavra de Deus, p. 2.

MARQUES, Manoel. A vida é sempre com Deus. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 59, nº. 3055, 04 nov. 1967. A Bíblia é a palavra de Deus, p. 2.

MARQUES, Manoel. Amar a Deus, e ao teu próximo, é caridade. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 54, nº. 2827, 29 jun. 1963. Seção livre: A Bíblia é a palavra de Deus, p. 4.

MARQUES, Manoel. Amor sem fé. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLVIII, nº. 2519, p. 7, 19 out. 1957.

MARQUES, Manoel. As árvores do Brasil. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 57, nº. 2947, 09 out. 1965. A Bíblia é a palavra de Deus, p. 2.

MARQUES, Manoel. As boas orações de salvação. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 57, nº. 2993, 27 ago. 1966. A Bíblia é a palavra de Deus, p. 5.

MARQUES, Manoel. Como há de ser o fim? **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 59, nº. 3061, 16 dez. 1967. A Bíblia é a palavra de Deus, p. 3.

MARQUES, Manoel. Como será o fim? Quando será o fim? Todo povo do Brasil: todo povo em oração. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 59, nº. 3062, 23 dez. 1967. A Bíblia é a palavra de Deus, p. 3.

MARQUES, Manoel. Construindo uma ponte um ator desconhecido. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 58, nº. 3044, p. 5, 19 ago. 1967.

MARQUES, Manoel. Continuamente vamos seguindo em oração. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 58, nº. 3047, 09 set. 1967. A Bíblia é a palavra de Deus, p. 3.

MARQUES, Manoel. Deus não é figura. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 57, nº. 2955, 04 dez. 1965. A Bíblia é a palavra de Deus, p. 6.

MARQUES, Manoel. Disse Jesus. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 55, nº. 2868, 11 abr. 1964. Seção livre: A Bíblia é a palavra de Deus, p. 2.

MARQUES, Manoel. Ele lavará. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 54, nº. 2817, 20 abr. 1963. Seção livre: A Bíblia é a palavra de Deus, p. 3.

MARQUES, Manoel. Então virá o fim. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 58, nº. 3032, 27 mai. 1967. A Bíblia é a palavra de Deus, p. 5.

MARQUES, Manoel. Eu cheguei tarde demais! **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 57, nº. 2959, 01 jan. 1966. A Bíblia é a palavra de Deus, p. 5.

MARQUES, Manoel. Igreja do Senhor. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 57, nº. 2988, 23 jul. 1966. A Bíblia é a palavra de Deus, p. 5.

MARQUES, Manoel. Inigualável amor. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 58, nº. 3024, p. 2, 01 abr. 1967.

MARQUES, Manoel. Jesus Cristo, é braço forte. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 59, nº. 3051, 07 out. 1967. A Bíblia é a palavra de Deus, p. 2.

MARQUES, Manoel. Jesus é preso. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 53, nº. 2751, 31 mar. 1962. Seção livre: A Bíblia é a palavra de Deus, p. 3.

MARQUES, Manoel. Mãe querida. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 54, nº. 2821, 18 mai. 1963. Seção livre: A Bíblia é a palavra de Deus, p. 2.

MARQUES, Manoel. Minha igreja é nossa casa de oração. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 57, nº. 2991, 13 ago. 1966. A Bíblia é a palavra de Deus, p. 5.

MARQUES, Manoel. Morte do crente. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 58, nº. 3035, 17 jun. 1967. A Bíblia é a palavra de Deus, p. 5.

MARQUES, Manoel. Morte ou vida? **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 54, nº. 2825, 15 jun. 1963. Seção livre: A Bíblia é a palavra de Deus, p. 3.

MARQUES, Manoel. Na santa sabedoria. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 53, nº. 2768, 28 jul. 1962. Seção livre: A Bíblia é a palavra de Deus, p. 3.

MARQUES, Manoel. Nasceu o redentor. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 53, nº. 2737, p. 4, 23 dez. 1961.

MARQUES, Manoel. Natal. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 54, nº. 2801, p. 2, 29 dez. 1962.

MARQUES, Manoel. O Brasil. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 52, nº. 2706, 20 mai. 1961. Seção livre, p. 2.

MARQUES, Manoel. O cego de Jericó. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLI, nº. 2629, p. 2, 28 nov. 1959.

MARQUES, Manoel. O cego de Jericó. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 54, nº. 2804, p. 2, 19 jan. 1963.

MARQUES, Manoel. O homem caído. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 55, nº. 2882, 18 jul. 1964. Seção livre: A Bíblia é a palavra de Deus, p. 4.

MARQUES, Manoel. O mundo nas mãos de Deus. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 52, nº. 2691, 04 fev. 1961. Seção livre, p. 3.

MARQUES, Manoel. O nascimento de Jesus. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 55, nº. 2852, 21 dez. 1963. Seção livre: A Bíblia é a palavra de Deus, p. 5.

MARQUES, Manoel. O natal. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 57, nº. 2958, 25 dez. 1965. A Bíblia é a palavra de Deus, p. 9.

MARQUES, Manoel. O rico avarento. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 57, nº. 2953, 20 nov. 1965. A Bíblia é a palavra de Deus, p. 2.

MARQUES, Manoel. Oh! Deus todo poderoso – Oração. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 55, nº. 2876, 06 jun. 1964. Seção livre: A Bíblia é a palavra de Deus, p. 3.

MARQUES, Manoel. Oração – culto divino consagrado ao Senhor. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 53, nº. 2763, 23 jun. 1962. Seção livre: A Bíblia é a palavra de Deus, p. 2.

MARQUES, Manoel. Oração. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 56, nº. 2912, 06 fev. 1965. Seção livre: A Bíblia é a palavra de Deus, p. 3.

MARQUES, Manoel. Orações a Deus. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 59, nº. 3052, 14 out. 1967. A Bíblia é a palavra de Deus, p. 5.

MARQUES, Manoel. Os ídolos não entram nos céus. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 57, nº. 2984, 25 jun. 1966. A Bíblia é a palavra de Deus, p. 4.

MARQUES, Manoel. Os salmos no céu. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 58, nº. 3009, 17 dez. 1966. A Bíblia é a palavra de Deus, p. 4.

MARQUES, Manoel. Os salmos. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 58, nº. 3040, 22 jul. 1967. A Bíblia é a palavra de Deus, p. 3.

MARQUES, Manoel. Palavra de Deus não falha. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 59, nº. 3051, 07 out. 1967. A Bíblia é a palavra de Deus, p. 2.

MARQUES, Manoel. Perdição e salvação. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 58, nº. 3033, 03 jun. 1967. A Bíblia é a palavra de Deus, p. 3.

MARQUES, Manoel. Quando será o fim. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 59, nº. 3052, 14 out. 1967. A Bíblia é a palavra de Deus, p. 5.

MARQUES, Manoel. Sabedoria é ciência. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 55, nº. 2840, 28 set. 1963. Seção livre: A Bíblia é a palavra de Deus, p. 4.

MARQUES, Manoel. Salmos 10. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 59, nº. 3051, 07 out. 1967. A Bíblia é a palavra de Deus, p. 2.

MARQUES, Manoel. Salmos de David. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 59, nº. 3060, 09 dez. 1967. A Bíblia é a palavra de Deus, p. 4.

MARQUES, Manoel. Salvação. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 54, nº. 2822, 25 mai. 1963. Seção livre: A Bíblia é a palavra de Deus, p. 3.

MARQUES, Manoel. Santo não aparece. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 57, nº. 2977, 07 mai. 1966. A Bíblia é a palavra de Deus, p. 3.

MARQUES, Manoel. Saraivas. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 54, nº. 2829, 13 jul. 1963. Seção livre: A Bíblia é a palavra de Deus, p. 3.

MARQUES, Manoel. Ser crente. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 57, nº. 2963, 29 jan. 1966. A Bíblia é a palavra de Deus, p. 5.

MARQUES, Manoel. Ser crente. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 57, nº. 2965, 12 fev. 1966. A Bíblia é a palavra de Deus, p. 2.

MARQUES, Manoel. Ser crente. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 58, nº. 3028, 29 abr. 1967. A Bíblia é a palavra de Deus, p. 2.

MARQUES, Manoel. Ser mãe. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 58, nº. 3031, 20 mai. 1967. A Bíblia é a palavra de Deus, p. 5.

MARQUES, Manoel. Uma oração a Deus. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 58, nº. 3032, 27 mai. 1967. A Bíblia é a palavra de Deus, p. 5.

MARQUES, Manoel. Uma prece a Deus. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 58, nº. 3024, p. 2, 01 abr. 1967.

MARQUES, Manoel. Vida cega. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 58, nº. 3027, 22 abr. 1967. A Bíblia é a palavra de Deus, p. 5.

MARQUES, Manoel. Vida terrestre do servo Moisés. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 54, nº. 2834, 17 ago. 1963. Seção livre: A Bíblia é a palavra de Deus, p. 3.

MARTINS, D. Musa bohemia: O grande candidato. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLVIII, nº. 2550, p. 10, 24 mai. 1958.

MARTINS, Demóstenes. Dedicado ao Dr. Jayme Muniz Ferreira. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLIX, nº. 2603, p. 8, 30 mai. 1959.

MARTINS, Demóstenes. Musa política. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLVIII, nº. 2566, p. 2, 13 set. 1958.

MATOS, Creuza Felício de. Lágrimas de mulher. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 57, nº. 2984, p. 4, 25 jun. 1966.

MATOS, Jonas Pinheiro de. O nazareno. Feira de Santana, ano XLI, nº. 2193, p. 2, 21 jul. 1951.

MATOS, Jonas Pinheiro de. Realidade. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLI, nº. 2188, p. 2, 16 jun. 1951.

MATOS, Pinheiro de. Natal. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLIV, nº. 2321, p. 2, 02 jan. 1954.

MAURANO, Heitor. A bolha de sabão. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLIII, nº. 2257, 11 out. 1952. Folha Social, p. 4.

MELHOR, Anísio. Soneto negro. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLIII, nº. 2261, 08 nov. 1952. Folha Social, p. 4.

MELLO, Benedita de. O pensamento. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLII, nº. 2238, 31 mai. 1952. Folha Social, p. 4.

MELLO, Cezario de. Na praia da Conceição. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLIII, nº. 2275, 14 fev. 1953. Folha Social, p. 4.

MELO, Floriano da Costa. Saudade. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 55, nº. 2885, p. 3, 08 ago. 1964.

MELO, Glêdson. Poesia Moderna: Sombra. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 56, nº. 2941, p. 4, 28 ago. 1965.

MENEZES, Emílio de. A anunciação. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLII, nº. 2229, 29 mar. 1952. Folha Social, p. 4.

MENEZES, Emílio de. A dúvida. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLV, nº. 2375, 15 jan. 1955. Folha Social, p. 4.

MENEZES, Emílio de. A paixão. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLII, nº. 2230, 05 abr. 1952. Folha Social, p. 4.

MENEZES, Emílio de. Ascensão. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLII, nº. 2231, 12 abr. 1952. Folha Social, p. 4.

MENEZES, Emílio de. Germinal. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLI, nº. 2199, 01 set. 1951. Folha Social, p. 4.

MENEZES, Emílio de. Girassol. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLI, nº. 2198, 25 ago. 1951. Folha Social, p. 4.

MENEZES, Emílio de. O poeta de Deus. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLV, nº. 2382, 05 mar. 1955. Folha Social, p. 4.

MENEZES, Emílio de. O salto do Guairá. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLII, nº. 2245, 19 jul. 1952. Folha Social, p. 4.

MENEZES, Emílio de. Tarde na Praia. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLI, nº. 2200, 08 set. 1951. Folha Social, p. 4.

MIRAVAL, Alonso de. Diante de um cérebro... **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLIII, nº. 2294, 27 jun. 1953. À vol d'oiseau..., p. 1.

MIRAVAL, Alonso de. Mãos pequeninas. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 53, nº. 2757, 12 mai. 1962. A vol d'oiseau..., p. 1.

MIRAVAL, Alonso de. Prece de Natal. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 53, nº. 2737, 23 dez. 1961. A vol d'oiseau..., p. 1.

MIRAVAL, Alonso de. Salmo agônico de meu filho que há de vir. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLIII, nº. 2295, 04 jul. 1953. À vol d'oiseau..., p. 1.

MOELA, K. Beludo. Duas por semana **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLIV, nº. 2308, p. 2, 03 out. 1953.

MOELA, K. Beludo. Duas por semana. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLIV, nº. 2306, p. 4, 19 set. 1953.

MOELA, K. Beludo. Duas por semana. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLIV, nº. 2307, p. 4, 26 set. 1953.

MOELA, K. Beludo. Duas por semana. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLIV, nº. 2310, p. 2, 17 out. 1953.

MOELA, K. Beludo. Duas por semana. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLIV, nº. 2311, p. 3, 24 out. 1953.

MOELA, K. Beludo. Duas por semana. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLIV, nº. 2312, p. 3, 31 out. 1953.

MOELA, K. Beludo. Tem jetatura, para gáudio seu. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLIV, nº. 2312, p. 3, 31 out. 1953.

MORAIS, Florizia. Depois que as chuvas chegaram. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLI, nº. 2181, 28 abr. 1951. Folha Social, p. 4.

MORAIS, Vinicius de. Poema de natal. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 51, nº. 2682, p. 3, 03 dez. 1960.

MORO S. C. C., Padre. Senhor, salvai-me. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 58, nº. 2997, p. 3, 24 set. 1966.

MOTA Jr., Antonio P. Meu nascimento; minha vida; minha história e digressões. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLVII, nº. 2484, p. 2, 16 fev. 1957.

MOTA Jr., Antonio P. Meu nascimento; minha vida; minha história e digressões. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLVII, nº. 2485, p. 2, 23 fev. 1957.

MOTA Jr., Antonio P. Meu nascimento; minha vida; minha história e digressões. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLVII, nº. 2486, p. 2, 02 mar. 1957.

MOTA Jr., Antonio P. Meu nascimento; minha vida; minha história e digressões. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLVII, nº. 2487, p. 2, 09 mar. 1957.

MOTA Jr., Antonio P. Meu nascimento; minha vida; minha história e digressões. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLVII, nº. 2488, p. 2, 16 mar. 1957.

MOTA Jr., Antonio P. Meu nascimento; minha vida; minha história e digressões. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLVII, nº. 2490, p. 2, 30 mar. 1957.

MOTA Jr., Antonio P. Meu nascimento; minha vida; minha história e digressões. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLVII, nº. 2491, p. 2, 06 abr. 1957.

MOTA Jr., Antonio P. Meu nascimento; minha vida; minha história e digressões. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLVII, nº. 2492, p. 2, 13 abr. 1957.

MOTA Jr., Antonio P. Meu nascimento; minha vida; minha história e digressões. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLVII, nº. 2497, p. 6, 18 mai. 1957.

MOTA Jr., Antonio P. Meu nascimento; minha vida; minha história e digressões. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLVII, nº. 2499, p. 2, 01 jun. 1957.

MOTA Jr., Antonio Pereira da. Abaixo a corrupção: UDN em marcha. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLI, nº. 2633, 26 dez. 1959. Politicalha brasileira, p. 2.

MOTA Jr., Antonio Pereira da. Anatália. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 57, nº. 2954, p. 5, 27 nov. 1965.

MOTA Jr., Antonio Pereira da. É hora da libertação: UDN em marcha. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLI, nº. 2628, 21 nov. 1959. Politicalha brasileira, p. 2.

MOTA Jr., Antonio Pereira da. Ergue-te Brasil: UDN em marcha. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLI, nº. 2630, 05 dez. 1959. Politicalha brasileira, p. 2.

MOTA Jr., Antonio Pereira da. Meu roteiro. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 57, nº. 2945, p. 6, 25 set. 1965.

MOTA Jr., Antonio Pereira da. Vassoura em ação: UDN em marcha. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLI, nº. 2631, 12 dez. 1959. Politicalha brasileira, p. 2.

MOTA Jr., Antonio. O mundo em agonia. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLVIII, nº. 2529, p. 2, 28 dez. 1957.

MOTA, Lauro. Soneto Lacustre. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLIV, nº. 2340, 15 mai. 1954. Folha Social, p. 4.

MOTTA, Anatalino A. Meu último encontro com mãe. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 57, nº. 2946, p. 7, 02 out. 1965.

MOTTA, Anatalino A. Versos à mocidade. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 57, nº. 2944, p. 2, 17 set. 1965.

MOTTA, Anatalino Albergaria. Criança infeliz. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 53, nº. 2758, p. 2, 19 mai. 1962.

MOTTA, Anatalino Albergaria. Estações do meu amor. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 54, nº. 2805, p. 4, 26 jan. 1963.

MOTTA, Anatalino Albergaria. Paisagem íntima. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 54, nº. 2817, p. 2, 20 abr. 1963.

MOTTA, Anatalino. A impressão do olhar. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 57, nº. 2970, p. 5, 19 mar. 1966.

MOTTA, Anatalino. A meu pai. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 57, nº. 2953, p. 3, 20 nov. 1965.

MOTTA, Anatalino. Derivados de amores. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 57, nº. 2971, p. 2, 26 mar. 1966.

MOTTA, Anatalino. Eu e tu. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 57, nº. 2950, p. 4, 30 out. 1965.

MOTTA, Anatalino. Solidão. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 56, nº. 2940, p. 1, 21 ago. 1965.

MOTTA, Anatalino. Valor “Post Mortis”. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 57, nº. 2969, p. 2, 12 mar. 1966.

MOURA, Alberto de. O santo de Assis. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano L, nº. 2641, p. 3, 20 fev. 1960.

NADYER, Antonio. Ódio. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLVI, nº. 2458, p. 2, 18 ago. 1956.

NASCIMENTO, Oswaldo. Quando os olhos não vêem. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano L, nº. 2621, p. 2, 03 out. 1959.

NATHAN, Yára. A esmola que não se dá. Feira de Santana, ano XLII, nº. 2202, p. 2, 22 set. 1951.

NERY, Adalgisa. Poema de natal. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 51, nº. 2685, 24 dez. 1960. Caderno 1, p. 4.

NETO, Carlos. O beijo de Judas. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 57, nº. 2973, p. 2, 09 abr. 1966.

NETO, Carlos. Subindo o calvário. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 59, nº. 3053, p. 4, 21 out. 1967.

NEVES, Berilo. Sinos. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLV, nº. 2386, 02 abr. 1955. Folha Social, p. 4.

NICOLAU, A. Sorriso de criança. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLVIII, nº. 2556, p. 2, 05 jul. 1958.

NOGUEIRA, Ary. Encontro com a poesia. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 54, nº. 2802, p. 4, 05 jan. 1963.

OLIVEIRA, Alberto de. A cigarra da chácara. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLV, nº. 2378, 05 fev. 1955. Folha Social, p. 4.

OLIVEIRA, Alberto de. A mão. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLII, nº. 2221, 02 fev. 1952. Folha Social, p. 4.

OLIVEIRA, Aloysio. Carro de bois. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLIX, nº. 2604, p. 7, 06 jun. 1959.

OLIVEIRA, Álvares de. Na minha terra. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLIII, nº. 2268, 27 dez. 1952. Folha Social, p. 4.

OLIVEIRA, José de Sousa. Ajudante de caminhão. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLII, nº. 2206, 20 out. 1951. Folha Social, p. 4.

OLIVEIRA, José de Sousa. Barracões. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLI, nº. 2193, 21 jul. 1951. Folha Social, p. 4.

OLIVEIRA, José de Sousa. Inverná. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLI, nº. 2189, 23 jun. 1951. Folha Social, p. 4.

OLIVEIRA, José de Sousa. Usina. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLI, nº. 2195, 04 ago. 1951. Folha Social, p. 4.

OLIVEIRA, José de Sousa. Versos de Cachoeira. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLI, nº. 2191, 07 jul. 1951. Folha Social, p. 4.

OLIVEIRA, R. Ajudante de pedreiro. Feira de Santana, ano XLII, nº. 2208, p. 2, 03 nov. 1951.

OLIVEIRA, Solimar de. Natal. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLIV, nº. 2334, 03 abr. 1954. Folha Social, p. 4.

OLIVEIRA, Sousa. A palhoça das minhas recordações. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLII, nº. 2219, 19 jan. 1952. Folha Social, p. 4.

OLIVEIRA, Sousa. Cabelos brancos. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLII, nº. 2220, 26 jan. 1952. Folha Social, p. 4.

OLIVEIRA, Sousa. Capitão de areia. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLII, nº. 2232, 19 abr. 1952. Folha Social, p. 4.

OLIVEIRA, Sousa. Marinha. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLIII, nº. 2304, 05 set. 1953. Folha Social, p. 4.

OLIVEIRA, Sousa. O guarda noturno. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLIII, nº. 2289, 23 mai. 1953. Folha Social, p. 4.

OLIVEIRA, Sousa. O parque. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLIII, nº. 2259, 25 out. 1952. Folha Social, p. 4.

OLIVEIRA, Sousa. O sol. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLII, nº. 2248, 09 ago. 1952. Folha Social, p. 4.

OLIVEIRA, Sousa. O tronco de um coqueiro. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLII, nº. 2251, 30 ago. 1952. Folha Social, p. 4.

OLIVEIRA, Sousa. Paisagens que comovem. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLIII, nº. 2256, p. 4, 04 out. 1952.

OLIVEIRA, Sousa. Paus de arara. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLII, nº. 2252, 06 set. 1952. Folha Social, p. 4.

OLIVEIRA, Sousa. Resto de feira. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLII, nº. 2218, 12 jan. 1952. Folha Social, p. 4.

OLIVEIRA, Sousa. Rosas da rua. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLIII, nº. 2292, 13 jun. 1953. Folha Social, p. 4.

OTÁVIO, Luiz. Teimosa. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLI, nº. 2187, 09 jun. 1951. Folha Social, p. 4.

OTÁVIO, Luiz. Velho tema. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLIX, nº. 2609, 11 jul. 1959. Folha Social, p. 6.

OTTONI, José Eloy. Independência. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLV, nº. 2361, 09 out. 1954. Folha Social, p. 4.

PACHECO, Felix. Estranhas lágrimas. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLI, nº. 2196, 11 ago. 1951. Folha Social, p. 4.

PAULO VI. Amaremos. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 58, nº. 3019, p. 2, 25 fev. 1967.

PEQUENO, Waldemar. Jardim noturno. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLIX, nº. 2579, p. 4, 13 dez. 1958.

PERY, Rubens. Inexorável. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLIII, nº. 2284, 18 abr. 1953. Folha Social, p. 4.

PINHO, Moreira de. Angústia. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLI, nº. 2181, p. 2, 28 abr. 1951.

PINHO, Moreira de. Caos. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLI, nº. 2179, p. 2, 14 abr. 1951.

PINHO, Moreira de. Convite à taberna. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLIII, nº. 2274, p. 3, 07 fev. 1953.

PINHO, Moreira de. Renúncia. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLI, nº. 2187, p. 2, 09 jun. 1951.

PINHO, Moreira de. Trovas. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLI, nº. 2180, p. 2, 21 abr. 1951.

PINHO, Moreira. “Busca tardia”. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLII, nº. 2218, p. 2, 12 jan. 1952.

PINHO, Moreira. “Velho mar”. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLII, nº. 2219, p. 2, 19 jan. 1952.

PINHO, Moreira. Conselho. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLIII, nº. 2261, p. 2, 08 nov. 1952.

PINHO, Moreira. Convite. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLI, nº. 2178, p. 2, 07 abr. 1951.

PINHO, Moreira. Minha filha. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLII, nº. 2234, p. 2, 03 mai. 1952.

PINHO, Moreira. Natal dos infelizes. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLIII, nº. 2268, p. 2, 27 dez. 1952.

PINHO. Moreira de. Praga. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLI, nº. 2175, 17 mar. 1951. Folha Social, p. 4.

PIRES, Carlos Henrique. Amo. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLIX, nº. 2590, 28 fev. 1959. Folha Social, p. 6.

PIRES, Carlos Henrique. Contrastos. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLIX, nº. 2584, 17 jan. 1959. Folha Social, p. 4.

PIRES, Carlos Henrique. Dilema. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLV, nº. 2380, 19 fev. 1955. Folha Social, p. 4.

PIRES, Carlos Henrique. Soneto. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLIX, nº. 2583, 10 jan. 1959. Folha Social, p. 4.

PIRES, Carlos. O teu olhar. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLIX, nº. 2586, 31 jan. 1959. Folha Social, p. 4.

PORTO, Ilza. Meu Brasil. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 57, nº. 2974, p. 6, 16 abr. 1966.

PORUGAL, Rosa de. 13 de maio. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano L, nº. 2653, p. 3, 14 mai. 1960.

PORUGAL, Rosa de. A Frei Serafim. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 54, nº. 2808, p. 3, 16 fev. 1963.

PORUGAL, Rosa de. A mão e a garra. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 54, nº. 2834, p. 4, 17 ago. 1963.

PORUGAL, Rosa de. A um feliz casal de pombos. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano L, nº. 2659, p. 2, 25 jun. 1960.

PORUGAL, Rosa de. Ao Padre Mário Pessoa. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano L, nº. 2630, p. 2, 05 dez. 1959.

PORUGAL, Rosa de. Canção às mães. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 52, nº. 2704, p. 3, 06 mai. 1961.

PORUGAL, Rosa de. Coração de mãe. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 54, nº. 2816, p. 2, 13 abr. 1963.

PORUGAL, Rosa de. Homenagem a Maria. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano L, nº. 2632, p. 2, 19 dez. 1959.

PORUGAL, Rosa de. Homenagem ao nosso bispo. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 54, nº. 2814, p. 5, 30 mar. 1963.

PORUGAL, Rosa de. Imaculada. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 54, nº. 2799, p. 1, 15 dez. 1962.

PORUGAL, Rosa de. Lembrando-me de ti. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano L, nº. 2649, p. 2, 16 abr. 1960.

PORUGAL, Rosa de. Minha homenagem aos Capuchinhos. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano L, nº. 2634, p. 2, 02 jan. 1960.

PORUGAL, Rosa de. Minha prece a José. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 52, nº. 2698, p. 2, 25 mar. 1961.

PORUGAL, Rosa de. O perfume da asinheira. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 54, nº. 2790, p. 4, 20 out. 1962.

PORUGAL, Rosa de. O sabiá. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 52, nº. 2696, p. 3, 11 mar. 1961.

PORUGAL, Rosa de. O terço. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano L, nº. 2626, p. 3, 07 nov. 1959.

PORUGAL, Rosa de. O teu natalício. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano L, nº. 2658, p. 2, 18 jun. 1960.

PORUGAL, Rosa de. Para a irmã Lúcia. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 52, nº. 2707, p. 5, 27 mai. 1961.

PORUGAL, Rosa de. Para Aita. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano L, nº. 2625, p. 3, 31 out. 1959.

PORUGAL, Rosa de. Para Aita. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 54, nº. 2805, p. 2, 26 jan. 1963.

PORUGAL, Rosa de. Parabéns a Aita pelo seu natalício em 2 de fevereiro. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 55, nº. 2859, p. 2, 08 fev. 1964.

PORUGAL, Rosa de. Parabéns. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 51, nº. 2661, p. 2, 09 jul. 1960.

PORUGAL, Rosa de. Pleito ao divino infante. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano L, nº. 2633, p. 2, 26 dez. 1959.

PORUGAL, Rosa de. Prece pelo pombo correio. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 52, nº. 2694, p. 3, 25 fev. 1961.

PORUGAL, Rosa de. S. José. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano L, nº. 2647, p. 2, 05 abr. 1960.

PORUGAL, Rosa de. Salve a “Santa Maria”. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 52, nº. 2692, p. 5, 11 fev. 1961.

PORUGAL, Rosa de. Santo Antonio. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano L, nº. 2629, p. 2, 28 nov. 1959.

PORUGAL, Rosa de. Santo Antonio. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano L, nº. 2656, p. 2, 04 jun. 1960.

PORUGAL, Rosa de. Saudades da terra mater. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 52, nº. 2708, p. 3, 03 jun. 1961.

PORUGAL, Rosa de. Um coração piedoso. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano L, nº. 2628, p. 2, 21 nov. 1959.

PORUGAL, Rosa de. Virgem das Candeias. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 51, nº. 2662, p. 2, 16 jul. 1960.

PREBENDA, Re-Imundo. Almaquianas. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLIV, nº. 2309, p. 4, 10 out. 1953.

PREBENDA, Re-Imundo. Almaquianas. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLIV, nº. 2310, p. 2, 17 out. 1953.

PREBENDA, Re-Imundo. Almaquianas. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLIV, nº. 2311, p. 3, 24 out. 1953.

RABELO, Laurindo. O tempo. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLIX, nº. 2586, p. 2, 31 jan. 1959.

RAMOS NETO. Árvore. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLIV, nº. 2322, 09 jan. 1954. Folha Social, p. 4.

RAMOS, Aroldo. A um pedacinho de gente. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 53, nº. 2765, p. 2, 07 jul. 1962.

RAMOS, Jorge. Abismo. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLII, nº. 2217, 05 jan. 1952. Folha Social, p. 4.

RAMOS, Jorge. Fatalidade. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLII, nº. 2216, 29 dez. 1951. Folha Social, p. 4.

REIS, Nidoval. Trovas. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLI, nº. 2188, 16 jun. 1951. Folha Social, p. 4.

RESENDE, Aloísio. Fogueira de São João. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 53, nº. 2763, p. 1, 23 jun. 1962.

RESENDE, Aloísio. Invernia. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLI, nº. 2166, 13 jan. 1951. Folha Social, p. 4.

RICARDO, Cassiano. Despedida. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLV, nº. 2374, 08 jan. 1955. Folha Social, p. 4.

RICARDO, Cassiano. Exortação. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLV, nº. 2369, 04 dez. 1954. Folha Social, p. 4.

RICARDO, Cassiano. Ladainha. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLV, nº. 2367, 20 nov. 1954. Folha Social, p. 4.

ROCHA, Ivone Maria Galvão. Viver. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano L, nº. 2637, p. 2, 23 jan. 1960.

ROCHA, Moisés da Cunha. Finados. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLV, nº. 2364, 30 out. 1954. Folha Social, p. 4.

ROSSI, Newton. Reminiscência de natal. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLVI, nº. 2426, 07 jan. 1956. Folha Social, p. 4.

SACRAMENTO, Crispim do. Copa do mundo. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLVIII, nº. 2556, p. 6, 12 jul. 1958.

SACRAMENTO, Crispim do. Siluetas. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 51, nº. 2671, p. 2, 17 set. 1960.

SACRAMENTO, Crispim do. Suplicas. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLVII, nº. 2505, p. 2, 13 jul. 1957.

SALDANHA, Heitor. Marcha. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLIII, nº. 2272, 24 jan. 1953. Folha Social, p. 4.

SALES, Antonio. A pesca da pérola. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLIII, nº. 2269, 03 jan. 1953. Folha Social, p. 4.

SALES, Arthur de. Ocaso no mar. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLIII, nº. 2265, 06 dez. 1952. Folha Social, p. 4.

SALES, Artur de. Ramo de fogueira. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLII, nº. 2253, 13 set. 1952. Folha Social, p. 4.

SALES, Artur de. Sub-umbra. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLII, nº. 2250, 23 ago. 1952. Folha Social, p. 4.

SALUSSE, Julio. O cisne. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLV, nº. 2379, 12 fev. 1955. Folha Social, p. 4.

SAMPAIO, Albino Forjaz. Ao cair da Folha. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLII, nº. 2224, 23 fev. 1952. Folha Social, p. 4.

SAMPAIO, Carlos. Assim pensei. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLI, nº. 2186, p. 2, 02 jun. 1951.

SAMPAIO, Carlos. Hoje a noite. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLIV, nº. 2335, p. 2, 10 abr. 1954.

SAMPAIO, Carlos. Lembra-te. Feira de Santana, ano XLI, nº. 2189, p. 3, 23 jun. 1951.

SAMPAIO, Carlos. Maria da Glória. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLIV, nº. 2340, p. 3, 15 mai. 1954.

SAMPAIO, Carlos. Meu canto. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLI, nº. 2184, p. 2, 19 mai. 1951.

SAMPAIO, Carlos. O filho negro Germano. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLIV, nº. 2337, p. 3, 24 abr. 1954.

SAMPAIO, Carlos. Paisagens. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLIV, nº. 2343, p. 2, 05 jun. 1954.

SAMPAIO, Carlos. Poema dos perversos. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLVIII, nº. 2535, p. 2, 08 fev. 1958.

SAMPAIO, Carlos. Feira. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLI, nº. 2168, p. 2, 27 jan. 1951.

SANCHEZ, Padre Hilarião. Meu prisioneiro. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 61, nº. 3159, p. 2, 01 nov. 1969.

SANCHEZ, Padre Hilarião. Porque escrevo. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 61, nº. 3160, p. 2, 08 nov. 1969.

SANTOS, Cledenor O. Itapoan. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLIV, nº. 2326, 06 fev. 1954. Folha Social, p. 4.

SANTOS, Edson Queiroz dos. Madrugada. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 56, nº. 2939, p. 3, 14 ago. 1965.

SANTOS, Eglê Marques. A felicidade existe. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 53, nº. 2756, p. 2, 05 mai. 1962.

SANTOS, Eglê Marques. Acorde sorrindo. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 53, nº. 2737, p. 5, 23 dez. 1961.

SANTOS, Eglê Marques. Amar. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 53, nº. 2765, p. 4, 07 jul. 1962.

SANTOS, Eglê Marques. Aprendi. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 53, nº. 2757, p. 4, 12 mai. 1962.

SANTOS, Eglê Marques. Carta. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 53, nº. 2782, p. 4, 25 ago. 1962.

SANTOS, Eglê Marques. Conselho. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 53, nº. 2749, p. 3, 17 mar. 1962.

SANTOS, Eglê Marques. És minha vida. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 53, nº. 2767, p. 2, 21 jul. 1962.

SANTOS, Eglê Marques. No teu amor. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 53, nº. 2751, p. 3, 31 mar. 1962.

SANTOS, Eglê Marques. Olhos castanhos. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 53, nº. 2745, p. 2, 17 fev. 1962.

SANTOS, Eglê Marques. Para uma noite chuvosa. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 53, nº. 2750, p. 3, 24 mar. 1962.

SANTOS, Eglê Marques. Por teu amor. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 53, nº. 2766, p. 2, 14 jul. 1962.

SANTOS, Eglê Marques. Princesinha do sul. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 53, nº. 2755, p. 3, 28 abr. 1962.

SANTOS, Eglê Marques. Régia Triste. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 53, nº. 2764, p. 4, 30 jun. 1962.

SANTOS, Eglê Marques. Sem te. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 54, nº. 2793, p. 2, 03 nov. 1962.

SANTOS, Eglê Marques. Símbolo de amor. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 53 nº. 2746, p. 2, 24 fev. 1962.

SANTOS, Eglê Marques. Súplica. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 54, nº. 2790, p. 2, 20 out. 1962.

SANTOS, Eglê Marques. Teu nome. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 53, nº. 2781, p. 3, 18 ago. 1962.

SANTOS, Eglê Marques. Teus encantos. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 53, nº. 2741, p. 3, 20 jan. 1962.

SANTOS, Eglê Marques. Um soneto ao meu amor. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 53, nº. 2742, p. 3, 27 jan. 1962.

SANTOS, Posidônio. Homenagem a Raimundo Oliveira. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano L, nº. 2635, p. 2, 09 jan. 1960.

SANTOS, Posidônio. Quem dá aos pobres empresta a Deus. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLIX, nº. 2573, p. 3, 01 nov. 1958.

SCHMIDT, Augusto Frederico. Canto do mistério do natal. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano L, nº. 2634, p. 2, 02 jan. 1960.

SCHMIDT, Augusto Frederico. Duração. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 52, nº. 2692, p. 2, 11 fev. 1961.

SCHMIDT, Augusto Frederico. Momento. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLIX, nº. 2587, 07 fev. 1959. Folha Social, p. 4.

SEGUIR, Ralimpo A. "...e HONESTIDADE". **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLIV, nº. 2311, p. 3, 24 out. 1953.

SEGUIR, Ralimpo A. Ao poeta Jurubeba. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLIV, nº. 2308, p. 2, 03 out. 1953.

SEGUIR, Ralimpo A. Ao poeta Jurubeba. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLIV, nº. 2309, p. 2, 10 out. 1953.

SEGUIR, Ralimpo A. Brincando de esconder. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLIV, nº. 2307, p. 2, 26 set. 1953.

SEGUIR, Ralimpo A. Coitadinhas. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLIV, nº. 2309, p. 2, 10 out. 1953.

SEGUIR, Ralimpo A. Delírio alienatório. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLIV, nº. 2306, p. 2, 19 set. 1953.

SEGUIR, Ralimpo A. Mau sinal. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLIV, nº. 2308, p. 2, 03 out. 1953.

SEGUIR, Ralimpo A. Memento. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLIV, nº. 2312, p. 3, 31 out. 1953.

SEGUIR, Ralimpo A. Obra da natura. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLIV, nº. 2310, p. 2, 17 out. 1953.

SEGUIR, Ralimpo A. Traste ou peste, o poeta? **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLIV, nº. 2311, p. 3, 24 out. 1953.

SERAFIM, Pedro. Serenata. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLIII, nº. 2294, 27 jun. 1953. Folha Social, p. 4.

SEREJO, José. Saudades. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano L, nº. 2658, p. 5, 18 jun. 1960.

SETÚBAL, Paulo. Dona Margarida. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLII, nº. 2239, 07 jun. 1952. Folha Social, p. 4.

SILVA, da Costa e. Saudade. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLII, nº. 2242, 28 jun. 1952. Folha Social, p. 4.

SILVA, João Gustavo da. Natal dos pobres. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 51, nº. 2685, 24 dez. 1960. Caderno 1, p. 4.

SILVA, José Luiz Navarro. José Sampaio. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 52, nº. 2690, p. 4, 28 jan. 1961.

SILVA, José. Esperarei. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 54, nº. 2838, p. 3, 14 set. 1963.

SILVA, José. Ficaste em nossa história. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 54, nº. 2822, p. 2, 25 mai. 1963.

SILVA, José. Será isto amor? **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 53, nº. 2781, p. 2, 18 ago. 1962.

SILVA, José. Triste cemitério. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 53, nº. 2785, p. 2, 15 set. 1962.

SILVA, José. Vida. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 53, nº. 2780, p. 5, 11 ago. 1962.

SILVA, Julio Mello e. Reminiscência... **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 54, nº. 2809, p. 3, 23 fev. 1963.

SILVA, Maria José. Ave Maria. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLII, nº. 2235, 10 mai. 1952. Folha Social, p. 4.

SILVA, Otaviano. Avante. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLVII, nº. 2510, p. 2, 17 ago. 1957.

SIMAS, Adilson. Triste caminho. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 57, nº. 2982, p. 2, 11 jun. 1966.

SOUZA, João da Cruz e. Antífona. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLV, nº. 2385, 26 mar. 1955. Folha Social, p. 4.

SOUZA, Cruz e. As estrelas. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLIII, nº. 2264, 29 nov. 1952. Folha Social, p. 4.

SOUZA, Cruz e. Domus Áurea. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLIII, nº. 2266, 13 dez. 1952. Folha Social, p. 4.

SOUZA, Rossini. Se forte. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 56, nº. 2897, p. 8, 24 out. 1964.

SOUZA, Rossini. Ser o que sou. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 57, nº. 2978, p. 2, 14 mai. 1966.

TEIXEIRA, Múcio. As mães. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano L, nº. 2652, p. 1, 07 mai. 1960.

TELHA, A. Ave!... Papai Noel. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 61, nº. 3166, p. 6, 20 dez. 1969.

TEÓFILO, Aníbal. A cegonha. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLI, nº. 2197, 18 ago. 1951. Folha Social, p. 4.

TOMAZ, Padre Antonio. Judas. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLI, nº. 2179, 14 abr. 1951. Folha Social, p. 4.

TOMAZ, Padre Antônio. subindo e descendo. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLVI, nº. 2430, 04 fev. 1956. Folha Social, p. 4.

TRINDADE, Dom Frei Henrique G. Versos pobres à rica mãe de alguém. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 58, nº. 3030, p. 5, 13 mai. 1967.

TRINDADE, Dom Frei Henrique. O sonho de Sant'Ana. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 58, nº. 3013, p. 2, 14 jan. 1967.

TUDELLA, Eduardo. Canção da “Boca do Rio”. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 52, nº. 2692, p. 2, 11 fev. 1961.

TUDELLA, Eduardo. Ode a Feira de Santana. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 52, nº. 2688, p. 1, 14 jan. 1961.

TUDELLA, Eduardo. Urubu. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 52, nº. 2693, p. 2, 18 fev. 1961.

TUDELLA, Eduardo. Urubu. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLIX, nº. 2579, p. 5, 13 dez. 1958.

VIEIRA, Sanches. Acróstico. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLIII, nº. 2296, 11 jul. 1953. Folha Social, p. 4.

VIEIRA, Sanches. Decepção. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLIII, nº. 2299, 01 ago. 1953. Folha Social, p. 4.

VIGIL, Constancio C. Terra virgem. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLI, nº. 2182, 05 mai. 1951. Folha Social, p. 4.

WANDERLEY, J. Distancia. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLIII, nº. 2270, 10 jan. 1953. Folha Social, p. 4.

WANKE, Eno Theodoro. A conquista da lua. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 61, nº. 3157, p. 2, 18 out. 1969.

WANKE, Eno Theodoro. A minha filha de 14 anos. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 60, nº. 3117, p. 3, 11 jan. 1969.

WANKE, Eno Theodoro. Ao poeta jovem. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 60, nº. 3120, p. 4, 01 fev. 1969.

WANKE, Eno Theodoro. Aos jornais do interior. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 60, nº. 3148, p. 5, 16 ago. 1969.

WANKE, Eno Theodoro. As dores de Maria. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 57, nº. 2958, p. 10, 25 dez. 1965.

WANKE, Eno Theodoro. Benquerença. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 60, nº. 3112, p. 3, 07 dez. 1968.

WANKE, Eno Theodoro. Breve reencontro. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 61, nº. 3167, p. 4, 27 dez. 1969.

WANKE, Eno Theodoro. Cantigas feitas de espuma. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 55, nº. 2840, p. 5, 28 set. 1963.

WANKE, Eno Theodoro. Cerimônia nupcial. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 60, nº. 3115, p. 5, 28 dez. 1968.

WANKE, Eno Theodoro. Desejos de retorno. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 51, nº. 2674, p. 2, 08 out. 1960.

WANKE, Eno Theodoro. Em meio a vida. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 60, nº. 3123, p. 2, 22 fev. 1969.

WANKE, Eno Theodoro. Futuro encontro. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 60, nº. 3107, p. 4, 02 nov. 1968.

WANKE, Eno Theodoro. Inútil. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 60, nº. 3151, p. 2, 06 set. 1969.

WANKE, Eno Theodoro. John Kennedy. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 60, nº. 3101, p. 5, 21 set. 1968.

WANKE, Eno Theodoro. Lendo a “Via Láctea” de Bilac. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 51, nº. 2676, p. 4, 22 out. 1960.

WANKE, Eno Theodoro. Longe de ti. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 60, nº. 3122, p. 4, 15 fev. 1969.

WANKE, Eno Theodoro. Luar em Itapoã. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 60, nº. 3118, p. 2, 18 jan. 1969.

WANKE, Eno Theodoro. Madona. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 51, nº. 2684, p. 6, 17 dez. 1960.

WANKE, Eno Theodoro. Mensagem de natal. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 60, nº. 3114, p. 6, 21 dez. 1968.

WANKE, Eno Theodoro. Minhas barbas. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 60, nº. 3103, p. 4, 05 out. 1968.

WANKE, Eno Theodoro. Namorados no parque. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 60, nº. 3111, p. 2, 30 nov. 1968.

WANKE, Eno Theodoro. Nuvens, céu, terra. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 61, nº. 3158, p. 2, 25 out. 1969.

WANKE, Eno Theodoro. O anoitecer de natal. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 53, nº. 2737, p. 4, 23 dez. 1961.

WANKE, Eno Theodoro. O anoitecer do natal. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 51, nº. 2685, 24 dez. 1960. Caderno 2, p. 1.

WANKE, Eno Theodoro. O apóstolo João XXIII. **do Norte**. Feira de Santana, ano 60, nº. 3102, p. 3, 28 set. 1968.

WANKE, Eno Theodoro. O presépio. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 51, nº. 2686, p. 2, 31 dez. 1960.

WANKE, Eno Theodoro. O tempo da Terra azul. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 61, nº. 3159, p. 2, 01 nov. 1969.

WANKE, Eno Theodoro. O vôo da pombinha. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 51, nº. 2666, p. 8, 13 ago. 1960.

WANKE, Eno Theodoro. Paisagem em Congonhas do Campo (Minas). **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 60, nº. 3125, p. 3, 08 mar. 1969.

WANKE, Eno Theodoro. Quando ele veio. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 60, nº. 3108, p. 3, 09 nov. 1968.

WANKE, Eno Theodoro. Quase um beijo. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 60, nº. 3106, p. 2, 26 out. 1968.

WANKE, Eno Theodoro. Ser poesia. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 60, nº. 3119, p. 5, 25 jan. 1969.

WANKE, Eno Theodoro. Sol de cabeceira. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 61, nº. 3160, p. 2, 08 nov. 1969.

WANKE, Eno Theodoro. Trovas. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 59, nº. 3050, p. 4, 30 set. 1967.

WANKE, Eno Theodoro. Trovas. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 60, nº. 3137, p. 2, 31 mai. 1969.

WANKE, Eno Theodoro. Trovas. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 60, nº. 3138, p. 4, 07 jun. 1969.

WANKE, Eno Theodoro. Trovas. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 60, nº. 3141, p. 2, 28 jun. 1969.

WANKE, Eno Theodoro. Trovas. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 60, nº. 3142, p. 2, 05 jul. 1969.

WANKE, Eno Theodoro. Trovas. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 60, nº. 3144, p. 5, 19 jul. 1969.

WANKE, Eno Theodoro. Trovas. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 60, nº. 3145, p. 2, 26 jul. 1969.

WANKE, Eno Theodoro. Trovas. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 60, nº. 3146, p. 6, 02 ago. 1969.

ZOPPI, Antonio. Eu e o vento. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLIX, nº. 2591, 07 mar. 1959. Folha Social, p. 6.

ANEXO B: CARTAS

Lista de cartas arroladas na *Folha do Norte* entre 1951 e 1969, organizada em ordem alfabética:

[CARTA]. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 55, nº. 2846, 09 nov. 1963. Escreve o leitor, p. 6.

BASTOS, Paulo Rodrigues. A pedido – carta. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLV, nº. 2401, p. 3, 16 jul. 1955.

DORIA, Mario de Araújo. Carta aberta aos trabalhistas do Brasil. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLV, nº. 2406, p. 3, 20 ago. 1955.

FALCÃO, Wilson. Carta aberta. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLVIII, nº. 2548, p. 1, 10 mai. 1958.

FERNANDES, Zé. Cartas da serra I. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano L, nº. 2654, p. 1, 21 mai. 1960.

FERNANDES, Zé. Cartas da serra II. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 51, nº. 2661, p. 1, 09 jul. 1960.

FONSECA, José Belchior da. [Carta]. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano L, nº. 2641, 20 fev. 1960. Escreve o leitor, p. 2.

FONSECA, José Belchior da. [Carta]. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano L, nº. 2644, 12 mar. 1960. Escreve o leitor, p. 3.

FONSECA, José Belchior da. [Carta]. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano L, nº. 2648, 09 abr. 1960. Escreve o leitor, p. 2.

FONSECA, José Belchior da. [Carta]. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano L, nº. 2655, 28 mai. 1960. Escreve o leitor, p. 2.

FONSECA, José Belchior da. [Carta]. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 51, nº. 2662, 16 jul. 1960. Escreve o leitor, p. 2.

FONSECA, José Belchior da. [Carta]. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 51, nº. 2663, 23 jul. 1960. Escreve o leitor, p. 2.

FONSECA, José Belchior da. [Carta]. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 51, nº. 2671, 17 set. 1960. Escreve o leitor, p. 5.

FONSECA, José Belchior da. [Carta]. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 51, nº. 2681, 26 nov. 1960. Escreve o leitor, p. 2.

FONSECA, José Belchior da. [Carta]. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 51, nº. 2682, 03 dez. 1960. Escreve o leitor, p. 6.

FONSECA, José Belchior da. [Carta]. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 51, nº. 2683, 10 dez. 1960. Escreve o leitor, p. 5.

FONSECA, José Belchior da. [Carta]. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 51, nº. 2686, 31 dez. 1960. Escreve o leitor, p. 2.

FONSECA, José Belchior da. [Carta]. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 51, nº. 2690, 28 jan. 1961. Escreve o leitor, p. 1.

FONSECA, José Belchior da. [Carta]. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 51, nº. 2693, 18 fev. 1961. Escreve o leitor, p. 2.

FONSECA, José Belchior da. [Carta]. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 51, nº. 2694, 25 fev. 1961. Escreve o leitor, p. 1.

FONSECA, José Belchior da. [Carta]. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 51, nº. 2702, 22 abr. 1961. Escreve o leitor, p. 1.

FONSECA, José Belchior da. [Carta]. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 51, nº. 2707, 27 mai. 1961. Escreve o leitor, p. 2.

FONSECA, José Belchior da. [Carta]. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 51, nº. 2709, 10 jun. 1961. Escreve o leitor, p. 2.

FONSECA, José Belchior da. [Carta]. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 51, nº. 2716, 29 jul. 1961. Escreve o leitor, p. 5.

FONSECA, José Belchior da. [Carta]. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 51, nº. 2718, 12 ago. 1961. Escreve o leitor, p. 2.

FONSECA, José Belchior da. [Carta]. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 51, nº. 2721, 02 set. 1961. Escreve o leitor, p. 4.

FONSECA, José Belchior da. [Carta]. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 51, nº. 2723, 16 set. 1961. Escreve o leitor, p. 4.

FONSECA, José Belchior da. [Carta]. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 53, nº. 2725, 30 set. 1961. Escreve o leitor, p. 3.

FONSECA, José Belchior da. [Carta]. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 53, nº. 2727, 14 out. 1961. Escreve o leitor, p. 3.

FONSECA, José Belchior da. [Carta]. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 53, nº. 2730, 04 nov. 1961. Escreve o leitor, p. 3.

FONSECA, José Belchior da. [Carta]. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 53, nº. 2743, 03 fev. 1962. Escreve o leitor, p. 3.

FONSECA, José Belchior da. [Carta]. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 53, nº. 2745, 17 fev. 1962. Escreve o leitor, p. 3.

FONSECA, José Belchior da. [Carta]. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 53, nº. 2749, 17 mar. 1962. Escreve o leitor, p. 3.

FONSECA, José Belchior da. [Carta]. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 53, nº. 2751, 31 mar. 1962. Escreve o leitor, p. 3.

FONSECA, José Belchior da. [Carta]. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 53, nº. 2757, 12 mai. 1962. Escreve o leitor, p. 4.

FONSECA, José Belchior da. [Carta]. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 53, nº. 2758, 19 mai. 1962. Escreve o leitor, p. 4.

FONSECA, José Belchior da. [Carta]. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 53, nº. 2759, 26 mai. 1962. Escreve o leitor, p. 1.

FONSECA, José Belchior da. [Carta]. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 53, nº. 2761, 09 jun. 1962. Escreve o leitor, p. 2.

FONSECA, José Belchior da. [Carta]. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 53, nº. 2763, 23 jun. 1962. Escreve o leitor, p. 4.

FONSECA, José Belchior da. [Carta]. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 53, nº. 2766, 14 jul. 1962. Escreve o leitor, p. 5.

FONSECA, José Belchior da. [Carta]. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 54, nº. 2790, 20 out. 1962. Escreve o leitor, p. 2.

FONSECA, José Belchior da. [Carta]. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 54, nº. 2801, 29 dez. 1962. Escreve o leitor, p. 1.

FONSECA, José Belchior da. [Carta]. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 54, nº. 2806, 02 fev. 1963. Escreve o leitor, p. 4.

FONSECA, José Belchior da. [Carta]. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 54, nº. 2836, 31 ago. 1963. Escreve o leitor, p. 2.

FONSECA, José Belchior da. [Carta]. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 55, nº. 2839, 21 set. 1963. Escreve o leitor, p. 1.

FONSECA, José Belchior da. [Carta]. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 55, nº. 2846, 09 nov. 1963. Escreve o leitor, p. 2.

GRÉCIA, Diógenes. Muito obrigado, Arnold Silva! **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 54, nº. 2815, p. 1, 06 abr. 1963.

LEÃO, A. Carta aberta ao meu filho Marcone. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 57, nº. 2983, p. 5, 18 jun. 1966.

LEITE, Ciro de Carvalho. Carta aberta à Santana Filmes S. A.. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 57, nº. 2949, p. 2, 23 out. 1965.

LEITE, Geraldo. Carta à juventude brasileira. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLIII, nº. 2283, p. 1, 11 abr. 1953.

LIMA, José Sisnando. Carta do atual prefeito ao ex-secretário. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 54, nº. 2814, p. 6, 30 mar. 1963.

MASCARENHAS, José Olympio da S. COAP e Cine Íris! **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLVIII, nº. 2526, p. 2, 07 dez. 1957.

MIRAVAL, Alonso de. [CARTA]. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLIII, nº. 2298, 25 jul. 1953. À vol d'oiseau..., p. 1.

MIRAVAL, Alonso de. Carta a D. Energia Elétrica. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLIII, nº. 2288, 16 mai. 1953. À vol d'oiseau..., p. 1.

PITOMBO, Samuel. Carta a um cronista. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLIX, nº. 2582, p. 4, 03 jan. 1959.

PRADO, Dom Jackson Berenguer. A Diocese interessada pela Universidade de Feira – carta do Sr. Bispo Diocesano. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 58, nº. 3036, p. 1, 24 jun. 1967.

SANTANA, Odilon Diogo de. Outra vítima de perseguição pessedista. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 54, nº. 2836, 31 ago. 1963. Escreve o leitor, p. 6.

SILVA, Hugo. Carta a Fróes da Mota. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 51, nº. 2801, p. 1, 19 ago. 1961.

SOUZA, José Elmiro. Carta à redação. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLIII, nº. 2279, p. 4, 14 mar. 1953.

SOUZA, R. de. Carta aberta aos irmãos comunistas. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 55, nº. 2841, p. 2, 05 out. 1963.

SOUZA, Rossini. Carta aberta a um agressor. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 54, nº. 2823, p. 1, 01 jun. 1963.

ANEXO C: CONTOS

Lista de contos arrolados na Folha do Norte entre 1951 e 1969, organizada em ordem alfabética:

A MOÇA QUE VIAJA. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 52, nº. 2719, p. 4, 19 ago. 1961.

AL-KALIUBI. O leão, o urso e o homem no poço. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 58, nº. 3012, p. 2, 07 jan. 1967.

CAMPOS, Humberto de. Carnaval. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLI, nº. 2169, p. 4, 03 fev. 1951.

CARVALHO, Anacleto G. de. A bola **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLIII, nº. 2285, p. 2, 25 abr. 1953.

CARVALHO, Anacleto G. de. A mãe rainha. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLIV, nº. 2338, 01 mai. 1954. Coluna Humorística, p. 2.

CARVALHO, Anacleto G. de. A maior de Quincas. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLII, nº. 2206, p. 2, 20 out. 1951.

CARVALHO, Anacleto G. de. Compra-se bigodes! **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLIV, nº. 2335, 10 abr. 1954. Coluna Humorística, p. 3.

CARVALHO, Anacleto G. de. Desforra segura. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLII, nº. 2211, 24 nov. 1951. Coluna Humorística, p. 2.

CARVALHO, Anacleto G. de. É bom trabalhar com música? **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLII, nº. 2209, 10 nov. 1951. Coluna Humorística, p. 2.

CARVALHO, Anacleto G. de. Futurino. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLII, nº. 2233, 26 abr. 1952. Coluna Humorística, p. 2.

CARVALHO, Anacleto G. de. Na quarta página do jornal. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLII, nº. 2207, 27 out. 1951. Coluna Humorística, p. 4

CARVALHO, Anacleto G. de. Natal. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLIV, nº. 2320, p. 4, 26 dez. 1953.

CARVALHO, Anacleto G. de. Nova história de Sansão e Dalila. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLII, nº. 2224, 23 fev. 1952. Coluna Humorística, p. 4.

CARVALHO, Anacleto G. de. O apêndice de Cunegundes. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLII, nº. 2230, 05 abr. 1952. Coluna Humorística, p. 2.

CARVALHO, Anacleto G. de. O castigo da providência. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLII, nº. 2226, 08 mar. 1952. Coluna Humorística, p. 2.

CARVALHO, Anacleto G. de. O escultor miscelâneo. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLII, nº. 2222, 09 fev. 1952. Coluna Humorística, p. 2.

CARVALHO, Anacleto G. de. O maestro Filorino. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLII, nº. 2205, p. 2, 13 out. 1951.

CARVALHO, Anacleto G. de. O romance do Gerôncio. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLII, nº. 2223, 16 fev. 1952. Coluna Humorística, p. 2.

CARVALHO, Anacleto G. de. O sonho de Praxedes. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLII, nº. 2229, 29 mar. 1952. Coluna Humorística, p. 3.

CARVALHO, Anacleto G. de. O tesouro enterrado. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLII, nº. 2234, 03 mai. 1952. Coluna Humorística, p. 2.

CARVALHO, Anacleto G. de. Olá! Bigodes **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLIII, nº. 2294, 27 jun. 1953. Coluna Humorística, p. 3.

CARVALHO, Anacleto G. de. Poetas e mais poetas **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLII, nº. 2231, 12 abr. 1952. Coluna Humorística, p. 2.

CARVALHO, Anacleto G. de. Um valor artístico. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLIV, nº. 2343, 05 jun. 1954. Coluna Humorística, p. 2.

CARVALHO, Anacleto G. de. Versos, versos à mão cheia. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLII, nº. 2240, 14 jun. 1952. Coluna Humorística, p. 2.

CARVALHO, Anacleto G. de. Zé Espandongo. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLII, nº. 2220, 26 jan. 1952. Coluna Humorística, p. 2.

COELHO NETO. A escolha. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLII, nº. 2248, p. 4, 09 ago. 1952.

CONTO DE NATAL. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 57, nº. 2958, p. 9, 25 dez. 1965.

CRUZ, Adilson. Vingança de garoto. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 58, nº. 3010, p. 3, 24 dez. 1966.

FONSECA, José Belchior da. O chapéu e o travesseiro. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 55, nº. 2881, p. 4, 11 jul. 1964.

FONSECA, José Belchior da. O leão e a minhoca. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 55, nº. 2878, p. 7, 20 jun. 1964.

JOBEL. A história duma pulga **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 53, nº. 2745, p. 2, 17 fev. 1962.

LEÃO, Abel. A madeira e seus sofrimentos. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 57, nº. 2945, p. 2, 25 set. 1965.

LEÃO, Abel. Acerto de tabaréu. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 57, nº. 2985, p. 6, 02 jul. 1966.

LEÃO, Abel. Cara esquisita. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 57, nº. 2991, p. 3, 13 ago. 1966.

LEÃO, Abel. Equívoco. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 57, nº. 2984, p. 6, 25 jun. 1966.

LEÃO, Abel. Noiva maliciosa. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 57, nº. 2988, p. 4, 23 jul. 1966.

LEÃO, Abel. O presente de Manoel. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 57, nº. 2958, p. 5, 25 dez. 1965.

LEITE, Geraldo. Posta restante. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLIII, nº. 2293, p. 1, 20 jun. 1953.

LESSA, Elsie. Crônica de natal: Um mendigo que dava esmolas. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLIX, nº. 2581, p. 2, 27 dez. 1958.

M. G. S. Castelo de ilusões. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 55, nº. 2879, p. 3, 27 jun. 1964.

MIRAVAL, Alonso. A peregrinação da pequena centelha. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLIII, nº. 2292, 13 jun. 1953. À vol d'oiseau..., p. 1.

MIRAVAL, Alonso. Colcha de retalhos **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLIII, nº. 2284, 18 abr. 1953. À vol d'oiseau..., p. 1.

MIRAVAL, Alonso. O leão e o burro caçando. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLIII, nº. 2270, 10 jan. 1953. À vol d'oiseau..., p. 1.

MONTEIRO FILHO, José. Perdi um amigo. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 54, nº. 2807, p. 1, 09 fev. 1963.

NEVIO. Coisas da vida: A morte de João. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 54, nº. 2806, p. 2, 02 fev. 1963.

NEVIO. Noite maviosa. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 54, nº. 2805, p. 2, 26 jan. 1963.

NICOLAU, Antonio. O menino e o pássaro. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 61, nº. 3160, p. 6, 08 nov. 1969.

NICOLAU, Antonio. Os dramas da vida. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 60, nº. 3142, p. 4, 05 jul. 1969.

OLINDA, Cap. Horton Pereira de. As rugas do camarada. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLVII, nº. 2506, p. 1, 20 jul. 1957.

OLIVEIRA, Souza. Uma tesoura que é um tesouro (memórias). **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLIV, nº. 2314, p. 4, 14 nov. 1953.

PAULO, Olney Alberto São. Sede. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 52, nº. 2692, p. 2, 11 fev. 1961.

PAULO, Valneide José São. Quando brilham as estrelas. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 52, nº. 2699, p. 2, 01 abr. 1961.

PAULO, Valneide José São. Um grito de terror. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 52, nº. 2702, p. 2, 22 abr. 1961.

PICHANE, O GATO TURISTA. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 55, nº. 2877, p. 4, 13 jun. 1964.

RAMOS, Jorge. A careta. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLII, nº. 2251, 30 ago. 1952. Crônicas de Portugal, p. 4.

RAMOS, Jorge. Alvorada. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLIII, nº. 2258, 18 out. 1952. Crônicas de Portugal, p. 4.

RAMOS, Jorge. Aptidão e dispersão. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLII, nº. 2248, 09 ago. 1952. Crônicas de Portugal, p. 4.

RAMOS, Jorge. Caso grave de agulha e linha. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLII, nº. 2253, 13 set. 1952. Crônicas de Portugal, p. 4.

RAMOS, Jorge. Dia de chuva. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLIII, nº. 2260, 01 nov. 1952. Crônicas de Portugal, p. 2.

RAMOS, Jorge. Livros de memórias. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLII, nº. 2252, 06 set. 1952. Crônicas de Portugal, p. 4.

RAMOS, Jorge. Outra espécie de romantismo. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLIII, nº. 2256, 04 out. 1952. Crônicas de Portugal, p. 4.

RAMOS, Jorge. Serpentes, sem pele **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLII, nº. 2250, 23 ago. 1952. Crônicas de Portugal, p. 4.

RAMOS, Jorge. Sua irreverência, o gato... **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLII, nº. 2249, 16 ago. 1952. Crônicas de Portugal, p. 4.

RAMOS, Jorge. Tabuleta e realidade. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLIII, nº. 2255, 27 set. 1952. Crônicas de Portugal, p. 4.

RAMOS, Jorge. Viajar. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLIII, nº. 2254, 20 set. 1952. Crônicas de Portugal, p. 4.

REGO, José Lins do. Momo e o menino novo. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLI, nº. 2172, p. 3, 24 fev. 1951.

ROSSINI. O negro da ilha. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 51, nº. 2682, p. 1, 03 dez. 1960.

SARKIS, Khalil Ramez. No dia em que Jesus nasceu. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 57, nº. 2958, p. 10, 25 dez. 1965.

SCHMIDT, Augusto Frederico. Conto do mistério de natal. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 51, nº. 2686, p. 2, 31 dez. 1960.

SILVA, José. Presente de natal. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 57, nº. 2958, p. 1, 25 dez. 1965.

SOUZA, Rossini. Obrigado, papai Noel. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 60, nº. 3114, p. 1, 21 dez. 1968.

VIGIL, Constancio C. A porta. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLI, nº. 2177, p. 2, 31 mar. 1951.

ANEXO D: CRÔNICAS

Lista de crônicas arroladas na *Folha do Norte* entre 1951 e 1969, organizada em ordem alfabética:

AFRODITE. Os voltados do Ceará. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 55, nº. 2869, 18 abr. 1964. Carrossel, p. 3.

AFRODITE. Sua volta. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 55, nº. 2873, 16 mai. 1964. Carrossel, p. 5.

ALBERTO, Olney. Falando de cinema: “Redenção”. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano L, nº. 2622, p. 1, 10 out. 1959.

ALBERTO, Olney. Fim das chanchadas. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 52, nº. 2711, 24 jun. 1961. Cinema, p. 2.

ALBERTO, Olney. Hiroshima meu amor. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 53, nº. 2762, 16 jun. 1962. Cinema, p. 4.

ALENCAR, Hélder. “A Kultura sufoca”. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 60, nº. 3149, p. 1, 23 ago. 1969.

ALENCAR, Hélder. A atitude de Lomanto. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 55, nº. 2839, p. 1, 21 set. 1963.

ALENCAR, Hélder. A beira da morte. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 55, nº. 2846, p. 1, 09 nov. 1963.

ALENCAR, Hélder. A grande lição. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 57, nº. 2984, p. 1, 25 jun. 1966.

ALENCAR, Hélder. A grandeza de Ruy **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 56, nº. 2913, 13 fev. 1965. Hélder Alencar informa, p. 1.

ALENCAR, Hélder. A hora da cultura. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 58, nº. 3023, p. 1, 25 mar. 1967.

ALENCAR, Hélder. A marcha prossegue **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 56, nº. 2919, 27 mar. 1965. Hélder Alencar informa, p. 1.

ALENCAR, Hélder. A nova idade da “Folha” **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 57, nº. 2944, 17 set. 1965. Hélder Alencar informa, p. 1.

ALENCAR, Hélder. A revolução continua. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 55, nº. 2878, p. 1, 20 jun. 1964.

ALENCAR, Hélder. A voz do povo **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 56, nº. 2920, 03 abr. 1965. Hélder Alencar informa, p. 1.

ALENCAR, Hélder. Concórdia universal **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 56, nº. 2922, 17 abr. 1965. Hélder Alencar informa, p. 1.

ALENCAR, Hélder. Confiemos nas “feras”. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 60, nº. 3146, p. 1, 02 ago. 1969.

ALENCAR, Hélder. Cuidado com eles! **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 55, nº. 2885, p. 1, 08 ago. 1964.

ALENCAR, Hélder. Divagações de uma manhã (encalorada) de segunda-feira. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 60, nº. 3147, p. 1, 09 ago. 1969.

ALENCAR, Hélder. Dois assuntos. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 60, nº. 3152, p. 1, 13 set. 1969.

ALENCAR, Hélder. Duas comemorações. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 61, nº. 3155, p. 1, 04 out. 1969.

ALENCAR, Hélder. E a água subiu... **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 54, nº. 2838, p. 1, 14 set. 1963.

ALENCAR, Hélder. E agora? **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 61, nº. 3158, p. 1, 25 out. 1969.

ALENCAR, Hélder. Estação rodoviária. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 54, nº. 2827, p. 1, 29 jun. 1963.

ALENCAR, Hélder. Fenômeno publicitário. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 60, nº. 3148, p. 1, 18 ago. 1969.

ALENCAR, Hélder. FERAS: primeira etapa vencida. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 60, nº. 3151, p. 1, 06 set. 1969.

ALENCAR, Hélder. Justa homenagem. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 54, nº. 2829, p. 1, 13 jul. 1963.

ALENCAR, Hélder. Manoel Ferreira. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 61, nº. 3156, p. 1, 11 out. 1969.

ALENCAR, Hélder. Mensagem a um mendigo qualquer. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 54, nº. 2828, p. 1, 06 jul. 1963.

ALENCAR, Hélder. Morreu um santo. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 54, nº. 2824, p. 1, 08 jun. 1963.

ALENCAR, Hélder. O futuro já chegou. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 60, nº. 3145, p. 1, 26 jul. 1969.

ALENCAR, Hélder. O sabiá. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 60, nº. 3141, p. 1, 28 jun. 1969.

ALENCAR, Hélder. Oswaldo Requião. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 61, nº. 3154, p. 1, 27 set. 1969.

ALENCAR, Hélder. Reencontro com Machado. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 60, nº. 3144, p. 6, 19 jul. 1969.

ALENCAR, Hélder. Sertão: um brado contra a mediocridade. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 55, nº. 2854, 04 jan. 1964. Panorama, p. 1.

ALENCAR, Hélder. Um ano de administração. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 55, nº. 2867, p. 6, 04 abr. 1964.

ALENCAR, Hélder. Um ano depois. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 60, nº. 3150, p. 1, 30 ago. 1969.

ALENCAR, Hélder. Um encontro proveitoso. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 61, nº. 3153, p. 1, 21 set. 1969.

ALENCAR, Hélder. Um hotel. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 54, nº. 2832, p. 2, 03 ago. 1963.

ALENCAR, Hélder. Um presente. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 54, nº. 2837, p. 1, 07 set. 1963.

ALENCAR, Hélder. Uma contemporânea do padre Ovídeo. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 56, nº. 2918, 20 mar. 1965. Hélder Alencar informa, p. 1.

ALENCAR, Vilobaldo. Um herói. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 57, nº. 2968, p. 3, 05 mar. 1966.

ALENCAR, Viobaldo. Poeta Augusto dos Anjos. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano L, nº. 2640, p. 2, 13 fev. 1960.

ALKMIM, Tereza. O lobo que comeu o prefeito de Feira de Santana. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 58, nº. 3026, p. 1, 15 abr. 1967.

ALMEIDA, Raimundo Oliveira. O equívoco do mestre. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 56, nº. 2928, p. 8, 29 mai. 1965.

ALVES, Edjanira. Suave despertar. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 55, nº. 2845, p. 4, 02 nov. 1963.

ALVES, Fernando. A grande jornada do Nordeste. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLII, nº. 2253, 13 set. 1952. Disco voador, p. 4.

ALVES, Fernando. A lagoa de Brito. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLI, nº. 2190, 30 jun. 1951. Disco voador, p. 1.

ALVES, Fernando. A pontual. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLI, nº. 2194, 28 jul. 1951. Disco voador, p. 1.

ALVES, Fernando. A torre da igreja Senhor dos Passos. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLII, nº. 2248, 09 ago. 1952. Disco voador, p. 1.

ALVES, Fernando. Avenida sossego. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLI, nº. 2189, 23 jun. 1951. Disco voador, p. 4.

ALVES, Fernando. Desfile e elegância. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLII, nº. 2247, 02 ago. 1952. Disco voador, p. 1.

ALVES, Fernando. Dois lados. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLI, nº. 2196, 11 ago. 1951. Disco voador, p. 4.

ALVES, Fernando. Fatos da cidade. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLI, nº. 2192, 14 jul. 1951. Disco voador, p. 1.

ALVES, Fernando. Feirenses, sentido! **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLII, nº. 2250, 23 ago. 1952. Disco voador, p. 4.

ALVES, Fernando. Festa ou bagunça. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLII, nº. 2252, 06 set. 1952. Disco voador, p. 4.

ALVES, Fernando. Fiat Lux. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLI, nº. 2193, 21 jul. 1951. Disco voador, p. 4.

ALVES, Fernando. Grande congresso médico. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLIII, nº. 2257, 11 out. 1952. Disco voador, p. 4.

ALVES, Fernando. O ABC do Recife. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLIII, nº. 2254, 20 set. 1952. Disco voador, p. 4.

ALVES, Fernando. O espólio de Feira de Santana. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLI, nº. 2191, 07 jul. 1951. Disco voador, p. 4.

ALVES, Fernando. O frigorífico. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLII, nº. 2251, 30 ago. 1952. Disco voador, p. 4.

ALVES, Fernando. Os mártires de Chateaubriand. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLIII, nº. 2258, 18 out. 1952. Disco voador, p. 4.

ALVES, Fernando. Os satélites. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLVIII, nº. 2545, 19 abr. 1958. Disco voador, p. 6.

ALVES, Fernando. Parabéns deputado Alberto Deodato. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLII, nº. 2249, 16 ago. 1952. Disco voador, p. 4.

ALVES, Fernando. Paulo Afonso. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLIII, nº. 2255, 27 set. 1952. Disco voador, p. 4.

ALVES, Fernando. Paus de arara. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLIII, nº. 2259, 25 out. 1952. Disco voador, p. 4.

ALVES, Fernando. Tribunal da alcada. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLI, nº. 2198, 25 ago. 1951. Disco voador, p. 4.

ALVES, Fernando. Venceslaubraz. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLVIII, nº. 2544, 12 abr. 1958. Disco voador, p. 2.

ANDRADE, Carlos Drumonnd de. Milton: presente. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 51, nº. 2673, p. 1, 01 out. 1960.

ARAÚJO, Heitor. Dia das mães. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 58, nº. 3030, p. 6, 13 mai. 1967.

ARAÚJO, Pe. Heitor. O dois de novembro. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 59, nº. 3059, p. 2, 02 dez. 1967.

ASSAD, José Jorge. Desfile Matarazzo. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano L, nº. 2626, p. 4, 07 nov. 1959.

AURÉLIO, Marco. O Rei Sol. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 51, nº. 2682, p. 2, 03 dez. 1960.

BARBOSA, Hélio. A Bahia no cenário. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 60, nº. 3127, p. 4, 22 mar. 1969.

BARBOSA, Hélio. A festa. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 60, nº. 3118, p. 1, 18 jan. 1969.

BARBOSA, Hélio. A princesa e seu colar. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 59, nº. 3095, p. 1, 10 ago. 1968.

BARBOSA, Hélio. Angústia. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 59, nº. 3097, p. 1, 24 ago. 1968.

BARBOSA, Hélio. Apolo 8. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 60, nº. 3116, p. 1, 04 jan. 1969.

BARBOSA, Hélio. Bancos 35. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 59, nº. 3096, p. 6, 17 ago. 1968.

BARBOSA, Hélio. Banda feminina. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 60, nº. 3120, p. 1, 01 fev. 1969.

BARBOSA, Hélio. Brasão. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 60, nº. 3115, p. 1, 28 dez. 1968.

BARBOSA, Hélio. Chegou quem faltava. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 60, nº. 3113, p. 6, 14 dez. 1968.

BARBOSA, Hélio. Coração de papel. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 60, nº. 3103, p. 6, 05 out. 1968.

BARBOSA, Hélio. Falece uma relíquia. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 60, nº. 3110, p. 1, 23 nov. 1968.

BARBOSA, Hélio. Independência. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 59, nº. 3099, p. 1, 07 set. 1968.

BARBOSA, Hélio. Madrugada. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 59, nº. 3098, p. 1, 31 ago. 1968.

BARBOSA, Hélio. Morte. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 60, nº. 3107, p. 1, 02 nov. 1968.

BARBOSA, Hélio. O último domingo. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 60, nº. 3101, p. 5, 21 set. 1968.

BARBOSA, Hélio. Onde mora a felicidade? **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 60, nº. 3114, p. 5, 21 dez. 1968.

BARBOSA, Hélio. Rebeldia da juventude. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 60, nº. 3105, p. 1, 19 out. 1968.

BARBOSA, Hélio. Revolução – 5º ano. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 60, nº. 3129, p. 4, 05 abr. 1969.

BARBOSA, Hélio. Samuel, povo e morte. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 61, nº. 3156, p. 1, 11 out. 1969.

BARBOSA, Hélio. Segredos de Feira de Santana. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 59, nº. 3100, p. 1, 14 set. 1968.

BARBOSA, Hélio. Semente que floresceu. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 60, nº. 3104, p. 1, 12 out. 1968.

BARBOSA, Hélio. Será que você viu? **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 60, nº. 3112, p. 6, 07dez. 1968.

BARBOSA, Hélio. Solentepapelar. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 60, nº. 3106, p. 1, 26 out. 1968.

BARBOSA, Hélio. Um dia na história. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 60, nº. 3111, p. 6, 30 nov. 1968.

BARBOSA, Hélio. Uma flor da ciência. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 60, nº. 3101, p. 6, 21 set. 1968.

BARBOSA, Hélio. Velhice. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 60, nº. 3102, p. 1, 28 set. 1968.

BARBOSA, Hélio. Velho que remoçou. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 60, nº. 3108, p. 1, 09 nov. 1968.

BARBOSA, Hélio. Vício e hábito. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 60, nº. 3119, p. 2, 25 jan. 1969.

BARBOSA, Ruy. O jogo. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLII, nº. 2205, p. 1, 13 out. 1951.

BARBOSA, Ruy. Prece de natal. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 51, nº. 2685, 24 dez. 1960. Caderno 1, p. 2.

BARBOSA, Ruy. Prece de natal. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 55, nº. 2852, p. 1, 21 dez. 1963.

BARBOSA, Ruy. Prece de natal. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 57, nº. 2958, p. 10, 25 dez. 1965.

BARROSO FILHO, Germano. Contra os apetites. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLIX, nº. 2568, p. 1, 27 set. 1958.

BARROSO FILHO, Germano. Sinal e prova. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLIX, nº. 2567, p. 1, 20 set. 1958.

BASTOS, Hernaldo R. Nossa policiamento. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLVII, nº. 2510, p. 2, 17 ago. 1957.

BERNARD, Florence. Neste mês de dezembro. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLII, nº. 2215, p. 1, 22 dez. 1951.

BOCAIÚVA, Quintino. A literatura e a liberdade. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 53, nº. 2741, 20 jan. 1962. Coluna estudantil, p. 3.

BOER, Prof. Nicola. A imprensa estrangeira e o Ato Institucional N.2. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 57, nº. 2956, p. 2, 11 dez. 1965.

BORGES, Antonio. A grandeza de uma obra. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 58, nº. 3027, p. 1, 22 abr. 1967.

BRANCA, Luiza Pedra. Primavera. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano L, nº. 2620, p. 2, 26 set. 1959.

BRANCA, Profª. Luiza Pedra. A minha mensagem... **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLIX, nº. 2596, p. 2, 11 abr. 1959.

BRUNO, Mário A. Pátria e a existência. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 54, nº. 2796, p. 1, 24 nov. 1962.

CABRAL, Antonio Leopoldo. Jangoladas **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLIV, nº. 2321, p. 4, 02 jan. 1954.

CABRAL, Antonio Leopoldo. Jangoladas **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLIV, nº. 2322, p. 2, 09 jan. 1954.

CABRAL, Antonio Leopoldo. Jangoladas **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLIV, nº. 2324, p. 3, 23 jan. 1954.

CABRAL, Antonio Leopoldo. Jangoladas **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLIV, nº. 2325, p. 2, 30 jan. 1954.

CABRAL, Antonio Leopoldo. Jangoladas **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLIV, nº. 2329, p. 2, 27 fev. 1954.

CARNEIRO, Luis Dantas. A mestra Isaura Paiva. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 60, nº. 3115, p. 1, 28 dez. 1968.

CARNEIRO, Pe. Albertino. Afinal, que vamos fazer deste Concílio Vaticano II? **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 58, nº. 3000, p. 10, 15 out. 1966.

CARVALHO, Anacleto G. de. Menos injustiça. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLV, nº. 2407, p. 2, 27 ago. 1955.

CARVALHO, Anacleto G. Ladrão de línguas. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLIV, nº. 2348, p. 3, 10 jul. 1954.

CARVALHO, Anacleto. Ano novo. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLII, nº. 2216, p. 4, 29 dez. 1951.

CARVALHO, Cícero. Política de conciliação. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLVII, nº. 2487, p. 1, 09 mar. 1957.

CASAES, Nabor de Oliveira. Bahia cidade da poesia. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 60, nº. 3127, p. 2, 22 mar. 1969.

CERQUEIRA, Antonio Carlos S. 2 de julho. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 54, nº. 2829, p. 3, 13 jul. 1963.

CERQUEIRA, Antonio Carlos S. A esperança que vive. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 55, nº. 2884, p. 2, 01 ago. 1964.

CERQUEIRA, Antonio Carlos S. A um povo. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 54, nº. 2827, p. 1, 29 jun. 1963.

CERQUEIRA, Antonio Carlos S. Dia dos namorados. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 54, nº. 2825, p. 4, 15 jun. 1963.

CERQUEIRA, Antonio Carlos S. Eles... Os loucos. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 54, nº. 2830, p. 2, 20 jul. 1963.

CERQUEIRA, Antonio Carlos S. Feliz ano novo, Excelênciia. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 55, nº. 2854, p. 1, 04 jan. 1964.

CERQUEIRA, Antonio Carlos S. O 6º sentido. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 54, nº. 2831, p. 1, 27 jul. 1963.

CERQUEIRA, Antonio Carlos S. O inventor das reformas. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 54, nº. 2837, p. 4, 07 set. 1963.

CERQUEIRA, Antonio Carlos S. Os parasitas. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 54, nº. 2833, p. 3, 10 ago. 1963.

CERQUEIRA, Antonio Carlos S. Tudo que governa. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 55, nº. 2856, p. 1, 18 jan. 1964.

CERQUEIRA, Antonio Carlos S. Um gigante. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 54, nº. 2826, p. 1, 22 jun. 1963.

CERQUEIRA, Antonio Carlos S. Vidas que se acabam. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 55, nº. 2886, p. 3, 15 ago. 1964.

CERQUEIRA, Francisco Leônco. A atrofia intelectual da nova geração. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 57, nº. 2972, p. 3, 02 abr. 1966.

CERQUEIRA, Francisco Leônco. O homem, o macaco e o bom senso. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 57, nº. 2971, p. 1, 26 mar. 1966.

CHAGAS, Zoila Ribeiro. “Bossa Nova”. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano L, nº. 2660, p. 4, 02 jul. 1960.

CHAGAS, Zoila Ribeiro. A educação necessária. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLIX, nº. 2573, p. 2, 01 nov. 1958.

CHAGAS, Zoila Ribeiro. A nossa pior inimiga. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLIX, nº. 2576, p. 2, 22 nov. 1958.

CHAGAS, Zoila Ribeiro. Amigos sinceros. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 51, nº. 2661, p. 4, 09 jul. 1960.

CHAGAS, Zoila Ribeiro. Arma de dois gumes. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLIX, nº. 2581, p. 4, 27 dez. 1958.

CHAGAS, Zoíla Ribeiro. Calor e literatura. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 51, nº. 2667, p. 6, 20 ago. 1960.

CHAGAS, Zoíla Ribeiro. Casar ou não casar. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano L, nº. 2634, p. 6, 02 jan. 1960.

CHAGAS, Zoíla Ribeiro. Coisas que acontecem. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 51, nº. 2665, p. 4, 06 ago. 1960.

CHAGAS, Zoíla Ribeiro. Compreensão recíproca. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLIX, nº. 2577, p. 5, 29 nov. 1958.

CHAGAS, Zoíla Ribeiro. Crônica de agradecimento. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 51, nº. 2680, p. 8, 19 nov. 1960.

CHAGAS, Zoíla Ribeiro. Crônica de natal. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLIX, nº. 2580, p. 2, 20 dez. 1958.

CHAGAS, Zoíla Ribeiro. Fraquezas e fracassos. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano L, nº. 2653, p. 4, 14 mai. 1960.

CHAGAS, Zoíla Ribeiro. História e sociologia. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 53, nº. 2741, p. 2, 20 jan. 1962.

CHAGAS, Zoíla Ribeiro. Juventude, esperança da pátria. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 51, nº. 2678, p. 4, 05 nov. 1960.

CHAGAS, Zoíla Ribeiro. Luta desigual. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 51, nº. 2670, p. 8, 10 set. 1960.

CHAGAS, Zoíla Ribeiro. Meu amigo escritor. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 51, nº. 2673, p. 8, 01 out. 1960.

CHAGAS, Zoíla Ribeiro. O país das esperanças. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano L, nº. 2642, p. 4, 27 fev. 1960.

CHAGAS, Zoíla Ribeiro. O país das esperanças. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano L, nº. 2644, p. 4, 12 mar. 1960.

CHAGAS, Zoíla Ribeiro. O ponto bom. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLIX, nº. 2574, p. 2, 08 nov. 1958.

CHAGAS, Zoíla Ribeiro. O protótipo do rapaz atual. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano L, nº. 2637, p. 4, 23 jan. 1960.

CHAGAS, Zoíla Ribeiro. Ouvindo, contando... e comentando. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 51, nº. 2674, p. 6, 08 out. 1960.

CHAGAS, Zoíla Ribeiro. Paciência de brasileiro. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 51, nº. 2663, p. 4, 23 jul. 1960.

CHAGAS, Zoila Ribeiro. Progresso? **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 51, nº. 2669, p. 6, 03 set. 1960.

CHAGAS, Zoila Ribeiro. Quatro princípios. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 51, nº. 2664, p. 6, 30 jul. 1960.

CHAGAS, Zoila Ribeiro. Semana da criança. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 51, nº. 2676, p. 6, 22 out. 1960.

CHAGAS, Zoila Ribeiro. Ser ou não ser. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano L, nº. 2652, p. 4, 07 mai. 1960.

CHAGAS, Zoila Ribeiro. Tendência para mentir. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLV, nº. 2575, p. 4, 15 nov. 1958.

CHAGAS, Zoila Ribeiro. Trabalho e ociosidade. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLIX, nº. 2579, p. 2, 13 dez. 1958.

CHALITTA, Mansour. Natal e o mundo da criança. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 57, nº. 2958, p. 8, 25 dez. 1965.

CHRISTINA, Waldete. Madrigal de Feira de Santana. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 54, nº. 2796, p. 1, 24 nov. 1962.

COQUEIJO, Carlos. Crônica da segunda-feira. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 57, nº. 2978, p. 2, 14 mai. 1966.

CORÇÃO, Gustavo. Comparações. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 52, nº. 2720, 26 ago. 1961. Crônica da semana, p. 2.

COSTA, Paulo Dias da. As profundezas do coração humano. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 57, nº. 2975, p. 8, 23 abr. 1966.

COZZI, Oduvaldo. Londres chamando. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 57, nº. 2968, p. 3, 05 mar. 1966.

DÓREA, Adalberto da Costa. 22/05/1965 – nº. 2927 Que haja paz entre os homens. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 56, nº. 2927, p. 1, 22 mai. 1965.

DÓREA, Adalberto da Costa. A Feira e o progresso. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 58, nº. 3000, p. 1, 15 out. 1966.

DÓREA, Adalberto da Costa. A grande decepção. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 52, nº. 2723, 16 set. 1961. Crônica da semana, p. 2.

DÓREA, Adalberto da Costa. A paz que chegou no Oriente. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 58, nº. 3036, p. 3, 24 jun. 1967.

DÓREA, Adalberto da Costa. A paz que não chega. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 59, nº. 3062, p. 1, 23 dez. 1967.

DÓREA, Adalberto da Costa. A residência universitária e o dinamismo de um povo. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 59, nº. 3049, p. 1, 23 set. 1967.

DÓREA, Adalberto da Costa. A revolução que precisamos fazer. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 57, nº. 3010, p. 4, 24 dez. 1966.

DÓREA, Adalberto da Costa. Mudança de regime. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 57, nº. 2944, p. 1, 17 set. 1965.

DÓREA, Adalberto da Costa. Natal da esperança. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 57, nº. 2958, p. 1, 25 dez. 1965.

DÓREA, Adalberto da Costa. O ansiado salto para o futuro. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 58, nº. 3024, p. 8, 01 abr. 1967.

DÓREA, Adalberto da Costa. O estudante e o governo. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 58, nº. 2999, p. 3, 08 out. 1966.

DÓREA, Adalberto da Costa. O grande herói. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 55, nº. 2869, p. 3, 18 abr. 1964.

DÓREA, Adalberto da Costa. O grande salto para o futuro. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 59, nº. 3056, p. 4, 11 nov. 1967.

DÓREA, Adalberto da Costa. O progresso espacial. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 57, nº. 2974, p. 2, 16 abr. 1966.

DÓREA, Adalberto da Costa. Os proveitos de uma revolução. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 55, nº. 2879, p. 2, 27 jun. 1964.

DÓREA, Adalberto da Costa. Uma mensagem de esperança. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 57, nº. 2948, p. 8, 16 out. 1965.

DÓREA, Adalberto da Costa. Uma visita ilustre. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 56, nº. 2915, p. 4, 27 fev. 1965.

DÓREA, Adalberto da Costa. Vietnã: começo do fim? **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 57, nº. 2957, p. 1, 18 dez. 1965.

DUARTE, J. Eles nos temem. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLII, nº. 2213, p. 4, 08 dez. 1951.

DUARTE, Orlando. Futebol do Brasil tem um defeito: o excesso. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 57, nº. 2979, p. 4, 21 mai. 1966.

ELEUTÉRIO, Nelson. Juventude transviada? **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 58, nº. 2999, p. 6, 08 out. 1966.

FERACINE, Luiz. Aspecto cultural. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 57, nº. 2961, p. 1, 15 jan. 1966.

FERRAZ, Geraldo. Raimundo de Oliveira. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLIX, nº. 2616, p. 4, 29 ago. 1959.

FONSECA, Celso. O gigante adormecido. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLVII, nº. 2506, p. 2, 20 jul. 1957.

FREITAS, Augusto. A Feira e o Congresso Médico. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 52, nº. 2714, p. 1, 15 jul. 1961.

GALVÃO, Padre Renato. O sentido cristão de uma Diocese. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 54, nº. 2811, p. 1, 09 mar. 1963.

GALVÃO, Padre Renato. Pela união de todos os cristãos. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 57, nº. 2993, p. 3, 27 ago. 1966.

GASPARINI, Savino. Inteligência e caráter. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLVI, nº. 2451, p. 3, 30 jun. 1956.

GERMANO FILHO. Divórcio à italiana. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 58, nº. 3020, p. 4, 04 mar. 1967.

GLÊDSON. Crônica de retorno. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 55, nº. 2842, p. 2, 12 out. 1963.

GÓES, Jorge de Faria. Minha despedida. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLVIII, nº. 2551, p. 1, 31 mai. 1958.

GRÉCIA, Diógenes da. A renúncia do ex-prefeito. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 56, nº. 2928, p. 1, 29 mai. 1965.

GRÉCIA, Diógenes da. Críticos virtuosos. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 52, nº. 2718, p. 1, 12 ago. 1961.

GRÉCIA, Diógenes da. Legado de luzes. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 58, nº. 3014, p. 1, 21 jan. 1967.

GRÉCIA, Diógenes da. Um triênio incompleto. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 58, nº. 3024, p. 7, 01 abr. 1967.

GUELB, Samuel. “Vésperas de Reis” – novo sucesso da SCAFS. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 56, nº. 2915, p. 1, 27 fev. 1965.

GUELB, Samuel. Uma aventura no sertão. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 55, nº. 2880, p. 4, 04 jul. 1964.

H. E. S. Governo, governo de verdade. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLIX, nº. 2572, p. 1, 25 out. 1958.

H. S. E a vida continua. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLIX, nº. 2605, p. 1, 13 jun. 1959.

H. S. Os irmãos Karamazov. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLIX, nº. 2610, 18 jul. 1959. Cinema, p. 1.

HENRIQUE, Luis. Feira de Santana. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLIX, nº. 2610, p. 1, 18 jul. 1959.

LEÃO, A. Pedro. A Feira de Santana. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 52, nº. 2723, p. 2, 16 set. 1961.

LEÃO, A. Pedro. Ajuda providencial. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 53, nº. 2755, p. 3, 28 abr. 1962.

LEITE, Geraldo. As missões rurais e o problema da educação no interior. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLIII, nº. 2294, p. 1, 27 jun. 1953.

LEITE, Geraldo. Heróis caninos. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLIII, nº. 2281, p. 1, 28 mar. 1953.

LEITE, Geraldo. Um “jardim de infância” em Feira de Santana. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLIII, nº. 2280, p. 1, 21 mar. 1953.

LEITE, Rogaciano. As três maiores feiras do Nordeste. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 54, nº. 2795, p. 1, 17 nov. 1962.

LEMOS, Virgilio de. Prof. Dr. Filinto Bastos: glória do magistério e honra da magistratura. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLVII, nº. 2474, p. 1, 08 dez. 1956.

LIMA, Galileu. A luta pelo direito. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 60, nº. 3135, p. 1, 17 mai. 1969.

LIMA, Mário Souza. A realidade do Cristo. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 58, nº. 3019, p. 3, 25 fev. 1967.

LIMA, Mário Souza. Feliz iniciativa. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 58, nº. 3020, p. 3, 04 mar. 1967.

LIMA, Sisnando. Os irmãos Boaventura. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 55, nº. 2841, p. 1, 05 out. 1963.

LOPES, Epaminondas Souza. Os estudantes feirenses e a alfabetização das massas. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 54, nº. 2834, p. 5, 17 ago. 1963.

LUCENA. Isto é juventude. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 55, nº. 2842, p. 2, 12 out. 1963.

M. G. S. Renúncia. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 56, nº. 2916, p. 4, 06 mar. 1965.

MACHADO, Franklin de C. 108 km., 2,30 Horas, 38 graus. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 57, nº. 2971, p. 3, 26 mar. 1966.

MACHADO, Franklin de C. Bahia, a festa permanente. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 57, nº. 2972, p. 6, 02 abr. 1966.

MACHADO, Franklin de C. Geração 40. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 57, nº. 2973, p. 1, 09 abr. 1966.

MACHADO, Franklin de C. Maior cidade da Sulamérica. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 58, nº. 2996, p. 1, 17 set. 1966.

MACHADO, Franklin de C. Meu calhambeque! Pi, Pi... **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 57, nº. 2977, p. 2, 07 mai. 1966.

MACHADO, Franklin de C. Micareta 66. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 57, nº. 2975, p. 7, 23 abr. 1966.

MACHADO, Franklin de C. Morações em torno de uma brasa. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 57, nº. 2995, p. 6, 10 set. 1966.

MACHADO, Franklin de C. Nunca mais será assim. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 57, nº. 2980, p. 6, 28 mai. 1966.

MACHADO, Franklin de C. O “Yé-Yé-Yé” e Eu. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 57, nº. 2979, p. 9, 21 mai. 1966.

MACHADO, Franklin de C. O que se quer dizer a quem se quer. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 57, nº. 2978, p. 6, 14 mai. 1966.

MACHADO, Franklin de C. Os caminhos do gado passam de novo por Feira. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 58, nº. 3023, p. 2, 25 mar. 1967.

MACHADO, Franklin de C. Para que serve o jornal? **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 57, nº. 2974, p. 2, 16 abr. 1966.

MACHADO, Franklin de C. Um giro pelo sul I. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 58, nº. 2998, p. 6, 01 out. 1966.

MACHADO, Franklin de C. Um giro pelo sul II. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 58, nº. 2999, p. 1, 08 out. 1966.

MACHADO, Franklin de C. Um museu particular. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 58, nº. 3005, p. 5, 19 nov. 1966.

MACHADO, Franklin de C. Um romancista boliviano. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 58, nº. 3021, p. 8, 11 mar. 1967.

MACHADO, Franklin de C. Uruguai, a Suíça americana. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 58, nº. 2997, p. 8, 24 set. 1966.

MACHADO, Lourival G. 29/11/1952 – nº. 2264 O Jogo. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLIII, nº. 2264, p. 4, 29 nov. 1952.

MÃE. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 52, nº. 2705, p. 5, 13 mai. 1961.

MAGNO, Joel. Morreu dudinha. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 54, nº. 2822, p. 1, 25 mai. 1963.

MALTA, José. O aumento da água. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 54, nº. 2833, 10 ago. 1963. Crônica da semana, p. 1.

MARCUS. Democracia. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 56, nº. 2894, p. 4, 03 out. 1964.

MARCUS. Metamorfose. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 55, nº. 2887, p. 4, 22 ago. 1964.

MARCUS. O heroísmo. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 56, nº. 2892, p. 1, 19 set. 1964.

MARCUS. O saber. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 55, nº. 2890, p. 4, 05 set. 1964.

MARINHO, Milton. A Bahia-Feira. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 56, nº. 2929, p. 1, 05 jun. 1965.

MARINHO, Milton. A biblioteca municipal. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 53, nº. 2762, p. 1, 16 jun. 1962.

MARINHO, Milton. A pior das pestes. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 53, nº. 2759, p. 1, 26 mai. 1962.

MARINHO, Milton. Anda logo, seu velho. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 56, nº. 2927, p. 1, 22 mai. 1965.

MARINHO, Milton. As árvores, nossas amigas. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 58, nº. 3027, p. 1, 22 abr. 1967.

MARINHO, Milton. Coisas da saúde pública. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 58, nº. 3032, p. 1, 27 mai. 1967.

MARINHO, Milton. Coisas do ensino. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 58, nº. 3030, p. 1, 13 mai. 1967.

MARINHO, Milton. Livros novos. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLVI, nº. 2440, p. 1, 14 abr. 1956.

MARINHO, Milton. Machado de Assis. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLIX, nº. 2573, p. 1, 01 nov. 1958.

MARINHO, Milton. O corneta Lopes. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano L, nº. 2660, p. 1, 02 jul. 1960.

MARINHO, Milton. Rui, o homem e o mito. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 56, nº. 2912, p. 1, 06 fev. 1965.

MARINHO, Milton. Wintson Churchill. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 56, nº. 2911, p. 1, 30 jan. 1965.

MARIZ, S. J. Padre Luiz Gonzaga. Natal. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 51, nº. 2685, 24 dez. 1960. Caderno 2, p. 3.

MARQUES, Manoel. A Bíblia é a palavra de Deus. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 53, nº. 2746, 24 fev. 1962. Seção livre, p. 3.

MARQUES, Manoel. A palavra de Deus e as escrituras sagradas. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLVIII, nº. 2563, 23 ago. 1958. Seção livre, p. 2.

MARQUES, Manoel. A palavra de Deus e as escrituras sagradas. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLVIII, nº. 2564, 30 ago. 1958. Seção livre, p. 2.

MARQUES, Manoel. A palavra de Deus e as escrituras sagradas. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLVIII, nº. 2565, 06 set. 1958. Seção livre, p. 2.

MARQUES, Manoel. A palavra de Deus e as escrituras sagradas. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLVIII, nº. 2566, 13 set. 1958. Seção livre, p. 3.

MARQUES, Manoel. A palavra de Deus e as escrituras sagradas. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLIX, nº. 2570, 11 out. 1958. Seção livre, p. 2.

MARQUES, Manoel. A palavra de Deus e as escrituras sagradas. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLIX, nº. 2581, 27 dez. 1958. Seção livre, p. 2.

MARQUES, Manoel. A palavra de Deus e as escrituras sagradas: a origem do governo civil. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLIX, nº. 2576, 22 nov. 1958. Seção livre, p. 2.

MARQUES, Manoel. A palavra de Deus e as escrituras sagradas: a pregação e o pregador. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLIX, nº. 2574, 08 nov. 1958. Seção livre, p. 2.

MARQUES, Manoel. A palavra de Deus e as escrituras sagradas: a razão de ser das escrituras. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano L, nº. 2635, 09 jan. 1960. Seção livre, p. 2.

MARQUES, Manoel. A palavra de Deus e as escrituras sagradas: a razão de ser das escrituras. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano L, nº. 2636, 16 jan. 1960. Seção livre, p. 3.

MARQUES, Manoel. A palavra de Deus e as escrituras sagradas: a razão de ser das escrituras. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano L, nº. 2638, 30 jan. 1960. Seção livre, p. 2.

MARQUES, Manoel. A palavra de Deus e as escrituras sagradas: a razão de ser das escrituras. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano L, nº. 2640, 13 fev. 1960. Seção livre, p. 3.

MARQUES, Manoel. A palavra de Deus e as escrituras sagradas: a razão de ser das escrituras. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano L, nº. 2641, 20 fev. 1960. Seção livre, p. 3.

MARQUES, Manoel. A palavra de Deus e as escrituras sagradas: a razão de ser das escrituras. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano L, nº. 2642, 27 fev. 1960. Seção livre, p. 2.

MARQUES, Manoel. A palavra de Deus e as escrituras sagradas: atitude cristã para com o governo. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLIX, nº. 2578, 06 dez. 1958. Seção livre, p. 2.

MARQUES, Manoel. A palavra de Deus e as escrituras sagradas: o batismo. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLIX, nº. 2567, 20 set. 1958. Seção livre, p. 2.

MARQUES, Manoel. A palavra de Deus e as escrituras sagradas: o mundo aborrece os crentes, por quê? **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLIX, nº. 2573, 01 nov. 1958. Seção livre, p. 4.

MARQUES, Manoel. A palavra de Deus e as escrituras sagradas: os justos e os ímpios. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLIX, nº. 2580, 20 dez. 1958. Seção livre, p. 5.

MARQUES, Manoel. A palavra de Deus e as escrituras sagradas: paixão pelas almas. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLIX, nº. 2579, 13 dez. 1958. Seção livre, p. 2.

MARQUES, Manoel. A palavra de Deus e as escrituras sagradas: participação ativa do crente. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLIX, nº. 2571, 18 out. 1958. Seção livre, p. 2.

MARQUES, Manoel. A palavra de Deus e as escrituras sagradas: uma igreja evangélica é a igreja do novo testamento. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLIX, nº. 2572, 25 out. 1958. Seção livre, p. 2.

MARQUES, Manoel. Atendendo a um pedido. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 57, nº. 2971, p. 10, 26 mar. 1966.

MARQUES, Manoel. O natal. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 57, nº. 2958, p. 9, 25 dez. 1965.

MARRON. Minha homenagem. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 52, nº. 2716, 29 jul. 1961. Ronda dos clubes, p. 6.

MARTINS, Demóstenes. Beneméritos e Heróicos. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLVIII, nº. 2553, p. 1, 14 jun. 1958.

MARTINS, Demóstenes. Democracia ou morte. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLVIII, nº. 2566, p. 4, 13 set. 1958.

MARTINS, Demóstenes. Independência ou morte. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLIX, nº. 2618, p. 1, 12 set. 1959.

MARTINS, Demóstenes. Parabéns princesa. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLIX, nº. 2575, p. 4, 15 nov. 1958.

MARTISN, Demóstenes. Clube dos 100. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLVIII, nº. 2551, p. 6, 31 mai. 1958.

MAZZONI, Thomaz. Não esquecer o exemplo de 1930... **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 57, nº. 2973, p. 1, 09 abr. 1966.

MEDEIROS, Pe. Sabóia de. As religiões não são iguais. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLVII, nº. 2474, p. 5, 08 dez. 1956.

MEIRELLES, Major Romenil de. Obrigado, Leões! **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 55, nº. 2839, p. 1, 21 set. 1963.

MIRALVA, Emanoel de. Perfil a lápis: Itapororocas, berço de Gonçalo Alves. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 53, nº. 2757, p. 2, 12 mai. 1962.

MIRANDA, Edvaldo. A morte do caixeiro viajante. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLIII, nº. 2288, 16 mai. 1953. Cinema, p. 4.

MIRANDA, Edvaldo. Carnaval Atlântida. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLIII, nº. 2284, 18 abr. 1953. Cinema, p. 4.

MIRANDA, Edvaldo. Do amor ao ódio. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLIII, nº. 2289, 23 mai. 1953. Cinema, p. 4.

MIRANDA, Edvaldo. Íris e Euterpe. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLIII, nº. 2291, 06 jun. 1953. Cinema, p. 4.

MIRANDA, Edvaldo. O cangaceiro. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLIII, nº. 2293, 20 jun. 1953. Cinema, p. 4.

MIRANDA, Edvaldo. Triângulo cinematográfico. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLIII, nº. 2283, 11 abr. 1953. Cinema, p. 3.

MIRAVAL, Alonso de. “Com vistas à delegacia de polícia”. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano L, nº. 2659, 25 jun. 1960. À vol d'oiseau..., p. 1.

MIRAVAL, Alonso de. “Mosaico...”. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 51, nº. 2662, 16 jul. 1960. À vol d'oiseau..., p. 6.

MIRAVAL, Alonso de. A escola regional de menores. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLIII, nº. 2274, 07 fev. 1953. À vol d'oiseau..., p. 1.

MIRAVAL, Alonso de. A granfinização do Jorro. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLV, nº. 2375, 15 jan. 1955. À vol d'oiseau..., p. 1.

MIRAVAL, Alonso de. A propósito do 108º aniversário do nascimento de Castro Alves. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLV, nº. 2384, 19 mar. 1955. À vol d'oiseau..., p. 1.

MIRAVAL, Alonso de. À vol d'oiseau...: Em louvor ao dia das mães... **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLIX, nº. 2600, 09 mai. 1959. À vol d'oiseau..., p. 1.

MIRAVAL, Alonso de. Abutres sobre o Jorro. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLIV, nº. 2337, 24 abr. 1954. À vol d'oiseau..., p. 1.

MIRAVAL, Alonso de. Apenas um lembrete. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLIV, nº. 2316, 28 nov. 1953. À vol d'oiseau..., p. 1.

MIRAVAL, Alonso de. Aviso aos navegantes. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLIV, nº. 2318, 12 dez. 1953. À vol d'oiseau..., p. 1.

MIRAVAL, Alonso de. Bancar o jogo ilícito não é ocupação lícita... **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLIV, nº. 2325, 30 jan. 1954. À vol d'oiseau..., p. 1.

MIRAVAL, Alonso de. De vento em popa... **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLIII, nº. 2272, 24 jan. 1953. À vol d'oiseau..., p. 1.

MIRAVAL, Alonso de. Deixe as águas rolarem, Sr. Prefeito. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLV, nº. 2377, 29 jan. 1955. À vol d'oiseau..., p. 1.

MIRAVAL, Alonso de. Delegacia e delegados. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLIII, nº. 2271, 17 jan. 1953. À vol d'oiseau..., p. 1.

MIRAVAL, Alonso de. Doutores em bê-a-bá. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLIV, nº. 2317, 05 dez. 1953. À vol d'oiseau..., p. 1.

MIRAVAL, Alonso de. Eis o jogo, o grande putrefador... **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLIV, nº. 2314, 14 nov. 1953. À vol d'oiseau..., p. 1.

MIRAVAL, Alonso de. Extinta a lepra social do jogo. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLV, nº. 2390, 30 abr. 1955. À vol d'oiseau..., p. 1.

MIRAVAL, Alonso de. In memorian... **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLIII, nº. 2273, 31 jan. 1953. À vol d'oiseau..., p. 1.

MIRAVAL, Alonso de. Meu tipo inesquecível. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLIII, nº. 2304, 05 set. 1953. À vol d'oiseau..., p. 1.

MIRAVAL, Alonso de. O sagrado direito do voto... **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLV, nº. 2360, 02 out. 1954. À vol d'oiseau..., p. 1.

MIRAVAL, Alonso de. Pensamento e linguagem. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLIII, nº. 2301, 15 ago. 1953. À vol d'oiseau..., p. 1.

MIRAVAL, Alonso de. Renascimento. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLIV, nº. 2315, 21 nov. 1953. À vol d'oiseau..., p. 1.

MIRAVAL, Alonso de. Sei lá o que é isso?... **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 52, nº. 2702, 22 abr. 1961. A vol d'oiseau... p. 1.

MIRAVAL, Alonso de. Um caso de polícia... **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLIX, nº. 2585, 24 jan. 1959. À vol d'oiseau..., p. 1.

MIRAVAL, Alonso. Brasil, onde estás, que não respondes? **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLIII, nº. 2299, 01 ago. 1953. À vol d'oiseau..., p. 1.

MIRAVAL, Alonso. Os efeitos civis do casamento. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLIII, nº. 2293, 20 jun. 1953. À vol d'oiseau..., p. 4.

MIRAVAL, Alonso. Um só rebanho e um só pastor. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLIII, nº. 2285, 25 abr. 1953. À vol d'oiseau..., p. 1.

MONTEIRO FILHO, José. Aparências. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 54, nº. 2809, p. 4, 23 fev. 1963.

MONTEIRO FILHO, José. As alegres noitadas da Festa de Santana. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 54, nº. 2808, p. 2, 16 fev. 1963.

MONTEIRO FILHO, José. E elas findaram... **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 54, nº. 2812, p. 2, 16 mar. 1963.

MONTEIRO FILHO, José. E o nosso destino... **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 54, nº. 2824, p. 1, 08 jun. 1963.

MONTEIRO FILHO, José. O plástico – Juraci Dórea. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 57, nº. 2953, p. 2, 20 nov. 1965.

MONTEIRO FILHO, José. Tudo em nada. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 54, nº. 2810, p. 2, 02 mar. 1963.

MOREIRA, Alexandre. A luta pela liberdade. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 57, nº. 2975, p. 8, 23 abr. 1966.

MOREIRA, Alexandre. Brasil pede água. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 58, nº. 2999, p. 3, 08 out. 1966.

MOREIRA, Alexandre. O preço do ensino. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 58, nº. 3020, p. 3, 04 mar. 1967.

MOTA Jr., Antonio Ferreira da. O sentimento de humanidade e um comunista. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 57, nº. 2953, p. 7, 20 nov. 1965.

MOTA Jr., Antonio Pereira da. Afilhadismo e pistolonato. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano L, nº. 2636, 16 jan. 1960. Politicalha brasileira, p. 2.

NEVES, Walter Penelu. Comparaçāo de pensamentos. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLIX, nº. 2568, p. 7, 27 set. 1958.

NICOLAU, Antonio. A filosofia “Hippie”. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 61, nº. 3163, p. 1, 29 nov. 1969.

NICOLAU, Antonio. A lei da não-resistência. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 59, nº. 3096, p. 6, 17 ago. 1968.

NICOLAU, Antonio. A revolta. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 59, nº. 3100, p. 6, 14 set. 1968.

NICOLAU, Antonio. Cosme e Damião. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 60, nº. 3110, p. 1, 23 nov. 1968.

NICOLAU, Antonio. Crônica de natal. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLVIII, nº. 2531, p. 2, 11 jan. 1958.

NICOLAU, Antonio. Deixemos de imitações. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 60, nº. 3139, p. 2, 14 jun. 1969.

NICOLAU, Antonio. Jornalismo. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 60, nº. 3103, p. 1, 05 out. 1968.

NICOLAU, Antonio. Natal. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 61, nº. 3166, p. 6, 20 dez. 1969.

NICOLAU, Antonio. Núcleo do trabalhador. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 60, nº. 3149, p. 6, 23 ago. 1969.

NICOLAU, Antonio. Obstinação. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 60, nº. 3146, p. 1, 02 ago. 1969.

NICOLAU, Antonio. Paradoxo. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 59, nº. 3098, p. 6, 31 ago. 1968.

NICOLAU, Antonio. Primeira Missa. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 61, nº. 3158, p. 1, 25 out. 1969.

NICOLAU, Antonio. Superstição ou realidade? **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 60, nº. 3126, p. 3, 15 mar. 1969.

NICOLAU, Antonio. Tempestade ao cair da tarde. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 60, nº. 3102, p. 1, 28 set. 1968.

NINGUÉM OLHOU, POR CERTO... **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLIII, nº. 2278, p. 4, 07 mar. 1953.

OLIVEIRA, Antonio Nicolau de. Ligeiras considerações. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 52, nº. 2721, p. 2, 02 set. 1961.

OLIVEIRA, Sousa. Paisagens que comovem. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLIII, nº. 2256, p. 4, 04 out. 1952.

OLIVEIRA, Souza. O suburbano. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLIV, nº. 2312, p. 4, 31 out. 1953.

PAULO, O. A. S. O abuso do poder. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLVI, nº. 2438, p. 3, 31 mar. 1956.

Paulo, Olney São. A hora é cinema. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 53, nº. 2744, p. 2, 10 fev. 1962.

PINTO, Raymundo. O escritor Hélder. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 61, nº. 3159, p. 1, 01 nov. 1969.

PIRES, Carlos. A crise brasileira. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLVIII, nº. 2532, p. 1, 18 jan. 1958.

PIRES, Carlos. A sucessão feirense. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLVII, nº. 2507, p. 1, 27 jul. 1957.

PIRES, Carlos. A sucessão presidencial e a realidade brasileira. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLV, nº. 2400, p. 1, 09 jul. 1955.

PIRES, Carlos. Gastão Guimarães. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLVII, nº. 2513, p. 1, 07 set. 1957.

PIRES, Carlos. Minha geração. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLVIII, nº. 2542, p. 1, 29 mar. 1958.

PIRES, Carlos. Minha mãe. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 60, nº. 3103, p. 1, 05 out. 1968.

PIRES, Carlos. O livro. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLVIII, nº. 2545, p. 1, 19 abr. 1958.

PIRES, Carlos. Recuperar ou perecer. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLIV, nº. 2349, p. 1, 17 jul. 1954.

PIRES, Carlos. Redimir para sobreviver. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLIV, nº. 2350, p. 1, 24 jul. 1954.

PITOMBO, Dival. Cinqüentenário de um poeta. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLIX, nº. 2607, p. 1, 27 jun. 1959.

PITOMBO, Dival. Seminário de música. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 56, nº. 2901, p. 2, 21 nov. 1964.

PITOMBO, Dival. Thomas Mann. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLV, nº. 2406, p. 1, 20 ago. 1955.

PITOMBO, Dival. Uma amiga do Brasil. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLIII, nº. 2282, p. 1, 04 abr. 1953.

PITOMBO, Samuel A. A fatalidade, o homem e o touro. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 58, nº. 3023, p. 3, 25 mar. 1967.

PITOMBO, Samuel. A divina música. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLVIII, nº. 2555, p. 6, 28 jun. 1958.

PITOMBO, Samuel. A insônia debilita severamente a energia humana. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLIX, nº. 2576, p. 6, 22 nov. 1958.

PITOMBO, Samuel. A utilíssima propaganda. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano L, nº. 2648, p. 4, 09 abr. 1960.

PITOMBO, Samuel. Beethoven, sua vida e sua arte. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLVI, nº. 2458, p. 4, 18 ago. 1956.

PITOMBO, Samuel. Coisas da eternidade. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLVII, nº. 2504, p. 6, 06 jul. 1957.

PITOMBO, Samuel. Combate à ignorância. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano L, nº. 2642, p. 4, 27 fev. 1960.

PITOMBO, Samuel. Feliz ano novo. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLIX, nº. 2583, p. 4, 10 jan. 1959.

PITOMBO, Samuel. Fundamentos básicos da democracia. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLVII, nº. 2486, p. 4, 02 mar. 1957.

PITOMBO, Samuel. Gasparino, o homem dos milhões. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLIX, nº. 2579, p. 3, 13 dez. 1958.

PITOMBO, Samuel. Grande realização em prol da sétima arte. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLIX, nº. 2573, p. 6, 01 nov. 1958.

PITOMBO, Samuel. Inaugurou-se imponente edifício. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLIX, nº. 2613, p. 4, 08 ago. 1959.

PITOMBO, Samuel. Inaugurou-se novo posto Texaco. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano L, nº. 2622, p. 6, 10 out. 1959.

PITOMBO, Samuel. Just-about society, referindo-me a sociedade. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLIX, nº. 2581, p. 4, 27 dez. 1958.

PITOMBO, Samuel. O acumulador progressista. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLIX, nº. 2610, p. 6, 18 jul. 1959.

PITOMBO, Samuel. O Lions Clube e a história da sua fundação. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLIX, nº. 2602, p. 8, 23 mai. 1959.

PITOMBO, Samuel. O negro e seu complexo na América do Norte. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLVII, nº. 2478, p. 4, 05 jan. 1957.

PITOMBO, Samuel. O valor de uma reportagem. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano L, nº. 2632, p. 4, 19 dez. 1959.

PITOMBO, Samuel. Perdemos um notável romancista. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLVIII, nº. 2517, p. 4, 05 out. 1957.

PITOMBO, Samuel. Prepara-se uma verdadeira onda de candidatos. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLVII, nº. 2510, p. 4, 17 ago. 1957.

PITOMBO, Samuel. Princesa infeliz. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLVIII, nº. 2550, p. 1, 24 mai. 1958.

PITOMBO, Samuel. Progresso de uma cidade. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLVI, nº. 2442, p. 4, 28 abr. 1956.

PITOMBO, Samuel. Surge entre nós, uma iniciativa de progresso. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLVIII, nº. 2556, p. 6, 05 jul. 1958.

PITOMBO, Samuel. Surpresa Janial. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano L, nº. 2630, p. 4, 05 dez. 1959.

PITOMBO, Samuel. Vida noturna, uma imperiosa necessidade. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano L, nº. 2620, p. 1, 26 set. 1959.

PIVA, Mario. A biblioteca de Feira. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 54, nº. 2789, p. 1, 13 out. 1962.

PORTE, Ilze. Benjamim Constant. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 59, nº. 3053, p. 1, 21 out. 1967.

PORTE, Ilze. Comece por você. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 57, nº. 2971, p. 7, 26 mar. 1966.

PORTE, Ilze. Guerras longas, idéias curtas. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 58, nº. 3035, p. 1, 17 jun. 1967.

PORTE, Ilze. Noite de luar. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 57, nº. 2995, p. 3, 10 set. 1966.

PORTE, Ilze. O arauto. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 59, nº. 3050, p. 1, 30 set. 1967.

PORTE, Ilze. O Brasil de sempre. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 57, nº. 2994, p. 1, 03 ago. 1966.

PORTE, Ilze. O Brasil espera. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 57, nº. 2987, p. 1, 16 jul. 1966.

PORTE, Ilze. O grande brasileiro. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 58, nº. 3014, p. 1, 21 jan. 1967.

PORTE, Ilze. O iluminado. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 57, nº. 2965, p. 1, 12 fev. 1966.

PORTE, Ilze. O livro do destino. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 57, nº. 2961, p. 1, 15 jan. 1966.

PORTE, Ilze. Olha para o alto. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 57, nº. 2963, p. 1, 29 jan. 1966.

PORTE, Ilze. Orgulho de brasileira. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 54, nº. 2807, p. 1, 09 fev. 1963.

PORTE, Ilze. Os famosos salmos. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 57, nº. 2991, p. 1, 13 ago. 1966.

PORTE, Ilze. Otimismo. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 57, nº. 2967, p. 1, 26 fev. 1966.

PORTE, Ilze. Prudente de Moraes. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 56, nº. 2942, p. 1, 04 set. 1965.

PORTE, Ilze. Renovações... **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 59, nº. 3051, p. 3, 07 out. 1967.

PORTE, Ilze. Renovar, melhorando. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 57, nº. 2981, p. 2, 04 jun. 1966.

PORTE, Ilze. Rodrigues Alves. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 57, nº. 2960, p. 1, 08 jan. 1966.

PORTE, Ilze. Veículo do progresso. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 58, nº. 3039, p. 1, 15 jul. 1967.

PORTE, Zadir Marques. Crônica da primavera. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 57, nº. 2946, p. 7, 02 out. 1965.

QUEIROZ, Rachel de. A campanha pela austeridade. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLIV, nº. 2329, p. 2, 27 fev. 1954.

QUEIROZ, Rachel de. Águas do mar. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLIII, nº. 2280, p. 1, 21 mar. 1953.

QUEIROZ, Rachel de. Meninos. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLIII, nº. 2257, p. 1, 11 out. 1952.

RABELO, Genival. Feira de Santana constitui exemplo. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 53, nº. 2765, p. 1, 07 jul. 1962.

RAMOS, Fernando de Souza. A tríada Dorival Oliveira – Pipiu – Antonio Lins. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 55, nº. 2859, p. 4, 08 fev. 1964.

RAMOS, Fernando de Souza. Jorge Bem. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 55, nº. 2869, p. 3, 18 abr. 1964.

RAMOS, Fernando de Souza. Pipiu. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 55, nº. 2856, p. 2, 18 jan. 1964.

RAMOS, Gildarte. À minha mãe. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 54, nº. 2820, p. 1, 11 mai. 1963.

RAMOS, Jorge. A morte do sorriso. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLII, nº. 2244, p. 1, 12 jul. 1952.

RAMOS, Jorge. Crime sem remorso **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLII, nº. 2211, p. 1, 24 nov. 1951.

RAMOS, Jorge. Estatística. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLII, nº. 2216, p. 1, 29 dez. 1951.

RAMOS, Jorge. Ridendo Castigat mores... **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLII, nº. 2207, p. 1, 27 out. 1951.

REZENDE, Oto Lara. Nunca é tarde para aprender. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLIV, nº. 2352, p. 3, 07 ago. 1954.

RODRIGUES, Nelson. Doce e Santo tri-campeonato. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 57, nº. 2969, p. 4, 12 mar. 1966.

ROSSINI. Nu ou não? **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 51, nº. 2676, p. 4, 22 out. 1960.

SANTO, José Amaro do Espírito. Penitência. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 54, nº. 2794, p. 4, 10 nov. 1962.

SANTOS, Agenor. A “jangada” sem direção. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 55, nº. 2843, p. 3, 19 out. 1963.

SANTOS, Agenor. O retrato da fome. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 55, nº. 2881, p. 2, 11 jul. 1964.

SANTOS, Agenor. O sacrifício do caviar. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 56, nº. 2918, p. 1, 20 mar. 1965.

SANTOS, Agenor. O tipógrafo de outrora. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 56, nº. 2925, p. 1, 08 mai. 1965.

SANTOS, José Aroldo da Silva. Crônica. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 58, nº. 3013, p. 2, 14 jan. 1967.

SANTOS, Oswaldo Galeão dos. Porcos à solta. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLV, nº. 2405, p. 4, 13 ago. 1955.

SANTOS, Ruy. Toma que o filho é teu. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLII, nº. 2203, p. 2, 29 set. 1951.

SCHMIDT, Augusto Frederico. Crise e não apogeu. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLI, nº. 2195, p. 1, 04 ago. 1951.

SERRANO, Jota. Nossa missão é de vigilância. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLIII, nº. 2290, p. 3, 30 mai. 1953.

SILVA, Everaildes. Noite de chuva. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 54, nº. 2824, p. 1, 08 jun. 1963.

SILVA, Hugo Navarro. “Badé” anda bêbado. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLVIII, nº. 2518, p. 1, 12 out. 1957.

SILVA, Hugo Navarro. Meu caro Aloísio. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLI, nº. 2166, p. 4, 13 jan. 1951.

SILVA, Hugo. “As clarinadas dos sinos”. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 54, nº. 2804, p. 1, 19 jan. 1963.

SILVA, Hugo. A cólera sagrada. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 54, nº. 2808, p. 1, 16 fev. 1963.

SILVA, Hugo. A primeira bola da noite. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLIV, nº. 2351, p. 1, 31 jul. 1954.

SILVA, Hugo. A renúncia de Araújo. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 58, nº. 3004, p. 1, 11 nov. 1966.

SILVA, Hugo. Aonde vai, Maria Cadeira? **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 53, nº. 2784, p. 1, 08 set. 1962.

SILVA, Hugo. As orelhas do Rei Midas. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 54, nº. 2786, p. 1, 22 set. 1962.

SILVA, Hugo. Atrás de pintos andam raposas. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 53, nº. 2782, p. 1, 25 ago. 1962.

SILVA, Hugo. Candidato fez propaganda. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 53, nº. 2785, p. 1, 15 set. 1962.

SILVA, Hugo. Deus o guarde, Prof. Araújo. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 58, nº. 3003, p. 1, 05 nov. 1966.

SILVA, Hugo. Dr. Espelunca toca em surdina. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 52, nº. 2702, p. 1, 22 abr. 1961.

SILVA, Hugo. E a vida continua: Pirâmides, Panteons, o Bendengó. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLIX, nº. 2593, p. 1, 21 mar. 1959.

SILVA, Hugo. Novos doutores e velhos barbeiros ou a micareta vem aí. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 52, nº. 2697, p. 1, 18 mar. 1961.

SILVA, Hugo. O fazedor de desertos. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 55, nº. 2851, p. 1, 14 dez. 1963.

SILVA, Hugo. O melhor candidato. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 58, nº. 3001, p. 1, 22 out. 1966.

SILVA, Hugo. O velhaco pede aval. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 53, nº. 2783, p. 1, 01 set. 1962.

SILVA, Hugo. Os dois caminhos. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 54, nº. 2788, p. 1, 06 out. 1962.

SILVA, Hugo. Os filhos de alguém... **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 54, nº. 2806, p. 1, 02 fev. 1963.

SILVA, Hugo. Que pretende “Dudu Feroz”? **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 52, nº. 2699, p. 1, 01 abr. 1961.

SILVA, Hugo. Vamos para diante canalhas. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 52, nº. 2696, p. 1, 11 mar. 1961.

SILVA, José Navarro. O centro literário Aloísio Resende. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLV, nº. 2378, 05 fev. 1955. A crônica da semana, p. 4.

SILVA, José Navarro. Os discos voadores. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLV, nº. 2377, 29 jan. 1955. A crônica da semana, p. 4.

SILVA, Tavares da. O grito da terra. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 56, nº. 2939, p. 1, 14 ago. 1965.

SOUZA, Djalma Eurico de. A confissão da “tinta vermelha” **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLIV, nº. 2326, p. 2, 06 fev. 1954.

SOUZA, Djalma Eurico de. A confissão da tinta azul. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLIV, nº. 2325, p. 2, 30 jan. 1954.

SOUZA, Djalma Eurico de. Porque o divórcio das elites. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLIV, nº. 2329, p. 4, 27 fev. 1954.

SOUZA, Djalma Eurico de. Uma questão moral. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLIV, nº. 2319, p. 4, 19 dez. 1953.

SOUZA, Rossini. À família feirense. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 54, nº. 2821, p. 1, 18 mai. 1963.

SOUZA, Rossini. A imprensa. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 57, nº. 2946, p. 1, 02 out. 1965.

SOUZA, Rossini. As festas de fim de ano. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 57, nº. 2958, p. 6, 25 dez. 1965.

SOUZA, Rossini. Cidadão emérito. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 55, nº. 2879, p. 2, 27 jun. 1964.

SOUZA, Rossini. Joazeiro, a Progressiva. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 56, nº. 2939, p. 1, 14 ago. 1965.

SOUZA, Rossini. Micareta – alegria do povo feirense. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 57, nº. 2977, p. 1, 07 mai. 1966.

SOUZA, Rossini. O aniversário do Instituto de Educação Gastão Guimarães. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 57, nº. 2981, p. 1, 04 jun. 1966.

SOUZA, Rossini. Os “jornalistas”. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 59, nº. 3060, p. 1, 09 dez. 1967.

SOUZA, Rossini. Os melhores do rádio em 1967. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 59, nº. 3063, p. 1, 30 dez. 1967.

SOUZA, Rossini. Simplicidade. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 60, nº. 3133, p. 4, 03 mai. 1969.

SPANUDIS, Dr. Theon. A Pintura de Raimundo Oliveira. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLVIII, nº. 2553, p. 2, 14 jun. 1958.

SPINOLA, L. Âncoras sobre o abismo. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLVIII, nº. 2538, p. 2, 01 mar. 1958.

SUZART, Claudemiro Campos. Novos destinos. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 52, nº. 2723, p. 5, 16 set. 1961.

SUZART, Claudemiro Campos. Pró-construção do Ginásio de Esportes. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 53, nº. 2750, p. 2, 24 mar. 1962.

TEIXEIRA, Manoel Oliveira. Se eu pudesse ser vereador. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLV, nº. 2403, p. 4, 30 jul. 1955.

TEIXEIRA, Manoel Oliveira. Se eu pudesse ser vereador. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLV, nº. 2404, p. 4, 06 ago. 1955.

TEIXEIRA, Manoel Oliveira. Se eu pudesse ser vereador. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLV, nº. 2407, p. 4, 27 ago. 1955.

TRABUCO, Mons. José. Dom Jackson. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano 59, nº. 3095, p. 1, 10 ago. 1968.

V. M. Eleitor. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLVIII, nº. 2543, p. 6, 05 abr. 1958.

WATT, Jorge. Escola de malandros. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLV, nº. 2365, p. 3, 06 nov. 1954.

WATT, Jorge. Hoje tem espetáculo. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLIII, nº. 2297, p. 2, 18 jul. 1953.

WATT, Jorge. Olavo Lobo. **Folha do Norte**. Feira de Santana, ano XLIV, nº. 2349, p. 3, 17 jul. 1954.

ANEXO E: NOMES NÃO IDENTIFICADOS

Lista de nomes de escritores não identificados, que publicaram na *Folha do Norte* entre 1951 e 1969, organizada em ordem alfabética:

A. Telha
Agnaldo Marques
Albérico Benevides
Alberto de Moura
Alexandre R. D'Almeida Júnior
Aloysio Oliveira
Antonio Lopes
Carlos Bremmer
Carlos Neto Carlos Neto
Cledenor O. Santos
Clóvis C. Carneiro
Creuza Felício de Matos
Crispim do Sacramento
Expedito Braga
Floriano da Costa Melo
Gentil de Camargo
Gilberto de Souza Lima
Glêdson Melo
Ivone Maria Galvão Rocha
Jacinto de Figueiredo
Jaime Figueiredo
João Gustavo da Silva
Jonas Pinheiro de Matos
José Serejo
Lauro Mota
Luiz Carlos
Luiz Dantas Carneiro
Ma. Portugal Lima

Maria José
Milton Costa Lima
Moisés da Cunha Rocha
Osvaldo Crusoé
Oswaldo Nascimento
Otaviano Silva
Padre Moro S. C. C.
Pedro Serafim
Ramos Neto
Renato Carneiro
Renato Eliseu
René Guimarães
Robert H. Davies
Roberto Frazzoni
Rubens Pery
Sabino de Campos
Ulisses Diniz
W. B. Leoni